UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ALICE DE CASTRO DONATO

Análise da história de vida e a relação com o nível de *stress* em idosos
institucionalizados

São Paulo
2016

ALICE DE CASTRO DONATO

**Análise da história de vida e a relação com o nível de *stress* em
idosos institucionalizados**
(Versão corrigida)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social e do Trabalho

Orientador: Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos

São Paulo
2016

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Donato, Alice de Castro.

Análise da história de vida e a relação com o nível de *stress* em idosos institucionalizados / Alice de Castro Donato; orientador Esdras Guerreiro Vasconcellos. -- São Paulo, 2016. 270 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. História de vida 2. Idosos institucionalizados 3. *Stress* 4. *Stress* em idosos 5. Memórias afetivas I. Título.

BF724.8

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: DONATO, Alice de Castro

Título: Análise da história de vida e a relação com o nível de stress em idosos institucionalizados

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora

Prof.Dr. _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof.Dr. _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof.Dr. _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Ao meu amado e saudoso avô Durval que, durante minha infância e adolescência esteve sempre presente contando histórias, criando brincadeiras, cantando e sendo exemplo de dedicação e amor à família. Por ter nos preparado tantas refeições que alimentavam o corpo, a alma e o convívio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, pela oportunidade de concluir este trabalho.

Ao Professor Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos pelas ricas conversas sobre o viver e a Psicologia que me inspiram sempre, por sua orientação e conselhos durante toda a elaboração dessa pesquisa. Por sua sensibilidade e compreensão ao longo desse primeiro ano de vida de meu filho Matheus.

À minha mãe, Claudete, pelo amor, carinho e dedicação sempre oferecidos, por ser incansável. Por me ajudar na elaboração dessa dissertação com seus conhecimentos em Psicologia e também nos cuidados com meu filho para que eu pudesse escrever. E acima de tudo, me despertar força, estímulo e esperança.

Ao meu irmão, Marcio, que possibilitou que eu cursasse e concluísse o curso de Psicologia e pelo incentivo em cada etapa de minha vida.

Aos meus irmãos, Maria e Roberto e ao meu pai Sebastião, pelo apoio, cuidado e incentivo para que eu concluísse este trabalho.

Ao Carlos, meu marido, e Matheus, meu filho, pelo amor, carinhos e companhia diários, pelo incentivo para a construção desse trabalho.

Ao residencial de idosos em que esta pesquisa pode ser realizada, à diretora Vera Lúcia por permitir a coleta de dados na instituição e a Silvia Margareth, psicóloga, pelo apoio e troca de idéias e conhecimentos.

Aos idosos voluntários de pesquisa, que dividiram comigo sua realidade, histórias de vida e sentimentos.

Aos colegas pesquisadores, Adelaide Camargo, Amabile Jacomo Cassandra Lyra, Clélia Prestes, Antônio Freddo, Érika Nakano, Fátima Bortoletti, Mauro Duarte, Marc André Keppe, Thales Epov, Saul Orozco pelo companheirismo, incentivo e troca de idéias.

Aos funcionários da Secretaria do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, pela atenção e dedicação em assuntos acadêmicos. Em especial à Nalva, Rose e Selma pelo auxílio com documentação, prazos, licenças e procedimentos burocráticos.

“No fim tu há de ver que as coisas mais leves são as únicas que
o vento não conseguiu levar:
um estribilho antigo
um carinho no momento preciso
o folhear de um livro de poemas
o cheiro que tinha um dia
o próprio vento...”
Mario Quintana

RESUMO

DONATO, A. C. **Análise da história de vida e a relação com o nível de *stress* em idosos institucionalizados.** 2016. 270 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

No Brasil, a porcentagem de pessoas idosas e sua expectativa de vida aumentam gradualmente. O envelhecimento é considerado um fenômeno natural, social, cultural e econômico. Ademais, a redução da taxa de fecundidade, diminuição de integrantes das famílias, as mudanças nos padrões de nupcialidade e a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho reduzem a disponibilidade de cuidadores familiares; tudo isso torna o idoso mais suscetível ao stress. Assim, pensar em questões referentes ao envelhecimento e ao dia a dia dos idosos passa a ser uma necessidade dentro da realidade brasileira. Entre os serviços especializados voltados para a população idosa em nosso país, estão as ILPIs (Instituição de Longa Permanência para Idosos), responsáveis por auxiliar os idosos em suas tarefas diárias e/ou dificuldades relacionadas ao envelhecimento físico, psicológico, cognitivo e social. O aumento paradoxal do nível de stress na vida cotidiana e da longevidade dos seres humanos convida a refletir sobre as estratégias desenvolvidas para minimizar o efeito deletério do agente stressor. Assim, este estudo pretende compreender e descrever o *stress*, a partir da perspectiva ainda pouco estudada, de idosos em situação de dependência física e/ou financeira, com autonomia cognitiva-funcional, residentes em ILPIs. Investigaremos a relação entre a história pessoal e o nível de *stress* nessa população, buscando compreender e descrever o impacto de eventos estressores em sua qualidade de vida. Foram entrevistados apenas idosos em condição de autonomia cognitivo-funcional, com idade igual ou superior a 70 anos, que residem em ILPI, na cidade de Santos – SP. Para tanto, foram aplicados um Questionário de Informações Gerais, O Mini Exame do Estado Mental, o Life Events Units (LEU/VAS) e algumas Questões Complementares. Entre os eventos de vida com nível de stress mais relevantes, estão Morte do Cônjuge, Acidente ou Doença, Casamentos, Aposentadoria, Gravidez, Nascimento de Crianças na Família, Morte de Alguém na Família, Mudança na Condição Financeira, Férias e Cirurgia. Foi possível observar que, os eventos citados atingiram nível de stress altíssimo no período em que foram vividos e nível alto ainda nos dias de hoje. Apesar dos altos níveis de stress encontrados, o grupo em que houve diminuição do nível de stress corresponde a 100% da amostra.

Palavras chaves: História de vida, Idosos institucionalizados, Stress, Stress em idosos, Memórias afetivas.

ABSTRACT

DONATO, A. C. Analysis of the life history and its relation to the stress levels in the elderly people living in old age homes. In 2016. 270 f. Dissertation (Master) – Institute of Psychology, University of São Paulo, 2016.

The percentage of senior citizens and their life expectancy have been increasing gradually in Brazil. Aging is considered to be a natural, social, cultural and economic phenomenon. Therefore, questions concerning this phenomenon and the daily life of the elderly people have become a necessity in the Brazilian society. The ILPIs (long stay old age homes) are the institutions responsible for assisting the senior citizens in need of special care such as carrying out daily chores and/or difficulties related to physical, psychological, cognitive and social aging. Furthermore, factors like the decrease of the fertility rate, the decrease of members in families, changes in marriage patterns and the increase of the participation of women at the work market, have affected the availability of relatives to become care takers. Therefore, the elderly have become more susceptible to stress as before. The absurd rise of stress levels in our daily lives and the increase of our longevity, invite us to reflect upon the strategies which should be developed in order to minimize the harmful effect of the stress then. That being the case, this study intends to cast light on the comprehension and description of stress in the elderly people who find themselves in an economical and/or physical dependency but are still cognitively and functionally fit and living in the ILPIs, mentioned above. We will investigate the relationship between their life history and the stress level while living in the old age homes. Only cognitively and functionally fit elderly people have taken part in our research, at the age of 70 and older. The following tests and questionnaires have been applied: Firstly, a general questions questionnaire, then “The mental health status examination”, “The Life Events Units”(LEU/VAS) and other complementary questions. Relevant events which are linked to the rise of the stress levels are: the death of a spouse, accident or illness, marriage, retirement, pregnancy, the birth of children in the family, death in the family, financial difficulties, holidays, and surgery. It is important to mention that the stress levels have reached their highest during the occurrence of these life events mentioned before, and they still have an impact on the stress levels presently. Despite of the high levels of stress, we could observe that the people in the group which had a stress reduction corresponds to 100% of the samples taken.

Keywords: Life history, Elderly people living in old age homes, Stress, Stress in elderly affective memories.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. REVISÃO TEÓRICA	17
2.1 Velhice/Declínio da Saúde	17
2.2 Cuidado Domiciliar/Institucionalização	20
2.3 Políticas públicas para Idosos	27
2.4 Instituições de Longa Permanência para Idosos	30
2.5 Memórias Afetivas	34
2.6 Stress e Influências Sociais	41
3. OBJETIVOS	46
3.1 Objetivo Geral	46
3.2 Objetivo Específico	46
4. MÉTODO	47
4.1 Descrição do Local da Coleta de Dados e História da Instituição	47
4.2 Caracterização dos Sujeitos	49
4.3 Material e Instrumentos	50
4.3 Procedimentos	53
4.5 Análise dos dados	54
4.6 Aspectos Éticos	55
5. RESULTADOS	56
Parte A – Resultados das Variáveis Demográficas, Clínicas e do Mini Mental ...	56
Parte B – Resultados do LEU/VAS	69
Parte C – Matriz de Intercorrelações entre as variáveis do LEU/VAS com as Variáveis Demográficas, Clínicas e o Mini Mental	121
Parte D – Resultados das Entrevistas	133
6. DISCUSSÃO	232
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	247
ANEXOS	251
ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	251
ANEXO B – Mini Exame do Estado Mental	254
ANEXO C – Questionário de Informações Gerais	256
ANEXO D – Life Events Units/VAS	259
ANEXO E – Tabela Geral	264
ANEXO F – Número de Participantes por Item no LEU/VAS.....	270

1. INTRODUÇÃO

Durante minha adolescência o grupo de jovens da igreja em que nasci e cresci visitava casas de repouso (denominação utilizada com frequência na época), o objetivo das visitas era passar tempo com os idosos, trocando conhecimentos e experiências, além de leituras e cantigos bíblicos àqueles que quisessem participar, em geral muitos idosos se alegravam com as visitas e a possibilidade de uma experiência religiosa dentro da instituição em que viviam, pois para muitos a visita a uma igreja era difícil de acontecer. Assim se deu meu primeiro contato com uma instituição responsável por auxiliar os idosos em seus cuidados diários, surgindo o interesse de conhecer a rotina da instituição e das pessoas que viviam ali; a história e a qualidade de vida dessa população.

Ao ingressar no mestrado, entretanto, demorei a me decidir por um tema de pesquisa, até que em orientação com o Professor Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos o tema e a idéia de pesquisa surgiram. Coincidentemente, nessa época eu cursava a disciplina de Pesquisa Psicossocial da Desigualdade: Ética, Método e Técnicas, ministrada pela professora Vera Silvia Facciolla Paiva que nos solicitou a realização de um pré-projeto, com tema de nosso interesse, em que constatássemos a viabilidade de execução do projeto, com sujeitos de pesquisa e/ou instituições. Depois de pesquisar algumas instituições, na cidade de Santos-SP (onde resido), iniciei as visitas para apresentar o projeto, e na primeira a que me dirigi para expor minha intenção de pesquisa obtive êxito - as administradoras além de permitirem a realização da coleta de dados na instituição, me convidaram a trabalhar como psicóloga semanalmente com os idosos residentes ali, aceitei o convite e sigo trabalhando na instituição.

A realização da coleta de dados referente ao projeto piloto se deu na instituição mencionada acima, após a apresentação dos resultados em banca de qualificação na Universidade de São Paulo (USP), me dirigi a outra instituição, de maior porte, para realizar a coleta de dados referente à pesquisa de Dissertação de Mestrado, com um número maior de idosos com autonomia cognitivo-funcional.

A Lei 10.741, sancionada pela Presidência da República em 1º. de Outubro de 2003, caracteriza como pessoa idosa aquela com 60 anos de idade ou mais – no Brasil, a porcentagem de pessoas idosas e a expectativa de vida aumentam gradualmente. (DE SOUZA, VITORINO & NINOMYA, 2015) Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), apontam que a proporção de idosos alcançou 11,3% da população e a faixa etária atingiu 73,5 anos em 2010. Em 2014, segundo Portal Brasil (2015) a expectativa média de vida do brasileiro subiu ainda mais, alcançando 75 anos, 2 meses e 12 dias.

O envelhecimento é considerado “um fenômeno natural, social, cultural e econômico” (p. 143), vez que o crescimento constante da população idosa gera consequências que afetam não apenas a vida dos idosos, mas também de seus familiares, dos serviços de assistência social de saúde geriátrica e da sociedade em que vivem. (DE OLIVEIRA, et. al., 2015) Assim, pensar em questões referentes ao envelhecimento e ao dia a dia dos idosos passa a ser uma necessidade dentro da realidade brasileira; que exige ações de políticas públicas mais eficazes, programas para educar a população a respeito dos direitos dos idosos, espaço público adequado às suas necessidades e serviço de saúde de qualidade. Todavia, De Souza, Vitorino e Ninomya (2015) ressalta que em nosso país os estudos e produções científicas sobre essa população são ainda tímidos e incipientes e que nossa sociedade não se preparou para lidar com a longevidade e suas questões.

Nas décadas de 1940 a 1960 houve um declínio da mortalidade no Brasil associado há uma fecundidade constante. Essa transição foi resultante de uma série de transformações econômicas, sociais, culturais e institucionais na sociedade, o Estado teve papel determinante nesse processo, através da implantação de ações governamentais de desenvolvimento e modernização, de políticas e programas de controle de natalidade e de projetos de planejamento familiar. Nessa perspectiva, considera-se que as rápidas transformações no perfil demográfico do Brasil devem ser acompanhadas por medidas que promovam o bem-estar da sociedade. (SILVA et.al., 2015)

Entre os serviços especializados voltados para a população idosa em nosso país, estão as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), responsáveis por auxiliar os idosos em suas tarefas diárias e/ou dificuldades relacionadas ao envelhecimento físico, psicológico, cognitivo e social. (DE SOUZA, VITORINO &

NINOMYA, 2015) Segundo pesquisa de 2011, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) aponta que a maioria dos idosos residentes em ILPIs de origem pública e filantrópica são independentes física e mentalmente, mas carentes financeiramente; já nas instituições privadas com fins lucrativos há uma maior predominância de idosos dependentes física e mentalmente – o que quer dizer que um idoso com renda mais elevada tende a morar sozinho ou com a família, evitando as ILPIs enquanto tiver autonomia.

A respeito da quantidade e localização das ILPIs existentes em nosso país, o IPEA (2011) divulgou que havia 3.548 instituições e um total de 83.870 idosos residentes destas instituições; o que representava 0,5% da população idosa do Brasil. Sendo 65,8% dessas instituições de origem filantrópicas, 28,2% de origem privada e 6,6% mantinham controle público e misto. A pesquisa mostrou que dois terços destas instituições se concentram na região sudeste do Brasil, e apenas o estado de São Paulo concentra 34% delas. Dos 109.447 leitos existentes no Brasil, 91,6% deles estavam ocupados – o que demonstra que as instituições estão funcionando quase que com suas vagas totalmente preenchidas, entretanto, o tema parece ser ainda um tabu para muitos, em nossa sociedade. (DE SOUZA, VITORINO & NINOMYA, 2015)

O estatuto do idoso é composto por 118 artigos que visam medidas de proteção aos idosos, de maneira geral, consolidando direitos já assegurados pela Constituição Federal. Muitos de seus artigos destinam-se especialmente às instituições de longa permanência para idosos, como é o caso dos artigos 49 e 50 que falam sobre a necessidade de, no ambiente institucional, garantir ao idoso dignidade, respeito, manutenção da identidade pessoal, profissionais aptos no cuidado de acordo com as normas vigentes no país e ações que preservem os vínculos familiares. (DE SOUZA, VITORINO & NINOMYA., 2015)

Da mesma forma, a Política Nacional de Saúde do Idoso determina que essa população seja mantida em sua comunidade habitual o maior tempo possível, a fim de evitar que eventos estranhos à rotina do idoso influenciem o aparecimento de problemas de saúde. A primeira política específica do idoso tem por objetivo assegurar seus direitos e criar condições que promovam sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. (MARTINS & MASSAROLLO, 2010.) Estudos

demográficos realizados pelo IBGE (2010) mostram que 85% dos idosos brasileiros são ativos e produtivos, ainda que enfrentem algum problema de saúde.

A senescência provoca alterações em vários sistemas orgânicos que reduzem seu funcionamento, tais como o “sistema circulatório, gastrointestinal, sistema nervoso central (SNC) e hematopoiético” (DE OLIVEIRA et. al., 2015, p.143), o que faz com que o idoso se torne mais suscetível ao aparecimento de doenças, que muitas vezes levam ao comprometimento da função neuromuscular e danos psicológicos, diante dessa situação muitos idosos perdem sua total independência e autonomia; é nesse momento que muitos idosos passam a viver em ILPI, buscando uma nova forma de cuidado.

Investigando e comparando a qualidade de vida de idosos em cuidado domiciliar e em ILPIs, De Oliveira et. al. (2015), constatou que o grau de satisfação dos dois grupos alcança classificação estatisticamente satisfatória, variando entre regular e boa; os idosos, em sua maioria relataram estar satisfeitos e pouco satisfeitos em ambas as situações. Apesar disso, em relação a domínios físicos e relações sociais os idosos institucionalizados queixam-se a respeito da sua qualidade de vida e demonstraram maior insatisfação que o grupo em cuidado domiciliar. Já em relação ao domínio psicológico e meio ambiente foi o grupo de idosos em cuidado domiciliar que apresentaram níveis mais baixos de satisfação.

Assim, é preciso fortalecer os vínculos familiares de idosos que recebam cuidado domiciliar, visto que estes se sentem mais inseguros por não terem em seu ambiente as adaptações necessária para sua segurança e bem estar, e de acordo com o estudo, idosos que vivem em ambientes inseguros são menos propensos a saírem sozinhos e por isso mais suscetíveis ao isolamento e a depressão, além de problemas de mobilidade e pior estado físico – tudo isso influencia em sua qualidade de vida e pode explicar o resultado da pesquisa ao apresentar um nível de insatisfação de -7% quando se compara o idoso em cuidado domiciliar com o idoso residente em ILPI. (DE OLIVEIRA et. al., 2015)

O estudo ressalta ainda que a grande maioria dos idosos que vivem em ILPIs é composta por aqueles que perderam vínculos de amizade e familiares ou, então, são procedentes de família de baixa renda. E que, ao contrário do que se pensa, o processo de institucionalização pode representar uma forma importante de aumentar as relações interpessoais do idoso e de manter e/ou restaurar sua autonomia e

independência; o que significa melhora na qualidade de vida durante a velhice, permitindo ao idoso um processo de envelhecimento digno. (DE OLIVEIRA et. al., 2015)

O envelhecer, além de mudanças físicas e psicológicas, resulta em mudanças sociais e na estrutura familiar do idoso, é comum a vivência de perdas de amigos queridos e de familiares, assim como mudanças de papéis sociais – tais fatores associados à mobilidade reduzida e suporte social inadequado podem resultar em isolamento social. (DE SOUZA, VITORINO & NINOMYA, 2015) Ademais, a redução da taxa de fecundidade, diminuição de integrantes das famílias, as mudanças nos padrões de nupcialidade e a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho reduzem a disponibilidade de cuidadores familiares; tudo isso torna o idoso mais suscetível ao stress. (SILVA et. al., 2015)

A definição original de stress, introduzida por Selye, 1946 (apud VASCONCELLOS, 2015) aponta que toda espécie é dotada de um repertório específico de comportamentos diante dos estímulos presentes no ambiente. Quando um estímulo qualquer exige do indivíduo uma reação extraordinária ou inespecífica, que é elaborada pelo Sistema Nervoso Periférico ou Central, podemos dizer que há stress. Sendo assim, quando uma reação inespecífica ativar todo o organismo, trata-se de uma Síndrome de Adaptação Geral (SAG) e:

“Quando a estimulação se repete por um tempo e o desconforto a ela associado se instala como padrão de reação, comumente, ocorre uma transferência da reação geral para um órgão ou sistema.”
(VASCONCELLOS, 2015, p. 2)

Nesse caso se instala a Síndrome de Adaptação Local (SAL), que muitas vezes resulta em patologia. Entretanto, ao contrário do que se incorporou no inconsciente coletivo, stress não é um conceito de conotação negativa. Para tentar reverter essa associação Selye, 1975 (apud VASCONCELLOS, 2015) introduziu os conceitos de eustress e distress – assim situações de eustress são aquelas em que sentimentos de alegria e prazer descompensam o equilíbrio basal do corpo; e aquelas situações em que sentimentos de sofrimento e desconforto são vivenciados chamamos distress.

Vasconcellos (2015, p.3) nos convida a refletir sobre o aumento paradoxal do nível de stress na vida cotidiana e da longevidade dos seres humanos. Ao mesmo tempo em que a medicina tem desenvolvido dispositivos para prolongar o tempo de vida, muitos tem aprendido “a desenvolver estratégias para minimizar o efeito deletério do agente stressor”. O autor, desde 2011, tem classificado essas estratégias de coping, de acordo com a capacidade de resolução de problema – chamando de eucoping a estratégia de redução de stress vivenciada como agradável e, sobretudo eficaz; e discoping a estratégia de redução de stress vivenciada como insuficiente, ineficaz pelo indivíduo.

O autor explica que para Selye, entretanto, o organismo era possuidor de uma quantidade de energia que ia sendo gasta em cada reação de stress e que poderia ou não resultar em doença a depender da quantidade de energia utilizada. Para ele, no entanto, sempre haveria perda de energia, o que contribuiria para o processo de envelhecimento. (VASCONCELLOS, 2015) Assim, este estudo pretende compreender e descrever o stress a partir da perspectiva ainda pouco estudada de idosos em situação de dependência física, com autonomia cognitiva-funcional.

2. REVISÃO TEÓRICA

2.1 Velhice/Declínio da saúde

O envelhecimento consiste em um processo recente para a sociedade contemporânea que acompanha suas transformações sociais, culturais e econômicas. O tema tem se mostrado de crescente importância para a psicologia ao configurar um novo grupo social que exige da sociedade e, também do próprio idoso, adaptação, compreensão e reestruturação para lidar com as condições próprias desse período do desenvolvimento. (BASSIT & WITTER, 2010)

Entre os fatores que contribuem para a diversidade do envelhecimento humano, estão a história pessoal e as mudanças sociais vivenciadas; o estado civil e financeiro, os hábitos de vida e condição de saúde atual, a maneira de se relacionar com a família e amigos, o suporte e estrutura existentes na comunidade em que reside e o aumento na expectativa de vida são fatores que interferem diretamente na qualidade de vida da população idosa; portanto é preciso compreender o idoso e suas necessidades considerando o contexto social e pessoal em que sua história foi (e ainda é) vivida. É fundamental identificar como o idoso sente e se comporta diante das questões decorrentes de seu envelhecimento e como isso interfere no desempenho suas atividades diárias com autonomia. (BASSIT & WITTER, 2010)

É possível estudar o envelhecimento apreendendo diversas maneiras de viver este processo dentro de um mesmo contexto social, cultural e histórico. A velhice pode ser considerada o período de desenvolvimento em que há maior diversidade entre as pessoas, em função da variedade de interferências, internas e externas, vivenciadas em sua história pessoal. O envelhecimento modifica não apenas a vida daqueles que possuem mais anos de vida, mas também das pessoas que convivem com o idoso, para Bassit & Witter (2010, p. 23) esse período:

[...] é um processo que ocupa toda a nossa vida, é o conteúdo que preenche a lacuna entre o nascimento e a morte. O envelhecimento diz da

vida da pessoa, da forma pela qual se relaciona com ela, das condições materiais de sobrevivência entre outros aspectos da existência.

Vilela (2016) aponta como paradoxo o fato de que viver é, ao mesmo tempo, uma evolução, uma expansão e um recesso – trata-se de uma força que não é capaz de se manifestar sem se degradar. O envelhecimento pode ser visto não apenas como mais uma fase do desenvolvimento humano, mas ao contrário, como um percurso a ser construído ao longo de toda a vida; o que há, de fato, é um começo e recomeço que permite um amadurecimento para vivenciar melhor a próxima fase da vida.

Dessa maneira, o conceito de envelhecimento se expande para além da compreensão de períodos etários, em grupos sociais específicos, ou à análise de algumas características acessórias deste período do desenvolvimento. É preciso considerar não só as condições de saúde daqueles que sobrevivem à passagem do tempo, mas também, sua história de vida e de interação social, para investigar de maneira profunda seu envelhecimento. Compreender quais os eventos de vida mais significativos para cada indivíduo e como esses eventos impactam na qualidade de vida daqueles que estão envelhecendo.

Ao pensar sobre o crescente aumento na expectativa de vida e na população idosa, Vilela et. al. (2016, p.2), reitera que, na maioria das vezes, viver mais não é sinônimo de viver melhor; o “aumento da dependência física, declínio funcional, isolamento social, depressão e improdutividade” estão associados à velhice e a mais anos de sofrimento – principalmente para as mulheres que representam maioria entre esse grupo social. A autora ressalta, no entanto que é possível aumentar a sobrevida com maior qualidade de vida; buscando o envelhecimento com autonomia e independência, com boa saúde física e mental – o que considera um ‘envelhecimento bem sucedido’.

No Brasil, o atendimento aos idosos com mais de 65 anos tem sido enfatizado pela Política de Saúde, (BRASIL, 2006) isto ocorre devido ao padrão de doença apresentado por esse grupo social que é de mais do que uma doença crônica por pessoa – fator relacionado à morbididade múltipla entre os idosos, e que demanda pessoal qualificado, equipamentos e exames de alto custo. Entretanto, para Kovács apesar desse esforço em prolongar a vida de pacientes idosos e de eliminar

sintomas, não há o mesmo esforço em promover qualidade de vida para essas pessoas, o que se nota é isolamento e abandono associado a uma vida de perdas, incluindo “afastamento da família e do trabalho, financeiras, da autonomia, do próprio corpo, da independência, muitas delas envolvendo dor, degeneração, incerteza e medo de sofrimento intenso”. (2012, p.113)

Kovács (2012) aponta a importância de que, em um processo de agravamento de doença, a história de vida do idoso e suas características próprias de personalidade sejam respeitadas – permitindo ao idoso que seja sujeito de sua própria vida. É sabido que uma doença grave não atinge somente a pessoa que adoece, mas toda sua família, que passa a ser sua unidade de cuidados mais importante, todavia os sentimentos de paternalismo e superproteção de familiares e/ou profissionais de saúde não podem ameaçar a autonomia do idoso. É essencial o exercício de sua autonomia, favorecendo a dignidade e o sentido de pertencimento; sempre no centro de seu progresso.

Vivemos em uma sociedade que não suporta ver e lidar com o sofrimento – eliminando-o o quanto antes, ainda que para isso seja necessário dopar o paciente, desconsiderando seus questionamentos e desejos. Cuidar não é só eliminar sintomas, mas sim promover alívio, conforto e bem-estar (físico e psicológico) – muitos idosos se sentem “desinvestidos” pelas pessoas próximas, ou consideram que já viveram e que agora os cuidados devem se destinar aos mais jovens. Para Kovács (2012) a dependência e o sofrimento gerados por diversas doenças causam dependência e limitações na vida dos idosos; o que pode levar a uma “morte social”. A autora ressalta que ao contrário da concepção errônea de muitas pessoas, a velhice não é anteparo da morte, mas ao contrário, é uma fase do desenvolvimento humano e por isso há a necessidade de se falar sobre seus desejos.

A velhice é o destino do homem, mas apesar de a moral oficial pregar respeito ao velho, esta categoria social é rejeitada pela sociedade ao perder sua força de trabalho e ‘serventia’ para a família. Os fracos e seus defeitos não são aceitos; assim, aos velhos não é dado o direito ao erro, ao contrário, é esperado que tivessem infinita tolerância e perdão, conhecimento profundo sobre a vida e os relacionamentos humanos, abnegação pela família, etc. “Momentos de cólera, de esquecimento, de fraqueza são duramente cobrados aos idosos e podem ser o início de seu banimento do grupo familiar”, ressalta Bosi (1979).

2.2 Cuidado domiciliar/Institucionalização

O envelhecimento humano é vivenciado de maneiras diferentes em cada sociedade; na cultura ocidental contemporânea é reservado ao idoso um lugar passivo e dependente, que o afasta de seus papéis sociais e desvaloriza seus conhecimentos considerando-os ultrapassados. A valorização do homem ocidental contemporâneo se dá por sua força de trabalho e poder de consumo; durante a velhice, quando há diminuição de sua participação no mercado de trabalho, o homem passa a ser considerado, por alguns, um peso para a família e para a sociedade.

Muitas vezes, o idoso se vê impelido a ceder às decisões e imposições dos mais jovens em relação a sua própria vida. Bosi (1979, p.36) enfatiza esse fenômeno social ressaltando que “quando se vive o primado da mercadoria sobre o homem, a idade engendra desvalorização”. Aos idosos que enfrentam problemas de saúde (físico e/ou mental) os sentimentos de desvalorização e perda de autonomia podem ser ainda mais intensos, pois, o declínio da saúde pode levar o idoso a depender do apoio/ajuda de outrem para realizar as tarefas diárias relativas aos cuidados com a higiene pessoal, alimentação, administração financeira, etc.

Entre os motivos mais frequentes de institucionalização, estão: as patologias que resultam em demência (como a doença de Alzheimer); comprometimento físico que demande cuidados específicos e atenção integral; falta de estrutura física na residência familiar para atender as necessidades do idoso; exaustão física e mental do familiar que exerceu a função de cuidador domiciliar; impossibilidade financeira de manter cuidadores profissionais na residência da família.

Karsch (2003) afirma que a alta frequência de doenças crônicas e o aumento da longevidade atual dos brasileiros são duas das principais causas do crescimento na taxa de idosos com algum nível de dependência. Diante da incapacidade física ou mental do idoso a tendência atual, no Brasil e em muitos países, é que a família opte pela permanência do idoso dependente em sua casa. Por motivos diversos como, redução dos custos assistenciais, relações de poder, afeto e outras variáveis, desenvolve-se um processo de reorganização familiar, sob os cuidados de alguém

que deixando de executar tarefas pessoais, domésticas e sociais, assuma as funções de cuidador.

O cuidado domiciliar com o idoso é, sem dúvida, uma decisão que deve ser estimulada e preservada, entretanto, cuidar de um indivíduo idoso incapacitado diariamente, por 24 horas, é tarefa que desgasta física e emocionalmente aquele que a executa, sobretudo em um país como o Brasil onde há poucas políticas de suporte às famílias que cuidam de seus idosos em casa.

Para Karsch (2003), também afetam negativamente a possibilidade do cuidado domiciliar as rápidas transformações das estruturas familiares; como o aumento do número de divórcios e separações, a instabilidade no mercado de trabalho, o movimento migratório nacional e internacional em busca de oportunidades de trabalho, a participação crescente da mulher no mercado de trabalho, etc. No Brasil, muitas pessoas tem a consciência de que irão envelhecer sem a perspectiva de receber qualquer apoio de seus familiares.

Por outro lado, a tentativa de assistência domiciliar por familiares, por vezes fracassa e a contratação de cuidadores profissionais consiste em um gasto expansivo, não acessível a toda a população. No Brasil, a internação em instituições asilares não é comum mesmo para famílias de renda geral mais baixa. Karsch (2003, p. 865) ressalta que isso ocorre “predominantemente, no limite da capacidade familiar em oferecer os cuidados necessários”.

Ainda que de forma compulsória, essa falta de autonomia vivenciada na velhice resulta, muitas vezes, em internação hospitalar. Bosi (1979) ressalta que muitos idosos pensam estar provisoriamente nos asilos em que foram abandonados pelos seus familiares. O que se percebe é que os asilos, muitas vezes, tem a função de afastar da família o idoso, que além de não contribuir para a renda familiar, demanda cuidado e atenção integrais que já não são tolerados na vida contemporânea repleta de atribulações.

A decisão pela institucionalização mostra-se mais frequente nos casos em que a lucidez do idoso está comprometida, é possível pensar que há a diminuição dos sentimentos de culpa e abandono expressos pela família; com base na idéia de que a diminuição da memória afetiva reduziria o sofrimento do idoso afastado dos seus. Para Bosi (1979), a diminuição do contato entre os idosos e os membros mais

jovens de sua família faz com que se perca muito da cultura e da história de uma sociedade, assim como da memória familiar partilhada.

Há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. (BOSI, 1979, p.32)

Esse esforço dos mais velhos em lembrar o passado, essa força de reviver o que passou, elimina o caráter transitório do que se vive e faz com que entre de modo constitutivo no presente. Para quem lembra as experiências vividas não ficam para trás, como se fossem desnecessárias, mas ao contrário, a natureza humana é recriada por um processo de reavivamento e rejuvenescimento.

Bosi (1979), afirma que os idosos carregam a essência da cultura de uma sociedade, que pelo contato pessoal pode atingir crianças e jovens e reviver nas ruas; na maneira de pensar, falar e sentir, como resquício de outras épocas. Entretanto, atualmente esse contato pessoal tem se tornado cada vez mais escasso. O velho precisa lutar contra as adversidades físicas (escadas mais duras de subir, distâncias mais longas e pacotes mais pesados) e também para se fazer ouvir pelos mais jovens. É comum na velhice que haja a necessidade de artefatos para conversar e aqueles que não tem condições de comprá-los ficam privados da comunicação.

Em relação às doenças psicológicas, às demências senis, tidas como resultado de perturbações cerebrais psicossociológicas, é preciso questionar se seu rápido agravamento não ocorre a partir da internação em instituições inadequadamente equipadas e dirigidas ou hospitais psiquiátricos, ressalta Bosi (1979). Os idosos nessa situação ficam à parte de todo interesse vital, não há projetos para participar, tarefas a serem realizadas – há somente o esperar por um fim que se converte em um desejar rápido.

A velhice deveria ser um momento de ainda participar de projetos e causas que transcendem os seres humanos, que não envelhecem e dão significado às

atividades diárias. Agindo assim como possível remédio contra os danos do tempo, vez que muitos idosos se desesperam com a falta de sentido da vida no período da velhice.

A sociedade contemporânea vive o abandono atual dos hábitos de cuidar e velar os familiares mais velhos; a doença e a morte vem sendo frequente e progressivamente expulsas da percepção dos vivos, desinfetadas da casa e da vida das famílias e aqueles que agonizam são jogados pelos seus em instituições hospitalares, tornando o envelhecimento e a morte fenômenos cada vez mais impessoais.

Sobre o nascimento do hospital como um instrumento terapêutico, tal como conhecemos hoje, Foucault (1979) afirma ser uma invenção relativamente nova, datada do final do século XVIII. Somente em 1780, surgem a visita e a observação sistemática e comparada nos hospitais; passou-se então a observar fatores como a extensão e altura das salas, circulação de ar, número de doentes por leito, etc. analisando a influência dessas condições espaciais na cura e mortalidade de diferentes quadros de enfermidade, etc. Diante dessas observações, percebeu-se que os hospitais não curavam tão bem quanto deveriam e surge, então, um novo olhar sobre o hospital, que caso produzisse efeitos patológicos, deveria ser corrigido.

Os hospitais que funcionavam na Europa desde a Idade Média, não eram instituições médicas e a medicina era uma prática não hospitalar.

Antes do século XVIII, o hospital era essencialmente uma instituição de assistência aos pobres. Instituição de assistência, como também de separação e exclusão. O pobre como pobre tem necessidade de assistência e, como doente, portador de doença e de possível contágio, é perigoso. Por estas razões, o hospital deve estar presente tanto para recolhê-lo, quanto para proteger os outros do perigo que ele encarna. (FOUCAULT, 1979, p. 101)

O hospital não era voltado à cura dos doentes, mas a garantir ao pobre que estava morrendo assistência material e espiritual, oferecendo-lhe os últimos cuidados e sacramentos. Sua função era a de um morredouro e os responsáveis por

esse cuidado eram pessoas religiosas ou leigas que realizavam caridade como forma de lhes assegurar a salvação eterna.

Até o começo do século XVIII, o hospital misturava doentes e loucos, sem separação ou categorização de cuidados e a função médica não aparece. “A medicina do século XVII e XVIII era profundamente individualista.” Sua prática compreendia conhecimento de textos e transmissão de receitas.

O médico devia observar o doente e a doença, desde seus primeiros sinais, para descobrir o momento em que a crise apareceria. Nesta luta entre a natureza e a doença, o médico devia observar os sinais, prever a evolução, ver de que lado estaria a vitória e favorecer, na medida do possível, a vitória da saúde e da natureza sobre a doença. (FOUCAULT, 1979, p. 102)

O hospital e medicina permaneceram independentes até meados do séc. XVIII, como primeiro fator de transformação dessa independência, está a busca por uma ação positiva do hospital sobre o doente ou a doença, que anulasse os efeitos negativos do hospital, como a propagação de doenças entre as pessoas internadas e na cidade em que estava situado.

Segundo Foucault (1979), a primeira grande organização hospitalar da Europa ocorreu no século XVII, nos hospitais marítimos e militares, quando traficantes fingiam-se de doentes para escapar do controle econômico da alfândega. Na mesma época surge o problema da quarentena, o hospital essencialmente se preocupa em impedir que se espalhem as doenças trazidas pelas pessoas que desembarcam; visa impedir que a doença seja foco de desordem econômica ou médica.

Essa preocupação surge, pois é nesta época que a formação de um indivíduo, sua capacidade e aptidões passam a ter valor para a sociedade; assim, não se pode deixar morrer, por doença, um soldado que foi formado para tal. O maior investimento em soldados torna o hospital militar um problema técnico importante, o gasto para formar soldados exigia que se vigiasse os homens enquanto estavam no hospital para evitar que eles desertassem; passa a ser necessário curá-los, evitando morte por doenças e assegurar que ao sarar eles não fingissem estar doentes para evitar o combate.

É com a introdução dos mecanismos da disciplina no espaço hospitalar que é possível a sua medicalização. É o desejo de evitar que as epidemias se propaguem por razões econômicas e o preço atribuído ao indivíduo que os hospitais são submetidos à disciplina. É preciso então compreender a doença como um fenômeno natural, que tem “espécies, características observáveis, curso e desenvolvimento”. A natureza da doença é uma ação particular do meio sobre o indivíduo.

É, portanto, o ajuste desses dois processos, deslocamento da intervenção médica e disciplinarização do espaço hospitalar, que está na origem do hospital médico. Que terá por função assegurar o esquadrinhamento, a vigilância, a disciplinarização do mundo confuso do doente e da doença, como também transformar as condições do meio em que os doentes são colocados. (FOUCAULT, 1979, p. 108)

Para que o hospital passe a ser um instrumento de intervenção sobre o doente, algumas medidas precisam ser tomadas: o ‘hospital-exclusão’, onde os doentes são rejeitados para a morte, deixa de existir; a arquitetura torna-se fator e instrumento de cura/terapêutico; o poder no interior do hospital passa do pessoal religioso que realizava assistência para o médico.

Foucault (1979) ressalta que, durante o século XVIII, a presença do médico aumenta cada vez mais no interior do hospital. O papel do médico no hospital, antes inexistente, passa a existir e não mais apenas como visitas solicitadas esporadicamente pelo pessoal religioso, que em geral, era realizada pelo pior dos médicos na época – o médico passa a ser o principal responsável pelo hospital, tornando-o, assim, um lugar não apenas destinado à cura, mas também um campo documental, de registros e formação de saber. É graças à tecnologia hospitalar que a população e os indivíduos doentes são tidos como objetos de saber e de intervenção médica – a clínica torna-se dimensão essencial do hospital e do conhecimento médico.

Com as mudanças em relação à organização e administração hospitalar, o aumento da frequência das visitas médicas aos enfermos e a melhoria dos atendimentos médicos, a burguesia passa a pagar pelos atendimentos e a exigir melhores instalações, equipamentos custosos e serviços auxiliares, criando novos padrões de utilização hospitalar. Lisboa (2002, p.24) ressalta ainda, que em

“meados do século XIX, o desenvolvimento da medicina, mais especificamente da teoria bacteriológica (descobertas de Pasteur e Koeh), o uso de métodos assépticos e antissépticos” diminuíram drasticamente as mortes por infecção, da mesma maneira, a introdução da anestesia permitiu cirurgias sem dor e com maior possibilidade de êxito; transformando a imagem do hospital, que deixava de ser um morredouro para os pobres, para se tornar um local de cura para enfermos.

Além disso, tem início na Europa, ações de saúde pública como aperfeiçoamento no abastecimento de água e sistemas de esgotos e pesquisas científicas voltadas para a área farmacêutica e controle de infecções; o que resultou em aumento de fiscalização em escolas e aprofundamento do conhecimento das doenças infantis e de métodos para contribuir para baixar a mortalidade e mortalidade infantil. Tudo isso contribuiu para que o hospital tivesse, hoje, a função de “prevenir a doença, restaurar a saúde, exercer funções educativas e promover a pesquisa”. (LISBOA, 2002, p.28)

O Brasil, por sua vez, passou por uma longa trajetória na saúde, até que o Sistema Único de Saúde fosse implantado; que se iniciou com os primeiros modelos de saúde no Brasil republicano. Na década de 1910, houve um movimento pela mudança na organização sanitária liderado por profissionais de saúde, autoridades políticas e intelectuais que resultou em importantes resultados como a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), que definiu bases para a criação de um Sistema Nacional de Saúde. (BRASIL, 2011) Durante o governo Vargas, os conflitos entre os objetivos educacionais e das instituições filantrópicas deram origem a lideranças no meio acadêmico que reivindicaram a construção de hospitais próprios para as escolas. (LUCCAS et. al., 2016)

Entre 1964 e 1984, durante a ditadura militar, ganha destaque o domínio financeiro das instituições previdenciárias e a mercantilização da saúde. E a denominação de um novo órgão no qual se concentram todas as contribuições previdenciárias – INPS – mas que não tinha a abrangência necessária, deixando de lado os trabalhadores rurais e informais. Essa e outras decisões não assertivas nas políticas de saúde fizeram com que alguns grupos se articulassem com propostas transformadoras para a saúde vigente, esse movimento foi denominado de Reforma Sanitária Brasileira. (LUCCAS et. al., 2016)

Durante a Conferência Internacional sobre a Atenção Primária à Saúde, em 1978, discutiu-se acerca da pouca acessibilidade da maior parte da população aos serviços de saúde, assim a saúde foi referenciada como um direito fundamental dos indivíduos, cabendo aos governos responsabilidade sobre ela. (BRASIL, 2011) Pouco depois houve a criação do Conselho Consultivo de Administração da Saúde Previdenciária (Conasp), que tinha como objetivo a contenção de gastos nos serviços de saúde, além de um pacote de estratégias, chamado Ações Integradas de Saúde (AIS), que fortaleceram a rede básica ambulatorial, por meio da contratação de recursos humanos, articulação com os serviços municipais e revisão do papel dos serviços privados; o que favoreceu os responsáveis pelas atividades de assistência à saúde, como por exemplo, os hospitais de ensino.

Pouco depois da queda do regime militar no país, os líderes da Reforma Sanitária Brasileira puderam convocar a 8ª. Conferência Nacional de Saúde, em 1986, (BRASIL, 2011) o relatório final deste evento embasou o capítulo Saúde da Constituição de 1988 – Constituição que foi elaborada como resultado da evolução do movimento da Reforma Sanitária. Por fim, a Lei Orgânica de Saúde (Leis nº 8.080) instituiu a criação do SUS, pautada em uma perspectiva do Estado como sendo responsável por garantir a seguridade social dos cidadãos, com destaque ao direito universal à saúde e organização de atendimento integral; assim, o SUS é o conjunto de ações e serviços de saúde, prestados por órgãos e instituições públicas, mantidas pelo Poder Público. (LUCCAS et. al., 2016)

2.3 Políticas Públicas para Idosos

A importância das políticas públicas de prevenção e cuidado para idosos está em promover um envelhecimento ativo e ampliar sua participação social e atividades de cultura e/ou lazer, tendo em vista maior autonomia e qualidade de vida para os idosos. Sua implementação se justifica pela identificação de diferentes problemas, discriminações e preconceitos enfrentados por idosos. Assim, essas políticas consistem em intervenções que se originam a partir de reflexões e discussões

públicas para amenizar os problemas de interesse geral da sociedade política e civil – quando os direitos elementares de uma determinada população não são respeitados surge a necessidade de ações governamentais que supram essa carência. Para Rocha (2014, p. 12):

As políticas públicas fazem correspondência às orientações e disposições do governo, através das mais diversas decisões nas esferas sociais, influenciando a população direta ou indiretamente, nos ambitos pessoais, profissionais, sociais e também educacionais.

É o que se pode observar com o aumento crescente da população idosa no Brasil e sua conseqüente demanda social em diferentes aspectos como previdência social, moradia, saúde, cultura, trabalho, educação e segurança; se não houver mais investimento e as políticas não forem contínuas, o sucesso atingido em se prolongar a vida será também motivo de falência social. Rocha (2014) ressalta que para garantir os direitos e necessidades do idoso brasileiro é necessário que a sociedade conheça a realidade de seus idosos e que o próprio idoso entenda suas necessidades, reivindicando respeito aos direitos, a cidadania e entenda seu papel social como contribuinte para uma nova visão do envelhecimento.

De acordo com a Constituição Federal (BRASIL, 1988) a responsabilidade pelo desenvolvimento social, no Brasil é de todas as esferas de governo e da própria sociedade. As políticas têm como função se voltar a resgatar a dívida com uma determinada parcela da população excluída do processo de desenvolvimento. No caso do envelhecimento, ainda que se trate de um processo natural, de diminuição progressiva da reserva funcional dos indivíduos e que em condições normais não provoca problemas, há muitas vezes o enfrentamento de preconceitos que resultam em discriminação e opressão dos idosos; sendo assim, o Estado brasileiro tem papel fundamental na proteção e atendimento aos idosos – o direito à vida é garantido a todos pela atenção integral a saúde, por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) e os direitos fundamentais elencados pelo estatuto. Entretanto, para Rocha (2014) o que se pode perceber hoje é que apesar de a legislação brasileira ser considerada uma das melhores e mais completas do mundo, as políticas públicas voltadas para

os idosos ainda estão longe de lhes proporcionar melhor qualidade de vida, pois há falta de interesse e disposição do poder público em cumpri-las.

Com a Constituição de 1988, os idosos alcançaram conquistas importantes, tendo seus direitos assegurados e regulamentos pela Lei orgânica de Assistência Social – LOAS (Lei nº. 8.742/93). Como uma das conquistas mais importantes, podemos citar o Benefício de Prestação continuada, que consiste no repasse de um salário mínimo mensal para as pessoas idosas e portadoras de deficiência que não tenham condições de sobrevivência; o princípio central para receber este benefício é a incapacidade para o trabalho. Apesar disso, essa política pouco contribui, pois para aqueles que se encontram abaixo da linha de pobreza um salário mínimo não é suficiente para garantir uma vida digna, segundo Rocha (2014).

O estatuto do idoso, por sua vez, tem a intenção de garantir ao idoso o direito de exigir a proteção aos seus direitos e de sensibilizar a sociedade como um todo ao amparo dessa população, estabelecendo prioridade absoluta às normas de proteção ao idoso, desde a precedência em atendimentos, até a melhora em suas condições de vida e a inviolabilidade física, psíquica e moral. (ROCHA, 2014 apud CENIVAVA, 2004) Em seu 3º. artigo se encontram os principais direitos do idoso: a obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público assegurá-lo com prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

Outros pontos positivos do Estatuto do Idoso que podemos citar são: o sistema de cotas nas moradias construídas com recursos federais (3%); salário mínimo mensal a todos com mais de sessenta e cinco anos; o fornecimento de medicamentos e instrumentos de reabilitação e tratamento pelo Estado; proibição de reajuste de plano de saúde em detrimento a faixa etária; transporte coletivo gratuito; atendimento preferencial em todos os órgãos públicos e privados; vagas preferenciais em estacionamento e a obrigatoriedade de empresas abrigarem pelo menos 20% do quadro de funcionário com mais de 45 anos.

Por fim, os princípios centrais da Política Nacional do idoso determinam que a família, a sociedade e o Estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos de cidadania; o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral; o idoso não deve sofrer discriminação; o idoso deve ser o principal agente e

destinatário das transformações efetivadas por essa política; as diferenças econômicas, sociais, regionais devem ser consideradas pelo poder público e pela sociedade na aplicação dessa lei. (ROCHA, 2014 apud COSTA, 1996)

2.4 Instituições de Longa Permanência para Idosos

O cuidado de membros dependentes deve ser responsabilidade da família a que este pertence, segundo estabelece a legislação brasileira, entretanto, Camarano & Kanso (2010) ressaltam que as mudanças em relação ao casamento, diminuição na taxa de fecundidade, menor número de pessoas em um núcleo familiar e a crescente e constante participação da mulher no mercado de trabalho resultam em maior dificuldade de organização da família contemporânea em cuidar de seus idosos. Ao mesmo tempo, o avanço tecnológico responsável pela melhora na qualidade de vida humana e prolongamento da vida ou diminuição da mortalidade nas idades avançadas (80 anos ou mais) é responsável pelo crescimento da população idosa no Brasil, transformando assim a velhice de uma questão privada a pública; o que gera inúmeras demandas, dentre elas uma nova organização em relação ao morar do idoso. (COSTA & MERCADANTE, 2013)

Como alternativa ao cuidado familiar com o idoso, cresce o número de residências coletivas que atendem pessoas com 60 anos ou mais e que muitas vezes se encontram em situação de carência de renda e/ou familiar. A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia denominou tais residências como Instituição de Longa Permanência para Idosos, mesmo assim é possível encontrar, ainda, na legislação e na literatura diversas denominações como casa de repouso, clínicas geriátricas, abrigos, asilos – refletindo sua origem, associada aos asilos que se dedicavam a receber a população carente que necessitava de abrigos e cuidados, em 2010 no Brasil, 65,2 % dessas instituições era de natureza filantrópica. Comumente associadas a instituições de saúde, as ILPIs não são voltadas à clínica ou à terapêutica, entretanto os estabelecimentos oferecem, além de moradia,

alimentação e vestuário, serviços médicos e medicamentos. (CAMARANO & KANSO, 2010)

As ILPIs encontram-se entre os serviços especializados voltados para o cuidado da população idosa, que tem por função auxiliar o idoso a realizar atividades da vida diária. Segundo Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 283, a ANVISA define ILPI como “(...) instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial, destinadas a domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade e dignidade e cidadania”, (BRASIL, 2005) atendendo idosos dependentes e independentes, que não dispõem de condições para permanecer com a família ou em domicílio unicelular. (COSTA & MERCADANTE, 2013)

Segundo Costa & Mercadante (2013), o primeiro cuidado aos idosos no Brasil, dando origem a evolução das instituições domiciliares como as conhecemos hoje, se deu em 1790, quando uma chácara foi construída para ser a primeira instituição destinada ao cuidado de idosos; pensada para atender soldados portugueses já em idade avançada, que haviam participado da campanha de 1792 (Inconfidência Mineira) e que se faziam dignos de uma velhice descansada pelos serviços prestados; essa instituição foi chamada Casa dos Inválidos. Restrita a receber soldados militares e não idosos em geral, a casa funcionou até 1808, com a vinda da Família Real, quando foi cedida ao médico particular do Rei, seus internos, então, foram transferidos para a Casa de Santa Misericórdia, que era responsável pelos serviços de hospitalização da época colonial, atendendo pobres, indígenas, forasteiros, soldados e marinheiros.

E foi somente depois de três décadas que o “Asilo dos Inválidos da Pátria” foi construído, delimitando o atendimento a idosos de maneira exclusiva. Pouco depois, em 1854 o “Asilo de Mendicidade” foi construído para atender pessoas em situação de mendicância, pois essa população era vista como perigosos agentes propagadores de doenças. A velhice dessa época já habitava as ruas da cidade e com a abolição da escravidão há um aumento da mendicância e da velhice desamparada, o que contribui para a criação de instituições asilares, é neste contexto que surge a diferença entre velhice e mendicância, com isso em 1890 há a construção da primeira instituição a ela destinada, o asilo São Luis no Rio de Janeiro. Criado para dar sossego e repouso a quem estava cansado de tanto viver,

era tradicionalmente um lugar para descanso e não para trabalho. (COSTA & MERCADANTE, 2013)

As instituições responsáveis por abrigar pessoas idosas necessitadas de alimento, de lugar para morar e de cuidado em tempo integral, ficaram conhecidas como asilos ou albergues, com isso essas denominações passaram a ser acompanhadas de carga negativa, associadas a imagens de pobreza ou abandono, o que para Costa & Mercadante (2013) torna necessário criar novos termos para se referir às instituições destinadas ao cuidado do idoso. De Souza et. al. (2015) ressaltam que institucionalizar o idoso pode trazer uma conotação negativa – pela própria definição de “institucionalizado”, na língua portuguesa – em que padrões de comportamento e regras tendem a ser impostos, desconsiderando a subjetividade do idoso que carece de necessidades particulares; isto associado à falta de informação e conhecimento sobre o bom trabalho realizado por muitas ILPIs e Centro de Referência de Idosos, faz com que o tema seja ainda um tabu para a sociedade, dificultando a decisão de muitas famílias ao optar pelos serviços de uma ILPI como forma de garantir a seus idosos dignidade e atenção especial nos cuidados diários e melhora na qualidade de vida.

A Política Nacional do Idoso, sancionada em 1994 e regulamentada em 1996, foi um marco no Brasil em relação ao envelhecimento, que objetiva assegurar os direitos sociais do idoso, integração e promoção de autonomia. Em 1º. de Janeiro de 2004 o estatuto do idoso foi consolidado, nele 118 artigos visam medidas de proteção aos idosos de modo geral e institucionalizados; os artigos 49 e 50 se destinam especialmente às ILPIs, mencionando a preocupação de garantir a dignidade, respeito e manter a identidade do idoso, preservar vínculos familiares e sociais, oferecendo cuidados de profissionais capacitados no cuidado com os idosos. (DE SOUZA et. al., 2015) As ILPIs têm o compromisso de auxiliar os idosos a lidar com as dificuldades diárias relacionadas ao envelhecimento físico, psicológico, cognitivo ou social. A saúde brasileira se vê desafiada diante do aumento na população idosa e da expectativa de vida, pois à medida que envelhece o idoso se torna mais dependente na realização de suas atividades diárias. Silva et. al. (2015, p.345) aponta que:

Embora o cuidado familiar esteja culturalmente arraigado à sociedade, esta não é a realidade de todos os idosos. Há idosos cujas famílias não podem oferecer suporte financeiro para garantir o cuidado adequado ou que não conseguem conciliar a função de cuidadores com a vida cotidiana.

Dessa maneira, as ILPIs se mostram como opção para idosos cujas famílias não podem contar com um cuidador e para os que são vítimas de abandono e/ou com sequelas de doenças crônicas. São elas a assumir a responsabilidade de cuidar quando o idoso perde seus vínculos com sua rede social, oferecendo suporte com a finalidade de melhorar sua saúde e qualidade de vida. (SILVA et. al., 2015)

As ILPIs dividem-se em três modalidades, de acordo com o nível de dependência dos idosos a que atende: aquelas de modalidade um atendem idosos autônomos em suas atividades diárias; as de modalidade dois atendem idosos dependentes e independentes que necessitam de ajuda e cuidados específicos, com acompanhamento; já as de modalidade três dedicam-se a atender idosos dependentes que precisam de assistência total, em pelo menos uma atividade diária. Em relação à estrutura física as ILPIs são classificadas de acordo com o número de idosos possíveis de receber: aquelas que tem possibilidade de atendimento de 01 a 20 idosos são classificadas como porte 01; Porte 2 são aquelas capazes de atender de 21 a 40 idosos, porte 3 são as com capacidade para atender de 41 a 60 idosos e aquelas capazes de atender mais de 60 idosos, são classificadas como porte 4. (SILVA et. al., 2015)

Conforme dito anteriormente, a resolução de nº 283 estabelece normas de funcionamento referentes a infraestrutura, processos operacionais, recursos humanos, notificação compulsória, monitoramento e avaliação, que visam preservar os direitos dos idosos. Entretanto, na prática a legislação brasileira é bastante falha, o Estado falha com o idoso não apenas ao fornecer vagas insuficientes à demanda de idosos, mas essencialmente no descaso com as ILPIs e a falta de supervisão adequada, que as transformam em ambientes refletores do abandono. (SILVA et. al., 2015)

O cotidiano dentro de uma ILPI exige do idoso adaptação e abdicação de bens pessoais de significados afetivos de uma vida inteira, com que tinha contato diariamente em seu núcleo familiar. Trata-se de um momento de afastamento do

sujeito do mundo exterior. E vivendo neste novo ambiente é preciso construir uma nova forma de viver, com novas regras e horários, com novos relacionamentos (nem sempre prazerosos) – essas mudanças de comportamento podem distorcer a identidade e afetar a individualidade do sujeito. (COSTA & MERCADANTE, 2013)

2.5 Memórias afetivas

A psicologia social considera fundamental o estudo de comportamentos individuais, de aspecto quotidiano, para conhecer verdadeiramente as características de uma sociedade. Para Bosi (2004), as memórias pessoais são instrumento precioso para aqueles que desejam investigar a qualidade de vida de um determinado grupo social em seu contexto histórico; considerando que a história de vida de um indivíduo interfere positiva e/ou negativamente em sua capacidade de lidar com os conflitos de sua vida atual – esse conceito é base para este trabalho que busca analisar a história de vida e sua relação com o nível de stress de idosos institucionalizados.

A autora afirma que a memória daqueles que possuem mais idade, pode exercer a função de mediadora, entre a geração atual e as anteriores a ela; servindo assim de apoio aos mediadores formalizados (escolas, igrejas, partidos políticos, etc.) presentes em toda sociedade e que tem por função transmitir os valores e conteúdos constituintes da cultura. A maior riqueza da memória oral consiste em permitir o surgimento de pontos de vistas distintos entre as pessoas que recordam; e dessa forma se diferencia do caráter unilateral existente nos valores transmitidos por instituições.

A identidade de um grupo é produzida através da memória coletiva presente no interior dele, segundo Bosi (2004) o que foi vivido coletivamente, é memorizado sob influência das relações existentes e de suas trocas.

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através

de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. (BOSI, 2004, p. 31)

Morin (1999) afirma que não há diferença entre uma percepção e uma alucinação, para quem as vive, são as outras pessoas que informam se o que um indivíduo vê é verdade ou não; portanto é o relacionamento entre os seres que nos constitui e que constrói a realidade de uma sociedade. O autor argumenta que ao retomar sua história e lembranças, em conversas com outras pessoas, ou mesmo individualmente, é comum o indivíduo perceba que suas crenças existentes no passado, em geral, contêm erros e ilusões sobre o mundo e a realidade. Para o autor o conhecimento não é um reflexo ou espelho da realidade, mas uma tradução seguida de uma reconstrução.

Assim, a formação da identidade se dá a partir do vínculo com o passado, segundo Bosi (2004), pois o presente traz à tona lembranças que respondem às vivências atuais do indivíduo, interferindo em seu modo de pensar, sentir e agir diante das coisas. Há confluência entre memória e percepção, conservação do passado e articulação com o presente. O tempo é, portanto, a essência do psíquico e a estrutura do comportamento humano é uma constante relação entre a consciência e o mundo, a memória une o que foi e o que será vivido pelo homem. É a consciência humana que liga a memória às apreensões instantâneas do real, do presente, contraindo passado e presente em uma única intuição.

A memória trabalha com o tempo vivido, contado pela cultura e pelo indivíduo que o vive; não é passiva, é organizadora da consciência que respeita os caminhos recordados e que se mostram como mapas afetivos da experiência do indivíduo e de seu grupo. A percepção humana não é mera recepção do mundo que a cerca, ao contrário, constrói sobre ele e sobre as cenas assistidas; o ponto de vista pessoal causa distorção nas lembranças, entretanto, apesar de sua intensa participação no mundo, os seres humanos captam um número reduzido de percepções, visto que seguem um caminho familiar, guiado pela repetição de passos já conhecidos. Para Bosi (2004, p.115) “nossa atividade essencial como sujeitos é ação e percepção que exercemos dentro de um espaço de vida que nos rodeia, onde encontramos significado biológico e existencial”.

A respeito da identidade humana e de sua formação na sociedade, Morin (1999) declara que podemos perceber apenas alguns aspectos (biológicos, psicológicos) da realidade humana, mas que ela, na verdade, é indecifrável. Somos indivíduos pertencentes a uma sociedade e fazemos parte de uma espécie, mas assim como estamos em uma sociedade, a sociedade está em nós; a cultura se imprime em nós desde o nascimento.

Nós somos de uma espécie, mas ao mesmo tempo a espécie é em nós e depende de nós. Se nos recusamos a nos relacionar sexualmente com um parceiro de outro sexo nós acabamos com a espécie. Portanto, o relacionamento entre indivíduo-sociedade-espécie é como a trindade divina, um dos termos gera o outro e um se encontra no outro. (MORIN, 1999, p. 4)

Crescer de acordo com os costumes e culturas da sociedade em que se vive é essencial para o desenvolvimento psíquico e emocional da criança, entretanto, “se não existisse a insubmissão, o acordo criaria uma sociedade especular, e a socialização faria de nós um espelho contra espelho que se reduplicaria infinitamente”. (BOSI, 2004, p.118) É o ato de pensar que nos possibilita a construção de conceitos pessoais; essa atividade não é subjetiva e só é possível por meio do relacionamento entre sujeito e objeto; que nos permite passar da opinião para o conhecimento.

É a confiança da criança nas instituições (família, igreja, escola etc.) que lhe socializa, e assim se dá a origem de suas primeiras crenças e comportamentos. Os primeiros anos de vida da criança são marcados pela dependência do consenso dos maiores e da tentativa de viver de acordo com as exigências de outrem, o que resulta na limitação de sua própria consciência e aniquilamento de sua vida interior, em busca de uma sensação de segurança.

As diferenças culturais, sociais e de origem, fazem ainda, com que cada um pense que suas idéias são as mais evidentes, o que leva a idéias normativas. Aquelas que não são consideradas normais, por sua vez, são julgadas como um desvio patológico e rejeitadas como ridículas, seja no domínio das grandes religiões, das ideologias políticas ou das ciências. Assim, Morin (1999) fala da importância da compreensão humana como aquela que ultrapassa o significado da palavra

compreender – *compreendere* -latim, que quer dizer: colocar junto todos os elementos de explicação – ao comportar empatia e identificação. Compreendemos alguém porque sabemos do significado de sua dor, sua emoção e afirma que é preciso compreender a compaixão, que significa sofrer junto o que, para ele, permite a verdadeira comunicação humana. Para ele, cada vez há mais individualismo em nossa sociedade, favorecendo o sentido de responsabilidade individual e assim, desenvolvendo o egocentrismo – que conseqüentemente, alimenta a rejeição ao próximo.

Bosi (2004) também afirma que a reciprocidade nas relações atuais torna-se fenômeno cada vez mais raro, diante da rapidez e descontinuidade das relações vividas – efeito da alienação. Que resulta no embotamento da cognição e mera observação do mundo; ausência de reflexão e transformação do que é vivido, principalmente pelos mais jovens. Os mais velhos, ao contrário, não assimilam a experiência do descartável e vivem repetindo: memórias, fatos, lembranças etc. e são considerados improdutivos, seus conhecimentos ultrapassados e trocados pela rapidez da tecnologia e troca de informações (vazias de cultura).

Aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros ‘signos’ destinados a evocar antigas imagens. (BOSI, 1979, p. 09)

A memória tem função decisiva no processo psicológico total, pois é ela que permite a relação do corpo presente com o passado, ao mesmo tempo em que interfere no processo ‘atual’ das representações. Por meio da memória o passado vem à tona e se mistura com as percepções imediatas; “a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.” (BOSI, 1979, p. 09)

As memórias estão abaixo da consciência, em estado latente e são constantemente atualizadas pela consciência, dessa maneira o passado aflora à consciência e se conserva viva nas lembranças, sua forma pura pode ser expressa nas imagens presentes nos sonhos. As lembranças são evocadas a partir das

situações vividas no presente, com as pessoas com que o indivíduo se relaciona; assim um número maior de lembranças surge quando um indivíduo se encontra com seus familiares e amigos. É impossível reviver o passado, entretanto, para Bosi (1979) lembrar é, na maior parte das vezes, 'refazer, reconstruir, repensar' com ideias e imagens atuais, as experiências do passado.

Durante sua vida ativa, o homem, independentemente de sua idade, exerce com menor frequência a atividade de lembrar. A vida produtiva faz parecer à maioria que ocupar-se da memória é perda de tempo; entretanto, aqueles que estão afastados dos afazeres de sua vida cotidiana, e já deixaram para trás sua vida produtiva refazem seu passado por meio das lembranças de maneira mais frequente. Neste momento o idoso passa a ter a função de lembrar, "de ser memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade". (BOSI, 1979, p. 23)

E muitas vezes ao recompor sua biografia individual ou grupal, os mais velhos acabam seguindo padrões e valores que hoje são considerados ideológicos e incompreensíveis para alguns jovens, por sua vez, os idosos também demonstram certo preconceito pelo desconhecido e preferência por uma realidade que já não é possível de se alcançar.

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, [...] e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo. (BOSI, 1979, p. 29)

As memórias são mantidas por seus conteúdos emocionais e, permanece aquilo que toca o coração do homem; as percepções individuais alteram a realidade vivida em grupo, conservando memórias alteradas de acordo com os conteúdos internos de cada um. Esse modo de lembrar individual pode ser observado com o testemunho da narração da própria vida – isto constitui a memória.

A capacidade de relembrar exige um espírito desperto que permita a quem lembra não confundir a vida atual com a que passou; reconhecendo lembranças e opondo-as às imagens atuais. "Não há evocação sem uma inteligência do presente,

um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais.” (1979, p. 39)

Há a memória voltada para ação que é constituída por hábitos e há outra que simplesmente revive o passado – esta é a memória dos velhos, que já livres das atividades profissionais e familiares, mantém vivo o vínculo com outra época de sua vida. Esta consciência de ter suportado muita coisa permite alegria para o ancião e possibilita a ele mostrar sua competência àqueles que estão ao seu redor. Ao encontrar ouvidos atentos, a vida do idoso ganha nova finalidade; impedindo o retraimento de seu lugar social, de seus dons e conhecimentos, que acarretaria grande perda na comunidade como um todo.

Para Morin (1999) a visão unilateral, a falta de entendimento sobre a complexidade humana e a redução do outro é o que impede a compreensão. É a indiferença que bloqueia a compreensão – o que para ele é “o câncer” do relacionamento entre os seres humanos e que devasta o mundo; por isso há necessidade de compreender não só os outros, mas também a si próprio, se auto examinar. Exame esse que pode ser feito através do encontro entre parentes, com os mais velhos de nossa história, que nos permite reviver o passado com um frescor que não seria possível se evocado de maneira solitária.

É a partir dos laços de convivência (familiares, escolar, profissionais) que se desenvolve a memória coletiva, é ela que acrescenta e unifica a memória dos membros de um grupo. Entretanto, é o indivíduo que recorda, é ele que memoriza o passado e tem acesso a reter o que para ele é mais significativo dentro de uma vivência compartilhada – ao se identificar com um grupo e se apropriar de seu passado, o homem o faz suporte de sua memória. (BOSI, 1979)

Bosi chama atenção, também, às diferenças existentes entre as recordações em comum, partilhadas, como sendo as diferenças de observação sobre o mesmo fato, aquilo que embeleza ainda mais as vivências partilhadas entre duas vidas. A autora ressalta com igual atenção, a importância de etapas na memória, dividida por marcos que concentram em pontos a significação da vida, como formatura, casamentos, festa, mudanças de casa ou de cidade, morte de parentes, etc. A sociedade, para Morin, só vive dessas interações, somos indivíduos, mas somos também fragmento da sociedade e da espécie homo sapiens a qual pertencemos –

o ser humano é múltiplo! Acerca de sua complexidade e consciência, o autor ressalta:

As ciências do homem retiraram toda significação biológica a estes termos: ser jovem, velho, mulher, homem, nascer, existir, ter pai e mãe, morrer – essas palavras remetem apenas a categorias socioculturais. Só readquirem sentido vivo quando as conceituamos em nossa vida privada. A Antropologia que exclui a vida de nossa vida privada é uma Antropologia privada de vida. (MORIN, 2003, p.36)

Pensando em nossa herança ancestral individual, a perda dos avós pode gerar uma perda de referencial, de guia para os caminhos que se deve percorrer. A sabedoria dos mais velhos, muitas vezes, conduz o jovem pelo caminho que deve seguir, permite atalhos que só se tornam possíveis para aqueles que já viveram muito. O homem idoso aparece a si mesmo com um sobrevivente, quando improdutivo e ineficaz, e por esta razão se volta para o seu passado, prazerosamente, lembrando o tempo no qual se considerava inteiro, vivo.

A mente tem a tendência de remodelar toda experiência em categorias com sentido útil para a vida presente. “Mal termina a percepção, as lembranças já começam a modificá-la: experiências, hábitos, afetos, convenções vão trabalhar a matéria da memória.” (BOSI, 1979, p. 340) Nossa história é contada pelas imagens em nossa mente, que empalidecem se não forem revividas por conversas; os depoimentos familiares, as fotos e histórias do que se viveu ajudam a constituir novamente nossas memórias. Assim, “perder o tempo é perder a identidade”, afirma Bosi:

Se nossos mortos recuam, se a distancia se alonga entre nós, a culpa não é do tempo, mas da dispersão do grupo onde viveram. A aceitação aparente, o silêncio dos idosos podem traduzir cansaço da luta, mas não uma diminuição da carência dos seres amados. (1979, p. 348)

2.6 *Stress*¹ e influências sociais.

A vida humana, independente da época, local ou modo em que se dá, exige o enfrentamento de tarefas e estímulos que despertam sentimentos e sensações como medo, cansaço, dor e fome; como tentativa de restabelecer sua adaptação, o homem emite respostas que passam por três estágios, segundo Farina (1998): a percepção da tarefa como algo difícil; o aumento da dificuldade para lidar com o estímulo que gera cansaço e por último a exaustão que o obriga a cessar suas respostas.

A homeostase é um mecanismo natural de ajustamento compensatório, que busca a restauração do equilíbrio orgânico que se perdeu diante de estímulos variados. Para Farina (1998, p.32) o *stress* é definido “como o processo psicofisiológico, adotado pelo organismo, frente a estímulos múltiplos que causam desequilíbrio homeostático”.

Segundo Vasconcellos (1992), ao contrário das culturas ocidentais que tem uma visão dualista de mundo e de ser, os orientais veem toda a natureza viva como resultado do dinâmico fluir da energia. Para eles a origem das enfermidades se dá com a interrupção do fluir energético. O autor ressalta ainda que para Hipócrates, representante do pensamento grego antigo, a doença é o resultado do desequilíbrio entre o corpo, o meio ambiente e a natureza.

Freud, ao investigar as causas das enfermidades em seus pacientes, retoma o conceito primordial das relações corpo, mente e energia. O autor descobre o inconsciente humano e atribui a ele a origem das pulsões e desejos, que, quando não satisfeitos provocam enfermidades. A conceituação da Libido como a energia responsável pelos processos de saúde e doença do indivíduo deu origem a Teoria Psicossomática das patologias, válida para toda e qualquer doença, entretanto é preciso conservar a definição em relação à origem das patologias em psíquicas, somáticas e psicossomáticas. (VASCONCELLOS, 1992)

¹ Adotamos neste trabalho a nomenclatura internacional para os termos ‘stress’ e ‘coping’- introduzindo os prefixos e sufixos quando necessário.

A expressão “psicossomática” indica uma direção causal, isto é, o fator psíquico é responsável por alguma alteração somática. Alguns autores sugerem, entretanto, que essa expressão seja utilizada apenas para as enfermidades que tem origem nos fatores emocionais; já para as doenças originadas em nível orgânico, o termo utilizado deve ser “somato-psíquicas”; para acidentes ou eventos orgânicos traumáticos o termo a ser utilizado é “somatopsicossomáticos”.

A psiconeuroendocrinologia é uma ciência que há cerca de 15 anos vem procurando restabelecer o estudo do vínculo entre o corpo – com seus sistemas vascular, nervoso e endócrino – e o aparelho psicológico – pensamentos, emoções, lembranças, idéias. (VASCONCELLOS, 1992, p.139)

O autor afirma que a psiconeuroendocrinologia integra os conhecimentos na área da endocrinologia, neurologia, neurofisiologia, neuroendocrinologia, psiquiatria e psicologia e tem sua ação estruturada sobre o conceito de *stress*, que pode ser definido como a vivência de consequências desagradáveis (ou agradáveis) decorrentes de termos ultrapassado os limites de nossa resistência física e psíquica, que culminam em completa exaustão. Entretanto o termo foi integrado em nossa língua como algo única e necessariamente desprazeroso, na verdade muito do que chamamos de *stress* são na verdade fontes, fatores e causas de *stress*.

Na literatura atual sobre *stress*, é preciso identificar se os textos definem *stress* popular ou cientificamente. Vasconcellos (1992), ressalta, ainda, as diferentes nomeações referentes ao processo de *stress*:

[...] convém utilizarmos o termo ‘stressor’ para designar o agente estimulante ou a situação que está desencadeando a excitação do organismo; a expressão ‘stress’ para identificar o processo psicofisiológico em que ele se encontra e ‘reação de stress’ para definir o comportamento que o organismo manifesta, decorrente do processo desenvolvido. (VASCONCELLOS, 1992, p.140)

Vasconcellos (1992) define *stress* como a alteração fisiológica que ocorre no organismo quando este se encontra em uma situação, que requeira dele uma reação

mais forte que aquela que corresponde à sua atividade orgânica normal. O funcionamento regular e normal do sistema corporal, denominado homeostase, é mantido por estimulações proprioceptivas de feedback e auto regulações; o *stress* é o processo que provoca a extrapolação desses parâmetros regulares, forçando o organismo a respostas e atividades muito maiores e mais complexas que as realizadas durante a homeostase.

O processo biológico de *stress* ocorre de maneira independente da vontade do indivíduo, entretanto, ele pode sofrer intervenção do aparelho psíquico. O tálamo, ao receber a informação de estimulação envia-a ao hipotálamo para que ele se encarregue da reação do organismo ao estímulo *stressor*. Para identificar a natureza desse estímulo envia a informação também aos centros cognitivos do córtex cerebral que executa as funções psicológicas de reconhecimento de sinais, memória, interpretação, avaliação e ações. Em seguida, a identificação é enviada de volta ao hipotálamo que decide intensificar, manter ou interromper a ação orgânica iniciada.

O sistema límbico também participa dessa avaliação psicológica do estímulo *stressor*, processando uma qualidade emocional para cada estímulo recebido. Vasconcellos (1992) afirma que todo estímulo vivenciado desperta, de maneira inconsciente, uma sensação no sistema límbico e no tálamo de ser algo bom ou ruim para o homem.

É apenas quando os estímulos são avaliados no sistema límbico como perigo ou desafio que o estímulo torna-se um *stressor* e assim desencadeia o processo biológico de medo e conseqüentemente de fuga, ataque ou congelamento. Entretanto, se o indivíduo é capaz de desenvolver uma estratégia capaz de dominar o *stressor*, pode conseguir abaixar o nível de stress e até eliminá-lo. Se ao contrário, a tentativa de combater o *stress* for fracassada o processo de stress aumenta e pode dar origem a doenças e comportamentos de negação ou fuga.

[...] esse fenômeno psicofisiológico ocorre não apenas quando o organismo é exposto ou solicitado por um *stressor* exógeno, mas *stressores* endógenos como traumas, conflitos, idéias, lembranças, fobias, neuroses, sentimentos, pensamentos, pulsões, necessidades afetivas desencadeiam-nos da mesma forma. O mesmo acontece com o processo de domínio do *stressor*. (VASCONCELLOS, 1992, p.147)

É possível afirmar que o processo de *stress* vivenciado pelo organismo é uma reação de alarme, que faz com que ele se mobilize por inteiro para lidar com o *stressor* e ao mesmo tempo em que tenta reestabelecer sua homeostase. Esse processo é chamado de Síndrome de Adaptação Geral.

Essa adaptação é a reação primária do organismo diante de um *stressor*, tentando adaptar-se e modificar seus parâmetros regulares de atividades. Em estado de alerta o organismo reage com comportamento de fuga e de ataque. Essa reação de alarme é normal e naturalmente adaptativa em qualquer organismo vivo e pode ser chamada de uma reação saudável ao *stress* (ou Eustress), pois após a fase de excitação há o retorno à homeostase.

Entretanto, quando este estado de alerta persiste por um tempo maior e incapacita a volta à fase de repouso e reposição de energias, o organismo tenta adaptar-se de forma mais adequada à situação de *stress*, para isso altera os índices normais de atividade orgânica e concentra o processo de reação interna apenas a um determinado órgão. Essa situação é denominada de Distress ou mau *stress* e traz ao organismo consequências trágicas decorrentes da estratégia de adaptação.

O *stress* é um processo dividido em 3 (três) fases: alarme, resistência e exaustão. Vasconcellos (1992) define os sintomas típicos de cada fase: a fase de alarme apresenta sintomas como a taquicardia, sudorese, irritabilidade, insônia e dor de cabeça; a fase de resistência apresenta sintomas ligados a natureza psicossocial, os sintomas físicos desaparecem devido a ação do organismo de elevar seu nível regular de ativação, assim o indivíduo apresenta sensações como de nervosismo, medo, ansiedade, queda de cabelo e isolamento social; já a fase de exaustão consiste no colapso energético do órgão vulnerável; aparecimento de patologias ou óbito súbito.

O eustress ocorre quando o organismo se encontra em grande excitação, vivenciadas como agradável ou desagradável, e após essa vivência possa ter a possibilidade de repousar. Quando este *stress* a que é submetido tem a função de melhorar algum aspecto na vida do indivíduo ele é denominado eustress.

É extremamente necessário reforçar que um sintoma não deve ser considerado menos grave pelo fato de ser causado por fatores emocionais ou

psíquicos. A origem emocional dos sintomas não torna a dor menos real, nem a desqualifica:

A família tem funções biológicas, psicológicas e sociais. É em seu seio que as pessoas compartilham aquilo que tem de mais pessoal: afeto, valores, projetos..., entretanto, por ela ser tão importante para o indivíduo, frequentemente torna-se fonte de *stress*. Pertencer a uma família implica em responsabilidades, em compromissos e no desempenho de uma série de papéis, cujo exercício gera uma série de *stressores*. Assim, além de influências que recebe da sociedade em geral, a família gera seus próprios *stressores*. (VASCONCELLOS, 1992, p.152)

3. OBJETIVO

3.1 Objetivo Geral

Este estudo pretende compreender e descrever o *stress*, a partir da perspectiva ainda pouco estudada, de idosos em situação de dependência física e/ou financeira, com autonomia cognitiva-funcional, residentes em Instituição de Longa Permanência para Idosos. Investigaremos a relação entre a história pessoal e o nível de *stress* nessa população, buscando compreender e descrever o impacto de eventos estressores na qualidade de vida ao residir em ILPI.

3.2 Objetivos Específicos

- Averiguar se eventos vividos anteriormente impactam na capacidade do idoso em lidar com eventos estressores, atualmente;
- Verificar se o frequente contato com a família e amigos ajuda a manter ativos na memória do idoso suas relações e importância histórica na vida de outras pessoas.
- Se a introjeção de memórias e experiências vividas – que independem de estímulos externos/concretos – permite uma contínua identificação com os papéis sociais vivenciados ao longo de sua vida.

4. MÉTODO

4.1 Descrição do Local da Coleta de Dados e História da Instituição

- Descrição da Instituição

A Instituição de Longa Permanência para Idosos escolhida para a realização desta pesquisa foi idealizada e é administrada, ainda hoje, por pessoas evangélicas de diferentes doutrinas e denominações – instituição cristã sem fins lucrativos, localizada na cidade de Santos- SP.

Em funcionamento desde 1940, o residencial oferece aos idosos, apoio material e humano; fornecendo abrigo aos que precisam, cuidando da saúde física e mental, incentivando a integração social, conforme os termos do Estatuto do Idoso. Por seus serviços prestados ao longo desses anos, adquiriu o reconhecimento da comunidade em que está inserida como Entidade Beneficente e títulos de diversos órgãos, como a Declaração de Utilidade Pública Federal e o Selo “A” de Qualidade conferido pela SEVISA (Sistema Estadual de Vigilância Sanitária) de São Paulo.

Os moradores podem contar com serviço de enfermagem 24 horas por dia, cardápio com 5 refeições diárias e atividades e oficinas de lazer e cultura. A instituição também oferece aos idosos atendimento por profissionais qualificados nas áreas de Medicina, Enfermagem, Psicologia, Serviço Social, Fisioterapia e Nutrição, o que permite aos idosos atendimento interdisciplinar.

O residencial tem sede própria e ocupa uma área de 2.700 m², o prédio de três andares, que possui elevador e rampa de acesso em todos os andares, conta com uma cozinha, três refeitórios, duas salas de TV e dois andares de apartamentos destinados às acomodações femininas; neste espaço há quatro tipos de acomodações: quartos coletivos com 4 leitos, suítes com 3 leitos, suítes com 2 leitos e suítes individuais. A instituição conta ainda com uma casa anexa, no mesmo terreno, destinada às acomodações masculinas que possui quartos com 2 leitos cada.

Tem como objetivo abrigar pessoas com idade igual ou superior a 60 anos que necessitem do cuidado de profissionais, em conjunto com o cuidado já dedicado por suas famílias ou, então, que estejam em situação de desamparo social. Na época em que as entrevistas foram colhidas, viviam no lar 56 idosos, sendo 41 mulheres e 15 homens, deste total apenas 12 se encontravam em lucidez – dois deles se recusaram a participar da pesquisa.

• História da Instituição

Em 04 de Abril de 1939, um grupo de evangélicos de diferentes denominações se reuniu no templo da Igreja Metodista de Santos com intenção de criar um lar de assistência aos idosos, que deveria se fundamentar “em DEUS e na UNIÃO dos crentes.” Na reunião seguinte, o médico Dr. Marcílio Ribeiro se propôs a oferecer assistência gratuita aos idosos, se tornando assim o primeiro médico da instituição.

Em 30 de Março de 1940, cerca de 150 pessoas se tornaram sócias e foi eleita uma diretoria provisória. Em 30 de Abril de 1940 o residencial foi fundado. Um ano depois, também no mês de Abril, Inácia Cardoso Coelho organizou uma reunião, na qual foi criada a “Sociedade de Senhoras Amigas ...” do residencial, que tinha como objetivo contribuir para o progresso da instituição, angariando recursos financeiros que proporcionaram a compra e construção das sedes.

Em Abril de 1975, é eleita a Comissão de Construção da atual sede do residencial, sob a presidência do Pastor Ney Ângelo Pereira, e em Junho de 1977 a primeira etapa da construção do prédio da Rua Fritz Gut (local atual da sede) se dá por encerrada. Em Abril de 1978 uma nova Comissão de Construção é eleita para dar continuidade as obras, que terminaram em dezembro do mesmo ano. Em março de 1984, a aquisição da casa vizinha permitiu a ampliação do atendimento aos homens da comunidade.

Assim, a instituição mantém até hoje, o cuidado diário com homens e mulheres idosos que buscam apoio profissional para realizar suas atividades diárias, oferece atividades lúdicas e culturais, realizadas periodicamente visando maior

qualidade de vida para os idosos que ali residem e busca desenvolver projetos que promovam maior integração entre os idosos, suas famílias e a comunidade local.

O acolhimento aos idosos acontece de duas maneiras, por atendimento particular, no qual o paciente e/ou sua família contribuem com um valor mensal para residir na instituição ou, então, em parceria com a Prefeitura Municipal de Santos, atendendo idosos cujas rendas de previdência são destinadas à instituição. Entretanto, tais quantias não são suficientes para arcar com todas as despesas, e por isso, para complementar sua renda, o residencial mantém um Bazar no qual as doações recebidas, por membros das igrejas de Santos e pela população em geral, são vendidas para angariar fundos e arcar com custos de alimentação, vestuário, material de enfermagem e etc.

4.2 Caracterização dos sujeitos

Por restrições estabelecidas nesta dissertação, investigamos apenas idosos em condição de autonomia cognitivo-funcional, cujas limitações se restringem a aspectos físicos e de locomoção espontânea, os participantes residem em instituição de longa permanência, localizada na cidade de Santos – SP.

Dentre os idosos residentes na instituição escolhida, 12 apresentavam autonomia cognitivo-funcional, mas 2 (dois) deles se recusaram a participar da pesquisa. Assim, a amostra de participantes deste estudo é formada por 10 (dez) idosos, sendo 8 (oito) do sexo feminino e 2 (dois) do sexo masculino, com idade igual ou superior a 70 anos.

Alguns questionários foram descartados por conta da impossibilidade de continuar a entrevista – apesar da orientação da psicóloga da instituição, que os descrevia como idosos em condição de autonomia cognitiva, no decorrer da entrevista confusões e desorientações foram sendo percebidas pela psicóloga pesquisadora, assim como fantasias persecutórias e esquecimentos severos.

4.3 Material e Instrumentos

- Mini Exame do Estado Mental

O Mini Exame do Estado Mental é uma escala de avaliação cognitiva, que visa investigar a possibilidade de demência no paciente. A escala é composta por 10 (dez) questões que avaliam funções cognitivas específicas, isto é: orientação para tempo, local, registro de palavras, atenção e cálculo, lembrança de curto prazo, linguagem e capacidade construtiva. A escala é simples de ser utilizada e pode ser aplicada por não médicos em um período de tempo de aproximadamente 5 minutos. (ALMEIDA, 1998)

O escore da escala varia de 0 a 30 pontos e o ponto de corte de 23/24 pontos indica indivíduos com alta capacidade de discriminar indivíduos cognitivamente alterados. A escala foi criada por Folstein et. al. em 1975 e é um dos mais utilizados em todo o mundo, e tem seu uso comumente associado a ambientes clínicos para a detecção de declínio cognitivo. (LOURENÇO & VASOS, 2006)

No Brasil o MMEM foi traduzido por Bertolucci e col., que observaram que o escore total dependia do nível educacional e propuseram a utilização de pontos de cortes diferenciados de acordo com a escolaridade para o diagnóstico genérico de 'declínio cognitivo'. (ALMEIDA, 1998)

- Questionário de Informações Gerais

O Questionário de Informações Gerais é constituído de 31 questões que tem por finalidade identificar os dados pessoais dos participantes da pesquisa em relação a: idade; gênero; país e estado de nascimento (zona rural ou urbana); tempo

de residência no Brasil e na cidade de Santos; estado civil; composição familiar; religião; nível de instrução; profissão; tempo de trabalho; quantidade de horas trabalhadas por dia; há quanto tempo deixou de trabalhar; tipo, motivo e tempo de internação em instituição de longa permanência; frequência de reuniões familiares; com quais familiares o idoso possui mais contato; recebe ou presta auxílio familiar e benefícios e dificuldades de viver em um residencial.

As questões 20 e 21 deste questionário investigam o motivo da internação e o grau de participação do idoso nesse processo. As questões de 23 a 26 questionam a convivência e relação estabelecida entre o paciente e seus familiares e amigos, após a decisão pela internação.

A questão número 29 (vinte e nove) lista algumas atividades rotineiras para que se possa investigar alguns hábitos pessoais dos participantes antes do período de internação. As questões de número 30 e 31 questionam a possibilidade de manter algumas das atividades rotineiras presentes na vida do participante antes do período de internação.

O questionário busca avaliar como o idoso concebe sua institucionalização, se de maneira positiva ou negativa e como a internação em residência de longa permanência interfere nos hábitos mantidos enquanto ainda vivia em sua residência.

- Atestado Médico

Foi solicitada a médica geriatra responsável pelo atendimento aos idosos da instituição a avaliação cognitiva de cada participante da pesquisa e a emissão de atestados de autonomia cognitiva-funcional, que tem como finalidade garantir a autenticidade das memórias e informações fornecidas pelos participantes desta pesquisa.

- Life Events Units (LEU)

O instrumento, que tem por finalidade identificar o nível de *stress* causado por eventos comuns à vida humana, foi originalmente formulado nos EUA por Holmes & Rahe, em 1967.

A escala original contém 43 itens. No Brasil ela foi adaptada por Vasconcellos em 1991 e além de manter os itens originais foi ampliada em mais 5 itens. Conteúdo e ordem de apresentação foram levemente alterados para tornar a escala mais fluída. Além dos 5 novos itens foi aberta a possibilidade de inserção de novos eventos pelo próprio participante da pesquisa.

Nesse novo formato, a estrutura de avaliação de cada evento perdeu a atribuição padronizada de pontos dada pelos autores americanos oferecendo ao participante a possibilidade de que ele mesmo atribua ao evento *stressante* ocorrido em sua vida uma pontuação que varia de 0 a 100 pontos. Além do mais é solicitado que ele: a) indique se esse evento ocorreu apenas uma ou várias vezes na sua vida. A data de cada ocorrência; b) Para cada vez que ocorreu atribua um valor em pontos de 0 a 100 para o efeito do *stress* causado pelo evento (passado) na sua vida atual (Antes e Hoje); c) defina cada evento ocorrido como Positivo ou Negativo; d) indique se o evento aconteceu consigo mesmo ou com pessoa significativa de seu círculo (ex: morte de um colega por um acidente de trabalho).

A importância do instrumento se dá em fornecer dados importantes sobre a história de vida do participante e o nível de *stress* a que foi exposto, permitindo a verificação do nível de *stress* não só de maneira qualitativa, mas também quantitativa e a frequência de exposição a eventos que provocaram impacto na biografia do indivíduo.

- Questões Complementares

Algumas questões complementares podem ser formuladas para serem usadas conforme a necessidade de cada entrevista. Elas pretendem investigar de maneira mais direta a associação que o paciente faz entre seu passado e a vida atual, verificando se há, para ele, relação entre a história de vida e a qualidade de vida alcançada, assim como suas interações pessoais e a qualidade de vínculo mantido na vida adulta.

4.4 Procedimentos

Todos os dados foram colhidos pela pesquisadora e autora desta dissertação. O projeto foi apresentado à administração da instituição de longa permanência escolhida, solicitando a autorização da instituição e dos idosos em condição de autonomia cognitivo-funcional.

Devido a dificuldades físicas (visão e capacidade de escrita) dos participantes, por conta da idade avançada, a pesquisadora se encarregou de ler todos os instrumentos utilizados na pesquisa e preenchê-los de acordo com as informações fornecidas por cada idoso.

O Termo de Consentimento e Informação Esclarecida foi entregue aos participantes no momento em que o projeto era apresentado, juntamente com a escala de Mini Exame do Estado Mental que foi aplicada para investigar possíveis dificuldades cognitivas; seu resultado foi posteriormente encaminhado à médica clínica especialista em gerontologia, responsável pelo atendimento aos idosos residentes naquela ILPI, para que esta pudesse emitir atestados declarando se o participante se encontra ou não em condição de autonomia cognitivo-funcional; a saúde cognitiva do paciente é característica primordial para sua participação na pesquisa.

Em seguida foi realizado o Questionário de Informações e Dados Gerais, durante o qual, muitas vezes já surgiam histórias importantes da vida dos participantes; seguido pelo teste LEU/VAS investigando eventos de vida e o *stress* vivenciado pelos participantes no momento daquela vivência e no momento atual. Algumas questões complementares foram aplicadas ao final do encontro, para buscar maior detalhamento sobre a visão do idoso a respeito de sua história de vida.

4.5 Análise de dados

Trata-se de uma pesquisa qualitativo-quantitativo, na qual todos os dados foram levantados através de uma entrevista semi-estruturada. O conteúdo dos itens dessa entrevista foram fornecidos (em sua maioria) pelos itens citados do instrumento LEU/VAS. Conforme descrito no sub capítulo “Material e Instrumentos”, o LEU/VAS se constitui de um teste de *stress* e seus itens (eventos *stressores*) podem ser quantificados, sendo assim o método da coleta de dados é ao mesmo tempo qualitativo, porque solicita aos sujeitos a resposta oral – semelhante a uma entrevista – a cada um dos itens do teste.

Os dados coletados foram avaliados com base na estatística descritiva (frequência, porcentagens, médias) e, na medida do possível, avaliadas em níveis de significância, procurando estabelecer correlações relevantes para a compreensão do fenômeno. Por último, averiguaremos a possibilidade de estabelecer uma matriz geral de intercorrelações.

Segue abaixo lista de variáveis que foram incorporadas à análise, a partir das informações obtidas com a aplicação do instrumento LEU/VAS:

- Para o Grupo Total (GT)
 - Média dos Eventos Positivos X Média dos Eventos Negativos
 - Média da Frequência dos Eventos Positivos (quantas vezes eles ocorreram)
 - Média da Frequência dos Eventos Negativos (quantas vezes eles ocorreram)
 - Média dos intervalos de ocorrência dos Eventos Positivos
 - Média dos intervalos de ocorrência dos Eventos Negativos
 - Ranking em Porcentagem dos Eventos Positivos
 - Ranking em Porcentagem dos Eventos Negativos
 - Curva de Evolução dos Eventos Positivos e Negativos (de Antes para Hoje)

- Para cada Subgrupo da Amostra: as mesmas 8 avaliações do GT
- Tabela de Intercorrelação entre as variáveis do Questionário de Dados Gerais e os Eventos do LEU/VAS (Total)
- Tabela de Intercorrelação entre as variáveis do Questionário de Dados Gerais e os Eventos Positivos
- Tabela de Intercorrelação entre as variáveis do Questionário de Dados Gerais e os Eventos Negativos
- Tabela de Intercorrelação entre as variáveis do Questionário de Dados Clínicos e os Eventos do LEU/VAS (Total)
- Tabela de Intercorrelação entre as variáveis do Questionário de Dados Clínicos e os Eventos Positivos
- Tabela de Intercorrelação entre as variáveis do Questionário de Dados Clínicos e os Eventos Negativos

4.6 Aspectos Éticos

Os dados e entrevistas foram coletados segundo as orientações e preceitos estabelecidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade de São Paulo. O termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo A) foi entregue aos participantes, solicitando autorização referente ao uso de suas informações pessoais nesta pesquisa; firmando o contrato de sigilo em relação à identidade do participante e seu direito de abandonar a pesquisa em qualquer momento de sua realização, sem que isso acarrete a ele qualquer ônus. Caso o projeto gere qualquer desconforto psíquico a psicóloga/pesquisadora se dispõe a acompanhar o participante, enquanto houver necessidade.

5. RESULTADOS

Parte A - Resultados das Variáveis Demográficas, Clínicas e do Mini Mental

1. Antes de iniciarmos com os resultados, convém lembrar que definimos para este trabalho um nível de significância (quanto admitimos errar nas conclusões estatísticas, ou seja, o erro estatístico que, provavelmente, possamos cometer nas análises) de 0,10 (10%). Utilizamos um erro estatístico um pouco acima do usualmente empregado (5%), porque nossa amostra foi pequena ($N = 10$). Todavia, os intervalos de confiança construídos foram todos com 95% de confiança estatística.

O tamanho da amostra é também o motivo pelo qual optamos pelos testes estatísticos não paramétricos.

Nas tabelas a seguir descreveremos a **Média** das variáveis mais importantes obtidas a partir dos dados do Questionário de Dados Demográficos. Nesse questionário levantamos informações sobre 30 variáveis: 18 de teor demográfico e 12 referentes à internação e vida no Lar de Idoso, às quais, por serem específicas de nossa investigação, denominamo-lhes variáveis clínicas.

Com o intuito de evitar discorrer sobre variáveis que se demonstraram não importantes para caracterizar nossa amostra suprimos as informações sobre esses dados na apresentação e comentários abaixo.

Adicionamos a essa parte de dados os resultados do teste Mini Mental, que tem por objetivo verificar a capacidade mental, de cada sujeito, de participar da pesquisa.

Para tornar as tabelas mais compreensíveis definiremos de forma sucinta o significado dos valores ali demonstrados.

A **Mediana** é uma medida de posição, ela divide a amostra ao meio, ou seja, aponta 50% dos indivíduos que estão acima do valor da mediana e 50% abaixo.

Quanto mais próximo seu valor for em relação à média, mais simétrica será a distribuição. Uma distribuição assimétrica possui uma grande variabilidade.

A variabilidade é medida pelo **Desvio Padrão**. Quanto maior esse valor for em relação à média, maior será a variabilidade e isso revelará que a amostra não tem uma homogeneidade dos dados.

O **Coeficiente de Variação** (CV) avalia quanto a variabilidade representa da média. O ideal é que este índice seja o mais baixo possível (<50%).

Os **valores mínimo e máximo** (Min e Max) são respectivamente o menor e o maior valor encontrado na amostra.

Os **Quartis** são descritivas de posição. O 1º quartil (Q1) nos mostra a distribuição até 25% da amostra e o 3º quartil (Q3) mostra a distribuição até 75% da amostra.

O **Intervalo de Confiança** (IC) nos mostra a variação da média segundo uma probabilidade estatística.

A – VARIÁVEIS DEMOGRÁFICAS

1. Idade

Tabela 5.1 – Idade

Descritiva	Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Q1	Q3	Min	Max	N	IC
Idade	85,0	86	7,1	8%	84,3	88,3	70	94	10	4,4

A média de idade dos 10 sujeitos foi de 85 anos.

2. Gênero

Gráfico 5.1: Distribuição de Gênero – 80% dos sujeitos eram do gênero feminino, 20% do gênero masculino.

Foram coletados dados sobre o país e o estado de nascimento dos sujeitos, porém essa informação se mostrou irrelevante para caracterizar a amostra.

3. Zona de Nascimento

Gráfico 5.2: Distribuição de Zona – 60% dos sujeitos vem da zona urbana e 40% da zona rural.

Foram coletados dados sobre o tempo em que mora no Brasil e em Santos, todavia essas informações não tiveram relevância para a compreensão do tema pesquisado.

4. Tempo de Residência em Santos

Tabela 5.2: Tempo de residência em Santos

Descritiva	Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Q1	Q3	Min	Max	N	IC
Tempo em Santos (anos)	41,9	39	36,4	87%	9	72	1,5	86	10	22,6

Os sujeitos da amostra moram Santos, em média, há quase 42 anos.

5. Estado Civil

Gráfico 5.3: Distribuição de Estado Civil – 50% da amostra é viúvo(a), 30% solteiro(a), 10% casado(a), 10% viúvo(a).

6. Tempo de Viuvez

Tabela 5.3: Tempo de Viuvez

Descritiva	Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Q1	Q3	Min	Max	N	IC
Tempo de Viuvez	36,5	33	17,3	47%	29,5	47	12	61	6	13,9

Os sujeitos da mostra tinham, em média, 36,5 anos de viuvez.

Foram coletadas informações sobre o Tempo de Separação e sobre o 2º casamento, porém, esses dados não tem importância estatística relevante para a caracterização da amostra.

7. Composição Familiar

Gráfico 5.4: Composição Familiar – 70% da amostra possui filhos; 60% netos e 10% bisnetos.

Tabela 5.4: Composição Familiar

Descritiva Composição Familiar	Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Q1	Q3	Min	Max	N	IC
Filhos	1,6	1	1,6	99%	0,25	2,8	0	4	10	1,0
Netos	1,8	1,5	2,4	136%	0	2	0	8	10	1,5
Bisnetos	0,2	0	0,6	316%	0	0	0	2	10	0,4

As médias para filhos, netos e bisnetos são relativamente baixas se considerarmos a idade dos sujeitos e o tamanho das famílias na época de casados.

8. Religião

Gráfico 5.5: Distribuição de Religião – 30% da amostra é católica, 30% evangélica, 20% espírita, 20% outras religiões.

9. Nível de Escolaridade

Gráfico 5.6: Distribuição de Grau – A amostra tem proporções iguais entre sujeitos com o 1º e o 2º grau: (50%)

10. Por quanto tempo trabalhou?

Tabela 5.5: Por quanto tempo trabalhou?

Descritiva	Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Q1	Q3	Min	Max	N	IC
Tempo de Trabalho (anos)	44,2	47	15,7	35%	32,8	56,8	14	60	10	9,7

A média de anos trabalhados foi de 44,2 anos.

Gráfico 5.7: Distribuição de Profissão

11. Quantas horas trabalhava diariamente?

Tabela 5.6: Horas trabalhadas diariamente

Descritiva	Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Q1	Q3	Min	Max	N	IC
Horas trabalhadas por dia	8,8	8	2,3	27%	8	11	6	12	10	1,5

Os sujeitos da amostra trabalhavam, em média, 8,8 horas diariamente.

12. Há quanto tempo parou de trabalhar?

Tabela 5.7: Há quanto tempo parou de trabalhar?

Descritiva	Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Q1	Q3	Min	Max	N	IC
Parou de trabalhar (anos)	20,9	18	18,0	86%	5,3	30,8	0,3	57	10	11,2

Os sujeitos da amostra encerraram suas atividades profissionais, em média, há quase 21 anos.

B – VARIÁVEIS CLÍNICAS

13. Internação Voluntária

Gráfico 5.8: Distribuição de Internação Voluntária – 70% da amostra optou voluntariamente pela internação num Lar de Idosos, 30% foi internada por familiares ou por instituições sociais.

14. Motivo da Internação

Gráfico 5.9: Distribuição de Motivo de sua internação. – 60% dos sujeitos da amostra optou pela internação no Lar para aliviar-se das atividades diárias; 30% foi internada por prescrição judicial e 10% por falta de vínculo familiar

15. Tempo de Internação

Tabela 5.8: Tempo de Internação

Descritiva	Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Q1	Q3	Min	Max	N	IC
Tempo em que reside na instituição (anos)	9,4	4,5	10,4	112%	1,1	15	0,5	31	10	6,5

Em média, os sujeitos da pesquisa residem na Instituição onde coletamos os dados há 9,4 anos

16. Costuma reunir-se com sua família?

Gráfico 5.9: Distribuição de Costuma se reunir com a família? – 60% da amostra reúne-se regularmente com sua família, 40% não.

17. Com quem possui mais contato?

Gráfico 5.10: Distribuição de Com quem possui mais contato? – Filhos e netos correspondem a 80% dos contatos que os sujeitos tem com seus familiares. Dois sujeitos citaram ninguém, primos e sobrinhas, e 1 sujeito citou o genro e o marido. Alguns sujeitos citaram outros familiares além dos filhos e netos.

18. Você auxilia alguém da família?

Gráfico 5.11: Distribuição de Auxilia alguém da família? – Apenas 10% dos sujeitos auxilia algum familiar com os rendimentos de sua aposentadoria

19. Você recebe auxílio de algum familiar?

Gráfico 5.12: Distribuição de Recebe auxílio de algum familiar? – 40% da amostra recebe auxílio financeiro ou em materiais de seus familiares

20. Viver em um Residencial trouxe benefícios para sua vida?

Gráfico 5.13: Distribuição de Viver em um residencial resultou em benefícios para você? – 60% dos sujeitos declarou ter muitos benefícios de residir na Instituição pesquisada; 30% ressaltou que nenhum e 10% poucos benefícios.

21. Viver num Residencial resultou em dificuldades para sua vida?

Gráfico 5.14: Distribuição de Viver em um residencial resultou em dificuldades para você? – 80% declarou nenhuma dificuldade; 10% muitas e 10% poucas dificuldades.

C – MINI MENTAL

22. Mini Mental

Tabela 5.9: Mini Mental

Descritiv5.a	Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Q1	Q3	Min	Max	N	IC
Nível Geral Mini Mental	26,2	27	2,9	11%	25,1	27,8	21	30	10	1,8

Os sujeitos obtiveram uma média geral de 26,2 no teste Mini Mental.

Verificamos que algumas variáveis possuem alta variabilidade, isso porque o CV é maior que 50%, o que é ruim, pois demonstra que os dados são heterogêneos. Podemos dizer, por exemplo, que a média do Mini Mental foi de $26,2 \pm 1,8$ pontos.

Sobre o Teste Mini Mental é importante considerar que os participantes da pesquisa cursaram o 1º. grau (50%) e o 2º. grau (50%); apenas 2 participantes (20% da amostra) ingressaram em cursos superiores, mas não completaram os estudos. Correspondem ao sexo feminino 80% dos participantes e ao sexo masculino 20% deles.

Em relação à Orientação Temporal investigada no Mini Exame do Estado Mental todos os participante responderam corretamente em que dia da semana estávamos; 60% dos participantes sabia em que dia do mês estávamos; 90% deles acertou o mês e o ano em que estavam sendo entrevistados; e 100% dos participantes sabia informar a hora aproximada corretamente.

Em relação à Orientação Local 100% dos participantes sabia informar o Estado, a Cidade e o Local corretamente, 90% deles soube informar o nome ou o tipo de instituição em que estavam e 80% deles informou o bairro/rua em que se localiza a instituição corretamente.

100% dos participantes foi capaz de registrar e repetir palavras ditas instantaneamente no Mini Exame do Estado Mental. 50% dos participantes acertou todas as 5 (cinco) contas solicitadas no exame; 30% deles acertou 3 contas; 10% acertou apenas uma conta e 10% não conseguiu acertar nenhuma conta.

Em relação à lembrança por Evocação, 40% dos participantes lembrou todas as palavras ditas, passado algum tempo; 30% se lembrou de 2 (duas) das 3 (três) palavras citadas; 20% lembrou apenas 1 palavra e 10% não se lembrou de nenhuma das palavras ditas anteriormente.

Nos itens referentes à Linguagem Construtiva todos os participantes tiveram pontuação total, nos itens Nomear, Frase Repetir, Papel e Olhos.

Já em relação aos itens referentes à Capacidade Construtiva: no item Frase Construir, 60% dos participantes foi capaz de construir uma frase contendo sujeito e objeto e que fizesse sentido, os outros 40 % deles não foi capaz de criar uma frase que fizesse sentido. Em relação ao item Desenho 90% dos participantes atingiu pontuação total e apenas 10% marcou somente metade da pontuação – vale ressaltar que, devido às dificuldades físicas (incapacidade de efetuar atividades de coordenação motora fina e deficiência visual), alguns participantes tiveram pontuação total sem ter conseguido executar a tarefa; consideramos ainda: a idade avançada dos participantes e que o objetivo do teste era verificar a autonomia cognitivo funcional dos participantes.

A menor pontuação total entre os participantes no Mini Exame do Estado Mental foi de 21 e a maior pontuação 30. A média geral obtida entre os participantes

é de 26,15. Todos os participantes atingiram escore acima da média para autonomia cognitivo funcional, de acordo com a escolaridade de cada um.

Parte B – Resultados do LEU/VAS

Para facilitar a compreensão da extensa análise feita dos Resultados obtidos através dos dados dos nossos sujeitos no Teste sobre Eventos de Stress (LEU/VAS) dividimos esse conjunto de análises em 3 partes.

1. Descrição e Distribuição dos 15 Eventos mais relevantes (pag. 70-97)
2. Eventos, Eustress, Distress, Eucoping e Discoping (pag. 97- 117)
3. Ranking e Grupos de Stress e Coping (pag. 117 – 121)

É importante observar que quando um item era apontado pelo participante como tendo ocorrido em sua vida, era solicitado a ele que desse um peso para o impacto (stress) desse evento no momento em que ocorreu (ANTES) e nos dias atuais (HOJE), portanto ele fazia 2 avaliações para cada evento. Se, porém o evento aconteceu mais de uma vez (por exemplo: Gravidez; e ele citava 4 gravidezes) ele era solicitado a apontar o stress do impacto 8 vezes, ou seja, 2 vezes (Antes e Hoje) para cada uma das ocorrências.

Portanto, foram considerados na tabela 10 somente os 15 eventos mais relevantes, ocorridos pelo menos uma vez na vida dos sujeitos e apontados por 4 ou mais sujeitos.

Tabela 5.10: Legenda de LEU VAS

Item 1	Morte do cônjuge
Item 4	Acidente ou doença
Item 5	Casamento
Item 8	Aposentadoria
Item 9	Gravidez
Item 12	Nascimento de crianças na família
Item 13	Morte de alguém na família
Item 15	Mudança na condição financeira
Item 19	Morte de um amigo íntimo
Item 23	Saída de filho de casa
Item 29	Abandonou os estudos
Item 43	Mudança de hábitos de alimentação
Item 44	Férias

Item 48	Roubo ou assalto
Item 50	Cirurgia

Iniciaremos com uma análise descritiva completa das variáveis quantitativas de todos os itens do LEU VAS. Sobre o significado de cada uma das análises realizadas (Mediana, Desvio Padrão e IC) veja descritivo na Parte 1 desse capítulo.

1. Descrição e Distribuição dos 15 Eventos mais relevantes do LEU/VAS

Os gráficos a seguir demonstram a frequência de suas ocorrências entre os 10 sujeitos da amostra e, quantas vezes esse evento foi avaliado como positivo ou negativo por esses sujeitos, bem como, se o referido evento ocorreu com o próprio sujeito ou alguém a ele (ela) próximo(a).

Facilitará a leitura desses gráficos se as barras em amarelo forem interpretadas como não-ocorrências.

Evento 1 - MORTE DO CÔNJUGE

No Gráfico 14 abaixo, vemos demonstrado as frequências da variável **Morte do Conjuge**, ítem 1 do LEU/VAS. Seis dos 10 sujeitos apontaram sua ocorrência em, pelo menos, uma vez nas suas vidas. Total de 7 ocorrências. Seis delas vivenciaram-na como evento negativo. A segunda morte foi vivida apenas por 10% da amostra (ou seja, 1 sujeito) e, igualmente, como evento negativo.

Gráfico 5.15: Distribuição de LEU VAS no Item 1 – **Morte do Cônjuge**

Tabela 5.11: Descritiva das Variáveis Quantitativas de LEU VAS

LEU VAS		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC
Evento 1 Morte do Cônjuge	1ANT1	86,7	100	32,7	6	26,1
	1ANT2	100,0	100	- x -	1	- x -
	1HOJ1	68,3	80	40,2	6	32,2
	1HOJ2	50,0	50	- x -	1	- x -

As médias destacadas em vermelho dizem respeito a um contingente de sujeitos igual ou >4 sujeitos. Somente essas médias serão consideradas nas posteriores análises estatísticas. A segunda ocorrência (ANTES e HOJE, respectivamente 1ANT2 e 1HOJ2) não teve contingente de N suficiente.

Tabela 5.12: Distribuição de LEU VAS no Evento 1 – **Morte do Cônjuge**

Evento 1 – Morte do Cônjuge	Sim		Não		P-valor
	N	%	N	%	
1.1	6	60%	4	40%	0,371
1.2	1	10%	9	90%	<0,001
1P1	0	0%	10	100%	<0,001
1P2	0	0%	10	100%	<0,001
1N1	6	60%	4	40%	0,371
1N2	1	10%	9	90%	<0,001
1VOC1	6	60%	4	40%	0,371
1VOC2	1	10%	9	90%	<0,001
1OUT1	0	0%	10	100%	<0,001
1OUT2	0	0%	10	100%	<0,001

Destacamos em verde as análises de significância de diferenças entre grupos que, apesar de serem significantes foram comparadas entre grupos onde, uma das partes contém um N <4.

Nenhuma das variáveis do Evento 1 – Morte do Cônjuge obteve resultado significativo quando foram comparados os grupos (= ou >4) de sujeitos que sofreram esse tipo de stress (Sim) e os que não o sofreram (Não).

Evento 2 – ACIDENTE OU DOENÇA

Na variável **Acidente ou Doença** (Gráfico 15), assinalada por 6 sujeitos, foram apontados 7 ocorrências. Todas vividas como Negativas e tendo acontecido com os próprios sujeitos da amostra.

Gráfico 5.16: Distribuição de LEU VAS no Item 4 – **Acidente ou Doença**

Tabela 5.13 – Média do Evento 4 – **Acidente ou Doença**

LEU VAS		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC
Item 4 - Acidente ou Doença	4ANT1	91,7	90	7,5	6	6,0
	4ANT2	100,0	100	- x -	1	- x -
	4HOJ1	43,3	30	38,3	6	30,6
	4HOJ2	100,0	100	- x -	1	- x -

As médias destacadas em vermelho dizem respeito a um contingente de sujeitos igual ou >4 sujeitos.

Somente essas médias serão consideradas nas posteriores análises estatísticas. A segunda ocorrência (ANTES e HOJE, respectivamente 4ANT2 e 4HOJ2) não teve contingente de N suficiente.

Tabela 5.14: Distribuição de LEU VAS no Evento 4 – **Acidente ou Doença**

Item 4 – Acidente ou Doença	Sim		Não		P-valor
	N	%	N	%	
4.1	6	60%	4	40%	0,371
4.2	1	10%	9	90%	<0,001
4P1	0	0%	10	100%	<0,001
4P2	0	0%	10	100%	<0,001
4N1	6	60%	4	40%	0,371
4N2	1	10%	9	90%	<0,001
4VOC1	6	60%	4	40%	0,371
4VOC2	1	10%	9	90%	<0,001
4OUT1	0	0%	10	100%	<0,001
4OUT2	0	0%	10	100%	<0,001

Destacamos em verde as análises de significância de diferenças entre grupos que, apesar de serem significantes foram comparadas entre grupos onde, uma das partes contém um N <4.

Nenhuma das variáveis do Evento 4 – Acidente ou Doença obteve resultado significativo quando foram comparados os grupos (= ou >4) de sujeitos que sofreram esse tipo de stress (Sim) e os que não o sofreram (Não).

Evento 5 - CASAMENTO

A variável **Casamento** (Gráfico 16), assinalada por 7 sujeitos, teve 9 ocorrências, visto que 2 sujeitos casaram-se 2 vezes. Oito vezes ele foi apontado como evento positivo e 1 vez como evento negativo. Todos os eventos ocorreram na vida dos próprios sujeitos.

Gráfico 5.17: Distribuição de LEU VAS no Item 5 – **Casamento**

Tabela 5.15: Média do LEU/VAS – Evento 5 - **Casamento**

LEU VAS		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC
Item 5 - Casamento	5ANT1	100,0	100	0,0	7	- x -
	5ANT2	100,0	100	0,0	2	- x -
	5HOJ1	71,4	100	45,6	7	33,8
	5HOJ2	50,0	50	70,7	2	98,0

As médias destacadas em vermelho dizem respeito a um contingente de sujeitos igual ou >4 sujeitos.

Somente essas médias serão consideradas nas posteriores análises estatísticas. A segunda ocorrência (ANTES e HOJE, respectivamente 5ANT2 e 5HOJ2) não teve contingente de N suficiente.

Tabela 5.16: Distribuição de LEU VAS no Item 5 – **Casamento**

Item 5 Casamento	Sim		Não		P-valor
	N	%	N	%	
5.1	7	70%	3	30%	0,074
5.2	2	20%	8	80%	0,007
5P1	6	60%	4	40%	0,371
5P2	2	20%	8	80%	0,007
5N1	1	10%	9	90%	<0,001
5N2	0	0%	10	100%	<0,001

5VOC1	7	70%	3	30%	0,074
5VOC2	2	20%	8	80%	0,007
5OUT1	0	0%	10	100%	<0,001
5OUT2	0	0%	10	100%	<0,001

Destacamos em verde as análises de significância de diferenças entre grupos que, apesar de serem significantes foram comparadas entre grupos onde, uma das partes contém um N <4.

Nenhuma das variáveis do Evento 5 – Casamento obteve resultado significativo quando foram comparados os grupos (= ou >4) de sujeitos que sofreram esse tipo de stress (Sim) e os que não o sofreram (Não).

Evento 8 - APOSENTADORIA

A variável **Aposentadoria** (Gráfico 17), assinalada por 8 sujeitos, foi vivida por 50% da amostra como evento positivo e 30% como negativo. Todos referiram-se à própria aposentadoria, 1 sujeito fez, todavia, referência à aposentadoria de uma outra pessoa.

Gráfico 5.18: Distribuição de LEU VAS no Item 8 – **Aposentadoria**

Tabela 5.17: Descritiva das Variáveis Quantitativas de LEU VAS

LEU VAS		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC
Item 8 – Aposentadoria	8ANT1	70,0	75	34,6	8	24,0
	8HOJ1	58,8	50	38,0	8	26,3

A variável Aposentadoria só correu uma única vez na vida dos 10 sujeitos da pesquisa. A média da primeira avaliação de stress (ANTES) foi 70,0 e caiu para 58,8 na avaliação para o stress que esse evento exerce na vida atual (HOJE).

Tabela 5.18: Distribuição de LEU VAS no Item 8 – Aposentadoria

Item 8 Aposentadoria	Sim		Não		P-valor
	N	%	N	%	
8.1	8	80%	2	20%	0,007
8P1	5	50%	5	50%	1,000
8N1	3	30%	7	70%	0,074
8VOC1	7	70%	3	30%	0,074
8OUT1	1	10%	9	90%	<0,001

Destacamos em verde as análises de significância de diferenças entre grupos que, apesar de serem significantes foram comparadas entre grupos onde, uma das partes contém um N <4.

Nenhuma das variáveis do Evento 8 – Aposentadoria obteve resultado significativo quando foram comparados os grupos (= ou >4) de sujeitos que sofreram esse tipo de stress (Sim) e os que não o sofreram (Não).

Evento 9 - GRAVIDEZ

A variável **Gravidez** (Gráfico 18) foi assinalada por 9 sujeitos e ocorreu 15 vezes na vida deles. Cinco sujeitos tiveram uma segunda gravidez. Quatro tiveram uma terceira, 2 tiveram uma quarta e 1 sujeito teve uma quinta e uma sexta gravidez. A avaliação positiva desse evento foi decrescendo no decorrer das suas ocorrências, chegando à 6ª gravidez como totalmente negativa. Essas gravidezes aconteceram com os sujeitos da amostra e com pessoas a elas significativas.

Gráfico 5.19 : Distribuição de LEU VAS no Item 9 – **Gravidez**

Tabela 5.19: Descritiva das Variáveis Quantitativas de LEU VAS

LEU VAS		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC
Item 9 – Gravidez	9ANT1	91,1	100	16,9	9	11,1
	9ANT2	71,4	100	48,8	7	36,1
	9ANT3	44,3	10	52,2	7	38,7
	9ANT4	100,0	100	0,0	2	- x -
	9ANT5	100,0	100	- x -	1	- x -
	9ANT6	100,0	100	- x -	1	- x -
	9HOJ1	78,9	100	42,0	9	27,4
	9HOJ2	57,1	100	53,5	7	39,6
	9HOJ3	30,0	0	48,0	7	35,5
	9HOJE4	100,0	100	0,0	2	- x -
	9HOJE5	100,0	100	- x -	1	- x -
	9HOJE6	0,0	0	- x -	1	- x -

O ditado “o exercício faz o mestre” pode ser visto aqui na resposta dos sujeitos sobre o impacto de stress no decorrer das gravidezes. A média do stress vivido na 1ª gravidez foi de 91,1, na terceira caiu para 44,3; Correspondentemente a avaliação sobre a intensidade desse stress hoje cai de 78,9 para 30,0.

Tabela 5.20: LEU/VAS – Evento 9 - **Gravidez**

Item 9 Gravidez	Sim		Não		P-valor
	N	%	N	%	
9.1	9	90%	1	10%	<0,001
9.2	5	50%	5	50%	1,000
9.3	4	40%	6	60%	0,371
9.4	2	20%	8	80%	0,007
9.5	1	10%	9	90%	<0,001
9.6	1	10%	9	90%	<0,001
9P1	6	60%	4	40%	0,371
9P2	3	30%	7	70%	0,074
9P3	3	30%	7	70%	0,074
9P4	2	20%	8	80%	0,007
9P5	1	10%	9	90%	<0,001
9P6	0	0%	10	100%	<0,001
9N1	3	30%	7	70%	0,074
9N2	2	20%	8	80%	0,007
9N3	1	10%	9	90%	<0,001
9N4	0	0%	10	100%	<0,001
9N5	0	0%	10	100%	<0,001
9N6	1	10%	9	90%	<0,001
9VOC1	7	70%	3	30%	0,074
9VOC2	3	30%	7	70%	0,074
9VOC3	2	20%	8	80%	0,007
9VOC3	0	0%	10	100%	<0,001
9VOC3	0	0%	10	100%	<0,001
9VOC3	0	0%	10	100%	<0,001
9OUT1	2	20%	8	80%	0,007
9OUT2	2	20%	8	80%	0,007
9OUT3	2	20%	8	80%	0,007
9OUT4	2	20%	8	80%	0,007
9OUT5	1	10%	9	90%	<0,001
9OUT6	1	10%	9	90%	<0,001

Destacamos em verde as análises de significância de diferenças entre grupos que, apesar de serem significantes foram comparadas entre grupos onde, uma das partes contém um N <4.

Nenhuma das variáveis do Evento 9 – Gravidez obteve resultado significativo quando foram comparados os grupos (= ou >4) de sujeitos que sofreram esse tipo de stress (Sim) e os que não o sofreram (Não).

A Tabela 18 mostra que não se pode falar de relação significativa quando os Ns que compõem os 2 grupos que estejam sendo comparados tiverem contigências muito discrepantes. É obvio que essas diferenças de médias serão grandes e significantes se o volume de dados que compõe a média de cada grupo não contiver certa proporcionalidade.

Evento 12 – NASCIMENTO DE CRIANÇA NA FAMÍLIA

A variável **Nascimento de Criança na Família** (Gráfico 19, assinalada por 7 sujeitos, ocorreu até 21 vezes na vida dos sujeitos da amostra e, com exceção de um único caso, foi em todos os demais um evento avaliado como positivo. Eles referiram-se nesse item ao nascimentos de seus próprios filhos como também de pessoas a eles significativas.

Gráfico 5.20: Distribuição de LEU VAS no Item 12 – **Nascimento de Criança na Família**

Tabela 5.21: Descritiva das Variáveis Quantitativas de LEU VAS

LEU VAS		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC
Item 12 – Nascimento de Criança na Família	12ANT1	100,0	100	0,0	7	- x -
	12ANT2	100,0	100	0,0	6	- x -
	12ANT3	100,0	100	0,0	5	- x -
	12ANT4	100,0	100	0,0	2	- x -
	12ANT5	100,0	100	- x -	1	- x -
	12HOJ1	87,1	100	34,0	7	25,2
	12HOJ2	100,0	100	0,0	6	- x -
	12HOJ3	100,0	100	0,0	5	- x -
	12HOJ4	100,0	100	0,0	2	- x -
	12HOJ5	100,0	100	- x -	1	- x -

As médias destacadas em vermelho dizem respeito a um contingente de sujeitos igual ou >4 sujeitos. Somente essas médias serão consideradas nas posteriores análises estatísticas. As ocorrências 4 e 5 (ANTES e HOJE, respectivamente 12ANT4 e 12ANT5 e 12HOJ4 e 12HOJ5) não tiveram contingente de N suficiente. As médias desse evento ANTES e HOJE permanecem, com exceção de uma única, inalteradas e no valor máximo: 100,00.

Tabela 20: Distribuição de LEU VAS no Item 12 - **Nascimento de Criança na Família**

Item12 Nascimento Criança	Sim		Não		P-valor
	N	%	N	%	
12.1	7	70%	3	30%	0,074
12.2	6	60%	4	40%	0,371
12.3	5	50%	5	50%	1,000
12.4	2	20%	8	80%	0,007
12.5	1	10%	9	90%	<0,001
12P1	6	60%	4	40%	0,371
12P2	6	60%	4	40%	0,371
12P3	5	50%	5	50%	1,000
12P4	2	20%	8	80%	0,007
12P5	1	10%	9	90%	<0,001
12N1	1	10%	9	90%	<0,001
12N2	0	0%	10	100%	<0,001
12N3	0	0%	10	100%	<0,001
12N4	0	0%	10	100%	<0,001
12N5	0	0%	10	100%	<0,001
12VOC1	7	70%	3	30%	0,074
12VOC2	4	40%	6	60%	0,371
12VOC3	3	30%	7	70%	0,074
12VOC4	1	10%	9	90%	<0,001
12VOC5	0	0%	10	100%	<0,001
12OUT1	0	0%	10	100%	<0,001
12OUT2	2	20%	8	80%	0,007
12OUT3	2	20%	8	80%	0,007
12OUT4	1	10%	9	90%	<0,001
12OUT5	1	10%	9	90%	<0,001

Destacamos em verde as análises de significância de diferenças entre grupos que, apesar de serem significantes foram comparadas entre grupos onde, uma das partes contém um N <4.

Nenhuma das variáveis do Evento 12 – Nascimento de Criança na Família obteve resultado significativo quando foram comparados os grupos (= ou >4) de sujeitos que reportaram esse tipo de stress (Sim) e os que não o sofreram (Não).

Evento 13 – MORTE DE ALGUÉM NA FAMÍLIA

O evento **Morte de Alguém na Família** (Gráfico 22), apontado por todos os 10 sujeitos da pesquisa, repetiu-se, mais 24 vezes na vida deles. Todas vividas como negativas em maior ou menor grau e ocorridas com pessoas significativas de seu próprio círculo e não de outros.

Gráfico 5.21: Distribuição de LEU VAS no Item 13 – **Morte de Alguém na Família**

Tabela 5.21: Descritiva das Variáveis Quantitativas de LEU VAS

LEU VAS		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC
Item 13 – Morte de Alguém na Família	13ANT1	98,0	100	4,2	10	2,6
	13ANT2	91,3	100	17,3	8	12,0
	13ANT3	96,0	100	5,5	5	4,8
	13ANT4	95,0	95	7,1	2	9,8
	13HOJ1	85,0	100	30,6	10	19,0
	13HOJ2	86,3	100	22,6	8	15,7
	13HOJ3	88,0	100	21,7	5	19,0
	13HOJ4	95,0	95	7,1	2	9,8

As médias destacadas em vermelho dizem respeito a um contingente de sujeitos igual ou >4 sujeitos. Somente essas médias serão consideradas nas posteriores análises estatísticas. Dentre as ocorrências posteriores uma única

(ANTES e HOJE, respectivamente 13ANT4 e 13HOJ4) não teve contingente de N suficiente.

Tabela 5.22: Distribuição de LEU VAS no Item 13 - **Morte de Alguém na Família**

Item 13 Morte na Família	Sim		Não		P-valor
	N	%	N	%	
13.1	10	100%	0	0%	<0,001
13.2	8	80%	2	20%	0,007
13.3	5	50%	5	50%	1,000
13.4	2	20%	8	80%	0,007
13P1	0	0%	10	100%	<0,001
13P2	0	0%	10	100%	<0,001
13P3	0	0%	10	100%	<0,001
13P4	0	0%	10	100%	<0,001
13N1	10	100%	0	0%	<0,001
13N2	8	80%	2	20%	0,007
13N3	5	50%	5	50%	1,000
13N4	2	20%	8	80%	0,007
13VOC1	10	100%	0	0%	<0,001
13VOC2	8	80%	2	20%	0,007
13VOC3	5	50%	5	50%	1,000
13VOC4	2	20%	8	80%	0,007
13OUT1	0	0%	10	100%	<0,001
13OUT2	0	0%	10	100%	<0,001
13OUT3	0	0%	10	100%	<0,001
13OUT4	0	0%	10	100%	<0,001

Destacamos em verde as análises de significância de diferenças entre grupos que, apesar de serem significantes foram comparadas entre grupos onde, uma das partes contém um N <4.

Nenhuma das variáveis do Evento 13 – Morte de Alguém na Família obteve resultado significativo quando foram comparados os grupos (= ou >4) de sujeitos que sofreram esse tipo de stress (Sim) e os que não o sofreram (Não).

Evento 15 – MUDANÇA NA CONDIÇÃO FINANCEIRA

O evento **Mudança na Condição Financeira** (Gráfico 23), assinalado por 4 participantes, não foi avaliado em nenhum dos casos como evento positivo, tendo eles se referido à ocorrência dessa mudança nas suas próprias vidas e, por um sujeito, na vida de pessoas queridas próximas.

Gráfico 5.22: Distribuição de LEU VAS no Item 15 – **Mudança na Condição Financeira**

Tabela 5.23: Descritiva das Variáveis Quantitativas de LEU VAS

LEU VAS		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC
Item 15 – Mudança na Condição Financeira	15ANT1	31,0	0	47,7	10	29,6
	15HOJ1	30,0	0	48,3	10	29,9

O evento Mudança na Condição Financeira teve apenas 1 ocorrência. O stress desse evento foi sofrido por todos os 10 sujeitos, não havendo, portanto, nenhum grupo que não o tenha sofrido. A média baixa indica que o impacto ANTES foi baixo e diluiu quase nada até os dias atuais (HOJE).

Tabela 23: Distribuição de LEU VAS no Item 15 - **Mudança na Condição Financeira**

Item 15 Mudança Condição Financeira	Sim		Não		P-valor
	N	%	N	%	
15.1	4	40%	6	60%	0,371
15P1	0	0%	10	100%	<0,001
15N1	4	40%	6	60%	0,371
15VOC1	3	30%	7	70%	0,074
15OUT1	1	10%	9	90%	<0,001

Destacamos em verde as análises de significância de diferenças entre grupos que, apesar de serem significantes foram comparadas entre grupos onde, uma das partes contém um $N < 4$.

Nenhuma das variáveis do Evento 15 – Mudança na Condição Financeira obteve resultado significativo quando foram comparados os grupos ($=$ ou >4) de sujeitos que sofreram esse tipo de stress (Sim) e os que não o sofreram (Não).

Evento 19 – MORTE DE ALGUM AMIGO ÍNTIMO

O evento **Morte de Algum Amigo Íntimo** (Gráfico 24), apontada por 9 sujeitos, ocorreu, no máximo 2 vezes, na vida de 3 sujeitos. Total 12 ocorrências. Todas vividas como evento negativo e no âmbito de seu círculo íntimo de pessoas.

Gráfico 5.23: Distribuição de LEU VAS no Item 19 – **Morte de Algum Amigo Íntimo**

Tabela 5.24: Descritiva das Variáveis Quantitativas de LEU VAS

LEU VAS	Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC
---------	-------	---------	---------------	---	----

Item 19 – Morte de um Amigo Íntimo	19ANT1	87,8	100	21,7	9	14,2
	19ANT2	83,3	100	28,9	3	32,7
	19HOJ1	55,6	60	41,0	9	26,8
	19HOJ2	53,3	50	45,1	3	51,0

As médias destacadas em vermelho dizem respeito a um contingente de sujeitos igual ou >4 sujeitos. Somente essas médias serão consideradas nas posteriores análises estatísticas. A ocorrência posterior (ANTES e HOJE, respectivamente 19ANT2 e 19HOJ2) não teve contingente de N suficiente.

Tabela 5.25: Distribuição de LEU VAS no Item 19 - **Morte de um Amigo Íntimo**

Item 19 Morte Amigo	Sim		Não		P-valor
	N	%	N	%	
19.1	9	90%	1	10%	<0,001
19.2	3	30%	7	70%	0,074
19P1	0	0%	10	100%	<0,001
19P2	0	0%	10	100%	<0,001
19N1	9	90%	1	10%	<0,001
19N2	3	30%	7	70%	0,074
19VOC1	9	90%	1	10%	<0,001
19VOC2	3	30%	7	70%	0,074
19OUT1	0	0%	10	100%	<0,001
19OUT2	0	0%	10	100%	<0,001

Destacamos em verde as análises de significância de diferenças entre grupos que, apesar de serem significantes foram comparadas entre grupos onde, uma das partes contém um N <4.

Nenhuma das variáveis do Evento 19 – Morte de Amigo Íntimo obteve resultado significativo quando foram comparados os grupos (= ou >4) de sujeitos que sofreram esse tipo de stress (Sim) e os que não o sofreram (Não).

Evento 23 – SAÍDA DE FILHO DE CASA

O evento **Saída de Filho de Casa** (Gráfico 25), foi apontado por 4 sujeitos. Eles se referiram a, no máximo 3 dessas ocorrências, que foram vividas, tanto positiva, como negativamente. Eles se referiram, exclusivamente, a seus próprios filhos.

Gráfico 5.24: Distribuição de LEU VAS no Item 23 – Saída de Filho de Casa

Tabela 5.26: Descritiva das Variáveis Quantitativas de LEU VAS

LEU VAS		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC
Item 23 – Saída de Filho de Casa	23ANT1	82,5	80	12,6	4	12,3
	23ANT2	100,0	100	- x -	1	- x -
	23ANT3	100,0	100	- x -	1	- x -
	23HOJ1	72,5	80	29,9	4	29,3
	23HOJ2	100,0	100	- x -	1	- x -
	23HOJ3	100,0	100	- x -	1	- x -

As médias destacadas em vermelho dizem respeito a um contingente de sujeitos igual ou >4 sujeitos. Somente essas médias serão consideradas nas posteriores análises estatísticas. As duas ocorrências posteriores (ANTES e HOJE, respectivamente 23ANT2 e 23ANT3 e 23HOJ2 e 23HOJ3) não tiveram contingentes de N suficientes.

Tabela 5.27: Distribuição de LEU VAS no Item 23 - Saída de Filho de Casa

Item 23 Saída Filho	Sim		Não		P-valor
	N	%	N	%	
23.1	4	40%	6	60%	0,371
23.2	1	10%	9	90%	<0,001
23.3	1	10%	9	90%	<0,001
23P1	2	20%	8	80%	0,007

23P2	1	10%	9	90%	<0,001
23P3	1	10%	9	90%	<0,001
23N1	2	20%	8	80%	0,007
23N2	0	0%	10	100%	<0,001
23N3	0	0%	10	100%	<0,001
23VOC1	4	40%	6	60%	0,371
23VOC2	1	10%	9	90%	<0,001
23VOC3	1	10%	9	90%	<0,001
23OUT1	0	0%	10	100%	<0,001
23OUT2	0	0%	10	100%	<0,001
23OUT3	0	0%	10	100%	<0,001

Destacamos em verde as análises de significância de diferenças entre grupos que, apesar de serem significantes foram comparadas entre grupos onde, uma das partes contém um N <4.

Nenhuma das variáveis do Evento 23 – Saída de Filho de Casa obteve resultado significativo quando foram comparados os grupos (= ou >4) de sujeitos que sofreram esse tipo de stress (Sim) e os que não o sofreram (Não).

Evento 29 – ABANDONO DOS ESTUDOS

O evento **Abandono dos Estudos** (Gráfico 26), apontado por 4 sujeitos, foi avaliado por todos eles como negativo e dizem respeito às suas próprias vidas

Gráfico 5.26: Distribuição de LEU VAS no Item 29 – **Abandono dos Estudos**

Tabela 5.25: Descritiva das Variáveis Quantitativas de LEU VAS

LEU VAS		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC
Item 29 – Abandono dos Estudos	29ANT1	100,0	100	0,0	4	- x -
	29HOJ1	77,5	90	33,0	4	32,4

O evento Abandono dos Estudos teve apenas 1 ocorrência. O stress desse evento foi sofrido por 4 sujeitos. A média alta indica que o impacto ANTES foi alto e diluiu em apenas um quarto até os dias atuais (HOJE).

Tabela 5.26: Distribuição de LEU VAS no Item 29 - **Abandono dos Estudos**

Item 29	Sim		Não		P-valor
	N	%	N	%	
29.1	4	40%	6	60%	0,371
29P1	0	0%	10	100%	<0,001
29N1	4	40%	6	60%	0,371
29VOC1	4	40%	6	60%	0,371
29OUT1	0	0%	10	100%	<0,001

Destacamos em verde as análises de significância de diferenças entre grupos que, apesar de serem significantes foram comparadas entre grupos onde, uma das partes contém um N <4.

Nenhuma das variáveis do Evento 29 – Abandono dos Estudos obteve resultado significativo quando foram comparados os grupos (= ou >4) de sujeitos que sofreram esse tipo de stress (Sim) e os que não o sofreram (Não).

Evento 43 – MUDANÇA DOS HÁBITOS ALIMENTARES

As **Mudanças nos Hábitos Alimentares** (Gráfico 27), apontadas por 4 sujeitos, foram vividas tanto positiva como negativamente. Positivamente por apenas 1 sujeito. e dizem respeito à vida dos participantes e não de outras pessoas.

Gráfico 5. 27: Distribuição de LEU VAS no Item 43 – **Mudança nos Hábitos Alimentares**

Tabela 5.27: Descritiva das Variáveis Quantitativas de LEU VAS

LEU VAS	Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC
Item 43 – Mudança de Hábitos de Alimentação					
43ANT1	75,0	75	28,9	4	28,3
43HOJ1	52,5	50	36,9	4	36,1

O evento Mudança de Hábitos de Alimentação, apontado por 4 sujeitos, teve apenas 1 ocorrência. O stress desse evento foi sofrido por 4 sujeitos.

Tabela 5.28: Distribuição de LEU VAS no Item 43 - **Mudança de Hábitos Alimentares**

Item 43 Mudança Hábitos Alimentares	Sim		Não		P-valor
	N	%	N	%	
43.1	4	40%	6	60%	0,371
43P1	1	10%	9	90%	<0,001
43N1	3	30%	7	70%	0,074
43VOC1	4	40%	6	60%	0,371
43OUT1	0	0%	10	100%	<0,001

Destacamos em verde as análises de significância de diferenças entre grupos que, apesar de serem significantes foram comparadas entre grupos onde, uma das partes contém um N <4.

Nenhuma das variáveis do Evento 43 – Mudança nos Hábitos Alimentares obteve resultado significativo quando foram comparados os grupos (= ou >4) de sujeitos que sofreram esse tipo de stress (Sim) e os que não o sofreram (Não).

Evento 44 - FÉRIAS

O evento **Férias** (Gráfico 28), assinalado por 4 sujeitos, foi sempre vivido como positivo. Nesse item os sujeitos fizeram referência a suas próprias férias.

Gráfico 5.28: Distribuição de LEU VAS no Item 44 – Férias

Tabela 5.29: Descritiva das Variáveis Quantitativas de LEU VAS

LEU VAS		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC
Item 44 – Férias	44ANT1	95,0	100	10,0	4	9,8
	44HOJ1	77,5	100	45,0	4	44,1

O evento Férias, apontada por 4 sujeitos, teve apenas 1 ocorrência. O stress desse evento foi sofrido por 4 sujeitos.

Tabela 5.30: Distribuição de LEU VAS no Item 44 – Férias

Item 44 Férias	Sim		Não		P-valor
	N	%	N	%	
44.1	4	40%	6	60%	0,371
44P1	4	40%	6	60%	0,371
44N1	0	0%	10	100%	<0,001
44VOC1	4	40%	6	60%	0,371
44OUT1	0	0%	10	100%	<0,001

Destacamos em verde as análises de significância de diferenças entre grupos que, apesar de serem significantes foram comparadas entre grupos onde, uma das partes contém um N <4.

Nenhuma das variáveis do Evento 44 – Férias obteve resultado significativo quando foram comparados os grupos ($=$ ou >4) de sujeitos que sofreram esse tipo de stress (Sim) e os que não o sofreram (Não).

Evento 48 – ROUBO OU ASSALTO

A ocorrência de **Roubo ou Assalto** (Gráfico 29), mencionada por 4 sujeitos, foi sempre vivida como negativa e mencionada em relação a si próprio.

Gráfico 5.29: Distribuição de LEU VAS no Item 48 – **Roubo ou Assalto**

Tabela 5.31: Descritiva das Variáveis Quantitativas de LEU VAS

LEU VAS	Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC
Item 48 – Roubo ou Assalto					
48ANT1	87,5	100	25,0	4	24,5
48HOJ1	30,0	10	46,9	4	46,0

O evento Roubo ou Assalto teve apenas 1 ocorrência. O stress desse evento foi sofrido por 4 sujeitos. A média alta indica que o impacto ANTES foi alto, mas que se diluiu até os dias atuais (HOJE).

Tabela 5.32: Distribuição de LEU VAS no Item 48 - **Roubo ou Assalto**

Item 48 Roubo Assalto	Sim		Não		P-valor
	N	%	N	%	
48.1	4	40%	6	60%	0,371
48P1	0	0%	10	100%	<0,001
48N1	4	40%	6	60%	0,371
48VOC1	4	40%	6	60%	0,371
48OUT1	0	0%	10	100%	<0,001

Destacamos em verde as análises de significância de diferenças entre grupos que, apesar de serem significantes foram comparadas entre grupos onde, uma das partes contém um N <4.

Nenhuma das variáveis do Evento 48 – Roubo ou Assalto obteve resultado significativo quando foram comparados os grupos (= ou >4) de sujeitos que sofreram esse tipo de stress (Sim) e os que não o sofreram (Não).

Evento 50 - CIRURGIA

O evento **Cirurgia** (Gráfico 30), apontado por 8 sujeitos, ocorreu 16 vezes. Seis delas foram vividas como positivas e 10 como negativas e referidas somente às próprias cirurgias.

Gráfico 5.30: Distribuição de LEU VAS no Item 50 – **Cirurgia**

Tabela 5.33: Descritiva das Variáveis Quantitativas de LEU VAS

LEU VAS		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC
Item 50 – Cirurgia	50ANT1	83,8	95	22,0	8	15,2
	50ANT2	95,0	100	10,0	4	9,8
	50ANT3	100,0	100	0,0	2	- x -
	50ANT4	100,0	100	- x -	1	- x -
	50ANT5	50,0	50	- x -	1	- x -
	50HOJ1	60,0	85	47,5	8	32,9
	50HOJ2	70,0	90	47,6	4	46,7
	50HOJ3	100,0	100	0,0	2	- x -
	50HOJ4	100,0	10	- x -	1	- x -
	50HOJ5	100,0	10	- x -	1	- x -

As médias destacadas em vermelho dizem respeito a um contingente de sujeitos igual ou >4 sujeitos. Somente essas médias serão consideradas nas posteriores análises estatísticas. As três ocorrências posteriores (ANTES e HOJE, respectivamente 50ANT3, 50ANT4, 50ANT5 e 50HOJ3, 50HOJ4 e 50HOJ5) não tiveram contingentes de N suficientes.

Tabela 5.34: Distribuição de LEU VAS no Item 50 – **Cirurgia**

Item 50 Cirurgia	Sim		Não		P-valor
	N	%	N	%	
52.1	8	80%	2	20%	0,007
50.2	4	40%	6	60%	0,371
50.3	2	20%	8	80%	0,007
50.4	1	10%	9	90%	<0,001
50.5	1	10%	9	90%	<0,001
50P1	4	40%	6	60%	0,371
50P2	1	10%	9	90%	<0,001
50P3	1	10%	9	90%	<0,001
50P4	0	0%	10	100%	<0,001
50P5	0	0%	10	100%	<0,001
50N1	4	40%	6	60%	0,371
50N2	3	30%	7	70%	0,074
50N3	1	10%	9	90%	<0,001
50N4	1	10%	9	90%	<0,001
50N5	1	10%	9	90%	<0,001
50VOC1	8	80%	2	20%	0,007
50VOC2	4	40%	6	60%	0,371
50VOC3	2	20%	8	80%	0,007
50VOC4	1	10%	9	90%	<0,001
50VOC5	1	10%	9	90%	<0,001
50OUT1	0	0%	10	100%	<0,001
50OUT2	0	0%	10	100%	<0,001
50OUT3	0	0%	10	100%	<0,001
50OUT4	0	0%	10	100%	<0,001
50OUT5	0	0%	10	100%	<0,001

Destacamos em verde as análises de significância de diferenças entre grupos que, apesar de serem significantes foram comparadas entre grupos onde, uma das partes contém um N <4.

Nenhuma das variáveis do Evento 50 – Cirurgia obteve resultado significativo quando foram comparados os grupos (= ou >4) de sujeitos que sofreram esse tipo de stress (Sim) e os que não o sofreram (Não).

Com base nesse critério podemos estabelecer a tabela abaixo, a qual resume o que consideramos relevante na avaliação de todos os 15 eventos:

Tabela 5.35: Resumo das Variáveis Relevantes

Evento	Categoria	N	Média / Nível de Stress
Morte do Cônjuge	Antes	6	86,7 - altíssimo
Morte do Cônjuge	Hoje	6	68,3 – alto
Acidente ou Doença	Antes	6	91,7 – altíssimo
Acidente ou Doença	Hoje	6	43,3 - moderado

Casamento	Antes	7	100,0 - altíssimo
Casamento	Hoje	7	71,4 – alto
Aposentadoria	Antes	8	70,0 – alto
Aposentadoria	Hoje	8	58,8 – alto
1ª Gravidez	Antes	9	91,9 – altíssimo
2ª Gravidez	Antes	7	71,4 – alto
1ª Gravidez	Hoje	9	78,9 – altíssimo
2ª Gravidez	Hoje	7	57,1 – alto
1º Nascimento de Criança na Família	Antes	7	100,0 - altíssimo
2º Nascimento de Criança na Família	Antes	6	100,0 - altíssimo
3º Nascimento de Criança na Família	Antes	5	100,0 - altíssimo
1º Nascimento de Criança na Família	Hoje	7	87,1 – altíssimo
2º Nascimento de Criança na Família	Hoje	6	100,0 – altíssimo
3º Nascimento de Criança na Família	Hoje	5	100,0 - altísssimo
1ª Morte de Alguém na Família	Antes	10	98,0 – altíssimo
2ª Morte de Alguém na Família	Antes	8	91,3 – altíssimo
3ª Morte de Alguém na Família	Antes	5	96,0 – altíssimo
1ª Morte de Alguém na Família	Hoje	10	85,0 – altíssimo
2ª Morte de Alguém na Família	Hoje	8	86,3 – altíssimo
3ª Morte de Alguém na Família	Hoje	5	88,0 – altíssimo
Morte de Amigo Íntimo	Antes	9	87,8 - altíssimo

Morte de Amigo Íntimo	Hoje	9	55,6 - alto
Saída de Filho de Casa	Antes	4	82,5 - altíssimo
Saída de Filho de Casa	Hoje	4	72,5 – alto
Abandono dos Estudos	Antes	4	100,0 - altíssimo
Abandono dos Estudos	Hoje	4	77,5 - altíssimo
Mudança de Hábitos Alimentares	Antes	4	75,0 - alto
Mudança de Hábitos Alimentares	Hoje	4	52,5 - alto
Férias	Antes	4	95,0 - altíssimo
Férias	Hoje	4	77,5 - altíssimo
Roubo ou Assalto	Antes	4	87,5 - altíssimo
Roubo ou Assalto	Hoje	4	30,0 - moderado
1ª Cirurgia	Antes	8	83,8 - altíssimo
2ª Cirurgia	Antes	4	95,0 - altíssimo
1ª Cirurgia	Hoje	8	60,0 – alto
2ª Cirurgia	Hoje	4	70,0 - alto

2. Eventos, Eustress, Distress, Eu coping e Discoping

A - Considerações introdutórias sobre a metodologia de avaliação do LEU/VAS

Conforme mencionado anteriormente, ficou convencionado com o autor do Teste que variáveis assinaladas por um número inferior a 40% do N total de 10 de sujeitos da amostra, portanto, 4 sujeitos, não serão apresentadas aqui, apenas citadas, e seus dados não serão considerados para posteriores análises.

Quando um evento qualquer ocorre, seja ele vivenciado como positivo ou negativo, gera, no primeiríssimo instante (10 milionésimos de segundo), independente de nossa decisão e vontade, um estado de stress. Na nomenclatura tradicional, quando vivenciado como positivo denominamo-lo Eustress, quando experimentado como negativo Distress. Toda vez que esse estado de stress se forma nosso aparelho psicológico desenvolve, porém, uma estratégia para reduzir o dano que os stressores possam causar ao organismo. Denominamos essa estratégia,

Coping. O coping é formado em 24 milionésimos de segundo e sofre interferência de nossa vontade e consciência. Enquanto o termo stress foi quase que, exclusivamente, associado a desgaste e sintomas - o termo eustress e distress raramente são utilizados para diferenciar os estados de stress - o termo Coping ganhou conotação quase que exclusivamente positiva.

Para interpretar os dados resultados das avaliações de nossa amostra faremos uso da leitura que Vasconcellos (2015) faz dos termos Stress e Coping, onde Stress não gera doenças nem desgaste patológico, enquanto Distress e Eustress, sim. Nessa referida interpretação conceitual Coping se distingue em Eucoping - quando resulta na solução eficaz da situação de stress - e Discoping, nos casos onde a estratégia efetuada não conseguiu efeito eficaz de solução. Quando isso ocorre o sofrimento gerado pelo stress inicial se prolonga no tempo e ganha estados significativos de Distress. **As duas variáveis que caracterizam o distress são: significado e tempo.**

A partir dessa conceituação categorizamos os eventos do LEU/VAS, primeiramente, como eventos geradores de stress. Dependendo da avaliação que o sujeito faça sobre o impacto desses eventos em suas vidas (o índice mencionado representa o significado que o evento teve em suas vidas), e, considerando, como esse impacto permaneceu, diluiu ou aumentou no decorrer do tempo entre seu acontecimento e a data atual (coleta do dado), eles serão classificados em Eustress e Distress. Dessa forma todo e qualquer evento de stress pode, ou não, evoluir para a dimensão eustressante ou distressante, dependendo de 3 critérios: a) se foi avaliado como positivo ou negativo pelo sujeito; b) o nível que tenha sido avaliado pelo sujeito no momento em que ocorreu e no momento atual; c) caso tenha permanecido num nível alto de impacto e, ou, aumentado de nível no decorrer do tempo. Em caso de redução significativa ele conservará sua categoria primordial de evento de stress.

Tomemos como exemplo o evento Perda de emprego. Tal evento é, por natureza, um evento gerador de stress. Como tal e dependendo das circunstâncias de vida do sujeito ele pode ter diferentes categorias de impacto: a) pode ser um stress com baixo **significado**, causar um relativo, mas pequeno transtorno (nesse caso receberá uma pontuação baixa); b) pode ter significado um alívio, pois o indivíduo queria muito mudar de atividade ou empresa (nesse caso receberá uma pontuação moderada e significará assim, mais eustress do que simplesmente stress); c) pode também ter causado grande impacto na vida do sujeito e com consequências sobrecarregantes para seu futuro (nesse caso receberá uma pontuação alta a altíssima e significará distress). Como todo e qualquer indivíduo tem a possibilidade e capacidade de desenvolver uma estratégia para lidar com esse evento stressante, ele desenvolverá, irremediavelmente, um coping para tal. Depois de algum **tempo**, sob o efeito do coping desenvolvido, o impacto causado pode continuar sendo avaliado como: a) igual como antes (não reduziu, não foi modificado pelo coping, o coping não foi eficaz e pode ser visto como discoping); b) diluiu em

certa proporção (o grau de diluição do impacto inicial vai designar as possíveis alterações que o coping tenha provocado no impacto original, e essas variações vão de pequenas a grandes reduções) ou, c) possivelmente agravado o impacto original tornando-o mais sobrecarregante no decorrer dos anos (por exemplo, o que fora vivido, primeiramente, como alívio, por conta de uma crise estrutural e do aumento de desemprego tenha gerado grande dificuldade de recolocação). A equação da *diferença entre os índices de stress inicial e hoje (DIFAH) dividido pelo tempo decorrido entre essas datas* é que vai gerar o resultado final do LEU/VAS. Resultado esse que revela a evolução do impacto e da qualidade do evento para a vida de cada sujeito. Dessa forma o significado do evento pode permanecer como simples **evento de stress** ou ter evoluído para uma **dimensão patológica**.

Aos sujeitos foi perguntado sobre o impacto causado no momento em que cada evento ocorreu (ANT) e quanto ele ainda causa hoje nas suas vidas (HOJ). A diferença entre essas avaliações (DIFAH) foi dividida pelos números de anos decorridos entre o momento primeiro e o dia da coleta de dados. Naqueles casos onde a redução ou diluição do impacto foi pouca e lenta, configurou-se a existência de Eustress (nos eventos avaliados como positivos) e Distress (nos eventos considerados negativos).

Conforme descrito acima, o resultado final do LEU/VAS demonstrado abaixo é decorrente de 4 classificações dadas aos índices de cada sujeito:

1) índice de stress ANT

2) índice de stress HOJ

Ambos serão classificados em:

Stress baixo - quando o índice apontado for entre 0 e 25 pontos

Stress moderado - quando o índice apontado for entre 26 a 50 pontos

Stress alto - quando o índice apontado for entre 51 a 75 pontos

Stress altíssimo - quando o índice apontado for > 75 pontos, ou seja, entre 76 e 100 pontos

3) Índice de redução do impacto inicial e atual DIFAH. Essa redução será classificada como:

Redução baixíssima - quando o DIFAH for de 0 a 5 pontos

Redução baixa - quando o DIFAH for de 6 a 10 pontos

Redução moderada - quando o DIFAH for entre 11 e 25 pontos

Redução alta - quando o DIFAH for entre 26 e 50 pontos

Redução altíssima - quando o DIFAH for < 50 pontos, ou seja, de 49 a 0 pontos

4) A classificação final que se constituirá da divisão DIFAH/Tempo decorrido entre a data do evento e o momento atual, será classificada como:

Redução de 0 a 1,0 ponto por ano decorrido indica **Eustress ou Distress altíssimo**

Redução de 1,1 a 2,0 pontos por ano decorrido indica **Eustress ou Distress alto**

Redução de 2,1 a 3,0 pontos por ano decorrido indica **Eustress ou Distress moderado**

Redução > 3,0 pontos por ano decorrido indica **permanência ou retorno ao estado de stress**

Serão estabelecidos 7 tipos de Grupos e de Ranking:

- 1) eventos considerados positivos (P)
- 2) eventos considerados negativos (N)
- 3) eventos considerados positivos e também negativos (parte da amostra considerou positivo e parte negativo) serão mencionados nos dois rankings;
- 4) positivos com alta ou altíssima margem de redução anual – Eustress/Eucoping
- 5) negativos com alta ou altíssima margem de redução anual - Distress/Eucoping
- 6) positivos com pouca ou moderada margem de redução anual - Eustress/Dis coping
- 7) negativos com pouca ou moderada margem de redução anual - Distress/Dis coping

B - RESULTADOS DO LEU/VAS

Nas considerações posteriores à apresentação de cada tabela descreveremos apenas as médias da amostra total. Apenas em alguns casos avulsos teceremos considerações individuais.

Evento 1 – MORTE DO CÔNJUGE

Tabela 5.36: Médias Evento 1 - Morte do Cônjuge

	1.1	1INTOT	1N1	1ANT1	1HOJ1	1DIFAH1	1VOC1
Total		234	6	520	410	110	6
N	6	6	6	6	6	6	6
MÉDIA		39		86,6	68,3	18,3	

Na presente análise desconsideramos o fato de um sujeito ter reportado ter sofrido morte de cônjuge duas vezes, visto que o N amostral para essa consideração é insignificante. Esse fato já foi mencionado ao final do subcapítulo 2 (Análise quantitativa das variáveis do LEU/VAS) quando observamos que em muito itens temos a menor amostragem possível, ou seja, apenas 1 caso. Assim, nessa análise devemos levar em consideração o N amostral, pois conclusões sobre um N de 2 ou 1 caso não possuem fidedignidade quantitativa ou estatística nenhuma. O critério estabelecido é de N mínimo de 4 sujeitos.

A Tabela completa com os dados individuais dos sujeitos encontram-se nos Anexos F – Tabela Geral.

Frequentemente faremos observações sobre outras ocorrências do mesmo evento a título de comparação. Algumas vezes esses dados serão inseridos nas presentes tabelas, outras vezes serão, simplesmente, apontados ou comentados no texto.

1INTTOT = a média do Intervalo de anos decorridos entre o evento (morte do cônjuge) e 2016 (ano da coleta) para os 6 sujeitos que assinalaram esse item é de 39 anos.

1N = Todos apontaram esse evento como sendo negativo

1ANT = O nível de stress desse evento foi, primeiramente, avaliado com uma pontuação média de 86,7 pontos. Nível de stress altíssimo.

1HOJ = O nível de stress ainda existente hoje alcançou a média de 68,3 pontos, portanto, nível de stress alto.

1DIFAH = A diferença média de pontos entre o índice da época do evento e hoje é de 18,3 pontos, o que indica uma redução moderada do impacto do evento sobre a vida desses 6 sujeitos.

O impacto original diluiu lentamente no decorrer de 39 anos numa proporção de 0,47 pontos anualmente, o que caracteriza **Distress altíssimo**.

Os itens 02 (Divórcio, N = 1) e 03 (Prisão, N = 1) não preencheram o critério mínimo de 4 assinalamentos.

Evento 4 – ACIDENTE OU DOENÇA

Tabela 5.37: Médias Evento 4 – Acidente ou Doença

	4.1	4.2	4INT12	4INTTOT	4N1	4N2	4ANT1	4ANT2	4HOJ1	4HOJ2
Total			10	113	6	1	550	100	260	100
N	6	1	1	6	6	1	6	1	6	1
MÉDIA			10	22,6			91,6	100	43,3	100

Tabela 5.38: Médias Evento 4 – Acidente ou Doença

	4DIFAH1	4DIFAH2	4VOC1	4VOC2
Total	290	0	5	1
N	6	1	5	1
MÉDIA	48,3	0		

O evento Acidente ou Doença foi apontado por 6 sujeitos e por um deles como tendo ocorrido 2 vezes. O intervalo de tempo entre essas duas ocorrências foi de 10 anos. Considerando-se o intervalo de tempo decorrido entre a primeira ocorrência e o momento da coleta de dados temos uma latência média de 22,6 anos. Todos os eventos foram considerados negativos. A redução do nível de stress para os que assinalaram apenas 1 vez esse evento, caiu em média, 48,3 pontos, ou seja, 2.14 pontos anualmente. Isso não ocorreu com o sujeito que apontou uma segunda ocorrência, o nível de stress (100 pontos) permaneceu igual nos 10 anos passados entre elas. O evento foi primeiramente classificado com nível de stress altíssimo (média 96,1 pontos), na segunda avaliação com nível de stress moderado (média 43,3 pontos). A redução de impacto foi alta (média 48,3 pontos). A classificação final é de Distress moderado.

Evento 5 – CASAMENTO

Tabela 5.39: Médias Evento 5 – Casamento

Sujeito	5.1	5.2	5INTTOT	5P1	5P2	5N1	5ANT1	5HOJ1	5DIFAH1	5VOC1
Total			421				700	500	200	7
N	7	2	7	6	2	1	7	7	7	7
MÉDIA			60,1	6	2	1	100	71,4	28.5	

70% dos sujeitos assinalaram a variável Casamento como importante para suas vidas. Apenas 2 sujeitos (sujeito G.J. e M.R.S.I.) assinalaram esse evento 2 vezes. O sujeito G.J. casou-se 17 anos depois do primeiro casamento e apontou ambos como positivo com nível de stress máximo (100 pontos). O sujeito M.R.S.I casou-se 14 anos depois do primeiro casamento. Ele assinalou ambos os eventos com o número máximo de pontos de stress (100 pontos), todavia considerando o primeiro casamento como stress negativo e o segundo como positivo. Os segundos assinalamentos serão considerados apenas para inserção do evento nos grupos e rankings.

A média de anos desde a ocorrência do evento Casamento e o ano da coleta de dados foi de 60,1 anos. Todos assinalaram esse evento com a carga máxima de pontos para o momento em que ele aconteceu (100 pontos), portanto a média de nível de stress foi 100 pontos (eustress altíssimo), e o nível de stress que esse evento ainda exerce sobre o momento atual das suas vidas como sendo alto (eustress alto com média de 71,4 pontos). A redução do nível de stress entre antes e hoje obteve a média 28,5 pontos por sujeito.

Inferimos daí que o evento Casamento exerceu fortíssimo impacto positivo na vida de 7 dos 10 sujeitos de nossa amostra, e que, 60,1 anos após esse evento ainda permanece gerando forte impacto, visto que a redução de 28,5 pontos em 60,1 anos é consideravelmente pequena, 0,47 pontos anualmente. O eustress inicial permanece eustress hoje.

Os eventos 6 (Perda de emprego, N = 1) e 7 (Reconciliação com o cônjuge, N = 0) não preencheram o critério mínimo estabelecido de 40% de assinalamentos.

Evento 8 – APOSENTADORIA

Tabela 5.40: Médias Evento 8 - Aposentadoria

	8.1	8INTTOT	8P1	8N1	8ANT1	8HOJ1	8DIFAH1	8VOC1	8OUT1
Total		239	5	3	560	470	90		
N	8	8	5	3	8	8	8	7	1
MÉDIA		29,8			70	58,7	11.3		

80% dos sujeitos da amostra declararam Aposentadoria como tendo acarretado stress alto sobre a vida deles. A média de anos entre a Aposentadoria e o momento da coleta é de 29,8 anos. 5 deles avaliaram como positivo e 3 como negativo. O impacto médio exercido na época da entrada na aposentadoria é de 70 pontos. O efeito desse impacto nos dias atuais é de apenas 58,7 pontos. A média de redução do nível de stress gerado pela Aposentadoria desde então até hoje (11,2 pontos) é de 0,38 pontos anualmente. Cabe ainda ressaltar que não ocorreu nenhuma redução de nível de stress nos sujeitos que apontaram a Aposentadoria como evento negativo em suas vidas. Enquanto aqueles que a sentiram como positivo diminuíram a média de 80 pontos para Antes e a média de 72 pontos para Hoje, portanto redução média de 1,6 pontos. Numa perspectiva anual ocorreu uma redução de 0,7 pontos para cada um dos sujeitos do grupo que avaliou a Aposentadoria como positiva. Se focarmos essa análise exclusivamente sobre aqueles que efetuaram alguma redução temos apenas dois sujeitos (M.R.S.I. e P.F.V), o primeiro com 50 pontos no total, ou 1,64 pontos anualmente e o segundo com um total de 40 pontos ou 1,31 pontos anualmente.

Evento 9 – GRAVIDEZ

Tabela 5.41: Médias Evento 9 - Gravidez

Sujeito	9.1	9.2	9.3	9.4	9.5	9.6
G.J.	1952					
H.S.U.	1945					
H.X.						
I.M.I	1965	1969	1970			
J.V.	1970	1975				
M.R.S.I.	1953	1955	1958	1960		
O.M.F.	1954	1956	1958	1962	1967	1969
P.F.V.	1960					
P.V.I.P.F.	1953	1955	1958			
Q.A.	1965					
Total						
N	9	5	4	2	1	1

O Evento Gravidez teve uma distribuição bastante diferenciada das demais. Por esse motivo expomos aqui, primeiramente a tabela todas das ocorrências citadas pelos sujeitos. O espectro *pirâmide deitada* é interessante até a posição 4

O assinalamento dos eventos ocorridos implica em dizer se ele aconteceu com o sujeito da pesquisa ou com alguém a ele significante. Os sujeitos de nossa

amostra tiveram 16 filhos, 18 netos e 2 bisnetos, o que perfaz um total de 36 gravidezes com sucesso. No entanto, através das entrevistas elas nos revelaram que tiveram 7 perdas ou gravidezes por algum motivo interrompidas. Ao assinalar esse item elas referiram-se a todas as gravidezes vividas (próprias, das filhas ou noras e das netas ou esposas de seus netos). Os comentários das tabelas não distinguem as gravidezes de tal maneira a identificar esses pormenores. Sabemos apenas que 12 assinalamentos dizem respeito a gravidezes próprias e 10 a de outros (parentes - esposas). Nove sujeitos mencionaram pelo menos 1 gravidez. Cinco mencionaram pelo menos 2. Quatro mencionaram pelo menos 3, dois sujeitos mencionaram pelo menos 4 gravidezes, 1 sujeito mencionou 6 gravidezes. O intervalo médio entre o nascimento do primeiro e do segundo filho foi de 3 anos. Entre o segundo e o terceiro foi de 2,25 anos. Entre o terceiro e o quarto de 3 anos. Para os sujeitos com mais de 3 filhos o intervalo médio foi de 3,5 anos. Somando-se todos os intervalos dos 9 sujeitos obtemos uma média de 31 anos (nossos sujeitos tem idade média de 85 anos, o que significa dizer que já estão há aproximadamente 40 anos de seu próprio climatério. Quinze das 22 gravidezes foram apontadas como sendo um evento positivo e 7 como tendo sido negativo na vida delas e deles. Com excessão do grupo (5 sujeitos) que teve pelo menos 3 gravidezes (pontuação média de 62 pontos) todos os demais pontuaram o impacto desse evento entre 91 e 100 pontos. A média desse impacto (Antes, ou seja no momento em que ocorreu) é de 92,2 pontos, portanto de altíssimo stress. A média do impacto desse evento ainda hoje nas suas vidas é de 26,6 pontos. A redução é portanto altíssima (65,6 pontos). A taxa de redução anual média é de 2,11 pontos.

Tabela 5.42: Médias Evento 9 - Gravidez

Sujeito	9INT12	9INT23	9INT34	9INT45	9INT56	9INTTOT
G.J.						64
H.S.U.						71
H.X.						
I.M.I	4	1				5
J.V.	5					5
M.R.S.I.	2	3	2			7
O.M.F.	2	2	4	5	2	15
P.F.V.						56
P.V.I.P.F.	2	3				5
Q.A.						51
Total	15	9	6	5	2	279
N	5	4	2	1	1	9
MÉDIA	3	2,25	3	5	2	31

Tabela 5.43: Médias Evento 5 - Casamento

Sujeito	9P1	9P2	9P3	9P4	9P5	9N1	9N2
G.J.	1						
H.S.U.						1	
H.X.							
I.M.I	1	1	1				
J.V.	1						1
M.R.S.I.	1	1	1	1			
O.M.F.	1			1	1		1
P.F.V.						1	
P.V.I.P.F.	1	1	1				
Q.A.						1	
Total							
N	6	3	3	2	1	3	2

Tabela 5.44: Médias Evento 9 - Gravidez

9ANT1	9ANT2	9ANT3	9ANT4	9ANT5	9ANT6	9HOJ1	9HOJ2	9HOJ3	9HOJE4	9HOJE5	9HOJE6
100						100					
50						0					
0						0					
100	100	100				100	100	100			
100	100	0				100	100	0			
100	100	100	100			100	100	100	100		
100	100	100	100	100	100	100	0	0	100	100	0
80	0	0				10	0	0			
100	100	10				100	100	10			
90	0	0				100	0	0			
820	500	310	200	100	100	710	500	310	200	100	0
9	5	5	2	1	1	9	5	5	2	1	1
91,1	100	62	100	100	100	78,8	100	62	100	100	0

Tabela 5.45: Médias Evento 9 - Gravidez

Sujeito	9DIFAH1	9DIFAH2	9DIFAH3	9DIFAH4	9DIFAH5	9DIFAH6
G.J.	0					
H.S.U.	50					
H.X.	0					
I.M.I	0	0	0			
J.V.	0	0				
M.R.S.I.	0	0	0	0		
O.M.F.	0	100	100	0	0	100
P.F.V.	70					
P.V.I.P.F.	0	0	0			

Q.A.	10					
Total	130	100	100	0	0	100
N	9	5	4	2	1	1
MÉDIA	14.4	20	25	0	0	100

Tabela 5.46: Médias Evento 9 - Gravidez

Sujeito	9VOC1	9VOC2	9VOC3	9OUT1	9OUT2	9OUT3	9OUT4	9OUT5	9OUT6
G.J.	1								
H.S.U.	1								
H.X.									
I.M.I	1	1	1						
J.V.	1	1							
M.R.S.I.				1	1	1	1		
O.M.F.				1	1	1	1	1	1
P.F.V.	1								
P.V.I.P.F.	1	1	1						
Q.A.	1								
Total									
N	7	3	2	2	2	2	2	1	1

Os eventos 10 (Separação do casal, N = 3) e 11 (Dificuldades Sexuais, N = 2) não preencheram o critério mínimo estabelecido de 4 assinalamentos.

Evento12 – NASCIMENTO DE CRIANÇA NA FAMÍLIA

Tabela 5.47: Médias Evento 12 – Nascimento de Criança na Família

Sujeito	12.1	12.2	12.3	12.4	12.5
G.J.	1953	1983	1986		
H.S.U.					
H.X.					
I.M.I	1965	1969	1970		
J.V.	1970	1970	1978	2006	2009
M.R.S.I.	1953	1955	1958	1960	
O.M.F.	1954	1962	1967		
P.F.V.	1960				
P.V.I.P.F.	1953	1955			
Q.A.					
Total					
N	7	6	5	2	1

A exposição de todas as tabelas concernentes a esse evento segue o mesmo raciocínio exposto no evento Gravidez acima.

Foram assinalados 21 Nascimentos de Filhos. Quinze se referiram aos próprios e 6 aos de outras pessoas significantes. O evento trouxe à vida dos sujeitos um impacto positivo. Apenas 1 sujeito apontou-o como negativo. Ele ocorreu em intervalos médios de 6,57 anos entre o primeiro e o segundo, 3,33 anos entre o segundo e o terceiro, 6 anos entre o terceiro e o quarto, 2 anos entre o quarto e o quinto e apenas 1 ano entre o quinto. O intervalo médio de ocorrência desse evento é de 22,14 anos. O impacto gerado no primeiro evento (média de 100 pontos) de altíssimo nível de stress. O efeito desse impacto ainda hoje tem a média de 97,42, portanto, quase nenhuma redução nos 22,14 anos de decorrência. A taxa de redução anual média é de 0,12 pontos, portanto extremamente baixa, revelando então um nível de Eustress e de Discoping.

Tabela 5.48: Médias Evento 12- Nascimento de Criança na Família

Sujeito	12INT12	12INT23	12INT34	12INT45	12INTTOT
G.J.	30	3			33
H.S.U.					
H.X.					
I.M.I	4	1			5
J.V.	0	8	28	3	39
M.R.S.I.	2	3	2		7
O.M.F.	8	5			13
P.F.V.					56
P.V.I.P.F.	2				2
Q.A.					
Total	46	20	30	3	155
N	7	6	5	2	7
MÉDIA	6,57	3,33	6	1,5	22,14

Tabela 5.49: Médias Evento12 – Nascimento de Criança na Família

Sujeito	12P1	12P2	12P3	12P4	12P5	12N1
G.J.	1	1	1			
H.S.U.						
H.X.						
I.M.I	1	1	1			
J.V.	1	1	1	1	1	
M.R.S.I.	1	1	1	1		
O.M.F.	1	1	1			
P.F.V.						1
P.V.I.P.F.	1	1				
Q.A.						

Total						
N	6	6	5	2	1	1

Tabela 5.50: Médias Evento 12 – Nascimento de Criança na Família

Sujeito	12ANT1	12ANT2	12ANT3	12ANT4	12ANT5
G.J.	100	100	100		
H.S.U.					
H.X.					
I.M.I	100	100	100		
J.V.	100	100	100	100	100
M.R.S.I.	100	100	100	100	
O.M.F.	100	100	100		
P.F.V.	100				
P.V.I.P.F.	100	100			
Q.A.					
Total	700	600	500	200	100
N	7	6	5	2	1
MÉDIA	100	100	100	100	100

Tabela 5.51: Médias Evento 12 – Nascimento de Criança na Família

Sujeito	12HOJ1	12HOJ2	12HOJ3	12HOJ4	12HOJ5	12DIFAH1
G.J.	100	100	100			0
H.S.U.						
H.X.						
I.M.I	100	100	100			0
J.V.	100	100	100	100	100	0
M.R.S.I.	100	100	100	100		0
O.M.F.	100	100	100			0
P.F.V.	10					90
P.V.I.P.F.	100	100				0
Q.A.						
Total	610	600	500	200	100	90
N	7	6	5	2	1	7
MÉDIA	87,1	100	100	100	100	12.8

Tabela 5.52: Médias Evento 12 – Nascimento de Criança na Família

Sujeito	12VOC1	12VOC2	12VOC3	12VOC4	12VOC5
G.J.	1				
H.S.U.					
H.X.					
I.M.I	1	1	1		
J.V.	1				
M.R.S.I.	1	1	1	1	
O.M.F.	1	1	1		
P.F.V.	1				
P.V.I.P.F.	1	1			

Q.A.					
Total					
N	7	4	3	1	

Tabela 5.53: Médias Evento 5 – Nascimento de Criança na Família

Sujeito	12OUT1	12OUT2	12OUT3	12OUT4	12OUT5
G.J.		1	1		
H.S.U.					
H.X.					
I.M.I					
J.V.		1	1	1	1
M.R.S.I.					
O.M.F.					
P.F.V.					
P.V.I.P.F.					
Q.A.					
Total					
N		2	2	1	1

Evento 13 – MORTE DE ALGUÉM NA FAMÍLIA

Tabela 5. 54: Médias Evento 13 – Morte de Alguém na Família

Sujeito	13.1	13.2	13.3	13INT12	13INT23	13INT34	13INTTOT
Total				90	56	14	269
N	10	8	5	8	5	2	10
MÉDIA				11,25	11,2	7	26,9

O evento Morte de Alguém na Família foi apontado por todos os 10 sujeitos da amostra. Oito deles apontaram 2 mortes. Cinco apontaram 3 mortes e 2 sujeitos apontaram 4 mortes significativas em sua família. O intervalo médio entre a ocorrência desses eventos foi de 26,9 anos, sendo que, entre a primeira e segunda morte a média desse intervalo foi de 11,5 anos, entre a segunda e a terceira morte de 11,2 anos e menor entre terceira e quarta morte, que foi de apenas 7 anos.

Nenhum sujeito apontou esse evento como positivo.

Tabela 5.55: Médias Evento 13 – Morte de Alguém na Família

Sujeito	13N1	13N2	13N3	13ANT1	13ANT2	13ANT3
Total				980	730	480

N	10	8	5	10	8	5
MÉDIA				98	91.2	96

O impacto de stress causado por essas mortes na época em que elas ocorreram alcançou o nível médio altíssimo de 95 pontos na escala até 100 pontos. O efeito maior aconteceu por ocasião da primeira morte (98 pontos) e o menor por ocasião da segunda morte (91,2 pontos). A repercussão ou nível de stress nos dias atuais reduziu-se em média 13 pontos, enquanto o impacto gerado pela quarta morte permaneceu estável: 95 pontos. A redução anual foi de 0,48 pontos, portanto, da categoria do distress altíssimo.

Tabela 5.56: Médias Evento 13 – Morte de Alguém na Família

Sujeito	13HOJ1	13HOJ2	13HOJ3	13DIFAH1	13DIFAH2	13DIFAH3
Total	850	690	440	130	40	40
N	10	8	5	10	8	5
MÉDIA	85	86.2	88	13	5	8

Tabela 5.57: Médias Evento 13 – Morte de Alguém na Família

Sujeito	13VOC1	13VOC2	13VOC3
N	10	8	5

O Evento 14 (Mudança no Trabalho, N = 0) não obteve nenhum assinalamento.

Evento 15 – MUDANÇA NA CONDIÇÃO FINANCEIRA

Tabela 5.58: Médias Evento 15 – Mudança na Condição Financeira

Sujeito	15.1	15INTTOT	15N1	15ANT1	15HOJ1	15DIFAH1
Total		82		310	300	10
N	4	4	4	4	4	4
MÉDIA		20,5		77,5	75	2,5

40% da amostra sofreu o impacto de uma mudança financeira em suas vidas. Todos apontaram-na como evento negativo. Elas ocorreram, em média, 20,5 anos atrás e foi avaliada com um nível de stress altíssimo no momento em que ocorreu

(média de 77,5 pontos) e como alto no momento da coleta (média de 75 pontos). A redução do nível de stress original foi da proporção de apenas 2,5 pontos em 20,5 anos. Isso indica um índice de 0,12 pontos anualmente. O resultado final dessa avaliação classifica esse evento como gerador de distress altíssimo.

Os Itens 16 (Doença de alguém na Família N = 1), 17 (Mudança de País, N = 1) e 18 (Compra de casa de alto valor, N = 1) não preencheram o critério mínimo de 4 assinalamentos.

Evento 19 – MORTE DE UM AMIGO ÍNTIMO

Tabela 5.59: Médias Evento 19 – Morte de Amigo Íntimo

Sujeito	19.1	19INT12	19INTTOT	19N1
Total		6	104	
N	8	3	8	8
MÉDIA		2	11,5	

O evento Morte de um Amigo Íntimo ocorreu a 8 dos 10 sujeitos da amostra. A 3 deles esse evento afetou 2 vezes. O intervalo médio entre a primeira perda e o momento atual foi de 11,5 anos. Todas as mortes foram vivenciadas como evento negativo. Elas lhes acarretaram um nível médio altíssimo de stress, ou seja 87,7 pontos na primeira morte e 83,3 pontos na segunda. A redução do impacto da primeira morte perdeu 32,2 pontos no decorrer dos anos (os intervalos entre a primeira perda e hoje variam de 1 a 59 anos). A taxa de redução é de 1,9 pontos anuais. O impacto caiu de altíssimo para moderado. A redução foi menor na segunda morte: 30 pontos. O coeficiente de redução é de 0,90 pontos anualmente. Oito das 11 perdas tinham ligação direta com os sujeitos, 3 com pessoas afetivamente significativas para elas.

Tabela 5.60: Médias Evento 19 – Morte de Amigo Íntimo

Sujeito	19ANT1	19HOJ1	19HOJ2	19DIFAH1
Total	690	500	160	290
N	8	8	3	8
MÉDIA	87,7	55,5	53,3	32,2

Tabela 5.60: Médias Evento 19 – Morte de Amigo Íntimo

Sujeito	19VOC1	19VOC2
---------	--------	--------

N	8	3
---	---	---

Os itens 20 (Mudança na frequência de brigas com o cônjuge, N= 0), 21 (Término de pagamento de empréstimo, N = 0) e 22 (Mudança de responsabilidade no trabalho, N = 0) não preencheram o critérios mínimo estabelecido de 4 assinalamentos.

Evento 23 – SAÍDA DE FILHO DE CASA

Tabela 5.61: Médias Evento 19 – Saída de Filho de Casa

Sujeito	23.1	23.2	23.3	23INT12	23INT23	23INTTOT
Total				4	5	113
N	4	1	1	1	1	4
MÉDIA						28,2

Apesar de 7 dos 10 sujeitos de nossa amostra terem filhos, apenas 4 mencionaram na escala LEU/VAS o item Saída de Filho de Casa como tendo sido vivida com certo impacto de stress. Um dos 4 apontou 3 Saídas. Esse sujeito (I.M.I) teve, na verdade 4 filhos, mas assinalou apenas a saída de 3 deles, pois 1 ainda vive na casa da família, auxiliando seu pai em atividades diárias. Essas saídas foram vistas por ele como plenamente positivas e avaliadas com o número máximo de pontos (100). Esse impacto positivo permaneceu inalterado até o dia de hoje (100 pontos). A distancia entre os 3 eventos perfaz 9 anos. Outros 2 dos 7 sujeitos da amostra consideraram essa saída como sendo negativa. A média de anos dentre os sujeitos é de 28,2 anos. O nível de impacto nesse período decresceu em 10 pontos (Antes 82,5, Hoje 72,5 pontos). O índice de redução anual de 0,35 pontos é considerado baixíssimo, portanto o nível de Eustress para os que avaliaram o evento como positivo (2 dos 4 sujeitos) foi altíssimo. Para os 2 sujeitos que o consideraram negativo o nível de Distress foi igualmente altíssimo.

Tabela 5.62: Médias Evento 23- Saída de Filho de Casa

Sujeito	23P1	23P2	23P3	23N1	23ANT1	23ANT2	23ANT3
Total					330	100	100
N	2	1	1	2	4	1	1
MÉDIA					82,5	100	100

Tabela 5.63: Médias Evento 23 – Saída de Filho de Casa

Sujeito	23HOJ1	23HOJ2	23HOJ3	23DIFAH1	23DIFAH2	23DIFAH3
Total	290	100	100	40	0	0
N	4	1	1	4	1	1

MÉDIA	72,5	100	100	10		
--------------	-------------	------------	------------	-----------	--	--

Os itens 24 (Dificuldades com a política, N = 1), 25 (Reconhecimento de feito profissional de realce, N = 1), 26 (Cônjuge começou a trabalhar, N= 1), 27 (Cônjuge parou de trabalhar, N = 0), e 28 (Começou a estudar, N = 2) não preencheram o critério de 4 assinalamentos.

Evento 29 – ABANDONOU OS ESTUDOS

Tabela 5.64: Médias Evento 29 – Abandono de Estudos

Sujeito	29.1	29INTTOT	29P1	29N1	29ANT1	29HOJ1	29DIFAH1	29VOC1
Total		233			400	310	90	
N	4	4		4	4	4	4	4
MÉDIA		58,2			100	77,5	22,5	

Quatro dos 10 sujeitos da amostra apontaram Abandono dos estudos como um evento negativo de grande impacto em suas vidas. Nos 58,2 anos decorridos entre seu acontecimento e os dias atuais esse impacto assinalado como máximo (100 pontos) para aquele momento diminuiu apenas 22,5 pontos (77,5 pontos Hoje) o que significa uma diluição de 0,39 pontos anualmente. Essas características categorizam esse evento como tendo sido de altíssimo stress antes e ainda hoje.

Os itens 30 (Acréscimo de pessoas morando na casa, N = 2), 31 (Diminuição de pessoas morando na casa, N = 1), 32 (Mudança de hábitos pessoais, N = 1), 33 (Dificuldade com o chefe, N = 0), 34 (Mudança de horário de trabalho, N = 0), 35 (Mudança de residência, N = 2), 36 (Mudança de escola, N = 0), 37 (Mudança de atividades recreativas, N = 0), 38 (Mudança de atividades religiosas, N = 3), 39 (Mudança de atividades sociais, N = 0), 40 (Compra de crédito de médio valor, N = 0), 41 (Mudança de hábito de dormir, N = 2) e 42 (Mudança na frequência de reuniões familiares, N = 1) não preencheram o critério mínimo de 4 assinalamentos.

Evento 43 – MUDANÇA DE HÁBITOS DE ALIMENTAÇÃO

Tabela 5.64: Médias Evento 43 – Mudança nos Hábitos de Alimentação

Sujeito	43.1	43INTTOT	43N1	43ANT1	43HOJ1	43DIFAH1	43VOC1	43OUT1
Total		36		300	210	90		
N	4	4	3	4	4	4	4	
MÉDIA		9		75	52,5	22,5		

Quatro dos 10 sujeitos da amostra sofreram impacto gerado por Mudança de hábitos na alimentação. Um deles considerou isso Positivo, os outros 3 como tendo sido negativo para suas vidas. Essas mudanças ocorreram nos últimos 9 anos e impactaram os sujeitos, em média, 75 pontos. Atualmente esse impacto está na ordem de 52,5 pontos, tendo, portanto, decrescido em 22,5 pontos nos 9 anos. O índice de redução de impacto nesse período foi de 2,5 pontos anuais. O nível de stress alto reduziu-se para moderado.

Evento 44 – FÉRIAS

Tabela 5.65: Médias Evento 44- Férias

Sujeito	44.1	44INTTOT	44P1	44N1	44ANT1	44HOJ1	44DIFAH1	44VOC1	44OUT1
Total		217			380	310	70		
N	4	4	4		4	4	4	4	
MÉDIA		54,2			95	77,5	17,5		

O evento Férias causou impacto na vida de 4 dos 10 sujeitos da amostra e todos eles o avaliaram como positivo. O intervalo de tempo entre o primeiro acontecimento e os dias atuais é de 54,2 anos. Esse efeito primeiramente apontado com 95 dos 100 pontos se encontra hoje no nível médio dos 77,5 pontos. Nos 54,2 anos decorridos entre sua ocorrência e os dias atuais a diluição desse impacto foi da ordem de 17,5 pontos, ou 0,32 pontos anuais. O impacto gerou um alto nível de stress e sua redução foi moderada.

Evento 48 – ROUBO OU ASSALTO

Tabela 5.66: Médias Evento 48 – Roubo ou Assalto

Sujeito	48.1	48INTTOT	48N1	48ANT1	48HOJ1	48DIFAH1	48VOC1
Total		132		350	120	230	
N	4	4	4	4	4	4	4
MÉDIA		33		87,5	30	57,5	

O evento Roubo ou Assalto ocorreu na vida de 4 dos 10 sujeitos. Todos o avaliaram como negativo. O intervalo de tempo entre o primeiro acontecimento e os dias atuais é de 33 anos. O impacto gerado anteriormente foi da ordem dos 87,5 pontos, portanto de altíssimo nível de stress e diluiu em média 30 pontos nesse período (Hoje, 57,5 pontos). A redução anual foi de 0,90 pontos.

Evento 50 – CIRURGIA

Tabela 5.67: Médias Evento 50 - Cirurgia

Sujeito	50.1	50.2	50INT12	50INTTOT
Total			42	382,6
N	8	4	4	8
MÉDIA			10,5	47,8

Oito dos 10 sujeitos da amostra sofreram o impacto de uma Cirurgia. Quatro deles 2, 2 fizeram 3, um fez 4 e o sujeito I.M.I. fez 5 cirurgias. No total, foram feitas 16 cirurgias. O menor espaço de tempo entre elas e o momento da coleta é de 6, o maior é 42 anos. O intervalo médio de tempo entre elas é de 47,8 anos desde a primeira ocorrência. Quatro delas foi considerada positiva e 10 negativas. Com excessão da 5ª. cirurgia do citado sujeito I.M.I. que assinalou 50 pontos de impacto, todos os demais avaliaram o impacto desse evento, no momento em que ele ocorreu, com níveis altíssimos de stress. Na avaliação desse impacto ainda hoje a média foi entre 60 e 100 pontos. A média da diferente entre essas avaliações foi de 35,74 pontos. A taxa anual de redução foi da ordem de 0,75 pontos. Isso significa uma redução baixíssima apesar dos quase 48 anos (média) de ocorrência. Categorizamos esse impacto como sendo Distress/Dis coping.

Tabela 5.68: Médias Evento 50 - Cirurgia

Sujeito	50P1	50P2	50P3	50N1	50N2	50N3	50N4	50N5
Total								
N	4	1	1	4	3	1	1	1

Tabela 5.69: Médias Evento 50 - Cirurgia

Sujeito	50ANT1	50ANT2	50HOJ1	50HOJ2	50HOJ3
Total	670	380	480	280	200
N	8	4	8	4	2
MÉDIA	83,7	95	60	140	100

Tabela 5.70: Médias Evento 50 - Cirurgia

Sujeito	50DIFAH1	50DIFAH2	50DIFAH3	50DIFAH3	50DIFAH5
Total	190	100	0	90	40
N	8	4	2	1	1
MÉDIA	23,7	25	0	90	40

Tabela 5.71: Médias Evento 50 - Cirurgia

Sujeito	50VOC1	50VOC2	50VOC3	50VOC4	50VOC5
N	8	4	2		

3. Ranking e Grupos de Stress e Coping

Nesse subcapítulo destacaremos os assinalamentos dos 10 sujeitos nos 51 itens do LEU/VAS, ranqueando-os em ordem decrescente.

Itens ranqueados por frequência de assinalamentos, portanto os mais representativos para a amostra:

Ítem 13 – Morte de alguém na Família – 10 assinalamentos

Ítem 09 – Gravidez – 09 assinalamentos

Ítem 19 – Morte de um amigo íntimo – 09 assinalamentos

Ítem 08 – Aposentadoria – 08 assinalamentos

Ítem 50 – Cirurgia – 08 assinalamentos

Ítem 05 – Casamento – 07 assinalamentos

Ítem 12 – Nascimento de Crianças na Família – 07 assinalamentos

Ítem 01 – Morte do Cônjuge – 06 assinalamentos

Ítem 04 – Acidente ou Doença – 06 assinalamentos

Ítem 15 – Mudança na condição financeira – 04 assinalamentos

Ítem 23 – Saída de Filho de casa – 04 assinalamentos

Ítem 29 – Abandono dos estudos – 04 assinalamentos

Ítem 43 – Mudanças nos hábitos de alimentação – 04 assinalamentos

Ítem 44 – Férias – 04 assinalamentos

Ítem 48 – Roubo ou assalto – 04 assinalamentos

Ítem 10 – Separação do casal – 03 assinalamentos

Ítem 38 – Mudanças de atividade religiosa – 03 assinalamentos

Ítem 45 – Natal – 03 assinalamentos

Ítem 49 – Viagem – 03 assinalamentos

Ítem 11 – Dificuldades sexuais – 02 assinalamentos

- Ítem 28 – Início de estudos – 02 assinalamentos
- Ítem 30 – Acréscimo de pessoas morando em casa – 02 assinalamentos
- Ítem 35 – Mudança de residência – 02 assinalamentos
- Ítem 41 – Mudança no hábito de dormir – 02 assinalamentos
- Ítem 02 – Divórcio – 01 assinalamento
- Ítem 03 – Prisão – 01 assinalamento
- Ítem 06 – Perda de emprego – 01 assinalamento
- Ítem 16 – Doença de alguém na família – 01 assinalamento
- Ítem 17 – Mudança de país – 01 assinalamento
- Ítem 18 – Compra de casa de alto valor – 01 assinalamento
- Ítem 24 – Dificuldades com a política – 01 assinalamento
- Ítem 25 – Reconhecimento de feito profissional de realce – 01 assinalamento
- Ítem 26 – Cônjuge começou a trabalhar – 01 assinalamento
- Ítem 31 – Diminuição de pessoas morando em casa – 01 assinalamento
- Ítem 32 – Mudança de hábitos pessoais – 01 assinalamento
- Ítem 42 – Mudança na frequência de reuniões familiares – 01 assinalamento
- Ítem 47 – Vício – 01 assinalamento
- Ítem 51 – Paixão ou caso amoroso – 01 assinalamento
- Item 07 – Reconciliação com o cônjuge – nenhum assinalamento
- Item 14 – Mudanças no Trabalho - nenhum assinalamento
- Item 20 – Mudança na frequência de brigas com o cônjuge – nenhum assinalamento
- Item 21 – Término de pagamento de empréstimo – nenhum assinalamento
- Item 22 – Mudança de responsabilidade no trabalho - nenhum assinalamento
- Item 27 – Cônjuge parou de trabalhar - nenhum assinalamento
- Item 33 – Dificuldades com o chefe - nenhum assinalamento
- Item 34 – Mudança no horário de trabalho - nenhum assinalamento
- Item 36 – Mudança de escola – nenhum assinalamento

Item 37 – Mudança nas atividades recreativas - nenhum assinalamento

Item 39 – Mudança nas atividades sociais - nenhum assinalamento

Item 40 – Compra de crédito de valor médio - nenhum assinalamento

Item 46 – Recebimento de multas ao cometer infrações - nenhum assinalamento

25,5 % dos 51 itens do teste não foi assinalado nenhuma vez

27,5% dos 51 itens do teste foi assinalado apenas 1 vez

09,8% dos 51 itens do teste foi assinalado 2 vezes

07,8% dos 51 itens do teste foi assinalado 3 vezes

11,8% dos 51 itens do teste foi assinalado 4 vezes

03,9% dos 51 itens do teste foi assinalado 6 vezes

03,9% dos 51 itens do teste foi assinalado 7 vezes

03,9% dos 51 itens do teste foi assinalado 8 vezes

03,9% dos 51 itens do teste foi assinalado 9 vezes

02,0% dos 51 itens do teste foi assinalado 10 vezes

No capítulo Anexos estão demonstrados, detalhadamente, os diversos conteúdos de cada item, os sujeitos que lhes assinalaram e um breve resumo de sua história pessoal com referência a esse item. Naquela tabela também constam a soma dos pesos dados a cada um dos itens por ocasião de sua ocorrência na vida dos participantes e como eles ainda afetam suas vidas no momento atual da pesquisa. Para cada avaliação feita há referência se esse evento foi vivido como positivo ou negativo e como ele é visto subjetivamente por eles nos dias atuais.

Categorias dos Grupos

As categorias para formação dos grupos abaixo foram mencionadas anteriormente, todavia para auxiliar no entendimento da tabela a seguir serão aqui reproduzidas:

- 1) eventos considerados positivos (P)
- 2) eventos considerados negativos (N)
- 3) eventos considerados positivos e também negativos (parte da amostra considerou positivo e parte negativo) serão mencionados nos dois rankings;
- 4) positivos com alta ou altíssima margem de redução anual – Eustress/Eucoping
- 5) negativos com alta ou altíssima margem de redução anual - Distress/Eucoping
- 6) positivos com pouca ou moderada margem de redução anual - Eustress/Dis coping
- 7) negativos com pouca ou moderada margem de redução anual - Distress/Dis coping

Tabela 5.72 - GRUPOS

1 – Eventos Positivos	2 – Eventos Negativos	3 – Eventos P e N	4 – Eustress-Eucoping	5 – Distress-Eucoping	6 – Eustress-Dis coping	7 – Distress-Dis coping
	(1) Morte do Cônjuge					(1) Morte do Cônjuge
	(4) Acidente ou Doença			(4) Acidente ou Doença		
(5) Casamento			(6) Casamento			
		(8) Aposentadoria			(8) Aposentadoria	(8) Aposentadoria
		(9) Gravidez	(9) Gravidez	(9) Gravidez		
(12) Nascimento de Criança na Família					(12) Nascimento de Criança na Família	
	(13) Morte de Alguém na Família					(13) Morte de Alguém na Família
	(15) Mudança na Condição Financeira					(15) Mudança na Condição Financeira
	(19) Morte de Amigo Íntimo			(19) Morte de Amigo Íntimo		(19) Morte de Amigo Íntimo

		(23) Saída de Filho de Casa	(23) Saída de Filho de Casa			(23) Saída de Filho de Casa
	(29) Abandono dos Estudos					(29) Abandono dos Estudos
	(43) Mudança no Hábito Alimentar			(43) Mudanças no Hábito Alimentar		
	(44) Férias					(44) Férias
	(48) Roubo ou Assalto					(48) Roubo ou Assalto
	(50) Cirurgia					(50) Cirurgia

Parte C – Matriz de Intercorrelações entre as variáveis do LEU/VAS com as Variáveis Demográficas, Clínicas e o Mini Mental

Agora que caracterizamos os resultados univariadamente, ou seja, variável a variável, tanto as demográficas (Resultados Parte 1) quanto as de LEU/VAS (Resultados Parte 2), vamos agora cruzar os eventos do LEU/VAS com as variáveis demográficas, clínicas e o Mini Mental. Assim, temos três possibilidades de cruzamentos conforme a característica das variáveis envolvidas. Utilizamos também 3 tipos de análises estatísticas: o teste Exato de Fisher para medir a relação; o teste de Correlação de Spearman para medir o grau de relação entre as variáveis e o teste de Mann-Whitney para comparar as respostas das variáveis quantitativas para a “média” das variáveis quantitativas.

Vale aqui também o critério estabelecido da massa de dados suficientes (n amostral) para garantir o mínimo de uma análise estatística numa amostra pequena.

Apresentaremos cada um dos eventos do LEU/VAS separadamente, todavia a sequência das intercorrelações não obedecerá a estrutura do questionário de dados demográficos, clínicos e do Mini Mental posto que as análises estatísticas e, subsequentemente, as tabelas onde os resultados estão expostos, não obedeceram essa cronologia. As variáveis foram lá agrupadas para cada tipo de análise (Fisher, Spearman, Mann-Whitney).

Pretendendo ampliar a compreensão das tabelas a seguir, lembramos que:

p-valores assinalados em vermelho, apontam para resultados considerados estatisticamente significativos perante o nível de significância adotado.

p-valores assinalados em azul, apontam para resultados considerados próximos do limite de aceitação, ou seja, considerados como valores com tendência à significância (até 5 pontos percentuais acima do valor do alfa adotado).

- x -, quando não foi possível utilizar a estatística, nós colocamos estes símbolos.

p-valores assinalados em verde apontam para relações significantes, todavia com variáveis sem massa amostral ($N < 4$ sujeitos).

Evento 1 - MORTE DO CÔNJUGE

Tabela 5.73: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS Quantitativo

			Idade	Tempo em Santos	Tempo de Viuvez	Filhos	Netos	Bisnetos
Ítem 1	1ANT1	Corr (r)	13,9%	-39,3%	-65,5%	53,9%	42,4%	- x -
		P-valor	0,793	0,441	0,158	0,269	0,402	- x -
	1HOJ1	Corr (r)	29,0%	-51,6%	-82,0%	75,0%	19,7%	- x -
		P-valor	0,577	0,295	0,046	0,086	0,709	- x -

Subtraindo dessa tabela apenas as intercorrelações significantes concluímos que o nível de stress HOJE, dos 6 sujeitos que assinalaram o evento Morte do Cônjuge tem influência relevante da variável Tempo de Viuvez (0,046) e da variável Filhos (0,086).

Tabela 5.74: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Tempo de Trabalho (anos)	Horas trabalhadas por dia	Parou de trabalhar	Tempo em que reside na instituição	Mini Mental
Ítem 1	1ANT1	Corr (r)	39,9%	14,1%	-39,9%	-66,4%	-66,4%
		P-valor	0,434	0,789	0,434	0,150	0,150
	1HOJ1	Corr (r)	6,2%	-19,7%	3,1%	-21,6%	-73,9%
		P-valor	0,908	0,709	0,954	0,682	0,093

O nível de stress HOJE dos 6 sujeitos tem correlação significativa com a performance no teste MINI Mental (0,093)

Evento 4 – ACIDENTE ou DOENÇA

Tabela 575: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Idade	Tempo em Santos	Tempo de Viuvez	Filhos	Netos	Bisnetos
Ítem 4 Acidente Doença	4ANT1	Corr (r)	-54,8%	77,2%	36,1%	-57,2%	-31,3%	-70,7%
		P-valor	0,260	0,072	0,482	0,235	0,546	0,116
	4HOJ1	Corr (r)	-8,8%	-2,9%	-6,2%	-76,1%	-29,4%	-13,3%
		P-valor	0,868	0,957	0,908	0,079	0,572	0,802

O nível de stress do evento Acidente ou Doença na perspectiva ANTES apresenta correlação significativa com a variável Tempo em que reside em Santos (0,72) e com a variável Bisnetos. Essa última não tem massa amostral relevante para nossas inferências. O nível de stress desse evento na perspectiva HOJE tem relação significativa com a variável Filhos (0,079)

Tabela 5.76: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Tempo de Trabalho (anos)	Horas trabalhadas por dia	Parou de trabalhar	Tempo em que reside na instituição	Mini Mental
Ítem 4 Acidente Doença	4ANT1	Corr (r)	56,4%	-1,7%	-77,2%	36,1%	77,2%
		P-valor	0,244	0,975	0,072	0,482	0,072
	4HOJ1	Corr (r)	16,2%	-54,8%	-17,4%	64,7%	40,6%
		P-valor	0,759	0,260	0,742	0,165	0,425

O nível de stress ANTES dos 6 sujeitos que assinalaram o evento 4 – Acidente ou Doença tem relação significativa com as variáveis Parou de Trabalhar (0,072) e a performance no Mini Mental (0,072). Com o nível de stress HOJE não apresentou nenhuma intercorrelação significativa.

Evento 5 - CASAMENTO

Tabela 5.77: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Idade	Tempo em Santos	Tempo de Viuvez	Filhos	Netos	Bisnetos
Ítem 5 Casamento	5HOJ1	Corr (r)	4,0%	35,5%	59,6%	-80,3%	-72,2%	-67,6%
		P-valor	0,933	0,435	0,157	0,030	0,067	0,096

O nível de Stress HOJE dos 7 sujeitos que assinalaram o Evento 5 – Casamento tem relações significantes com as variáveis Filhos (0,030).

Tabela 5.78: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Tempo de Trabalho (anos)	Horas trabalhadas por dia	Parou de trabalhar	Tempo em que reside na instituição	Mini Mental
Ítem 5 Casamento	5HOJ1	Corr (r)	38,1%	-9,9%	-34,8%	60,9%	21,9%
		P-valor	0,399	0,833	0,444	0,147	0,638

O nível de stress HOJE do evento 5 – Casamento tem uma correlação significativa baixa com a variável Tempo em que reside na Instituição (0,147).

Evento 8 - APOSENTADORIA

Tabela 5.79: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Idade	Tempo em Santos	Tempo de Viuvez	Filhos	Netos	Bisnetos
Ítem 8 Aposentadoria	8ANT1	Corr (r)	10,4%	-31,5%	-18,1%	-12,6%	27,6%	36,1%
		P-valor	0,806	0,447	0,669	0,766	0,509	0,379
	8HOJ1	Corr (r)	-23,9%	-13,3%	-25,5%	-17,3%	16,9%	-8,7%
		P-valor	0,568	0,753	0,542	0,682	0,689	0,837

Nenhuma correlação significativa.

Tabela 5.80: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Tempo de Trabalho (anos)	Horas trabalhadas por dia	Parou de trabalhar	Tempo em que reside na instituição	Mini Mental
Ítem 8 Aposentadoria	8ANT1	Corr (r)	69,3%	76,1%	-55,1%	-31,0%	-68,9%
		P-valor	0,057	0,028	0,157	0,455	0,059
	8HOJ1	Corr (r)	79,7%	69,4%	-81,1%	-28,1%	-39,9%
		P-valor	0,018	0,056	0,015	0,501	0,327

O nível de stress ANTES dos 8 sujeitos que assinalaram o Evento 8 – Aposentadoria tem relações significantes com as variáveis Tempo de Trabalho (0,057), Horas Trabalhadas diariamente (0,028) e a performance demonstrada no teste Mini Mental (0,059). Na perspectiva HOJE o nível de stress tem relações

significantes com as variáveis Tempo de trabalho (0,018), Horas Trabalhadas Diariamente (0,056) e Parou de Trabalhar (0,015).

Evento 9 - GRAVIDEZ

Tabela 5.81: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Idade	Tempo em Santos	Tempo de Viuvez	Filhos	Netos	Bisnetos
Ítem 9 Gravidez	9ANT1	Corr (r)	-33,2%	-8,0%	-32,2%	68,1%	37,9%	24,4%
		P-valor	0,382	0,839	0,398	0,044	0,314	0,527
	9ANT2	Corr (r)	-16,0%	0,0%	-65,6%	80,5%	65,6%	25,8%
		P-valor	0,733	1,000	0,109	0,029	0,109	0,576
	9ANT3	Corr (r)	46,7%	0,0%	-48,0%	94,3%	48,0%	44,1%
		P-valor	0,291	1,000	0,275	0,001	0,275	0,322
	9HOJ1	Corr (r)	-34,8%	-29,8%	-25,5%	44,5%	16,5%	18,8%
		P-valor	0,359	0,436	0,507	0,230	0,671	0,629
	9HOJ2	Corr (r)	-43,7%	-7,3%	-59,9%	58,8%	89,9%	35,4%
		P-valor	0,327	0,877	0,155	0,165	0,006	0,437
	9HOJ3	Corr (r)	12,1%	-10,1%	-45,5%	81,1%	82,7%	56,9%
		P-valor						

O nível de stress apontado por 9 sujeitos que assinalaram o Evento 9 – Gravidez ocorreu até 3 vezes na vida de alguns deles, na perspectiva ANTES apresentou relação significativa com a variável Filhos (0,044) (na primeira gravidez), (0,029) na segunda gravidez, 0,001 na terceira gravidez. Na segunda gravidez as variáveis Tempo de Viuvez e Netos demonstraram tendência à significância (0,109 para ambas as variáveis). Na perspectiva HOJE somente a segunda gravidez tem relação significativa com a variável Netos (0,006).

Tabela 5.82: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Tempo de Trabalho (anos)	Horas trabalhadas por dia	Parou de trabalhar	Tempo em que reside na instituição	Mini Mental
Ítem 9 Gravidez	9ANT1	Corr (r)	-41,1%	0,0%	9,4%	-37,9%	21,9%
		P-valor	0,272	1,000	0,809	0,314	0,572
	9ANT2	Corr (r)	-40,3%	-17,6%	0,0%	-47,9%	0,0%
		P-valor	0,371	0,705	1,000	0,277	1,000
	9ANT3	Corr (r)	-70,7%	0,0%	54,0%	-54,5%	-30,9%
		P-valor	0,076	1,000	0,211	0,206	0,501
	9HOJ1	Corr (r)	-35,8%	0,0%	10,3%	-31,5%	16,0%
		P-valor	0,344	1,000	0,792	0,409	0,680
	9HOJ2	Corr (r)	7,3%	24,2%	-43,3%	-72,8%	0,0%
		P-valor	0,876	0,602	0,332	0,063	1,000

9HOJ3	Corr (r)	-18,3%	51,1%	2,0%	-90,5%	-35,9%
	P-valor	0,695	0,241	0,966	0,005	0,430

A tabela 82 demonstra que na perspectiva ANTES o evento 3ª Gravidez tem relação significativa com a variável Tempo de Trabalho (0,076), enquanto que na perspectiva HOJE as relações significantes são entre as o eventos eventos 2ª e 3ª Gravidez e Tempo de Residência na Instituição (0,063 e (0,005 respectivamente).

Evento 12 – NASCIMENTO DE CRIANÇA NA FAMÍLIA

Tabela 5.83: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Idade	Tempo em Santos	Tempo de Viuvez	Filhos	Netos	Bisnetos
Item 12 Nascimento Criança	12HOJ1	Corr (r)	-10,3%	-20,6%	-63,5%	62,4%	52,0%	16,7%
		P-valor	0,826	0,658	0,125	0,135	0,232	0,721

O Evento 12 - Nascimento de Criança na Família, assinalado por 12 sujeitos, demonstrou tendência a significância com as variáveis Tempo de Viuvez (0,125) e Filhos (0,135) na perspectiva HOJE. Igualmente com a variável Tempo de Residência na Instituição (0,125) conforme demonstra a tabela 84 abaixo.

Tabela 5.84: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Tempo de Trabalho (anos)	Horas trabalhadas por dia	Parou de trabalhar	Tempo em que reside na instituição	Mini Mental
Item 12 Nascimento Criança	12HOJ1	Corr (r)	-10,4%	0,0%	-20,4%	-63,5%	-20,6%
		P-valor	0,825	1,000	0,661	0,125	0,658

Nenhuma intercorrelação significativa nessa tabela.

Evento 13 – MORTE DE ALGUÉM NA FAMÍLIA

Tabela 5.85: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Idade	Tempo em Santos	Tempo de Viuvez	Filhos	Netos	Bisnetos
Ítem 13 Morte na Família	13ANT1	Corr (r)	-44,1%	0,0%	-4,5%	-31,3%	-54,6%	-66,7%
		P-valor	0,203	1,000	0,902	0,378	0,103	0,035
	13ANT2	Corr (r)	-13,1%	-34,6%	24,2%	-67,8%	-76,6%	-38,1%
		P-valor	0,756	0,402	0,564	0,065	0,027	0,352
	13ANT3	Corr (r)	-28,9%	0,0%	-14,8%	-44,4%	-76,1%	-61,2%
		P-valor	0,638	1,000	0,812	0,454	0,135	0,272
	13HOJ1	Corr (r)	-23,4%	-24,7%	29,2%	-64,4%	-77,2%	-50,0%
		P-valor	0,515	0,492	0,412	0,044	0,009	0,141
	13HOJ2	Corr (r)	-24,9%	-16,6%	30,8%	-72,8%	-82,4%	-57,1%
		P-valor	0,552	0,695	0,459	0,041	0,012	0,139
	13HOJ3	Corr (r)	-44,7%	22,4%	5,7%	-57,4%	-82,5%	-79,1%
		P-valor	0,450	0,718	0,927	0,312	0,086	0,111

O nível de stress apontado pelos 10 sujeitos da amostra no Evento 13 – Morte de Alguém na Família demonstrou relações significantes, na perspectiva ANTES com as variáveis 2ª Morte e Filhos (0,065) e Netos (0,027) e na perspectiva HOJE entre a 1ª, 2ª Morte com essas mesmas variáveis (respectivamente 0,044; 0,009; 0,041; 0,012) e com a 3ª Morte e Netos (0,086). A interrelação significativa com os Bisnetos e as tendências à significância (em azul) não foram consideradas por ausência de densidade amostral.

Tabela 5.86: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Tempo de Trabalho (anos)	Horas trabalhadas por dia	Parou de trabalhar	Tempo em que reside na instituição	Mini Mental
Ítem 13 Morte na Família	13ANT1	Corr (r)	-8,8%	-28,3%	8,7%	61,9%	35,2%
		P-valor	0,809	0,427	0,810	0,057	0,318
	13ANT2	Corr (r)	18,2%	-31,2%	2,7%	84,5%	4,2%
		P-valor	0,666	0,452	0,948	0,008	0,921
	13ANT3	Corr (r)	-14,8%	-30,4%	28,9%	88,9%	32,3%
		P-valor	0,812	0,619	0,638	0,044	0,596
	13HOJ1	Corr (r)	25,6%	-13,8%	-12,7%	79,5%	-0,8%
		P-valor	0,476	0,705	0,726	0,006	0,983
	13HOJ2	Corr (r)	25,2%	-26,7%	-8,2%	84,5%	16,9%
		P-valor	0,547	0,522	0,846	0,008	0,689
	13HOJ3	Corr (r)	0,0%	-17,7%	11,2%	86,0%	50,0%
		P-valor	1,000	0,776	0,858	0,061	0,391

Com as variáveis Tempo de Residência na Instituição foi a única variável que apresentou relações significantes com todas as 3 Mortes, tanto na perspectiva ANTES e HOJE. A saber ANTES: 1ª Morte: 0,057; 2ª Morte: 0,008; 3ª Morte: 0,044; HOJE: 1ª Morte: 0,006; 2ª Morte: 0,008; 3ª Morte: 0,061.

Evento 15 – MUDANÇA NA CONDIÇÃO FINANCEIRA

Tabela 5.87: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Idade	Tempo em Santos	Tempo de Viuvez	Filhos	Netos	Bisnetos
Ítem 15 Mudança Financeira	15ANT1	Corr (r)	0,7%	37,2%	-48,7%	12,5%	0,7%	-26,6%
		P-valor	0,985	0,290	0,154	0,731	0,984	0,458
	15HOJ1	Corr (r)	-11,5%	41,9%	-51,0%	0,0%	15,9%	-21,8%
		P-valor	0,751	0,228	0,133	1,000	0,661	0,545

Não houve relações significantes nessa tabela.

Tabela 5.88: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Tempo de Trabalho (anos)	Horas trabalhadas por dia	Parou de trabalhar	Tempo em que reside na instituição	Mini Mental
Ítem 15 Mudança Financeira	15ANT1	Corr (r)	4,9%	-0,4%	14,3%	4,6%	6,3%
		P-valor	0,893	0,992	0,694	0,900	0,862
	15HOJ1	Corr (r)	26,8%	20,6%	-7,6%	-7,7%	3,8%
		P-valor	0,453	0,568	0,834	0,832	0,916

Não houve relações significantes nessa tabela.

Evento 19 – MORTE DE AMIGO ÍNTIMO

Tabela 5.89: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Idade	Tempo em Santos	Tempo de Viuvez	Filhos	Netos	Bisnetos
Ítem 19 Morte Amigo	19ANT1	Corr (r)	-7,1%	66,0%	44,7%	-9,2%	-39,2%	-57,3%
		P-valor	0,856	0,053	0,227	0,814	0,297	0,107
	19HOJ1	Corr (r)	-13,0%	56,4%	-6,2%	-16,6%	-33,5%	-56,0%
		P-valor	0,739	0,114	0,874	0,670	0,378	0,117

O Evento 19 – Morte de Amigo Íntimo, assinalado por 9 sujeitos, demonstrou ter relações significantes, na perspectiva ANTES com a variável Tempo de

Residência em Santos (0,053). As correlações destacadas em azul representam tendências à significância.

Tabela 5.90: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Tempo de Trabalho (anos)	Horas trabalhadas por dia	Parou de trabalhar	Tempo em que reside na instituição	Mini Mental
Ítem 19 Morte Amigo	19ANT1	Corr (r)	23,1%	46,3%	-3,0%	20,3%	14,2%
		P-valor	0,550	0,209	0,939	0,601	0,716
	19HOJ1	Corr (r)	22,7%	11,4%	-11,1%	11,3%	30,3%
		P-valor	0,556	0,771	0,777	0,773	0,428

Não houve relação significativa entre as variáveis da tabela e o evento 19.

Evento 23 – SAÍDA DE FILHO DE CASA

Tabela 5.91: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Idade	Tempo em Santos	Tempo de Viuvez	Filhos	Netos	Bisnetos
Ítem 23 Saída de Filho	23ANT1	Corr (r)	31,6%	63,2%	-81,6%	50,0%	63,2%	0,0%
		P-valor	0,684	0,368	0,184	0,500	0,368	1,000
	23HOJ1	Corr (r)	31,6%	63,2%	-81,6%	50,0%	63,2%	0,0%
		P-valor	0,684	0,368	0,184	0,500	0,368	1,000

Não houve interrelações significantes nessa tabela.

Tabela 5.92: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Tempo de Trabalho (anos)	Horas trabalhadas por dia	Parou de trabalhar	Tempo em que reside na instituição	Mini Mental
Ítem 23 Saída Filho	23ANT1	Corr (r)	-83,3%	-50,0%	63,2%	-50,0%	31,6%
		P-valor	0,167	0,500	0,368	0,500	0,684
	23HOJ1	Corr (r)	-83,3%	-50,0%	63,2%	-50,0%	31,6%
		P-valor	0,167	0,500	0,368	0,500	0,684

Não houve interrelações significantes na tabela acima.

Evento 29 – ABANDONO DOS ESTUDOS

Tabela 5.93: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Idade	Tempo em Santos	Tempo de Viuvez	Filhos	Netos	Bisnetos
--	--	--	-------	-----------------	-----------------	--------	-------	----------

Item 29	29HOJ1	Corr (r)	-83,3%	-50,0%	-21,1%	-50,0%	54,4%	- x -
Abandono Estudos		P-valor	0,167	0,500	0,789	0,500	0,456	- x -

Não houve intercorrelações significantes nessa tabela

Tabela 5.94: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Tempo de Trabalho (anos)	Horas trabalhadas por dia	Parou de trabalhar	Tempo em que reside na instituição	Mini Mental
Item 29	29HOJ1	Corr (r)	83,3%	23,6%	-94,9%	-73,8%	10,5%
Abandono Estudos		P-valor	0,167	0,764	0,051	0,262	0,895

O Evento 29 – Abandono dos Estudos, assinalado por 4 sujeitos demonstrou ter correlações significantes, na perspectiva HOJE, com a variável Parou de Trabalhar (0,051).

Evento 43 – MUDANÇA NO HÁBITO ALIMENTAR

Tabela 5.95: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Idade	Tempo em Santos	Tempo de Viuvez	Filhos	Netos	Bisnetos
Item 43 Mudança Alimentar	43ANT1	Corr (r)	-23,6%	-89,4%	23,6%	-70,7%	-70,7%	- x -
		P-valor	0,764	0,106	0,764	0,293	0,293	- x -
	43HOJ1	Corr (r)	-83,3%	-31,6%	-83,3%	50,0%	50,0%	- x -
		P-valor	0,167	0,684	0,167	0,500	0,500	- x -

Não houve intercorrelações significantes nessa tabela

Tabela 5.96: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Tempo de Trabalho (anos)	Horas trabalhadas por dia	Parou de trabalhar	Tempo em que reside na instituição	Mini Mental
Item 43 Mudança Alimentar	43ANT1	Corr (r)	0,0%	-70,7%	44,7%	94,3%	44,7%
		P-valor	1,000	0,293	0,553	0,057	0,553
	43HOJ1	Corr (r)	0,0%	-50,0%	-63,2%	-33,3%	63,2%
		P-valor	1,000	0,500	0,368	0,667	0,368

O Evento 43 – Mudança no Hábito Alimentar, assinalado por 4 sujeitos, mostrou ter relação significativa apenas com a variável Tempo de Residência na Instituição, na perspectiva ANTES (0,057).

Evento 44 - FÉRIAS

Tabela 5.97: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Idade	Tempo em Santos	Tempo de Viuvez	Filhos	Netos	Bisnetos
Ítem 44 Férias	44ANT1	Corr (r)	0,0%	-77,5%	-77,5%	33,3%	- x -	- x -
		P-valor	1,000	0,225	0,225	0,667	- x -	- x -
	44HOJ1	Corr (r)	0,0%	-77,5%	-77,5%	33,3%	- x -	- x -
		P-valor	1,000	0,225	0,225	0,667	- x -	- x -

Não houve interrelação significativa nessa tabela

Tabela 5.98: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Tempo de Trabalho (anos)	Horas trabalhadas por dia	Parou de trabalhar	Tempo em que reside na instituição	Mini Mental
Ítem 44 Férias	44ANT1	Corr (r)	25,8%	0,0%	-25,8%	-77,5%	-81,6%
		P-valor	0,742	1,000	0,742	0,225	0,184
	44HOJ1	Corr (r)	25,8%	0,0%	-25,8%	-77,5%	-81,6%
		P-valor	0,742	1,000	0,742	0,225	0,184

Não houve interrelação significativa nessa tabela.

Evento 48 – ROUBO ou ASSALTO

Tabela 5.99: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Idade	Tempo em Santos	Tempo de Viuvez	Filhos	Netos	Bisnetos
Ítem 48 Roubo Assalto	48ANT1	Corr (r)	-77,5%	-25,8%	-27,2%	54,4%	0,0%	- x -
		P-valor	0,225	0,742	0,728	0,456	1,000	- x -
	48HOJ1	Corr (r)	-94,9%	-31,6%	-50,0%	0,0%	0,0%	- x -
		P-valor	0,051	0,684	0,500	1,000	1,000	- x -

O Evento 48 – Roubo ou Assalto, assinalado por 4 sujeitos, demonstrou ter intercorrelações significantes, na perspectiva HOJE com a variável Idade (0,051).

Tabela 5.100: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Tempo de Trabalho (anos)	Horas trabalhadas por dia	Parou de trabalhar	Tempo em que reside na instituição	Mini Mental
Ítem 48 Roubo Assalto	48ANT1	Corr (r)	-77,5%	0,0%	54,4%	0,0%	77,5%
		P-valor	0,225	1,000	0,456	1,000	0,225
	48HOJ1	Corr (r)	-63,2%	-50,0%	50,0%	50,0%	94,9%
		P-valor	0,368	0,500	0,500	0,500	0,051

O Evento também tem intercorrelação significativa com a variável Mini Mental (0,051).

Evento 50 – CIRURGIA

Tabela 5.101: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Idade	Tempo em Santos	Tempo de Viuvez	Filhos	Netos	Bisnetos
Ítem 50 Cirurgia	50ANT1	Corr (r)	-69,4%	-40,9%	-72,0%	5,4%	2,7%	- x -
		P-valor	0,056	0,315	0,044	0,900	0,950	- x -
	50ANT2	Corr (r)	-25,8%	-77,5%	-81,6%	33,3%	33,3%	- x -
		P-valor	0,742	0,225	0,184	0,667	0,667	- x -
	50HOJ1	Corr (r)	-32,7%	-28,2%	-20,1%	37,4%	31,0%	- x -
		P-valor	0,429	0,498	0,633	0,361	0,455	- x -
	50HOJ2	Corr (r)	-94,9%	-21,1%	-77,8%	54,4%	54,4%	- x -
		P-valor	0,051	0,789	0,222	0,456	0,456	- x -

O Evento 50 – Cirurgia, assinalado por 8 sujeitos, com 2 ocorrências, demonstrou ter intercorrelações significantes, na perspectiva ANTES, entre a 1ª cirurgia e com as variáveis: Idade (0,056) e Tempo de Viuvez (0,044). Na perspectiva HOJE, entre a 2ª cirurgia e a variável Idade (0,051).

Tabela 5.102: Correlação das Variáveis Quantitativas com LEU VAS

			Tempo de Trabalho (anos)	Horas trabalhadas por dia	Parou de trabalhar	Tempo em que reside na instituição	Mini Mental
Ítem 50 Cirurgia	50ANT1	Corr (r)	-43,3%	-14,0%	25,1%	1,3%	41,8%
		P-valor	0,284	0,741	0,550	0,976	0,303
	50ANT2	Corr (r)	-54,4%	-81,6%	77,5%	54,4%	25,8%
		P-valor	0,456	0,184	0,225	0,456	0,742
	50HOJ1	Corr (r)	-66,5%	-45,0%	8,0%	-28,0%	45,1%
		P-valor	0,072	0,263	0,850	0,503	0,262

50HOJ2	Corr (r)	-88,9%	-50,0%	73,8%	5,6%	94,9%
	P-valor	0,111	0,500	0,262	0,944	0,051

O Evento também demonstrou ter intercorrelações significantes, na perspectiva HOJE, entre a 1ª cirurgia e a variável Tempo de Trabalho (0,072) e a 2ª cirurgia e a performance no Mini Mental (0,051).

Parte D - Resultados de Entrevistas

Pela relevância que possuem, as entrevistas coletadas serão expostas a seguir, entretanto, considerando a extensão do trabalho e das análises realizadas e expostas anteriormente, não serão analisadas. É também pela extensão de cada uma das 10 entrevistas coletadas, que alguns trechos, de menor relevância foram retirados das transcrições a seguir.

Entrevista 1 - G.J.

A psicóloga da instituição me leva até o quarto individual de G., uma das pacientes mais recentes da clínica, a idosa se internou por conta própria, pois acreditava que estava atrapalhando a rotina de sua filha e netas e também porque estava cansada da rotina da casa. A psicóloga me apresenta e eu falo sobre as entrevistas e minha pesquisa de mestrado, sobre o conceito de *stress*, não apenas como algo negativo, mas como tudo aquilo que exige uma mudança de comportamento e pergunto se posso entrevistá-la.

G: - Se eu puder te ajudar, respondo sim, mas quer saber o que, sobre a minha vida? Não tem nada demais não, filha...

Pesquisadora: - É justamente sobre sua vida que quero saber, e isso vai me ajudar muito... te conhecer um pouco, um pouco de sua história e como você lidou com os eventos que te geraram algum stress. Sua experiência de vida...

G: - Tá bom, vamos lá... o que você precisa saber?

Pesquisadora: - Seu nome completo e data de nascimento.

G: - G. J. e 18/12/29

Início aplicação do Mini Exame do Estado Mental, a idosa é simpática durante todo a realização do teste.

G: - Nossa foi rápido, achei que o teste demorasse mais. Não preciso parar não. Vamos lá, o que você quer me perguntar. E não precisa me chamar de dona.

Pesquisadora: - Você nasceu no Brasil mesmo? Em que estado e cidade?

G: - Sim. Santos- SP Sempre morei aqui.

Pesquisadora: - Qual o seu estado civil?

G: - Eu sou viúva há 28 anos. E me casei uma segunda vez, mas fiquei viúva de novo.

Pesquisadora: Você teve filhos? E netos? E bisnetos?

G: Sim, uma filha do primeiro casamento. Tenho duas. Bisnetos ainda não, elas são novas.

Pesquisadora: - Qual sua religião, G?

G: - Católica, filha, a vida toda, vou na missa sempre.

Pesquisadora: - Você disse que estudou até o 2º. Grau né?! (Ela acena com a cabeça) Qual sua profissão? E quantas horas por dia mais ou menos você trabalhava?

G: - Eu fui dona de casa a vida toda. O dia todo, trabalho em casa não tem fim, né... Quando a gente termina uma coisa já tem outra para fazer!

Pesquisadora: - Há quanto tempo você parou de exercer essa atividade?

G: - Só quando vim pra cá. Eu que quis vir pra cá, não dava mais conta de cuidar da casa e me cuidar sozinha. Eu falei para minha filha que preferia ficar aqui... ela queria que eu fosse pra casa dela, mas lá eu atrapalho... prefiro ficar aqui, então eu vim pra cá.

Pesquisadora: E quanto tempo faz que a senhora está aqui?

G: - Seis meses e eu estou adorando viu. Eu tenho o meu quarto, faço minhas coisas aqui e quando quero saio para conversar ou comer... sempre limpo o meu quarto, você viu? Quando você chegou eu tinha acabado de limpar. Elas vem limpar também, mas eu gosto de limpar do meu jeito, gosto de caprichar!

Pesquisadora: Que bom, G!! Ta muito cheiroso o seu quarto, uma delícia. E a senhora gosta de morar aqui, então?!

G: - Eu gosto, só a comida que não é muuuuito gostosa, meio sem sal sabe?! Mas paciência né... eu pelo menos ainda posso comprar lanche, fazer o que eu gosto, aqui tem gente que nem isso.

Pesquisadora: - E agora que a senhora mora aqui se reúne com a família com que frequência?

G: - Ah, toda semana, minha filha vem sempre, me leva para lá nos finais de semana.

Pesquisadora: Com quem a senhora tem mais contato? Sua filha?

G: - Sim, filha, netas e meu genro.

Pesquisadora: - E você auxilia alguém ou recebe auxílio de algum familiar?

G: Não. Antes eu cuidava da minha neta mais nova, mas agora não. Não também.

Pesquisadora: - G, para você, viver em um residencial resultou em benefícios? Muitos, poucos ou nenhum? E apesar de ter gostado tanto, teve alguma dificuldade em morar aqui? Muitos, poucos ou nenhum?

G: - Muitos... tenho tudo aqui, fico tranquila. Nenhuma dificuldade, mas acho que é assim também porque eu saio sempre pra ver minha família... pra quem fica só aqui não deve ser tão legal.

Pesquisadora: - Ah, é... é bem diferente! G, agora eu vou falar algumas atividades e você me diz com que frequência costumava fazer isso, antes de viver em um residencial tá? Sempre vou te dar as opções de “Sempre”, “Muitas vezes”, “Poucas vezes” e “Nunca”.

G: - Ah, tá bom. Vamos lá.

Pesquisadora: - Viajava a lazer?

G: - Muitas vezes, eu viajava bastante com meu marido.

Pesquisadora: - Ia a praia?

G: - Sempre, eu e meu marido íamos sempre, era uma delícia.

(...) A lista de atividades é respondida por inteiro.

Pesquisadora: - Dessas atividades todas que a gente citou, depois da institucionalização, quais você ainda realiza ou pode realizar? Por quê?

G: - Ah, Nada né. Tudo é longe agora!

Pesquisadora: - Entendi. Como você acha que o contato com sua família e amigos impacta em sua qualidade de vida atual?

G: - Ah... é essencial né. Eu gosto bastante, minha filha vem sempre! Eu gosto deles e eles de mim, a gente se dá muito bem. Isso me faz feliz!

Pesquisadora: - Como as lembranças e histórias vividas interferem em seu modo de viver atual?

G: - Ah, minhas histórias é o que eu sou. Sempre foi boa minha vida! Tive pais bons, não tenho do que reclamar. Família influi muito nos seus sentimentos e ações.

Pesquisadora: - Como você lida com eventos estressores em sua vida, atualmente?

G: - Quando outras senhorinhas magoam a gente por causa do Alzheimer ou outra doença... vai ignorando, ignorando, mas uma hora responde... não tem jeito. Mas logo passa.

Pesquisadora: - Dona G. Muito obrigada viu? Podemos ir para o questionário de eventos de vida?

G: - Nossa tem mais?

Pesquisadora: - Tem, a senhora quer parar? Posso voltar outra hora, se preferir.

G: - Ah, não. Não tem problema, pode ser agora, ainda tem tempo até o almoço.

Pesquisadora: - Então, tá bom. Qualquer coisa você me avisa. Esse instrumento como eu tinha dito antes, é assim, eu vou citar um evento de vida, você me diz então se viveu um evento assim, ou mesmo alguém muito próximo de você. Daí você me diz em que época isso aconteceu, se foi um evento positivo ou negativo e me diz o quanto isso te estressou naquele momento, em uma intensidade de 0 a 100; depois faz o mesmo pensando em como isso te estressa até hoje. Tudo bem?!

G: - Tudo... então eu dou uma nota é isso, de 0 a 100. Se foi muito ruim, ou pouco ruim, muito bom ou pouco bom?

Pesquisadora: - Isso! Exatamente. Vamos começar? Morte do Cônjuge.

G: - Ah... tive... duas vezes! O primeiro tinha 55 anos, foi de repente, ele era muito mais velho que eu. Foi muito ruim, eu amava muito ele, minha filha ainda era nova, pra ela foi muito difícil também. (pausa) E o outro foi em 87, ele sofreu um acidente antes, ficou na cama todo esse tempo e eu cuidando dele. E daí ficou doente e não aguentou.

Pesquisadora: - E você consegue dizer uma nota de como foi ruim perdê-los na época?

G: - Ah, 100 com certeza, foi muito ruim.

Pesquisadora: - E hoje em dia?

G: - Hoje em dia, eu acho que metade disso, uns 50. Eu sinto muito a falta deles, mas eu estou bem.

Pesquisadora: - Divórcio não teve, né? Teve prisão?

G: - Não, graças a Deus, ninguém que eu conheço nunca foi preso.

Pesquisadora: - Acidente ou doença!

G: - Teve. Meu segundo marido, a gente estava casado há um pouco mais que 10 anos, ele foi atropelado e não conseguiu mais andar, ficou na cama até falecer. Passei o resto da vida dele cuidando dele.

Pesquisadora: - Nossa, G, sinto muito. Imagino que deve ter sido super difícil.

G: - Foi, minha filha que sempre me ajudou, porque ela adorava ele, cresceu com ele né. Mas, fazer o que... a vida é assim. Pelo menos ele teve as pessoas que gostavam dele sempre por perto.

Pesquisadora: - (Sorriso) Que bom! E casamento, G, você lembra os anos em que se casou?

G: - Claro. Em 1952 eu casei com meu primeiro marido, eu engravidei em seguida. E do 2º. Eu casei em 1969. Precisa dar as notas né? 100 para os dois, na época e até hoje, eu fui muito feliz com eles.

Pesquisadora: - Perda de emprego?

G: - Não teve nenhuma. Só o 2º. que parou de trabalhar por causa do acidente, mas daí é diferente. A gente se virou, ele aposentou...

Pesquisadora: - Reconciliação com o cônjuge? Teve alguma vez que a senhora brigou e voltou com um deles.

G: - Não, eu nunca fui de brigar, sempre fui muito tranquila, filha.

Pesquisadora: - Aposentadoria.

G: - Não, nenhuma marcou.

Pesquisadora: - Gravidez? Você só teve uma?

G: - Ah, só. Foi em 52, mesmo. Foi muito bom, tudo tranquilo. Nota máxima pra tudo, minha filha é tudo pra mim.

Pesquisadora: - Separação do Casal?

G: - Não teve

Pesquisadora: - Dificuldades sexuais?

G: - Sim, tinha sim. Eu nunca gostei.

Pesquisadora: - Não? Nunca?

G: - Nunca, eu amava muito eles, mas fazia só porque tinha que fazer, pra agradar!

Pesquisadora: - Mas te trazia desconforto, dor?

G: - Às vezes sim, às vezes não. Eu não gostava mesmo.

Pesquisadora: - E qual nota você daria?

G: - O máximo de ruim na época e hoje também vá... continuo não gostando.

Pesquisadora: - Certo. E nascimento de crianças na família?

G: - Minha filha em 1953, positivo claro. 100 antes e 100 hoje. E minhas netas, em 83 e 86. As duas foi bom demais... e até hoje é. Nota máxima! (Sorri)

Pesquisadora: - E morte de alguém na família, G ?

G: - Ixi, eu perdi todo mundo já. Os meus pais foi bem difícil pra mim... meus irmãos...

Pesquisadora: - Eu imagino. (Pausa) E você lembra há quantos anos perdeu eles?

G: - Meus pais eu já era adulta e casada já. Meu pai foi 70 mais ou menos, e minha mãe foi um pouco depois, acho que 73... Meus irmão foram próximos também, mas faz menos tempo... acho quem foi na década de 90, primeiro ela, depois meu irmão... e a gente era muito próximo sabe, da minha irmã também, mas com meu irmão era diferente. A gente se dava muito bem!

Pesquisadora: - E você acha que consegue dar uma nota pra essas perdas?

G: - Foi muito difícil, era minha família! Mas acho que uns 90 para o meu pai e minha mãe... e para os meus irmãos... 90 também.

Pesquisadora: - E hoje, G.

G: - Ah... 90 ainda, eu sinto falta deles demais.

Pesquisadora: - Tá ok. Mudança de trabalho teve alguma? Mudança na condição financeira? Doença de alguém na família? Mudança de país? Compra de casa de valor alto? Morte de algum amigo íntimo?

G: - Isso teve. A Tita minha amigona, foi recentemente faz mais de um ano mais ou menos. Eu fiquei muito triste gostava muito dela. (Pausa) Tem que dar nota, né? 100, foi muito triste e até hoje eu chora por saudades dela ainda.

Pesquisadora: - Sinto muito G. Ela tinha idade já?

G: - Sim. Nessa idade não tem jeito a gente se não perdeu, vai perdendo todo mundo.

Pesquisadora: - É verdade. Quando você quiser continuamos.

G: - Pode continuar, eu estou bem.

Pesquisadora: - Teve mudança de frequência nas brigas com o cônjuge?

G: - Não, sem brigas, brigar não resolve nada. Eu sempre conversei, falando baixo e só pelo que valia a pena falar. Você é casada?

Pesquisadora: - Sim.

G: - Então se eu puder te dar um conselho, não briga viu... não vale a pena. Vocês tem que sempre se tratar bem.

Pesquisadora: - Com certeza, se não a vida a dois fica difícil... eu vou me lembrar disso. E término de pagamento de empréstimo, teve algum? Mudança de responsabilidade no trabalho? Saída de filho de casa? Dificuldades com a política?

G: - Não nada, minha filha saiu quando casou, mas não foi nada demais, normal né.

Pesquisadora: - Não quer colocar?

G: - Não, não.

Pesquisadora: - Dificuldades com a política, teve?

G: - Não.

Pesquisadora: - Reconhecimento de feito profissional de realce? Cônjuge começou a trabalhar? Cônjuge parou de trabalhar? Começou a estudar? Abandonou os estudos? Acréscimos de pessoas morando em casa? Diminuição de pessoas morando em casa?

G: - Não...

Pesquisadora: - Mudança de hábitos pessoais?

G: - Eu parei de fumar, graças a Deus. Fumei por 20 anos, tinha 41 quando parei.

Pesquisadora: - Positivo então... que nota?

G: - 100, fiquei muito feliz por ter conseguindo. E até hoje é 100, nunca mais fumei, graças a Deus.

Pesquisadora: - Parabéns, G! É preciso muito esforço para conseguir!

Vamos continuar? Já estamos acabando tá?

G: - Ah, ta. Eu já estou com fome.

Pesquisadora: - Já vamos terminar, mas se quiser eu espero seu almoço.

G: - Falta pouco não é? Vamos terminar.

Pesquisadora: - Houve alguma dificuldade com chefe, a senhora trabalhou em casa, mas seus maridos, talvez? Não? Ta. Mudança de horário de trabalho? Mudança de residência? Mudança na escola? Mudança de Atividades Recreativas? Mudança de atividades religiosas? Mudança de atividades sociais?

G: - Não... não tive muitas mudanças, né?! Hahaha. Minha vida sempre foi boa, o mais difícil foi cuidar do C, mas sempre fiz com amor! O que mais?

Pesquisadora: - Teve compra de crédito de valor médio? E mudança no hábito de dormir?

Mudança na frequência de reuniões familiares? Mudança de hábitos de alimentação?

G: - Teve quando eu vim pra cá, a comida não é muito boa... é bem feita e tudo, mas não tem muito tempero.

Pesquisadora: - E que nota você daria?

G: - 50... é sem graça, mas dá para comer... mas continua 50 hoje, porque ainda não me acostumei.

Pesquisadora: - Férias?

G: - Todas foram boas! Não teve nenhuma em especial.

Pesquisadora: - Natal?

G: - Também não teve nenhum que marcou.

Pesquisadora: - Recebimento de multas ao cometer infrações? Vício? Roubo ou assalto? Viagem? Cirurgia?

G: - Eu fiz duas, tive que operar a vesícula em 2000 e o apêndice em 2005. As duas foram ruins, apesar de ter resolvido. Acho que eu daria uns 80 de nota.

Pesquisadora: - Na época? E hoje?

G: - Também 80.

Pesquisadora: - E teve alguma paixão ou caso amoroso?

G: - Não, só os maridos mesmo.

Pesquisadora: - Teve algum outro evento que eu não citei e você gostaria de mencionar?

G: - Não, você perguntou tudo! Hahaha.

Pesquisadora: - É isso, dona G. Muito obrigada viu, foi muito bom conversar com você.

G: - Que bom!! Eu que agradeço, você é um docinho viu! Novinha né... quanto anos você tem?

Pesquisadora: - 26.

G: - Parece tão menos, uma carinha de menina.

Pesquisadora: - Ah, obrigada.

Entrevista 2 - H.S.U.

Depois de conversar com a psicóloga sobre H, uma enfermeira me leva até ela, a idosa se senta em uma poltrona no final do corredor, onde costuma ficar bordando por horas. Eu me apresento e falo sobre o projeto de mestrado, pergunto se ela poderia me ceder uma entrevista. Ela é simpática e diz que sim. Eu leio o termo de consentimento e explico sobre o Mini Mental, o questionário e o LEU/VAS.

H: - Você está estudando sobre stress em idosos, então?!

Pesquisadora: - Isso, sobre stress em idosos que vivem em instituições, como essa. Primeiro eu preciso aplicar um teste cognitivo, depois farei um questionário de dados gerais e por último usarei outro instrumento que cita alguns eventos de vida, nele você me diz se viveu o evento em questão ou não e me dará uma nota do stress vivenciado no momento e até hoje, mas lá na frente explico com maiores detalhes, ok?!

H: - Tá bom, pode fazer.

Começo a aplicar o Mini Mental e por vezes há dificuldade de comunicação, devido ao sotaque da participante e de sua confusão com algumas palavras em português.

Pesquisadora: - H., eu vou usar somente as suas iniciais e vou alterá-las para preservar sua identidade, tudo o que conversarmos aqui, fica em sigilo profissional, usarei apenas na minha pesquisa e discutirei com meu orientador, tudo bem?

H: - Tudo bem.

(...)

Pesquisadora: - E até que ano a senhora estudou?

H: - Eu estudei uns dois anos só, depois parei para trabalhar, minha família toda trabalhava na roça, então tive que ajudar. Tinha muito trabalho sempre.

Pesquisadora: - Ah, e a senhora queria ter estudado mais?

H: - Ah, queria sim. Mas meu pai me mandou parar de estudar e eu obedeci, para ajudar. A gente não tinha muito dinheiro, então tinha que trabalhar.

(...)

Pesquisadora: - Agora eu vou pedir para fazer algumas contas tá? 100 – 7?

H: - Ai... não sou boa em fazer contas, meu marido que fazia tudo para mim.

Pesquisadora: - Vou escrever, quem sabe a senhora consegue , ao invés de me ouvir falar...
(Escrevo a primeira conta e ela olha por um tempo e diz que não sabe, escrevo a segunda, e ela diz que não consegue fazer).

H: - Eu não sei fazer contas...

(...)

Pesquisadora: - Qual a sua data de nascimento G?

H: - 05/04/23

Pesquisadora: - Você nasceu aonde, dona H?

H: - Na Galícia, Espanha.

Pesquisadora: - É uma região? Tem um nome de cidade?

H: - É, não... Galícia só.

Pesquisadora: - Lá era Zona Rural?

H: - Como assim?

Pesquisadora: - Era uma cidade grande ou era campo? Você falou que trabalhavam na roça...

H: - É, era roça lá.

Pesquisadora: - E há quanto tempo você mora no Brasil?

H: - Eu vim para cá com 24 anos. E sempre morei aqui.

Pesquisadora: - Qual o seu estado civil, H?

H: - Eu sou viúva, desde 2004. E nunca mais me casei.

Pesquisadora: - Você teve filhos?

H: - Eu tenho uma filha, lá na Espanha.

Pesquisadora: - Não trouxe ela com você?

H: - Não. Foi complicado... eu namorava um rapaz e engravidei, e por isso disse a ele que queria me casar, antes da barriga aparecer. Ele aceitou, quis casar, só que disse que ia primeiro cumprir serviço militar, e quando voltasse a gente casava. Ele foi e quando voltou queria casar, mas eu não queria mais, já tinha tido minha filha, não resolvia mais nada, eu não queria casar com ele.

Pesquisadora: - Ah, entendi. E a senhora sofreu muito por ter tido sua filha?

H: - Não, mas mulher que tinha filho sem casar não era bem vista. E quando ela fez dois anos, eu deixei ela lá, porque apareceu uma oportunidade de vir para o Brasil com um primo meu, que conhecia gente aqui, tinha trabalho para mim, então eu vim.

Pesquisadora: - Entendi. E você tem contato com ela?

H: - Eu fui pra lá umas duas vezes, não tenho muito contato.

Pesquisadora: - Você tem netos?

H: - Tenho. Dois, quando fui para lá conheci eles.

Pesquisadora: - E bisnetos tem?

H: - Eu nem sei, mas acho que não ainda.

Pesquisadora: - Qual sua religião, G?

H: - Eu sou católica e espírita cardecista.

Pesquisadora: - As duas religiões?

H: - Eu cresci na católica, mas aqui no Brasil eu passei a ser espírita também, mas nunca abandonei a igreja católica.

Pesquisadora: - E hoje você é praticante dessas religiões?

H: - Não, hoje só fico aqui, mas eu trabalhei em centro espírita muito tempo, fazia trabalho voluntário.

Pesquisadora: - Que legal! Você disse que estudou até o 2º. ano!

H: - É, mas eu parei de estudar muito cedo, nem cheguei a aprender a ler muito bem.

Pesquisadora: - E com que você trabalhava depois que veio para o Brasil?

H: - Eu fiz de tudo já, minha filha, lá na Espanha eu trabalhava na roça, com arado, fazia de tudo. Quando eu vim para o Brasil, primeiro eu trabalhei de babá, que foi esse emprego que meu primo me arrumou, eu vim aqui para cuidar de crianças. Depois eu fiz de tudo, fui cozinheira, faxineira e sempre fui bordadeira, fazia pra vender. E no centro eu fazia trabalho voluntário.

Pesquisadora: - Quantas horas por dia você trabalhava, mais ou menos?

H: - Quando eu era babá e cozinheira era tudo certinho, 8 horas por dia, mas quando eu trabalhava na roça e com bordados aí não tinha horário certo.

Pesquisadora: - Há quanto tempo você parou de exercer essas atividades?

H: - Na roça eu parei desde que vim pro Brasil, como babá ou cozinheira e faxineira foi até eu me casar, o resto só parei quando vim pra cá, só bordado que eu ainda faço um pouco, mas é mais para passar o tempo.

Pesquisadora: - Sua internação aqui foi voluntária?

H: - Não, eu vim pela justiça. Porque eu estava morando sozinha e fiquei cega, a prefeitura chegou lá e decidiu que eu não podia mais morar sozinha, como eu não tenho ninguém aqui eles decidiram que eu tinha que vir pra cá. Eu não queria vir, mas como eu estava quase cega tive que vir, depois eu fiz a cirurgia e fiquei bem voltei a enxergar melhor... já estava aqui, daí fiquei.

Pesquisadora: E quanto tempo faz que a senhora está aqui?

H: - Três anos já.

Pesquisadora: - Então não tem família por aqui, com quem costuma se reunir?

H: - Não, não tem ninguém. Todo mundo já foi embora, meu marido, meu primo...

Pesquisadora: - E você auxilia alguém da sua família? Ajuda sua filha lá na Espanha com alguma coisa?

H: - Não. Faz tempo que eu não falo com as pessoas de lá.

Pesquisadora: - Você recebe auxílio de algum familiar?

H: - Sim, da minha sobrinha... sobrinha do meu marido na verdade ne... Ela compra as coisas pra mim, me acompanha quando tenho médico, essas coisas. Mas na verdade sou sozinha.

Pesquisadora: - Que bom que você pode contar com ela! E, dona H, viver em um residencial resultou em benefícios para você? Muitos, poucos ou nenhum?

H: - Ah, só teve benefícios! Eu sou muito bem cuidada aqui, a gente tem tudo o que precisa, tem atenção, tem amigos

Pesquisadora: - (Sorriso.) Que bom, mas você classificaria como?

H: - Muitos, muitos benefícios.

Pesquisadora: - E apesar de ter muitos benefícios, teve alguma dificuldade em morar aqui? Muitos, poucos ou nenhum?

H: - Nenhuma. Eu não quis vir, fui obrigada, mas gostei de morar aqui, me acostumei e hoje não tenho vontade de sair.

Pesquisadora: - Dona H, agora eu vou falar algumas atividades e você me diz com que frequência costumava fazer isso, antes de viver em um residencial, tudo bem? Eu vou citar a atividade e vou te dar as opções “Sempre”, “Muitas vezes”, “Poucas vezes” e “Nunca”.

A lista de atividades é realizada com perguntas e respostas concisas.

Pesquisadora: - Dona H, depois que você passou a viver aqui, que atividades você ainda realiza dessas que a gente citou?

H: - Não faço mais nada disso. Não tem como. Eu já estou velha, aqui é longe da praia, longe de tudo... Só saio quando tem que ir ao médico mesmo, coisas assim.

Pesquisadora: - Como o contato com a sua família e amigos impacta na sua qualidade de vida atual?

H: - Não sinto falta não... eu já estou muito acostumada a ser sozinha. Todo mundo está lá na Espanha, e eu fui pra lá duas vezes e não gostei, já queria voltar, a vida lá é muito diferente. Mas eu gosto mais de ficar aqui...

Pesquisadora: - Como as lembranças e histórias vividas interferem em seu modo de viver atual?

H: - Ah, eu acho que não interfere não. Eu fiz tudo o que quis, vivi minha vida do meu jeito, trabalhei e me diverti, casei, ajudei as pessoas como eu pude.

Pesquisadora: - E você acha que isso não influencia em nada a sua vida atual?

H: - Não, já passou... o que passou, passou. Eu sou feliz hoje, mas não fico pensando no passado.

Pesquisadora: - Como você lida com eventos estressores em sua vida, atualmente? Quando algo te causa estresse o que a senhora faz?

H: - Eu ignoro, sempre. Quando alguma coisa me irrita eu deixo pra lá e volto a fazer meus bordados, fazer minhas orações, procuro nem pensar.

Pesquisadora: - Entendi. Posso fazer mais umas perguntas? Agora eu vou aplicar um teste, em que eu cito alguns eventos de vida e você me conta se viveu isso ou não, pode ter sido algo que foi significativo para você ou pra alguém muito próximo de você, que tenha te tocado também, tá?! Então você me diz em que época isso aconteceu e se foi positivo ou negativo e depois me dá uma nota de 0 a 100, que corresponde a quanto de stress isso te gerou, na época e o quanto ainda te causa stress atualmente. Tudo bem?

H: - Melhor fazer um e você vai me falando o que tenho que fazer.

Pesquisadora: - Tudo bem. O evento é morte de cônjuge, a senhora perdeu o marido?

H: - Sim. Em 2004.

Pesquisadora: - 2004. E você classifica esse evento como negativo ou positivo?

H: - Negativo, claro.

Pesquisadora: - E que nota de intensidade você daria para o stress de viver isso naquela época?

H: - Ah... o máximo. 100.

Pesquisadora: - E hoje em dia? Quanto de stress essa perda ainda te traz?

H: - A mesma coisa, eu sinto muito a falta dele, até hoje.

Pesquisadora: - É difícil né. (Pausa) A senhora viu como é o teste, em todos os eventos vai ser assim tá?

H: - Entendi.

Pesquisadora: - Divórcio teve? Não... Teve prisão?

H: - Não, não teve.

Pesquisadora: - Acidente ou doença... Casamento?

H: - Teve... a gente casou em 70. E foi bom, muito bom na época e até agora.

Pesquisadora: - Que nota você daria?

H: - 100 e 100 até hoje também. Foi muito bom ter casado com ele.

Pesquisadora: - Perda de emprego? Reconciliação com o cônjuge?

H: - Como assim?

Pesquisadora: - Vocês brigaram alguma vez, tem alguma vez que você fizeram as pazes que te marcou, que foi importante.

H: - Não, a gente nunca rompeu.

Pesquisadora: - Aposentadoria.

H: - Eu me aposentei com 60 anos. Foi positivo, é bom poder descansar. 100 na época... eu já estava muito cansada e 100 até hoje.

Pesquisadora: - Gravidez?

H: - Eu não lembro o ano...

Pesquisadora: - Você lembra sua idade?

H: - Eu tinha 22 anos. Foi negativo. Eu te disse antes... eu namorava e quando descobri que estava grávida falei para gente casar, mas ele só quis casar depois de cumprir serviço, daí não resolvia mais. Eu tive que trabalhar e quando ela era bebê apareceu a oportunidade de vir pra cá pra trabalhar de babá, eu resolvi vir e deixei ela lá com a minha família.

Pesquisadora: - E como foi para você essa separação.

H: - Foi difícil, mas eu sabia que ela ia ser bem cuidada e eu ia mandar dinheiro pra ela. Eu voltei para a Espanha duas vezes para visitar ela, conheci meus netos... foi bom, mas eu fico nervosa lá, quero voltar logo para o Brasil.

Ela me manda carta às vezes.

Pesquisadora: - A senhora estranha quando volta para lá? (Pausa) Que bom que pode conhecer seus netos.

H: - É... já faz tempo... não sei nem se já tenho bisneto. (Pausa)

Pesquisadora: - E que nota você daria para a sua gravidez?

H: - É negativo, eu não queria engravidar, uns 50 eu acho.

Pesquisadora: - E hoje em dia?

H: - Hoje nada, não faz mais diferença, 0.

Pesquisadora: - E separação do Casal, teve?

H: - Não.

Pesquisadora: - Dificuldades sexuais? Nascimento de crianças na família?

H: - Não. Não teve.

Pesquisadora: - E morte de alguém na família?

H: - Ah... teve muitas. Eu perdi meu irmão quando eu tinha 12 anos, foi horrível. Ele estava andando de bicicleta e bateu a cabeça e morreu. Meu cunhado caiu morreu Ixi, eu perdi todo mundo já. Os meus pais foi bem difícil nas vinhas e morreu no hospital, eu tinha um pouco mais de 20 anos, não tinha engravidado ainda.

Depois perdi meu pai, logo depois que minha filha nasceu.

Pesquisadora: - Nossa, H. Como ?

H: - Ele bateu o crânio, foi arrastado por uma vaca e não resistiu. E em 1960 minha mãe morreu também, mas ela foi do coração.

Pesquisadora: - Você consegue me dizer a intensidade desses eventos na sua vida?

H: - Muita tristeza, todos foram muito ruins... eu daria 100 para todos e até hoje... não me conformo de perder tanta gente.

Pesquisadora: - Eu imagino sua dor, e você era bastante nova.

H: - É... a vida lá era dura. (Pausa) Pode continuar.

Pesquisadora: - Ok. Mudança de trabalho teve alguma? Mudança na condição financeira?

H: - Teve, com o Collor a gente perdeu muito dinheiro, meu marido tinha dinheiro guardado e a gente perdeu tudo. Foi muito ruim ... dou 100, na época e até hoje em dia, a gente nunca recuperou o dinheiro.

Pesquisadora: - Doença de alguém na família? Mudança de país?

H: - Bom, eu vim pra cá com 24 anos, e gostei muito, sempre gostei daqui!

Pesquisadora: - Que nota a senhora daria na época e até hoje...

H: - 100 nas duas... eu nunca gostei de lá.

Pesquisadora: - Teve compra de casa de valor alto? Morte de amigo íntimo? Mudança na frequência de brigas com o cônjuge? Teve algum empréstimo que foi pago? Mudança de responsabilidade no trabalho? Saída de filho de casa? Teve alguma dificuldade com a política?

H: - Não, nada disso.

Pesquisadora: - Teve algum reconhecimento de feito profissional de realce? Cônjuge começou a trabalhar? Cônjuge parou de trabalhar? Começou a estudar? Abandonou os estudos?

H: - Eu parei de estudar novinha, para trabalhar, ajudar meus pais na roça. Mas era comum na época, não me chatiei não.

Pesquisadora: - Entendi. Teve acréscimo de pessoas morando em casa? Ou diminuição de pessoas morando em casa? Mudança de hábitos pessoais?

H: - Não...

Pesquisadora: - Teve dificuldades com algum chefe? Seu ou de seu marido? (pausa) Teve alguma mudança de horário de trabalho? (Pausa) Mudança de residência?

H: - Se eu mudei de casa? Mudei algumas vezes, mas nada demais.

Pesquisadora: - Nenhuma te marcou, te gerou stress, nem positivo, nem negativo?

H: - Não...

Pesquisadora: - Mudança de escola, teve? Mudança de atividades recreativas? Ou de atividades religiosas? (Pausa) Mudança de atividades sociais? Compra de crédito de valor médio?

Teve alguma mudança no hábito de dormir?

H: - Não, eu sempre dormi bem, nunca tive problema para dormir.

Pesquisadora: - Mudança na frequência de reuniões familiares? Mudança de hábitos de alimentação? Férias?

H: - Todas foram boas, sempre descansei, viajei...

Pesquisadora: - Natal, teve algum que você se recorde de maneira especial? Recebimento de multas ao cometer infrações? Vício a senhora teve ou tem algum? Teve algum roubo ou assalto?

H: Ah, isso teve! Entraram na minha casa uma vez, mexerem em tudo. Eu fiquei com muita raiva. Nem levaram muita coisa, só alguns aparelhos eletrônicos e um pouco de dinheiro, mas saber que alguém mexeu na sua casa é pior que o roubo.

Pesquisadora: - Ah, sem dúvida. A nossa casa é onde nos sentimos seguro, é onde temos intimidade... Você lembra em que época foi isso, dona H?

H: - Hum... acho que eu estava casa há pouco mais de 10 anos.

Pesquisadora: - E que nota você daria para esse evento?

H – Foi ruim, mas não foi muito ruim, porque a gente não estava lá, então ninguém se machucou. Acho que uns 50 naquela época e hoje nada, vai... 0.

Pesquisadora: - E viagem, teve alguma especial? Você diz que viajou bastante...

H: - É, mas foi tudo por aqui, eu acho que quando eu fui pra Espanha... mas eu ficava doente e voltava, não me sentia bem lá. Foi positivo, mas eu daria uns 30 mais ou menos. E hoje? Hum... hoje nada, 0.

Pesquisadora: - Você ficava doente lá...

H: - É acho que de nervoso por estar lá, ficava doente, com febre e dor de cabeça... nada demais, voltava pra cá e não tinha mais isso.

Pesquisadora: - Entendi. E a senhora teve alguma cirurgia?

H: - Tive, eu operei o apêndice primeiro e depois a coluna.

Pesquisadora: - Lembra as datas?

H: - Ah... uma foi no começo dos anos 90 eu acho... e a da coluna foi em 98 eu acho.

Pesquisadora: - E você considera as cirurgias positivas ou negativas?

H: - Negativas ... A do apêndice não foi tão ruim, não senti tanto dor depois... dou uns 50 na época e hoje nada. (...) e a da coluna, foi bem ruim, foi dolorido, dou 100 na época... hoje nada, porque fiquei boa das duas coisas.

Pesquisadora: - Que bom! Teve alguma paixão ou caso amoroso?

H: - Não.

Pesquisadora: - Teve algum outro evento importante na sua vida que eu não perguntei e você quer citar?

H: - Não, não teve nada.

Pesquisadora: - Então é só isso, dona H. Muito obrigada pelo seu tempo, por participar e me contar sobre sua história. Eu vou estar por aqui mais vezes, se você quiser conversar mais qualquer outro dia é só me chamar. Obrigada.

H: - Ah tá bom. Obrigada você. Tudo de bom!

Entrevista 3 - H.W.

A psicóloga pede que chamem por H.W. e eu a entrevisto no auditório do Lar, a psicóloga pede que a chamem e me apresenta, falando rapidamente sobre o projeto e perguntando se ela gostaria de me dar uma entrevista. Quando ficamos a sós eu falo sobre o mestrado e sobre a intenção do projeto de conhecer um pouco mais sobre o stress em idosos institucionalizados, falo sobre os instrumentos utilizados para isso e inicio a entrevista.

A idosa é simpática, mas um pouco calada. Peço permissão para gravar, e ela consente. E inicio a aplicação do Mini Mental, a idosa tem bom desempenho no teste de mania geral, mas não formula uma frase corretamente.

Pesquisadora: - A senhora pode criar uma frase que tenha sujeito, objeto e que faça sentido?

H: - Ela pega a folha e escreve no canto "Deus" e embaixo escreve "Oração".

(...)

Pesquisadora: - A senhora nasceu aqui no Brasil mesmo?

H: - Isso, nasci no Guarujá, aqui pertinho.

Pesquisadora: - E desde quando a senhora mora em Santos?

H: - Eu vim pra cá com 12 anos, com a minha mãe e meus irmãos.

Pesquisadora: - E o seu pai?

H: - Ele faleceu quando eu tinha 6 anos, lembro pouco dele. Mas eu lembro que ele era muito carinhoso.

Pesquisadora: - E qual seu estado civil?

H: - Solteira.

Pesquisadora: - Você tem filhos?

H: - Não, nunca casei, nem tive filhos.

Pesquisadora: - E religião, você tem alguma?

H: - Sou evangélica há 30 anos... antes eu era católica, a minha mãe era né, mas depois eu me converti. Eu me identifiquei mais...

Pesquisadora: - Qual era sua profissão, dona H?

H: - Eu não tinha profissão, eu trabalhei em casa a vida toda. Eu cuidava da casa para os meus irmãos, eu e minha mãe. Eu cheguei a trabalhar fora uma vez, numa loja, mas não gostei. Eu sempre gostei mais de ficar em casa, fazendo comida e limpando tudo.

Pesquisadora: - Entendi. E quantas horas por dia você trabalhava?

H: - Eu levantava às 05h30 e ficava fazendo as coisas até de noite.

Pesquisadora: - Bastante né? E há quanto tempo você parou de trabalhar?

H: - Há 21 anos, quando eu vim pra cá. Aqui a gente não precisa fazer nada, é só descansar.

Pesquisadora: - E você veio pra cá voluntariamente?

H: - Não, a minha irmã que achou melhor eu vir pra cá, depois que meu irmão morreu.

Pesquisadora: - Você costuma se reunir com a família, frequentemente?

H: - Hoje, não. Só tenho uns primos que vem aqui uma vez por semana, pra me visitar, mas não saio muito daqui.

Pesquisadora: - Com quem você possui mais contato?

H: - Era com a minha irmã, agora eu estou sozinha.

Pesquisadora: - E você auxilia alguém da sua família?

H: - Não.

Pesquisadora: - E recebe auxílio de alguém?

H: - Não também.

Pesquisadora: - Nem financeiro, nem prático, tipo comprar algo?

H: - Não.

Pesquisadora: - E vir morar aqui... a senhora acha que viver em um residencial resultou em benefícios para você?

H: - Ah, sim. Sem dúvida.

Pesquisadora: - Muitos, poucos ou nenhum?

H: - Muitos.

Pesquisadora: - E viver aqui , resultou em alguma dificuldade? Muitos, poucos ou nenhum?

H: - Não, nenhuma.

Pesquisadora: - Dona H, eu vou falar algumas atividades e você me diz com que frequência costumava fazer isso, antes de viver em um residencial, tudo bem? Sempre, em cada atividade eu vou te dar as opções “Sempre”, “Muitas vezes”, “Poucas vezes” e “Nunca”. Você diz qual deles é mais expressa melhor a frequência com que você fazia essa atividade, ok?!

H: - Ah, tá.

A lista de atividades é realizada com perguntas e respostas concisas.

(..)

Pesquisadora: - Visitava amigos?

H: - Poucas vezes, mas eu ia muito visitar inválidos. Eu fazia trabalho voluntário com o pessoal da minha igreja.

Pesquisadora: - Frequentava clubes?

H: - Não, nunca. Só na época em que eu cantava na banda do meu irmão, mas nunca fui sócia de nenhum.

Pesquisadora: - Vocês tinham uma banda?

H: - Ele na verdade, eu cantei junto uma época só, depois parei, era muito tarde que a gente se apresentava.

Pesquisadora: - Ah, que legal, entendi. Frequentava associações religiosas?

H: - Sempre. Primeiro eu ia a igreja católica, mas ia menos, depois quando eu virei evangélica aí eu ia sempre.

(...)

Pesquisadora: - Depois que você veio morar aqui, quais atividades você ainda realiza ou pode realizar?

H: - Não faço mais nada.

Pesquisadora: - Por que?

H: - Porque começaram a fazer tudo pra gente, eu não fiz mais nada do que fazia em casa. E eu não saio muito, desde que a minha irmã morreu eu não tenho mais companhia.

Pesquisadora: - E a senhora sente falta dessas coisas?

H: - Sinto, claro. Eu sinto muita falta da minha família, eu era muito apegada a eles, tudo que vivi foi com eles. Estou sempre com saudades.

Pesquisadora: - Como as lembranças e as histórias que a senhora viveu influenciam sua vida atualmente?

H: - Ah, não interfere mais tanto, depois que eu me tornei evangélica eu esqueci todo o mal que eu passei. Agora, como já passou tudo isso, não interfere mais em nada.

Pesquisadora: - Como você lida com eventos estressores em sua vida, atualmente?

H: - Como assim?

Pesquisadora: - Lembra que eu expliquei no começo, que stress nem sempre é algo ruim e como as vivências da gente influenciam em nossa maneira de agir, às vezes precisamos agir de um jeito novo, buscar adaptação, etc.

H: - Ah, lembro. Eu não tenho eventos estressantes aqui... é muito tranquilo, eu não me incomodo.

Pesquisadora: - Dona H. Agora eu vou usar esse instrumento que se chama Life Events Units, são alguns eventos de vida que eu vou citar e você deve ir me dizendo se aconteceu ou não com você, pode ser com alguém próximo a você também, já que muitas vezes o que acontece com os nossos queridos nos toca e afeta também. Tá?! Se tiver acontecido o evento citado com você, eu preciso saber da época em que isso aconteceu na sua vida e se foi positivo ou negativo e você deve dar uma pontuação de 0 a 100 indicando a intensidade de stress na época e até hoje que isso te causou. Vou dar um exemplo, tá?!

Mostro o exemplo, contido no LEU/VAS e depois de algumas perguntas começamos.

Pesquisadora: - Morte de cônjuge teve alguma?

H: - Não.

Pesquisadora: - Divórcio?

H: - Não também.

Pesquisadora: - Prisão? Acidente ou doença?

H: - Não, eu nunca tive nada.

Pesquisadora: - Casamento? Perda de emprego? Reconciliação com o cônjuge.

H: - Não...

Pesquisadora: - Aposentadoria?

H: - Teve, eu me aposentei quando eu fiz 70 anos.

Pesquisadora: - Aposentou por idade?

H: - É, mas eu demorei ainda um tempo. Eu ia começar a trabalhar com o meu irmão uma época, e teria sido bom pra mim, mas acabou não dando certo, porque quando eu ia começar ele foi aposentado por invalidez. Daí eu nem comecei.

Pesquisadora: - Entendi. E você considera positivo ou negativo ter se aposentado?

H: - Positivo, claro.

Pesquisadora: - Você consegue dar uma nota que indique o quanto de positivo foi na época?

H: - Ah... é até 100 né? Então 100, porque eu comecei a ter meu dinheiro.

Pesquisadora: - E hoje em dia?

H: - Também, continua 100.

Pesquisadora: - Teve alguma gravidez?

H: - Não.

Pesquisadora: Separação do casal?

H: - Não.

Pesquisadora: - Dificuldades sexuais?

H: - Não.

Pesquisadora: - Nascimento de crianças na família?

H: - Não.

Pesquisadora: - Morte de alguém na família?

H: - Teve da minha mãe né.

Pesquisadora: - Quando ela faleceu?

H: - Foi dia 27 de setembro de 1970. Ela teve bócio flutuante, foi difícil... chegou a pegar herpes no olho e passou pra cabeça, aí não teve jeito. (Pausa) Eu cuidei muito dela.

Pesquisadora: - Você consegue dar uma nota do stress na época em que você viver a perda da sua mãe?

H: - De 0 a 100?? 100 com certeza, e até hoje. Ela faz muita falta na minha vida.

Pesquisadora: - Imagino, mãe é uma ligação muito forte né?

H: - É! Ainda mais que a gente passava os dias sempre juntos, foi muito difícil me acostumar.
(Pausa)

Pesquisadora: - Teve mais alguma perda?

H: - Meu irmão... ele morreu em 08 de março de 94 de enfizema. Foi 100 também de tristeza e até hoje, a gente era muito próximo. Sempre nos demos muito bem. (Pausa)

E minha irmã morreu faz menos tempo, eu já estava aqui. Ela teve derrame, mas eu não lembro o ano direito. Eu dou 100 também, até hoje.

Pesquisadora: - E mudança no trabalho teve alguma que te impactou? De repente no trabalho dos seus irmãos...

H: - Não.

Pesquisadora: - Mudança na condição financeira?

H: - Ah, isso teve. Quando o Collor entrou, tirou o dinheiro que meus irmãos recebiam. Eles perderam bastante dinheiro.

Pesquisadora: - Mudou muito a situação de vida de vocês?

H: - Ah, um pouco né. Era poupança deles, eles continuaram trabalhando, então não faltou nada, mas a gente ficou mais apertado.

Pesquisadora: - Entendi. Teve alguma doença de alguém na família? Mudança de país? Compra de casa de valor alto?

H: - Não, não, nada disso.

Pesquisadora: - Morte de amigo íntimo?

H: - Teve do meu primo, eu tinha 46 anos quando ele faleceu... a gente era muito próximo... Ah e teve da minha prima também, eu tinha uns 52 anos, ela teve câncer na cabeça e não resistiu, eu era mais próxima ainda dela.

Pesquisadora: - Você classifica os dois como negativo, dona H?

H: - Sim, eu perdi muita gente já... É difícil, viu?! Todo mundo vai embora...

Pesquisadora: - É bastante gente, mesmo, deve ser difícil! Quanto você sentiu pelo falecimento do seu primo?

H: - Senti muito, 100, pra minha prima também.

Pesquisadora: - E hoje em dia, quanto que você ainda sente pelo falecimento deles?

H: - 100 também. A saudade só aumenta.

Pesquisadora: - Teve mudança na frequência de brigas com o cônjuge, não? Término de pagamento de empréstimo? Mudança de responsabilidade no trabalho? Saída de filho de casa? Teve alguma dificuldade com a política?

H: - Não, nada. Tudo isso de casamento e filhos eu não tive.

Pesquisadora: - Eu vou citando só pra não deixar passar nada, de repente vem alguma lembrança mesmo que seja com alguém próximo a você. (Pausa) Teve reconhecimento profissional de realce? Cônjuge começou a trabalhar? Cônjuge parou de trabalhar? Começou a estudar?

H: - Ah, quando minha irmã começou a fazer faculdade, foi muito bom. Ela era contadora, eu tive muito orgulho dela.

Pesquisadora: - Que nota você daria para esse evento positivo?

H: - 100, fiquei muito feliz por ela... e 100 até hoje, ela me ajudou muito!

Pesquisadora: - (Sorriso) E abandono de estudos, teve? Acréscimo de pessoas morando em casa?

H: - Sempre foi só a gente.

Pesquisadora: - Diminuição de pessoas morando em casa? Mudança de hábitos pessoais? Teve dificuldades com chefe? Mudança de horário de trabalho? (Pausa) Mudança de residência? Mudança de escola?

H: - Não, não teve.

Pesquisadora: - Mudança de atividades recreativas? Mudança de atividades religiosas?

H: - Sim, há 30 anos mais ou menos, eu conheci a igreja batista e passei a frequentar, me converti. E é uma coisa que me faz muito bem, me dá muita paz, eu sinto falta de ir a igreja, mas hoje em dia é muito difícil.

Pesquisadora: - E que nota você daria para essa mudança?

H: - 100.

Pesquisadora: - Isso na época que aconteceu? Você achou muito bom?

H: - Ah, claro, porque eu me identifiquei muito!

Pesquisadora: - E hoje em dia, que nota você dá pra essa conversão?

H: - 100 também. Hoje em dia o que eu faço é orar sempre e ler a Bíblia.

Pesquisadora: - Mudança de atividades sociais? Compra de crédito de valor médio? Mudança no hábito de dormir?

H: - Teve sim. Quando eu tinha uns 20 anos eu fiquei um tempão sem dormir e eu tenho certeza que foi por causa da minha vizinha. Ela nunca gostou de mim, nem de mim e nem da minha irmã e a gente nunca tinha feito nada pra ela, acho que ela tinha inveja da gente. Eu fiquei muito esquisita na época, eu acho que ela fez macumba pra ou perder a memória ou morrer, daí fiquei com depressão e não dormia.

Pesquisadora: - Mas porque você acha que sua vizinha fez isso, vocês discutiram alguma vez?

H: - Não, a gente só não se gostava mesmo, uma vez só que ela veio brigar com a gente e a gente respondeu, ela ficou muito brava e ela mexia com essas coisas de macumba.

Pesquisadora: - Mas o que você sentia, dona H?

H: - Só muita tristeza e não dormia de noite, ficava pra lá e pra cá. Foi horrível.

Pesquisadora: - Que nota você daria para esse evento.

H: - Ah... uns 100.

Pesquisadora: - E hoje em dia?

H: - Eu melhorei né, passou. A gente chamou o padre pra benzer nossa casa na época e não aconteceu mais nada, mas eu ainda fico muito irritada quando lembro, eu devia ter ido brigar com ela, tirar satisfação. Eu dou 100 ainda.

Pesquisadora: - Mudança na frequência de reuniões familiares? Teve mudança de hábitos de alimentação? Férias?

H: - Ah... (a idosa se anima) na mesma época a gente foi para o Rio de Janeiro, minha mãe e meus irmãos, foi muito gostoso, a gente conheceu tudo, aproveitou bastante, descansou. Foi muito bom...

Pesquisadora: - E que nota você daria na época em que você viveu a viagem?

H: - 100, até hoje 100.

Pesquisadora: - E Natal teve?

H: - Teve um que eu não esqueço... eu tinha uns 21 anos, mais ou menos, e tomei champagne com amigos em casa, foi bem legal, meus amigos foram me visitar porque eu estava em recuperação de quando tirei o apêndice. Ah gente passou a noite toda conversando e rindo! Só que logo depois eu tive pedras nos rins.

Pesquisadora: - E foi positivo então?

H: - Que nota você daria para esse evento, dona H?

Pesquisadora: - Nota máxima de bom, 100. E 100 até hoje também.

Pesquisadora: - Teve algum recebimento de multas ao cometer infrações? Vício você teve algum? Roubo ou assalto? Viagem?

H: - A do Rio, que eu já falei que me marcou, porque nós estávamos todos juntos!

Pesquisadora: - Cirurgia?

H: - Só a de apêndice, não fiz mais nenhuma, Graças a Deus.

Pesquisadora: - E você classifica com positiva ou negativa?

H: - Negativa, foi ruim, senti muita dor. E eu operei no limite, sabe, já estava bem ruim... se passasse mais um pouco de tempo eu não ia aguentar.

Pesquisadora: - Que nota a senhora daria?

H: - Daria 100, foi muito ruim.

Pesquisadora: - E hoje em dia?

H: - Hoje em dia nada, já passou e estou ótima, Graças a Deus.

Pesquisadora: - Isso! E teve alguma paixão ou caso amoroso?

H: - Não.

Pesquisadora: - Teve alguma coisa que eu não falei e você quer citar, que contar como foi?

H: - Não, não tem mais nada.

Pesquisadora: - Então é isso, Dona H. Muito obrigada por me ajudar. Qualquer coisa se lembrar de mais alguma coisa é só me chamar pra conversar.

A psicóloga já havia me falado sobre I, uma senhora muito simpática, chegada há algum tempo no residencial e me leva ao quarto dela para que eu possa entrevistá-la. Quando chego ela está saindo do banheiro, nos recebe com sorriso. Eu me apresento e falo sobre o projeto, explico um pouco da entrevista e ela aceita participar. A psicóloga nos deixa a sós, eu leio o termo de consentimento, ressalto a questão do sigilo e explico sobre os instrumentos utilizados na pesquisa; Mini Mental, o questionário e o LEU/VAS.

Peço permissão para gravar, e ela consente. Pergunto seus dados para preencher o Mini Mental, ela me fala até em que ano estudou.

Pesquisadora: - Qual seu nome completo?

I: - I.M.I.

Pesquisadora: - Você disse que estudou até os seus 19 anos, mais ou menos, então...?

I: - É, é... mais ou menos isso.

Início a aplicação do Mini Mental, que corre sem maiores detalhes.

Pesquisadora: - Posso começar o questionário então? Então... é I.M.I ... sua data de nascimento é...?

I: - 08/09/1930.

Pesquisadora: - A senhora nasceu aqui no Brasil mesmo?

I: - Nasci... no Estado de São Paulo, nasci no Guarujá, em um vilarejo ali perto da base aérea que chamava Bocaina. Já era município de Guarujá.

Pesquisadora: - E se era um vilarejo, ali já era zona urbana ou... (Ela me interrompe)

I: - Era, era... era cidade, normal... sabe Vicente de Carvalho, é ali... é tudo a mesma coisa hoje.

Pesquisadora: - Sei, sei sim. E a senhora viveu lá muito tempo?

I: - Não, eu não vivi lá. Vim pra Santos.

Pesquisadora: - Pequena ainda?

I: - Olha eu acho que eu tinha... era bebê. Que meu pai morreu, eu tinha 11 meses, minha mãe estava grávida de 5 meses do meu irmão.

Pesquisadora: - São só vocês de irmãos?

I: - Sim... é, minha mãe adotou um outro menino e a gente ajudou a criar, ele já até faleceu.

Pesquisadora: - Ele era familiar, alguma coisa assim, um primo?

I: - Não, não... bom, é que aí vai ficar comprida a história... quando a minha avó morreu, eu saia pra trabalhar, meu irmão também e minha mãe ficava sozinha, aí uma vizinha perguntou se minha mãe queria criar... era uma familiar da vizinha que não queria criar ele.

Pesquisadora: - E ele era bebê?

I: - Era, era sim.

Pesquisadora: - Você foi casada, dona F?

I: - Sou casada.

Pesquisadora: - É casada?

I: - Sim, eu sou casada, como já vai fazer 50 anos a coisa estava embolada... ele arrumou outra pessoa, não queria separar... eu vim pra cá pra me afastar. Ele não me tratava bem... agora, iii, tá um santo, toda semana está aqui... só que ele tem outra companheira...

Pesquisadora: - A senhora saiu de casa e deixou ele com os filhos?

I: - É...

Pesquisadora: - Mas os filhos ainda moravam com vocês?

I: - Só um filho solteiro. O resto casado.

Pesquisadora: - E a senhora disse que ele não te tratava bem, o que ele fazia?

I: - Você quer detalhes?

Pesquisadora: - Se a senhora quiser e puder contar, se não... tudo bem.

I: - Eu tive herpes... e depois que eu tive herpes eu não pude mais fazer sexo, aí... comem as carnes e não quer roer os ossos... sabe como é? Hoje eu faço o “retrospecto”, sabe e ele sempre teve amantes... mas era um ótimo pai. E até pouco tempo atrás eu até poderia dizer q ele foi bom, era bom em muitas coisas... mas, acho que Deus me fez ficar assim meio devagar para não desmanchar a família, sabe, porque eu tenho 4 filhos. Mas tudo bem... e aí estamos assim, ele vem aí toda semana.

Eu acho é o seguinte, ele não esperava que eu ia pular fora.

I: -Ele achava que a senhora ia ficar sempre esperando ele em casa?

Pesquisadora: - É... esperando e resolvendo tudo, porque eu fazia comida, eu que resolvia as coisas na rua... eu sempre fiz tudo para ele, mas eu não posso nem reclamar que ultimamente eu já não estava boa, já era ela que estava fazendo a comida e tudo... mas, eu acho que ele ficou perdido quando eu sai.

Pesquisadora: - Ele pede para senhora voltar?

I: - Não, não. Ele tem uma outra... Ela mora em São Paulo, de vez em quando ele vai e de vez em quando ela vem. Eu espero que essa outra... que ela seja gente boa, que cuide dele... porque, apesar de tudo eu tenho uma preocupação, a minha sogra morreu de Alzheimer, e ele anda muito esquecido.

Pesquisadora: - A senhora acha que ele está apresentando sintomas?

I: - Eu nem sei, porque a gente às vezes se engana. Meu filho já nem deixa mais ele dirigir. Ele está assim, vai fazer comida e esquece que já fez... Eu espero que ela trate bem, se ele

precisar, porque eu não vou querer mal pra ele... quando você tem raiva, você tem ressentimentos está tudo arrebatando aqui dentro. Aliás uma coisa que eu dizia... eu não sei o que está acontecendo, porque eu fiquei com um buraco aqui dentro, psicologicamente falando, porque me tiraram toda a autoestima e.... e... como é que chama?

Pesquisadora: - Amor próprio?

I: - Amor próprio, mas agora eu acho que esse buraco está sendo preenchido, com o tratamento que eu tenho agora. Não que eu tenha sido maltratada, mas eu nunca fui bem tratada como eu estou sendo aqui...

Pesquisadora: - A senhora acha então que por estar aqui tem se sentido melhor?

I: - Tô, tô... porque aqui não falta nada né. Agora o que me mata é que eu quero sair...

Pesquisadora: - E não pode?

I: - Pode, mas aí eu dependo de filho, até do marido....Semana passada ele veio me levou no dentista... me ajudou, me levou onde eu tinha que ir, semana que vem nós vamos lá de novo. Coitado, eu acho que ele está com remorso de eu estar aqui... Bom, também não vamos falar disso agora, eu quero que ele seja feliz.

Pesquisadora: - Vocês falam sobre abertamente sobre isso, sobre a outra pessoa que ele tem? Ou você sabe pelos seus filhos?

I: - Ah, eu sei... eu sempre soube que ele ia pra São Paulo.

Pesquisadora: - Mas como a senhora descobriu?

I: - É o seguinte, meus filhos... nos nossos desencontros, um deles achava que o pai dele era o deus do Olimpo e a mãe a bruxa Morgana, porque eu durante muito tempo eu não falei nada, porque eu não queria manchar a imagem do pai para os filhos. Mas quando começou isso da minha doença, o meu médico me falou... eu contei para os meus filhos. Um deles até confessou que sabia das amantes do pai. O meu médico sempre falou: “é ele que tem que sair de casa, a senhora fica e ele vai embora. Senta conversa com seus filhos e decide”!

Mas meus filhos ficavam falando: “você vai ficar sozinha aqui, mãe”? Eu dizia: “não, eu alugo um quarto, ué”.

Pesquisadora: - A senhora nunca pensou em colocar ele pra fora, sempre pensou em a senhora sair?

I: - Sempre! Daí então nessa conversa ele disse: “eu me arrumo, eu saio e alugo um quarto em outro lugar”. Daí conversamos e ficamos nisso, ele foi para outro quarto e ficamos ali, convivendo (risos).

Pesquisadora: - Separados, mas na mesma casa?

I: - Isso, ele não se conformava, porque o remédio fala “Não pode fazer sexo, não pode fazer sexo... e também não pode dormir na mesma cama”.

Pesquisadora: - Mas só para não incitar o sexo?

I: - É, só por isso... e ele ficou com umas besteiras, eu não podia falar “minha cama” ou “meu banheiro” que ele se ofendia. E depois um dos meus filhos teve um problema e teve que entregar o apartamento onde ele morava, e veio ele, a mulher e os filhos e eu entreguei até minha suíte pra eles ficarem e fui dormir no quarto que ele estava dormindo, eu na cama e ele na bicama, embaixo. Um infeeeerno! Ele sentava na cama e ficava me passando a mão, eu tinha que me esconder a noite toda.

Pesquisadora: - E a senhora tinha vontade?

I: - Nada, tinha nada... uma coisa física só que eu tive com ele, passou. Teve um dia que eu coloquei ele pra fora e tranquei ele, falei eu quero uma noite tranquila, no dia seguinte ele ficou tão bravo. E eu com vergonha né, sempre falei, não quero é dar trabalho pra ninguém, só não me bota em um lugar cheirando a urina... e aqui é tudo tão limpinho né... eu adoro!

Eu vim aqui, por indicação de uma família que eu conheço, a mãe deles veio pra cá, porque ela gostou, e os filhos deixaram ela ficar, então não podia ser ruim.

Pesquisadora: - Mas a senhora pegou herpes dele?

I: - Não, não... eu peguei herpes intramuscular, não teve nada a ver com ele, eu é que não aguentava de dor. Mas foi só por causa da imunidade, a imunidade baixa e a herpes vem. Eu fiquei com essa parte aqui paralisada, eu achava que era até um AVC.

Pesquisadora: - Ah, entendi.

I: - Eu estava tão mal, um dia me peguei chorando por causa dessa cadeira, tá vendo. Ela era da minha avó e eu mandei reformar depois. Mas me peguei um dia chorando porque ela quebrou e eu fiquei pensando e chorando: “a cadeira que minha avó sentava, a cadeira que eu fiz meu filhos dormirem!” Aí pensei: - “puts, não to legal, né. To chorando por uma cadeira!”

Pesquisadora: - Ah, mas era o que ela significava pra você...

I: - É, é... mas eu não tava legal mesmo, estava muito sensível.

Pesquisadora: - Dona I, a senhora falou dos seus filhos e netos, quantos netos a senhora tem?

I: - Eu tenho 3.

Pesquisadora: - E tem bisnetos?

I: - Não, eu casei tarde, com 35 anos e ele 23. Minhas noras tem idade pra ser minhas netas.

Pesquisadora: - Tem alguma religião.

I: Sou cardecista. Espírita né.

Pesquisadora: - É praticante?

I: - Sim, aqui é mais difícil, mas a vida toda fui praticante.

Pesquisadora: - e trabalhava com que?

I: - Eu fui bancária a vida toda, até me aposentar. Eu era do tempo do CLT, não podia mandar embora, eu vi que o banco não mandava ninguém embora, daí eu fui optei pelo fundo de garantia, aí o banco me mandou embora. Foi bom porque eu recebi um dinheiro, a gente comprou apartamento...

Pesquisadora: - A senhora tinha quantos anos isso?

I: - Ah... não lembro direito. Deixa ver... Foi bom, porque eu fui mandada embora e daí meu marido teria que subir bastante no banco, como subiu, porque ele trabalhava lá. Eu trabalhei mais o menos uns 30 anos no banco.

Pesquisadora: - A senhora lembra quantas horas por dia trabalhava?

I: - 8 horas por dia, às vezes tinha que fazer hora extra, mas a gente recebia... trabalhava de sábado, antigamente o banco abria de sábado. Eu conheci o meu marido no banco, e meus filhos também foram bancários, ele foi transferido para São Paulo, ele viajava todo dia, depois ele foi transferido para Curitiba, nós ficamos 2 anos lá... depois voltamos.

Pesquisadora: - E a senhora agora está aqui, e está gostando?

I: - Eu estou amando, eu nunca gostei de ser dona de casa, eu sou virginiana, eu sabia o lugar de cada coisa em casa e sempre odiei isso.

Pesquisadora: - A senhora costuma se reunir com a família com frequência ainda hoje?

I: - Sim, sempre!!! Ontem foi um dia maravilhoso, todos eles vieram aqui, eu fui almoçar na casa de um deles, depois a gente foi no shopping, passeou. Só não vi minhas noras... um é solteiro e as outras duas não vieram, então só vi essa que me chamou para almoçar.

Pesquisadora: - E você auxilia alguém da sua família?

I: - Não mais, já ajudei muito, hoje não mais.

Pesquisadora: - E recebe auxílio de alguém?

I: - Ah, sempre tem um filho que me ajuda com remédio que a minha aposentadoria não dá pra nada. Um ou outro sempre compra uma coisa que eu preciso, eles me levam pra algum lugar que precisa...

Pesquisadora: - A senhora acha que viver em um residencial resultou em benefícios para você? Muitos, poucos ou nenhum?

I: - Sim... Às vezes eu fico pensando, será que eu sou uma ratazana velha que pulou do navio quando ele estava afundando? Porque a gente estava afundando... mas aqui eu estou tendo paz, e em casa eu não tinha mais paz.

Pesquisadora: - Entendi. E é essencial, não é, dona I? (Sorriso.)

I: - O necessário, não tenho queixas, mas é claro que eu preferia estar em outro lugar né... mas um lugar que eu pudesse sair e entrar a hora que eu quisesse. Eu posso sair, mas tenho que avisar e tudo.

Pesquisadora: - E teve alguma dificuldade em morar aqui?

I: - Não, nenhuma.

Pesquisadora: - Dona I, agora eu vou falar algumas atividades e você me diz com que frequência costumava fazer isso, antes de viver em um residencial, tudo bem? Eu vou citar a atividade e vou te dar as opções “Sempre”, “Muitas vezes”, “Poucas vezes” e “Nunca”.

I: - Tá.

Pesquisadora: - Viajava a lazer?

I: - Sim, nas férias, com as crianças. Todas as férias.

Pesquisadora: - E a trabalho, viajava?

I: - Não.

Pesquisadora: - Visitava amigos?

I: - Sim, sim. Tinha uma boa roda de amigos. A gente marca um jantar uma viagem, etc.

Pesquisadora: - Frequentava clubes?

I: - Não.

Pesquisadora: - Frequentava associações religiosas?

I: - Sempre. Trabalhava muito em ajudar em creche essas coisas, eu e meu marido, sempre ajudávamos.

Pesquisadora: - Recebia visita de amigos ou familiares?

I: - Sempre. Eu sempre gostei da casa cheia. Isso é uma coisa que até hoje eu me queixo das minhas noras, elas não tem o costume de convidar para casa delas, sabe. A última reunião que eu fiz em casa, eu que fiz mesmo, fiz uma feijoada pra mais de 20 pessoas, família e família das minhas noras e tudo. Eu sempre gostei disso.

Pesquisadora: - Praticava atividades físicas?

I: - Não, isso nunca.

Pesquisadora: - Encontrava-se com amigos ou familiares para conversar?

I: - Ah, sim isso sim. Muitas vezes. Sempre tive aquelas amigas que, às vezes a gente se sente mais a vontade para abrir a alma do que com a família. Bom demais.

Pesquisadora: - Tinha amizades com colegas de trabalho?

I: - Sempre me dei muito bem com todos.

Pesquisadora: - Frequentava cinemas?

I: - Ai, amava. Só depois que eu fiquei assim caquética é que parei de ir, mas meu filho agora me trouxe aqui um DVD, eu assisto bastante. Isso eu sinto um pouco de falta, porque como eu casei tarde, eu comecei a ir sozinha, não é porque não tinha marido que ia deixar de ir e eu gostava muito de ir ao cinema sozinha.

Pesquisadora: - Gostava de ler?

I: - Ah, até agora, muito.

Pesquisadora: - Fazia cursos de aprimoramento pessoal?

I: - Ah, fiz inglês e informática, por causa do banco, né... mas já foi tudo para o ralo, não prática.

Pesquisadora: - E de aprimoramento profissional?

I: - Não, profissionalmente não.

Pesquisadora: - Saia de férias periodicamente?

I: - Sempre. No banco era tudo certinho.

Pesquisadora: - Descansava em casa?

I: - Com 4 (quatro) filhos? Poucas vezes né,

Pesquisadora: - Hahahahaha. Saia para passear sozinha?

I: - Sempre, com amigas ou sozinha mesmo.

Pesquisadora: - Ia a praia?

I: - Sempre.

Pesquisadora: - Dona I, e tudo isso que você fazia, parou de fazer quando veio pra cá ou já não fazia?

I: - Já não fazia, mesmo lavar louça em casa eu não estava aguentando porque ficava muito tempo em pé... Já não dava mais.

Pesquisadora: - E a senhora sente falta dessas coisas?

I: - Ah, claro, claro. Eu sempre fui muito independente, na minha casa eu resolvia tudo.

(Pausa)

Pesquisadora: - Como a senhora acha que o contato com a sua família e amigos impacta na sua qualidade de vida atual?

I: - Ah, se não fosse eles eu estaria me sentindo abandonada, como muitos aqui. Até outro dia falei para o meu filho: “isso aqui é uma lição de vida!”. A maioria tem Alzheimer... ficam todas sentadas, algumas amarradas, se não levanta e cai. Depois a gente se acostuma, mas é muito deprimente.

(Somos interrompidas por um dos funcionários da clínica, que faz reparos... conversam rapidamente e ele nos deixa a sós novamente).

I: - Eu fico pensando, desse povo que deixa os pais assim, os avós. Será que esse povo não tem peso na consciência, não pensa que vai ficar velho um dia.

Você conhece a história do menino que batia a latinha de goiabada? O pai e o avó morava junto e fazia muita bagunça já, e para ele não quebrar nada, davam de comer para ele em uma latinha. Um dia o pai chegou e viu o filho de 7 anos batendo a latinha, o pai perguntou: por que você tá batendo essa latinha, menino? E ele disse: Ah, pai é pra quando o senhor ficar velho o senhor comer na latinha.

Entende, é o exemplo que você dá. Se você não cuida dos seus idosos, que exemplo você dá para os seus filhos? Que não precisa cuidar de você depois, está velho, com Alzheimer mesmo...

Pesquisadora: - Eu percebo isso na clinica que eu trabalho também, que os parentes que vão mais, são os das pessoas mais lúcidas, os que tem Alzheimer são menos visitados pelos familiares.

I: - tem gente que parece que pensa isso, está longe mesmo, tem Alzheimer, nem preciso ir ver. Parece que não sabe a importância que tem na vida da pessoa, né.

Pesquisadora: - E a senhora, como as lembranças e as histórias que a senhora viveu influenciam sua vida atualmente?

(Uma das cuidadoras entra e avisa que o almoço será servido. Dona I diz que vai descer já.)

I: - Acho que nada. Eu tenho um caderno que eu escrevo casos da minha família, que eu gosto de lembrar, casos de amores. Eu escrevo, só para eu lembrar, um dia eu morro e todo mundo joga fora (hahaha) Tem ditos antigos lá também.

Pesquisadora: - A senhora faz esse registro como herança para os seus filhos e netos?

I: - Não, não... mas agora penso em deixar isso para o meu neto, que me disse outro dia que quer escrever um livro um dia. O meu neto quer ele já disse, ele quer isso e essa cadeira.

Ai, eu hoje sou uma pessoa tranquila sabe, nós perdemos tudo, mas são coisas materiais, infelizmente, hoje eu não vou me queixar.

Pesquisadora: - Mas o que vocês perderam e como?

I: - Foi dívida... perdemos um apartamento em Guarujá, com piscina. Mas eu sou espiritualista, e sempre penso que não existe acaso, tinha que acontecer, você tem que passar por aquilo.

Pesquisadora: - Como você lida com eventos estressores em sua vida, atualmente? Quando algo te causa estresse o que a senhora faz?

I: - Ah, eu não faço mais nada. Eu tento me adaptar, não me estresso com nada mais. A gente tem que aceitar as coisas que chegam, sabe.

Pesquisadora: - Tem mais uma parte, dona I, mas é melhor fazer depois do seu almoço, se não te incomodar.

I: - Não, não incomoda não. Vamos comer depois a gente volta.

(Pausa para que a idosa pudesse almoçar)

Pesquisadora: - Vou deixar gravando novamente, tá?! Esse instrumento, dona I, chama Life Events Units então são eventos de vida... eu vou perguntando alguns eventos de vida, se aconteceu ou não, a data mais ou menos em que aconteceu e se foi positivo ou negativo, e depois você me dá uma nota de 0 a 100, que corresponde a quanto de stress isso te gerou, na época e o quanto ainda te causa stress atualmente. Tudo bem? Pode ser com você ou com outra pessoa da família, por exemplo, se um filho seu se separou e pra você foi muito ruim, pode citar se isso te gerou stress também. Ta?

I: - Tá bom, entendi.

Pesquisadora: - Morte de cônjuge não teve né? Divórcio, a senhora conta como divórcio? Prisão?

I: - Não. Também não.

Pesquisadora: - Acidente ou doença?

I: - Eu perdi... mas já faz 3 anos... um netinho com 1 ano e 9 meses. Não se sabe bem como é que foi o falecimento. Ele simplesmente morreu... e foi uma noite que estavam todos os filhos no quarto.

Pesquisadora: - E que nota de intensidade você daria para essa perda naquela época?

I: - Bom, o que que eu posso dizer... só pode ser 100, né. (Pausa) 90 vai, ele não sofreu.

Pesquisadora: - E até hoje em dia? Quanto isso ainda interfere na sua... ?

I: - Hoje, nada, eu procuro nem pensar nele, não gosto de ver fotografia nada. Já o irmão é engraçado, é como se o irmãozinho tivesse vivo, ele sempre inclui o irmão. Ele fala: “não, mas o E está aqui comigo ainda”.

Pesquisadora: - A senhora acha que ele ainda vê o irmão?

I: - Não sei viu. Eu me lembro de um senhor que trabalhava comigo no banco do Brasil... e o filho mais velho dele criou uma família imaginária, com pai, mãe e irmão. Só parou quando o irmão dele nasceu, então é da criança mesmo isso de imaginar.

Pesquisadora: - Então a senhora acha que ele não vê?

I: - Não sei, pode ver... quem somos nós pra julgar?

Pesquisadora: - E hoje a senhora daria que nota?

I: - Ah, quase nada viu... eu não penso nisso, é como se não tivesse acontecido. Acho que 10.

(Pausa)

I: - Você vem todo dia de São Paulo para fazer esse trabalho?

Pesquisadora: - Não, não. Eu moro aqui agora, já faz um tempo na verdade. E casamento, dona I, que ano a senhora casou? Foi positivo ou negativo

I: - Vai fazer 50 anos, em 1965. Foi positivo até um tempo, depois o príncipe virou sapo.

Pesquisadora: - E que nota a senhora daria na época? E hoje?

I: - Na época eu admirava... era diferente, na época foi muito bom. Acho que 100. Pra mim ele era a melhor pessoa do mundo. De repente, parece brincadeira mesmo, depois de tantos anos o príncipe virou sapo, não era nada daquilo que eu pensava. Hoje eu daria 10, não dou 0 porque tenho meus filhos...

Pesquisadora: - Perda de emprego?

I: - Teve do meu filho há alguns anos, foi agora a gente teve que vender o apartamento para pagar a dívida. Foi muito ruim, eu daria uns 100, viu. E hoje em dia... ah... ele agora já está trabalhando então é uns 70, ainda.

Pesquisadora: - Teve reconciliação com o cônjuge? Aposentadoria?

I: - Teve... o banco me mandou embora, aí meu marido ficou recolhendo, eu me aposentei em 1985, foi ruim, não muito ruim, uma coisa média. Acho que foi 50 na época, hoje não mudou muito, eu não vejo como podia ser diferente, mas ainda é ruim, não dá pra nada... então é 50 ainda.

Pesquisadora: - Gravidez?

I: - Teve. Foram 3, um é adotado. Um nasceu em 65, o outro 69 e o outro 70. A primeira foi muito difícil sabe, eu tive placenta prévia, tive que fazer cesária. Mas mesmo assim não foi negativa, as outras foram muito tranquilas. E eu classifico todas como muito boas, 100 em tudo. E se eu tivesse casado mais cedo eu teria mais filho.

Pesquisadora: - Separação do casal? A senhora conta agora como uma separação?

I: - É, estamos né! De corpos já tinha algum tempo. É uma coisa que veio rolando né, já não estávamos dormindo juntos há algum tempo, mas foi de vez agora, esse ano, pra mim foi positivo. Que nota? Eu daria nota 100, nas duas pontuações... acabou de acontecer.

Pesquisadora: - E dificuldades sexuais? A senhora gostaria de citar alguma coisa?

I: - Ah, sim. Com a herpes né, eu não pode fazer sexo.

Pesquisadora: - A senhora definiria como positivo ou negativo?

I: - Ótimo, foi ótimo não poder mais fazer sexo com ele!

Pesquisadora: - E que nota a senhora daria...

I: - Ah, indiferente... não foi nem tão ruim, nem tão bom. Dá a média... metade. Nos dois, porque foi ruim por causa da doença, mas foi bom não ter mais que fazer sexo com ele.

Pesquisadora: - Ok. E nascimento de crianças na família? Quais a senhora citaria?

I: - Só meus filhos.

Pesquisadora: - Netos não?

I: - Não, só meus filhos. E a mesma nota, 100 em tudo... foi ótimo! Me fez muito feliz na época e faz até hoje. Eles são tudo pra mim!

Pesquisadora: - E morte de alguém na família? A senhora citou o seu netinho, teve mais alguma que te marcou?

I: - Ah, sim. Meu irmão, ele estava morando comigo na época, faz uns meses que ele faleceu.

Pesquisadora: - Do que ele faleceu dona I?

I: - Eu nem sei te dizer, ele estava morando comigo e arrumou um amigo, disse que esse amigo morava no morro. Um dia ele cismou de ir sozinho visitar o amigo e parece que ele rolou o morro, graças a Deus eu não o vi depois, meu marido e meu filho disseram que ele virou um boneco de lama e logo em seguida ele faleceu!

Pesquisadora: - Provavelmente bateu a cabeça então, né?

I: - Ele foi pro hospital e morreu no dia mesmo.

Pesquisadora: - E ele morava com você?

I: - Estava morando, ele se separou e veio morar comigo, mas antes disso ele sempre deu trabalho, porque ele tinha problema mental, esquizofrenia, sabe?! Ele ficou anos, entrando e saindo de clínica e vinha sempre pra minha casa, mas não chegava a morar, e teve uma vez que ele chegou a enfiar uma faca na barriga, tava só ele e meu filho em casa. Daí eu soube que não podia mais deixar ele ficar sozinho né, era um perigo. A sorte é que acho que a faca não entrou direito... e você não sabe a coisa mais estranha, quando ele parou de tomar remédio ele ficou bom. Saía, passeava, parava de ver coisas.

Pesquisadora: - E que nota a senhora daria para perdê-lo? Foi muito ruim?

I: - Não sei, porque eu não sei o que seria da vida dele daí pra frente. Eu acho que foi um alívio assim pra ele, ele não vivia bem. (Pausa) Eu daria uns 50 sabe, ele era um irmão que era muito bom, mas foi melhor para ele...

(somos interrompidas por uma funcionária da clínica que entra no quarto e pergunta se dona I almoçou, ela responde simpática. A funcionária se desculpa por interromper e se retira)

Pesquisadora: - Hoje a mesma nota ainda?

I: - Pela perda? Sim. É uma perda quase que necessária. Também faz pouco tempo, foi em dezembro de 2014.

Pesquisadora: - Mudança de trabalho teve alguma? Mudança na condição financeira?

I: - Meu marido quando aposentou nunca parou de trabalhar, então a gente tinha um nível melhor financeiramente, mas depois essa empresa também quebrou, aí a gente ficou um pouco mais apertado, mas nunca faltou nada. O que foi pior não é a perda de dinheiro, é que ele é um economista, de repente fica aí sem fazer nada, perde tudo, o apartamento? Ele hoje parece meio perdido.

Pesquisadora: - E as notas na época e hoje?

I: - Ah, nunca sei qual é a nota que tem que dar...

Pesquisadora: - A nota é intensidade, então você disse que foi ruim perder o dinheiro, se foi muito ruim é 100, se foi pouco ruim, como você disse sobre a morte do seu irmão – “foi ruim, mas foi um alívio pra ele”, aí é menor a nota, entendeu? A mesma coisa quando é positivo, a nota diz se foi muito positivo ou pouco.

I: - Então pode por 100 esse, foi muito ruim. E até hoje, porque agora ele está meio perdido assim... Ele não está bem!

Pesquisadora: - Doença de alguém na família? Mudança de país?

I: - Nada preocupante. Não, sempre morei aqui.

Pesquisadora: - compra de casa de valor alto? Morte de amigo íntimo?

I: - Sim, meu amigo. Eu perdi no dia que eu entrei aqui... eu estava no carro e soube da morte dele. Foi muito triste pra mim.

Pesquisadora: - Poxa, sinto muito. (pausa) E nota, dona I?

I: - 100

Pesquisadora: - E hoje?

I: - Hoje vai atenuando né. Acho que está em uns 70.

Pesquisadora: - Mudança na frequência de brigas com o cônjuge teve alguma? Brigavam muito depois parou? Ou ao contrário?

I: - Não... Não era bom, mas a gente não ficava batendo de frente, não sei te dizer...

Pesquisadora: - Término de pagamento de empréstimo? Mudança de responsabilidade no trabalho? Saída de filho de casa?

I: - Três saíram. Todos ele tinham uns 25 anos, mais ou menos. Eu achei ótimo, porque eles saíram pra casar e a gente tem que aceitar. Achei ótimo, é uma coisa da vida. Só o mais novo, que está com o pai.

Pesquisadora: - Ele é o que a senhora adotou?

I: - Sim. Ele ainda está com o pai. Um se separou né, mas agora ele está com guarda compartilhada das crianças e está morando em outro lugar. Até hoje eu dou 100 também, a gente fica feliz de o filho estar feliz, é assim!

Pesquisadora: - É verdade. Teve alguma dificuldade com a política?

I: - Não, nada. Graças a Deus, nunca me envolvi com isso.

Pesquisadora: - Teve reconhecimento profissional de realce? Cônjuge começou a trabalhar? Cônjuge parou de trabalhar? Começou a estudar? Abandonou os estudos? Acréscimos de pessoas morando em casa?

I: - Ah, meu irmão. Ele veio em 2013, eu gostei, fiquei muito mais tranquila, porque eu podia cuidar dele, saber que ele estava bem. Foi 100 na época e 100 até hoje, porque eu sinto que fiz tudo o que podia por ele, sabe. Nesse ponto eu tenho que elogiar meu marido ele foi ó, sempre me deu toda a assistência, todo apoio.

Pesquisadora: - Diminuição de pessoas morando em casa? Mudança de hábitos pessoais?

I: - Só quando meu irmão morreu, né... mas já contei. Não.

Pesquisadora: - Teve dificuldades com chefe? Mudança de horário de trabalho? (Pausa) Mudança de residência?

I: - Ah, a minha ida para Porto Alegre, os meus filhos eram pequenos, foi uma mudança radical, ficamos lá por 2 anos. Foi muito bom, gostei bastante de morar lá. Foi nota máxima e até hoje, só deixou lembranças boas!

Pesquisadora: - Mudança de escola? Mudança de atividades recreativas? Mudança de atividades religiosas? Mudança de atividades sociais? Compra de crédito de valor médio? Mudança no hábito de dormir?

I: - Não. Sempre fiz as mesmas coisas.

Pesquisadora: - Mudança na frequência de reuniões familiares?

I: - Mudou né! Agora estamos assim, com um problema diferente, eu estou aqui e eles tem a vida deles, os programas deles.

Pesquisadora: - E a senhora classifica com bom ou ruim?

I: - Natural ... eu sinto falta, mas fico feliz por eles.

Pesquisadora: - A senhora acha ruim, mas pouquinho ruim, é isso?

I: - É, eu não posso ficar aqui chorando porque vejo eles menos! É ruim, mas dou 50 de saudades, até hoje... eles tem que viver a vida dele.

Pesquisadora: - Teve mudança de hábitos de alimentação?

I: - Ah, teve, quando vim pra cá né... primeiro que não tem açúcar em nada, tem pouco sal.

Pesquisadora: - E a senhora acha bom ou ruim?

I: - Ah, não acho nada né. Tem que aceitar... (risos) É bom, pela saúde né, mas a gente sente falta. Se eu tivesse em casa, mesmo com diabetes a gente come bolo, come outras coisas. Eu

tenho que achar bom aqui, se é pra minha saúde... Um pastelzinho... aiii... Eu dou 50 quando vim e hoje.

Pesquisadora: - Teve algumas férias que te marcou?

I: - Não foi férias na verdade. Foi quando o meu filho morava em Londres e eu fui pra lá, passei duas semanas lá, foi ótimo, uma delícia de lugar, a gente aproveitou muito. Foi em 2005, foi 100 de bom, até hoje, eu amei.

Pesquisadora: - Natal, teve algum que você se recorde de maneira especial?

I: - Todos que eu passei em família foram muito bons, todos em que eu pude reunir minha família. Encostar a barriga no fogão com o meu marido... bom demais

Pesquisadora: - Recebimento de multas ao cometer infrações? Vício a senhora teve ou tem algum? Teve algum roubo ou assalto?

I: É... eu tive. Eu quando morava numa casa pequena lá na Campos Melo, teve um dia que entraram na minha casa e levaram umas coisas, nada tão importante.

Pesquisadora: - Faz muito tempo?

I: - Sim, uns 30 ou 40 anos.

Pesquisadora: - Muito ruim?

I: - Sim, você saber que alguém entrou na sua casa... é 100 por cento de ruim né.

Pesquisadora: - E hoje em dia... Ah, hoje nem me lembro mais, 10 pontos só.

Pesquisadora: - Viagem a senhora já citou Londres, quer citar alguma outra? Cirurgia?

I: - Tive, eu tive 3 cesáreas. Eu retirei o ovário, porque parece que tinha um tumor, alguma coisa assim crescendo lá, e depois eu tirei a vesícula. A da vesícula não foi nada, a outra foi mais difícil porque eu fiquei 12 dias no hospital. E as cesáreas como positivas, era necessário por causa da minha idade, dou 100 pra tudo.

A do ovário foi ruim, na época foi 100 de ruim, mas hoje em dia eu estou ótima e isso não me incomoda, então é 10. A da vesícula foi ruim, mas necessário né, e foi rápido... dou uns 50, hoje 10... tudo bem já. Eu lembro que na da vesícula eu, curioso né, me lembro que quando acordei estava aparecendo aquilo do ataque as torres gêmeas.

Pesquisadora: - Ah, foi em 2001, então. E paixão ou caso amoroso, teve algum?

I: - Infelizmente não, foi só o príncipe sapo mesmo!

Pesquisadora: - Teve algum evento que eu não falei e você gostaria de citar, que acha importante?

I: - Não.

Pesquisadora: - Não, perguntei sobre tudo né... (risos)

I: - Obrigada.

Pesquisadora: - Eu que agradeço, de a senhora me dar tanta atenção e de dividir comigo sua história de vida.

I: - Foi só um trailer.

Pesquisadora: - Eu adorei saber, obrigada, dona I.

Entrevista 5 - J.V.

Quando eu chego ao Lar, J está sentada na entrada, lendo. A psicóloga da clínica me apresenta a ela, nós conversamos por um tempo e em seguida nos dirigimos ao auditório para conversa individual. Ela é bastante simpática, calma, com uma doçura no jeito de falar. Conto sobre o projeto de mestrado, meus objetivos de conhecer mais sobre o stress em idosos institucionalizados, apresento os instrumentos e leito o termo de consentimento. Ela parece bastante interessada e atenciosa.

Pesquisadora: - Então seu nome completo é J. dos V.?

J: - Isso.

Pesquisadora: - Você estudou por quanto tempo?

J: - Eu fiz o colégio todo e depois o curso de auxiliar de enfermagem. Eu cheguei a cursar faculdade de enfermagem, mas não consegui terminar! Era muita coisa e eu não dava conta de pagar a faculdade do meu filho e a minha, tive que escolher.

Pesquisadora: - Você sempre trabalhou como enfermeira?

J: - Como auxiliar, sempre, Eu comecei trabalhando no hospital do câncer, entrei lá com 16 anos, pelo concurso do ENAPS, depois eu trabalhei na Santa Casa e depois fui para a Beneficência, até chegar na área administrativa.

Pesquisadora: - Entendi, foi sempre crescendo então, quero saber mais da sua história, deixa só eu perguntar uns dados antes. Qual sua data de nascimento, J?

J: - 01/01/46.

Início a aplicação do Mini Mental que ocorre tranquilamente

Pesquisadora: - Muito obrigada, dona J. Vou começar o questionário então. A senhora nasceu em que país?

J: - Brasil. Nasci em São Paulo capital.

Pesquisadora: - E desde quando a senhora mora em Santos?

J: - Moro há 12 anos, desde que eu tive o tumor eu vim pra cá. Eu procurei uma casa como essa pra morar, sempre me falaram muito bem daqui, e eu gostei logo que vim, meu filho foi conhecer outras pra me ajudar, mas eu preferi essa.

Pesquisadora: - Me desculpa se é invasivo, mas você teve tumor aonde, J?

J: - Não tem problema, não. Eu tive um tumor no cérebro, tive que retirar, porque estava comprimindo tudo lá dentro. Eu tinha muita dor de cabeça, foi assim que descobri e tive que operar para ficar bem.

Pesquisadora: - E deu tudo certo, hoje não sente mais dor?

J: - Deu sim, hoje não... só que depois eu tive um câncer de mama.

Pesquisadora: - Em seguida?

J: - Não, foi 10 anos depois. Mas também fiquei boa, agora tem que monitorar só, pra ver se não volta né.

Pesquisadora: - É, câncer tem sempre que ficar de olho, monitorando né. Você falou do seu filho, quantos a senhora teve?

J: - Só ele. Eu não me casei...

Pesquisadora: - Não? O seu estado civil é solteira?

J: - Sim, solteira. Eu conheci o pai do meu filho no hospital, mas ele era casado e eu fui amante dele. Ele dizia que ia se separar pra ficar comigo e eu acreditei. Quando eu engravidei, depois de um tempo ele realmente se separou, só que não foi pra ficar comigo! Ele casou com outra mulher... depois de um tempo eu soube que ele teve filhos e continuou com ela.

Pesquisadora: - Ele não assumiu seu filho?

J: - Ah, ele me ajudou um pouco no começo, só que depois que ele se separou, disse que me ajudaria sempre financeiramente, mas que não assumiria ele publicamente. Ele queria ficar casado com a nova mulher dele e que eu continuasse sendo amante, sabe?! Então eu terminei tudo, não dava pra continuar assim, daí nós não tivemos mais contato. Eu não quis mais, eu acabei indo morar com o meu pai, ele que me ajudou a cuidar do meu filho.

Pesquisadora: Entendi. Que bom que você pode contar com ele.

(Pausa)

J: - É, meu pai foi muito bom pra mim. E eu decepcionei ele... depois de alguns anos, quando eu já morava com ele acabei me envolvendo com um homem que ele nunca aprovou e pedia para eu não sair com ele. Mas eu não quis ouvir... (pausa) eu acabei engravidando desse homem e ele não quis o filho, me levou para eu abortar. (Pausa longa) É o meu maior arrependimento na vida, eu sempre penso no que fiz com um filho meu e não consigo me perdoar.

Pesquisadora: - Eu sinto muito, J!

J: - Eu também. (Pausa) Vamos continuar...

Pesquisadora: - Tem certeza? (Ela acena com a cabeça) Você tem alguma religião?

J: - Sou evangélica.

Pesquisadora: - Praticante?

J: - Sim, sempre oro e quando vem algum pastor aqui eu sempre participo.

Pesquisadora: - Que bom que vem pastor aqui pra fazer culto junto com vocês! Antes a gente estava falando sobre seu trabalho como enfermeira, quantas horas por dia você trabalhava?

J: - Era sempre 12 horas de plantão por 36 de descanso. Mesmo quando eu estava fazendo trabalho administrativo eram 12 horas no escritório.

Pesquisadora: - Puxado né. E há quanto tempo você parou de trabalhar?

J: - Há 12 anos, quando eu vim pra cá depois do tumor.

Pesquisadora: - E você veio pra cá voluntariamente?

J: - Sim. Eu não quis ficar incomodando o meu filho, não queria que ele tivesse que ficar se preocupando comigo, então vim pra cá.

Pesquisadora: - E desde que veio pra cá, você costuma se reunir com a família?

J: - A gente raramente se reúne. Meu filho vem mais, às vezes eu vou pra lá, mas sempre que a gente se encontra os meus netos ficam no vídeo game, nem interagem muito.

Pesquisadora: - Você tem quantos netos?

J: - Dois.

Pesquisadora: - Não tem bisnetos ainda, né?

J: - Não, ainda não.

Pesquisadora: - Com quem você possui mais contato?

J: - Com o meu filho.

Pesquisadora: - E você auxilia alguém da sua família?

J: - Sim, minha sobrinha. Às vezes eu ajudo ela com algum dinheiro, alguma coisa, mas só quando ela precisa.

Pesquisadora: - E recebe auxílio de alguém?

J: - Não.

Pesquisadora: - Nem prático, de trazer algo que você precise.

J: - Não, minha sobrinha às vezes traz, mas é uma gentileza, eu posso sair e comprar o que preciso, o único problema é que me sinto insegura de sair sozinha na rua aqui, então se dá eu peço pra alguém me acompanhar.

Pesquisadora: - O que você acha de morar em um residencial, resultou em benefícios para você?

J: - Não, nenhum. Se é que eu posso dizer alguma coisa é que ajuda a gente a ser mais humana, pelas situações que vemos aqui, de como outras pessoas sofrem, com abandono ou com Alzheimer... é bem difícil. Mas isso não é bem um benefício, então eu diria que não teve.

Pesquisadora: - E o contrário, viver aqui resultou em alguma dificuldade pra você? Muitos, poucos ou nenhum?

J: - Ah, muitos. Pra começar que a gente fica mais deprimido aqui, de ficar sozinha e ver tanta gente sofrer, o que me ajuda muito aqui é assistir a rede vida, sabe?! Eu vejo muitos cultos e isso me sustenta.

Pesquisadora: - J, eu vou ler para você uma lista de atividades e você me diz com que frequência costumava fazer isso, antes de viver em um residencial, tudo bem? Ao final de cada atividade eu vou te dar as opções “Sempre”, “Muitas vezes”, “Poucas vezes” e “Nunca”. Você responde escolhendo uma dessas respostas, pensando naquela que melhor expressa a frequência com que você fazia essa atividade, ok?!

J: - Tá bem.

Pesquisadora: - Viajava a lazer?

J: - Poucas vezes, não viajei muito não. (Pausa)

(...)

Pesquisadora: - Tinha amizades com colegas de trabalho?

J: - Poucas vezes, também. Muita mulher no hospital, muita fofoca, eu ficava na minha.

Pesquisadora: - Frequentava cinemas?

J: - Nunca.

Pesquisadora: - Gostava de ler?

J: - Muitas vezes, principalmente a Bíblia.

(...)

Pesquisadora: - Saia de férias periodicamente?

J: - Sempre.

(...)

Pesquisadora: - E depois que você veio morar aqui, quais atividades você ainda realiza ou pode realizar?

J: - Ah única coisa que eu ainda faço, que era minha atividade favorita, é pintar. Isso eu não deixo de fazer.

Pesquisadora: - E quais dessas atividades você não realiza ou não pode realizar, depois da institucionalização? E por que?

J: - Tricô e crochê. Porque aqui você tem que tomar muito cuidado com as agulhas, se alguém pega pode se machucar, então eu nem arrisco, porque não quero que ninguém se machuque por minha causa.

Pesquisadora: - Entendi, é sempre perigoso em residencial, por causa das demências e senilidade, né?! E, dona J, como o contato com sua família e amigos impacta na sua qualidade de vida atual?

J: - Ah, é essencial né! Sem eles eu estaria sozinha no mundo, abandonada, como muitos por aqui. E eles alegram a minha vida, as mães se realizam por meio dos filhos, quando eu vejo meu filho feliz, eu fico feliz também.

Pesquisadora: - Com certeza, é bom ver os filhos bem! E como as lembranças e as histórias que a senhora viveu influenciam sua vida atualmente?

J: - Ah, muita coisa eu gosto de lembrar, do meu pai eu sinto muita saudade. Mas tem coisas que me fazem muito mal em pensar que eu fiz, me arrependo e tenho vergonha do que fiz, como o aborto, se fosse hoje eu nunca tiraria porque ele quis.

Pesquisadora: - Como você lida com eventos estressores em sua vida, atualmente?

J: - Como? (Pausa) Eu oro, oro pela pessoa que me faz mal e oro por mim, para que eu tenha paciência e não me deixe envolver por isso.

Pesquisadora: - Ok. Essa parte nós terminamos, podemos passar para o último instrumento? Vou começar a citar eventos de vida, e vou me dizer se viveu isso, ou se alguém próximo viveu e em seguida me diz em que época isso aconteceu e me dá uma nota que é a intensidade com que sentiu em viver aquilo e outra em como até hoje isso influencia na sua vida.

J: - Ah, tá bem. Pode começar, se eu tiver dúvida te pergunto.

Pesquisadora: - Isso! Teve morte de cônjuge que impactou na sua vida?

J: - Não.

Pesquisadora: - Divórcio?

J: - Também não.

Pesquisadora: - Prisão?

J: - Não.

Pesquisadora: - Acidente ou doença?

J: - Doença teve, que eu te falei agora há pouco. Foi o tumor e o câncer de mama.

Pesquisadora: - Você lembra em que época enfrentou cada um?

J: - Lembro sim, o tumor foi em 2003 e o câncer foi em 2013.

Pesquisadora: - Você classifica esses eventos como positivo ou negativo?

J: - Como negativo, claro.

Pesquisadora: - E que nota você daria para a intensidade de como isso foi ruim na época?

J: - Ah, de 0 a 100? Foi 100. As duas doenças foram muito ruins, foi sofrido, tive dor e cirurgia... (Pausa)

Pesquisadora: - E hoje em dia? Como essas cirurgias impactam na sua vida?

J: - Ainda é 100. O tumor me fez aposentar antes, e mudou minha vida, fez eu vir pra cá. E o câncer de Mama, além da 'químio', o que mata é ter que ficar monitorando e estar sempre apreensiva com isso.

Pesquisadora: - Casamento? Perda de emprego? Reconciliação com o cônjuge?

Pesquisadora: - Aposentadoria?

J: - Teve sim, e eu considero negativo, porque foi antes da hora e mudou meus planos.

Pesquisadora: - Aposentadoria?

J: - Que nota você daria? Ah, uns 50 ... E daria 50 até hoje, porque o dinheiro cada vez rende menos, não dá para quase nada.

Pesquisadora: - É verdade, tudo está tão caro. Gravidez?

J: - Teve a do meu filho e teve um aborto né.

Pesquisadora: Em que ano foi cada uma delas, J?

J: - Eu engravidei do meu filho em 1970 e foi tudo ótimo, não tive problema nenhum.

Pesquisadora: - Que nota você daria?

J: - 100 na época e 100 até hoje. Meu filho é tudo pra mim!

Pesquisadora: - E a outra gravidez, foi em que época?

J: - Foi em 75. Foi negativo né... eu fiquei muito nervosa quando soube, meu pai não aprovava o relacionamento e eu vivia com ele na época. Foi 100. Hoje eu continuo dando 100, porque me arrependo muito do que fiz, não tem um dia que eu não pense nisso.

Pesquisadora: - Eu entendo. E separação do casal, J?

J: - Teve a do pai do meu filho, foi em 73. Foi negativo claro, eu fiquei arrasada na época... com um filho pequeno, sozinha e eu amei muito ele, esperei ele por muito tempo.

Pesquisadora: - Ele nunca mais te procurou?

J: - Procurou uma vez, mas não por causa do meu filho, acho que estava entediado no casamento. Eu fui vendo que ele não valia nada...

Pesquisadora: - E que nota você daria?

J: - 100 e 100 até hoje também, porque eu privei meu filho de ter um pai, escolhi muito mal... Engravidei de uma pessoa que não valia nada! Se não fosse meu pai ele não teria uma figura paterna.

Pesquisadora: - Mas você também deu a ele a possibilidade de conviver diariamente com seu pai, que foi um bom exemplo pra ele, deu amor...

J: - É verdade.

Pesquisadora: - Teve alguma dificuldade sexual?

J: - Não.

Pesquisadora: - Nascimento de crianças na família?

J: - Ah, teve várias! Meu filho que eu já mencionei e teve minha sobrinha que nasceu no mesmo ano que ele, ela sempre foi muito apegada a mim. Teve meu sobrinho que veio depois, ele é de 78 e depois meus netinhos né... o mais velho é de 2006 e o mais de 2009.

Pesquisadora: - Bastante criança que foi importante pra você, né?!

J: - Ah sim!! Eu amo demais todos eles.

Pesquisadora: - E que nota você daria pra cada nascimento, na época e hoje?

J: - Ah, 100. Todos eles só me deram alegria e continuam até hoje! Criança é bom demais e hoje em dia, mesmo mais velhos continua assim, meus sobrinhos e meus filhos só me dão orgulho, me ajudam, é muito bom!

Pesquisadora: - Fico feliz em saber! E morte de alguém na família?

J: - Meus pais, a minha mãe eu perdi cedo, foi em 1958, ela morreu do coração, foi bem difícil pra mim, eu era menina ainda, com certeza é 100 até hoje, mãe é insubstituível né. E o meu pai me criou sozinho, ele faleceu em 89, teve um infarto também, mas ele já estava mais velho, meu filho sofreu muito quando ele morreu, foi muito triste. A nota? É 100, eu nunca deixo de sentir saudades do meu pai, até hoje, a gente se acostuma, mas não ameniza nunca!

Pesquisadora: - Entendi. E mudança no trabalho teve alguma que te impactou? Mudança na condição financeira? Teve alguma doença de alguém na família? Mudança de país? Compra de casa de valor alto?

J: - Não, não, nada disso.

Pesquisadora: - Teve morte de amigo íntimo?

J: - Teve duas, duas grandes amigas minhas que morreram no mesmo ano, uma no comecinho do ano e a outra foi mais pro final, foi em 2012.

Pesquisadora: - E que nota você daria para essas perdas?

J: - Acho que uns 50 pras duas até hoje, eu sinto muito a falta delas, uma delas era minha amiga do hospital e a outra foi uma amiga que eu fiz aqui, a gente ficou bem próxima, mas ela faleceu.

Pesquisadora: - Teve mudança na frequência de brigas com o cônjuge?

J: - Não.

Pesquisadora: - Término de pagamento de empréstimo? Mudança de responsabilidade no trabalho? Saída de filho de casa?

J: - Sim. Ele saiu de casa em 2002, quando ele casou. Eu classifico como positivo, apesar de dar saudades. Eu fiquei feliz por ele, porque ele estava começando no TRE, ele é funcionário público, casou, tudo estava dando certo.

Pesquisadora: - E que nota você daria?

J: - Se é positivo, mas tem saudades que eu quero considerar, dou um pouco menos de nota, não é isso?!

Pesquisadora: - Isso...

J: - Então dou 80.

Pesquisadora: - E hoje em dia?

J: - 80 também. Não mudou nada. Continuo muito feliz por ele, mas tenho saudades.

Pesquisadora: - Ok. E teve alguma dificuldade com política, alguma vez? Teve reconhecimento profissional de realce? Cônjuge começou a trabalhar? Cônjuge parou de trabalhar? Começou a estudar? Abandonou os estudos?

J: - Sim. Quando eu larguei a faculdade de enfermagem. Foi em 90, eu fiquei bem triste, porque era um sonho pra mim. É 100 com certeza, hoje em dia eu daria até mais de 100 se pudesse, porque sinto muito por ter largado, tudo seria diferente, eu teria me formado enfermeira, eu com certeza ganharia mais, acho que eu seria mais realizada profissionalmente... mas foi para o meu filho se formar, então valeu a pena.

Pesquisadora: - Acréscimo de pessoas morando em casa? Diminuição de pessoas morando em casa? Mudança de hábitos pessoais? Teve dificuldades com chefe? Mudança de horário de trabalho? Mudança de residência?

J: - Teve, quando a minha mãe faleceu eu fui morar com o meu tio, por um tempo. O meu pai achou que ia ser bom pra mim, ficar com a minha tia e os meus primos. Mas eu não gostei, eu queria ficar com ele, eu sempre amei meus tios, mas não é a mesma coisa, fiquei lá por uns anos, só depois que meu pai voltou para me levar para morar de volta com ele.

Pesquisadora: - Você classifica como negativo, então? Que nota você dá?

J: - Ah... eu queria ficar com ele né, perdi minha mãe e quase perdi ele ao mesmo tempo. Eu sei que ele queria o melhor para mim, mas não conseguiu. Foi 100, bem ruim, me senti sem casa, sem família.

Pesquisadora: - Será que seu pai não ficou com depressão quando sua mãe faleceu? Ela era muito nova, talvez ele achasse que não ia conseguir cuidar de você...

J: - Eu acho que foi isso mesmo! Mas eu acho que ele errou, a gente deveria ter ficado juntos.

Pesquisadora: - E que nota você daria hoje em dia?

J: - 100 também.

Pesquisadora: - Ainda mexe muito com você isso?

J: - Ah, mexe. Me marcou, acho que a morte da minha mãe ficou ainda pior de superar por causa disso.

Pesquisadora: - Entendi. (Pausa) Teve alguma mudança de escola? Mudança de atividades recreativas? Mudança de atividades religiosas? Mudança de atividades sociais? Compra de crédito de valor médio?

J: - Não.

Pesquisadora: - Mudança no hábito de dormir?

J: - Sim. Foi recente, depois que eu operei a catarata eu só podia dormir de barriga pra cima, não podia ficar virando, e comecei a dormir bem melhor. Me surpreendi!

Pesquisadora: - Sério, que bom! De algo que seria um problema, surgiu algo bom! Legal! Que nota você daria?

J: - 100 e 100 até agora, porque dormir melhor, melhora tudo.

Pesquisadora: - Com certeza. E o próximo é, houve alguma mudança na frequência de reuniões familiares? Teve mudança de hábitos de alimentação?

J: - De alimentação teve sim, depois de 2014 quando eu fiz a 'químio', eu não tenho mais muito apetite, aí acabo emagrecendo.

Pesquisadora: - Mas você não faz mais a quimioterapia, né? Já acabou, então não é o enjôo causado pela quimioterapia?

J: - Não, já acabou, parece que mudou meu paladar.

Pesquisadora: - Entendi. E como você classifica e que notas você dá pra isso na época e hoje?

J: - É negativo. Dou nota 100. E como não consigo comer, todo mundo briga comigo, insiste para eu comer, continua sendo 100, eu tenho que comer forçado, sem vontade. Poucas coisas eu gosto de comer, hoje em dia.

Pesquisadora: - Férias teve alguma que você queira citar? E Natal teve? Algum recebimento de multas ao cometer infrações? Vício? Roubo ou assalto?

J: - Teve, eu fui assaltada uma vez, há muitos anos, foi na rua. Mas não fiquei com traumas, nem nada, só que dá muita raiva, a gente trabalha para ter as coisa, se esforça e vem alguém e tira o que você batalhou para conseguir. Dou nota 100 é muito ruim.

Pesquisadora: - E hoje em dia?

J: - Ah, também. (pausa) o que é tirado da gente não volta nunca mais!

Pesquisadora: - Viagem, teve?

J: - Sim, as duas com o meu filho! Uma a gente foi para Águas de Lindóia e outra para Campos do Jordão. Nas duas eu me diverti muito, foi com ele e com meus netos! 100 em tudo, eu lembro com muito carinho.

Pesquisadora: - Que bom! Cirurgia?

J: - A primeira foi a cesárea, foi boa e dou nota 100, como o da gravidez né! Depois em 2003 eu operei o tumor no cérebro, que foi muito ruim e em 2013 o câncer de mama que também foi duro, pior ainda. É 100 antes, hoje... difícil!

Pesquisadora: - E paixão ou caso amoroso?

J: - O pai do meu filho né (pausa) Eu fiquei com ele de 65 até 72! E apesar de tudo eu fui muito feliz nessa época. Dou 100...

Pesquisadora: - E hoje, que nota a senhora daria?

J: - 100 também, apesar de tudo ele me deu o meu filho.

Pesquisadora: - J, tem algum outro evento que eu não citei e você falaria, que acha importante?

J: - Ah, eu tive depressão né e tomei muitos remédios... Hoje em dia eu estou bem, acho que depois do tumor e do câncer de mama, de ter que lutar pela vida eu melhorei bastante, passei a ver a vida de outro jeito. Tudo é difícil, mas se você não tiver saúde, aí não dá! (Pausa) E eu quero viver, pra ver meus netos crescerem!

Pesquisadora: - Isso aí, J! Que bom eu fico muito feliz de saber!

E você daria que nota para isso?

J: - 100.

Pesquisadora: - Nas duas notas ou só na época?

J: - Nas duas.

Pesquisadora: - Bom, é isso, J. Muito obrigada por conversar comigo, confiar em mim pra contar sua vida! Eu vou continuar voltando aqui, então ainda nos veremos, sempre que quiser me chame pra gente conversar.

J: - Ah, ta legal! Obrigada! Bom trabalho pra você!

Entrevista 6 - M.R.S.I.

A psicóloga me leva até a área onde estão localizados os quartos masculinos, e procura por seu M, me fala sobre sua lucidez e sobre sua dificuldade auditiva, devido à sua idade avançada. Quando o encontramos, ele está sentado em seu quarto, a psicóloga me apresenta e pergunta se ele gostaria de participar de minha pesquisa, eu falo sobre o projeto, os instrumentos, a questão do sigilo, é preciso repetir quase tudo pra que ele me entenda, mas

quando compreende é sempre muito simpático e aceita participar. M repete bastante o que falamos, como que para ter certeza de ter entendido corretamente. Durante toda a entrevista tenho que falar bem alto para que ele me entenda.

Pesquisadora: - O nome inteiro do senhor é?

M: - M.R.S.I

Pesquisadora: - E por quanto tempo o senhor estudou?

M: - Pouquinho, filha. Eu larguei logo no começo, mas eu não sou analfabeto não, eu sei ler viu?!

Pesquisadora: - Que bom, é importante saber ler. O senhor acha que estudou quanto tempo?

M: - Acho que larguei no 2º ano...

A aplicação do Mini Mental e toda a entrevista se dá com um pouco de dificuldade, devido a deficiência auditiva do idoso – para que ele escute é preciso falar muito alto. No item figura o idoso encontra dificuldade, devido a deficiência visual.

(...)

Pesquisadora: Tudo bem, então. Pronto seu M, está parte nós terminamos. Vou fazer outras perguntas para o senhor, tudo bem? O senhor nasceu em que país?

M: - No Brasil mesmo, nasci em São Sebastião, conhece? Eu fui pescador, filha, a vida toda.

Pesquisadora: - Que legal e desde quando o senhor mora em Santos?

M: - Moro desde que eu vim pra cá, faz uns 6 meses.

Pesquisadora: - Ah, e o senhor foi casado?

M: - Sim, eu fiquei casado com ela uns 16 anos, mais ou menos, mas ela não me respeitava, só queria saber do dinheiro que eu trazia depois que voltava do mar e aquilo foi me incomodando... até o dia que eu soube que ela estava de graça com outro homem de lá, aí eu separei, não quis mais saber.

Pesquisadora: - Ela não te respeitava, seu M?

M: - Não, era só do dinheiro que ela gostava.

Pesquisadora: - E você se casou pela segunda vez?

M: - Não, eu só tive namoradas depois disso, eu sempre gostei muito de mulher, foi meu vício a vida toda, mas casar eu não quis mais não.

Pesquisadora: - Ah, ficou só namorando, então, aproveitando! E, seu M, o senhor teve filhos?

M: - Tive, eu tive 3 homens e uma mulher. E eu tenho 8 netos e uma netinha e também já tenho um casal de bisnetos.

Pesquisadora: - Que legal, seu M, a família está grande então!

M: - É! Ontem mesmo veio bastante gente aqui me ver.

Pesquisadora: - Que bom! Assim que é bom, né?! E religião o senhor tem?

M: - Sou evangélico, faz muitos anos já. Antes eu era católico.

Pesquisadora: - Praticante ainda hoje?

M: - Sim, eu sempre oro.

Pesquisadora: - O senhor estudou por quanto tempo?

M: - Eu não lembro quanto tempo, foi bem pouquinho, acho que uns 2 anos, depois eu parei, não gostava de ir pra escola, nunca gostei estudar! (risos) Mas eu sei ler, isso eu fiz questão de aprender!

Pesquisadora: - E você comentou que era pescador, trabalhou com mais alguma coisa? Ou só com isso?

M: - Eu fiz muitos bicos quando era mais novo, mas nem considero, eu fui mesmo é pescador, era o que eu gostava de fazer e o que fiz por muito tempo.

Pesquisadora: - O senhor trabalhou com isso por quanto tempo?

M: - 30 anos, mais ou menos, eu comecei acho que tinha uns 27, e parei com 57 anos.

Pesquisadora: - E você veio pra cá voluntariamente?

M: - Sim, foi idéia dos meus filhos, eu fui morar com um deles, mas eles sugeriram de eu vim pra cá e eu não achei ruim não. Aqui a gente é bem tratado, a comida é boa! Eu fico bem aqui e é pertinho pra eles me visitar, então eles vem toda semana, às vezes eu vou almoçar na casa deles.

Pesquisadora: - Que bom que o senhor está sempre em contato com eles e há quanto tempo você está aqui?

M: - Acho que há uns 3 meses...

Pesquisadora: - Você disse que costuma ver seus filhos sempre, com quem você tem mais contato hoje em dia?

M: - Com todos, mas quem vem mais aqui é meu filho José.

Pesquisadora: - Ele é o mais velho?

M: - Não, ele é o segundo.

Pesquisadora: - E você auxilia alguém da sua família?

M: - Eu o que?

Pesquisadora: - O senhor ajuda alguém da sua família?

M: - Ajuda? Ah... ajudar não, não ajudo ninguém hoje em dia. Eu é que preciso de ajuda.

Pesquisadora: - Que tipo de ajuda o senhor recebe?

M: - Eles que pagam aqui, todos ele ajudam com dinheiro pra eu ficar aqui, e eles que resolvem tudo pra mim, tudo que eu preciso peço pra eles.

Pesquisadora: - Seu M, viver aqui te trouxe algum benefício?

M: - Benefício, não, nenhum.

Pesquisadora: - E o contrário, te trouxe alguma dificuldade?

M: - Ah, não também. Eu vivo aqui como eu vivia fora, está tudo bem.

Pesquisadora: - Seu M, eu vou dizer uma lista de atividades e você me diz com que frequência costumava fazer isso, tá? Pra responder você diz se fazia isso “Sempre”, “Muitas vezes”, “Poucas vezes” ou “Nunca”.

M: - Tá.

Pesquisadora: - O senhor viajava a lazer?

M: - Sempre, eu trabalhava no mar, né... aproveitava também!

Pesquisadora: - E a trabalho, viajava?

M: - Sempre. Eu passava mais tempo no mar do que em terra. Eu conheci muitos lugares pelo mar, até o litoral do Espírito Santo eu conheço tudo! Era bom demais!!! Ah, que saudades de ficar no mar!

Pesquisadora: - Eu imagino, devia ser uma delícia, né! O mar é bom demais. E o senhor nunca passou nenhum perigo no mar?

M: - Uma vez só, que a gente pegou uma tempestade, mas uma tempestade muito braba mesmo, que não deu pra voltar, daí a gente teve que passar a noite no barco. Mas depois de um tempo passou e ficou tudo bem, só que a gente tinha ido parar super longe de São Sebastião, tivemos que voltar tudo no outro dia.

(...)

Pesquisadora: - Muito bom! E depois que você veio morar aqui, o que mudou, quais atividades você ainda realiza?

M: - Nenhuma, mas não é por estar aqui, é porque quase não posso andar sozinho, e hoje em dia eu não tenho mais aquele vontade para fazer as coisas. O corpo fica fraco, filha, a gente quer é dormir.

Pesquisadora: - Eu imagino, o senhor já tem bastante idade, né, seu M... muda tudo! Seu M, como o contato com sua família e amigos influencia na sua qualidade de vida atual?

M: - Meus filhos e netos e bisnetos gostam de mim, me faz bem, faz eu me sentir bem. Até com a minha ex eu me dou bem, eu tenho amizade com a mãe deles, mas hoje ela é como uma irmã pra mim, não vejo ela de outro jeito. Agora, quando eu separei foi ruim, eu vivi sozinho, namorei algumas vezes, mas é diferente, eu fiquei muito sozinho.

Pesquisadora: - Por que?

M: - Eu é que sai de casa, ela ficou com os filhos, e eu fui morar em outro lugar, me senti muito sozinho, por muito tempo.

Pesquisadora: - Entendi. É o senhor tinha 4 filho em casa, deve ser bem estranho o silencio de morar sozinho. E como as lembranças e as histórias que o Sr. viveu influenciam sua vida atual?

M: - Ah, eu queria ficar perto da família, mas a vida não é como a gente quer, então vim pra cá! Eu sinto muito pelo tempo que vivi em outra casa, mas sempre fiquei perto deles...

Pesquisadora: - Como você lida com eventos estressores em sua vida, atualmente?

M: - Não tem muito o que fazer. Quando eles vem me visitar e vão embora eu fico chorando.

Pesquisadora: - O senhor chora pra aliviar a saudade né?!

M: - É, isso! Mas não vai falar pra eles hein, eu não quero perturbar.

Pesquisadora: - Não se preocupe, tudo o que a gente conversar eu vou manter em sigilo. Seu M, agora eu vou perguntar sobre outras coisas, são alguns eventos de vida. O senhor me diz se viveu isso, depois eu vou pedir que você me diga se foi positivo ou negativo viver isso e preciso que o senhor me dê uma nota, que diz respeito a intensidade de stress vivido, na época e como ainda hoje te gera stress ou não. Tudo bem?

(O idoso pede eu repita o que disse, falo em etapas, repetindo algumas vezes, até que ele demonstra ter escutado e entendido o que eu disse)

Pesquisadora: - Então vou começar, Teve morte de cônjuge?

M: - Não, eu separei lembra?

Pesquisadora: - Lembro sim! A questão de divórcio, vem em seguida, o senhor lembra quando se separou?

M: - Ah, o ano eu não lembro, mas eu lembro que casei quando eu tinha uns 30 anos e agente ficou casado uns 15 anos.

Pesquisadora: - E esse divórcio foi positivo ou negativo?

M: - Ah, foi positivo, ela não era mais minha companheira, não me respeitava... Só queria que eu levasse dinheiro pra ela.

Pesquisadora: - E que nota você daria na época em que separou e agora?

M: - Uns 50, separei porque ela não respeitava, mas perdi a casa e os filhos, ficou tudo com ela.

Pesquisadora: - E hoje em dia?

M: - Hoje nada, não me estressa isso mais não.

Pesquisadora: - Que bom. Teve alguma prisão?

M: - Não. Nunca ninguém que eu conheci foi preso, graças a Deus.

Pesquisadora: - Acidente ou doença?

M: - Eu cai e fraturei a perna, tive que engessar e nunca mais ficou totalmente boa. Acho que eu tinha uns 60 anos, faz tempo já.

Pesquisadora: - E casamento em que ano foi? O senhor só casou uma vez, né?!

M: - Então, na verdade eu tive um filho antes de casar. Eu tinha uns 16 anos, eu namorava uma moça, só que ela ficou grávida. Eu conversei com o meu pai, porque eu gostava muito dela, só que meu pai disse pra eu não assumir não, porque ela que tinha deixado isso acontecer, então eu não tinha nada a ver com isso!

Pesquisadora: - E o senhor não assumiu o filho?

M: - Não, mulher que tem que controlar essas coisas!

Pesquisadora: - (Pausa) Mas você citou isso em casamento, vocês não chegaram a se casar...

M: - Não, mas eu considero um casamento!

Pesquisadora: - Tudo bem, eu vou anotar aqui. E o senhor não manteve contato com ela nem com o seu filho?

M: - Não... eu via eles de vez em quando, eu sei quem é ele, mas nunca me aproximei.

Pesquisadora: - E o senhor teve ou tem vontade de se aproximar dele.

M: - Não, não tenho nada pra falar pra ele.

Pesquisadora: - Ok. E o casamento de 15/16 anos, foi em que ano, lembra? Pode dizer se foi bom ou ruim e dar as notas do stress gerado?

M: - Eu tinha uns 30 anos quando casei, na época foi muito bom, nota 100. Era bom ser casado com ela. Hoje em dia? Hoje em dia não faz diferença, nota zero.

Pesquisadora: - Pronto. E Perda de emprego? Reconciliação com o cônjuge?

M: - Não teve, graças a Deus. Também não.

Pesquisadora: - Aposentadoria?

M: - Teve sim, eu tinha 57 anos, foi bom, muito bom, na época foi 100, hoje que o dinheiro não tá valendo nada, dou uns 50.

Pesquisadora: - E gravidez?

M: - Eu não tive né (risos)

Pesquisadora: - Eu sei, mas pode ser uma vivência de alguém próximo de você, se isso for significativo pra você.

M: - Ah, é verdade. Então meus quatro filhos com a P. Datas? Ai, eu não lembro filha, faz muito tempo, e é muito filho pra lembrar. Eu lembro que o mais velho tem uns 63 anos e o mais novo tem mais de 55 já... acho que fez 56. Ele tinham uns 2 ou 3 anos de diferença.

Pesquisadora: - Ah, tá. E foi positivo ou negativo o nascimento deles pra você?

M: - Positivo né. Foi bom demais ver eles nascerem.

Pesquisadora: - E que nota o senhor dá na época em que eles nasceram e até hoje?

M: - 100, foi o máximo de bom, só alegria. E até hoje!

Pesquisadora: - Separação do casal, seu M?

M: - Eu tinha uns 45 anos, mais ou menos... ah, foi horrível, eu fiquei igual um passarinho sem asa, eu não sabia o que fazer!

Pesquisadora: - E que nota você daria pra ter se separado naquela época?

M: - Uns 60 anos, na época eu fiquei muito mal, mas eu achei bom porque não podia ficar casado com a mãe deles e ficar com a cabeça pesada!

Pesquisadora: - E hoje que nota você daria?

M: - Hoje eu sinto mais ainda por ter deixado eles, os anos que a gente não morou na mesma casa fez falta, pra mim e pra eles, dou nota 100.

Pesquisadora: - Entendi. (Pausa) E mudando de assunto, dificuldades sexuais, o senhor teve alguma vez?

M: - Não. Sempre foi tudo bem.

Pesquisadora: - Nascimento de crianças na família?

M: - Ah, a mesma coisa da gravidez. Os meus 4 filhos, todos foram bons, eu dou nota máxima pra tudo, eu fiquei muito feliz de ter eles na minha vida.

Pesquisadora: - Ok, vou marcar, senhor M. Só 4 filhos né?!

M: - Sim, 3 meninos e uma menina.

Pesquisadora: - (Pausa) Anotado. E morte de alguém na família?

M: - Meus pais (pausa e suspiro) Eu tinha uns 50 anos mais ou menos quando eles morreram, A minha mãe faleceu, e depois meu pai ficou sempre doente e morreu também. Acho que ele não aguentou da tanto que sentiu falta. E meu irmão mais velho, faz menos tempo, acho que foi na década de 90.

Pesquisadora: - Sinto muito pelas pessoas que você perdeu, senhor M. O senhor classifica todas essas perdas como ruim? E que notas você daria pra cada uma, na época e hoje?

M: - Sim, negativo. Acho que pra todos eu dou 90, minha família, cresci com eles. E hoje em dia, é menos... a gente vai se acostumando, hoje eu acho que uns 50 pra saudade que eu sinto deles.

Pesquisadora: - Pronto. E mudança no trabalho teve alguma? Mudança na condição financeira? Teve alguma doença de alguém na família? Mudança de país? Compra de casa de valor alto? Teve morte de amigo íntimo?

M: - Não, não, não teve nada. Morte de amigo teve, ele já tinha 90 anos. Foi negativo, ele já estava velho, mas foi ruim mesmo assim. A nota na época é 50 , e hoje em dia é 0, não me magoa mais tanto.

Pesquisadora: - Teve mudança na frequência de brigas com o cônjuge?

M: - Não.

Pesquisadora: - Término de pagamento de empréstimo? Mudança de responsabilidade no trabalho? Saída de filho de casa?

M: - Na verdade fui eu que sai de casa, né! Foi horrível pra mim, Na época foi nota 90 de stress, o que me salvou foi trabalhar bastante, ficar no mar. Hoje em dia, uns 80; diminuiu um pouco, minha tristeza por isso.

Pesquisadora: - E teve alguma dificuldade com política? Teve reconhecimento profissional de realce? Cônjuge começou a trabalhar?

M: - Teve, quando a minha mulher começou a trabalhar. Foi ótimo, porque ela passou a ganhar dinheiro também e a gente conseguiu juntar para comprar uma casa. Foi 100 na época e 100 hoje, por causa disso a gente casou, teve nossos filho...

Pesquisadora: - Entendi, foi importante, então. Vou continuar, ok? Cônjuge parou de trabalhar? Começou a estudar? Abandonou os estudos? Acréscimo de pessoas morando em casa? Diminuição de pessoas morando em casa? Mudança de hábitos pessoais?

M: -Não, não teve.

Pesquisadora: - Não teve dificuldades com chefe? Mudança de horário de trabalho? Mudança de residência? Mudança de escola? Mudança de atividades recreativas? Mudança de atividades religiosas?

M: - Sim, eu era católico, mas depois de uma namorada minha me levar em uma igreja evangélica eu mudei. A igreja evangélica é melhor, mais animada, muito divertido.

Pesquisadora: - Mudança de atividades sociais? Compra de crédito de valor médio? Mudança no hábito de dormir?

M: - Ah, é claro que a gente dorme muito melhor quando está sozinha no quarto, aqui é difícil de acontecer isso, mas fora isso é tudo bem. Não anote, não mudou nada, eu deito e durmo.

Pesquisadora: - Teve alguma mudança na frequência de reuniões familiares? Teve mudança de hábitos de alimentação? Férias? E Natal?

M: - Todos foram bons, não teve nenhum mais especial.

Pesquisadora: - Recebimento de multas ao cometer infrações? Vício?

M: - Meu vício sempre foi mulher. Eu só estou nessa idade porque eu nunca me estraguei na mocidade.

Pesquisadora: Roubo ou assalto? Viagem? Cirurgia? Paixão ou caso amoroso?

M: Não, não teve. Paixão só pela minha família.

Pesquisadora: - Acabou, senhor M. Muito obrigada por me contar sua vida, por confiar em mim! Teve algum outro evento que eu não falei e o senhor quer citar?

M: - Nada, filha. Só conversamos.

Entrevista 7 - O.M.F.

Quando chego ao Lar, a psicóloga me leva até o quarto de seu O, eu me apresento e falo sobre o projeto de mestrado, converso com ele sobre o conceito de stress não apenas como algo negativo, como comumente as pessoas conhecem. O idoso é bastante simpático e se interessa pelo tema, depois de algum tempo conversando pergunto se ele gostaria de participar, se poderia entrevistá-lo e ele diz que sim. Como seu colega de quarto estava descansando em sua cama, nós nos dirigimos à copa da casa para maior privacidade.

Pesquisadora: - Eu sou psicóloga como a S. também e para essa pesquisa eu queria saber um pouco sobre a vida do senhor, o que o senhor puder e quiser me contar.

O: É.

Pesquisadora: - Posso começar a entrevista, então, antes eu queria fazer um teste com você, posso, seu O?

O: - É. Pode.

Pesquisadora: - O senhor estudou por quanto tempo?

O: - Eu fiz até a Admissão.

A aplicação do Mini Mental é realizada de maneira tranquila.

(...)

Pesquisadora: Pronto, seu O. Obrigada, essa parte acabou.

O: - Acabou?

Pesquisadora: - Essa parte, vou começar outra, tá?

O: - Ah, tá.

Pesquisadora: - Qual seu nome completo?

O: - É O. M. F.

Pesquisadora: - E sua data de nascimento?

O: - 27 de abril de 1927.

Pesquisadora: - O senhor nasceu aqui no Brasil?

O: - Nasci, no Rio, eu sou carioca.

Pesquisadora: - É carioca. Nasceu na capital

O: - Nasci em Jacarepaguá.

Pesquisadora: - Há quanto tempo o senhor mora em Santos?

O: - 12 anos.

Pesquisadora: - Há 12 anos ou desde os seus 12 anos.

O: - Não, não. Há 12 anos que estou aqui.

Pesquisadora: - O senhor foi casado?

O: - Fui, eu sou viúvo.

Pesquisadora: - Há quanto tempo, seu O?

O: - Há 28 anos.

Pesquisadora: - E o senhor casou de novo? E do que ela faleceu?

O: - Não. De câncer.

Pesquisadora: - De câncer? E o senhor tem filhos?

O: - Eu tive, mas eles morreram. Eu tinha dois filhos e uma filha, mas eles morreram.

Pesquisadora: - Todos, seu O? Ficou só você?

O: - Só eu.

Pesquisadora: - E de que eles faleceram?

O: - Uma morreu de tuberculose, foi mal curada e ela morreu. O outro morreu de coração e o outro morreu de câncer também.

Pesquisadora: - E eles eram novos quando faleceram?

O: - Não, eles já eram adultos.

Pesquisadora: - Mas ainda viviam com o senhor? Não chegaram a casar, nada? O Senhor não tem netos então?

O: - Viviam, todos comigo. Nenhum casou, eles morreram antes.

Pesquisadora: - Seu L. E o senhor tem religião?

O: - Tenho, eu sou espírita.

Pesquisadora: - Praticante ainda?

O: - Não, não. Hoje eu não pratico, antes sim.

Pesquisadora: - Qual foi sua profissão, seu O?

O: - Eu fui telegrafista, não existe mais essa profissão. Eu fui antes de acabar essa profissão.

Pesquisadora: - E por quanto tempo o senhor trabalhou?

O: - Por mais ou menos 14 anos. Eu comecei quando eu tinha 17 anos, trabalhei pouquinho porque eu aposentei, por causa de problema no coração, aí não podia mais trabalhar.

Pesquisadora: - O senhor trabalhava quantas horas por dia?

O: - 6 horas por dia.

Pesquisadora: - E como era essa profissão, eu não conheço muito? O senhor é que fazia uma ligação pra outra?

O: - É, era só ligar de um para o outro.

Eu - E a sua internação aqui foi voluntária?

O: - Não, foi pela prefeitura, eu não queria vir pra cá. Mas tive que vir porque eu estava sozinho aqui, eu passava mal sozinho. Sentia angústia de ficar sozinho, aí falei com uns vizinhos sobre isso e a prefeitura foi lá me buscar.

Eu : - Então o senhor veio espontaneamente, não foi forçada.

O: - É eu concordei, não tinha mais com quem ficar.

Pesquisadora: - E o senhor está aqui há quanto tempo, seu O?

O: - Faz 16 anos.

Pesquisadora: - Bastante né... e o senhor tem algum familiar vivo ainda?

O: - Tenho... eu tenho uns primos em São Paulo. Mas não vejo muito não, só falo por telefone, eles são muito ocupados lá.

Pesquisadora: - E você auxilia alguém da sua família?

O: - Não, não tem ninguém mais.

Pesquisadora: - O senhor recebe auxílio de alguém?

O: - Não também.

Pesquisadora: - Seu O, viver em um residencial trouxe benefícios pra você?

O: - Ter teve, muitos. Eles tratam bem aqui! Mas eu não pretendia viver aqui, eu tenho casa eu vou voltar pra minha casa. Eu não quero ficar aqui o resto da vida, eu vou arrumar alguém pra cuidar de mim em casa.

Pesquisadora: - Ah, o senhor quer ir embora? Entendi. E o contrário, seu O, viver aqui resultou em dificuldades para você?

O: - Não, nenhum.

Pesquisadora: - Agora, seu O, eu vou listar algumas atividades e você me diz com que frequência costumava fazer isso, tá? Pra responder você diz se fazia isso “Sempre”, “Muitas vezes”, “Poucas vezes” ou “Nunca”.

O: - Ah, tá bom.

Pesquisadora: - O senhor viajava a lazer?

O: - Muitas vezes. Pra cá mesmo, eu vim morar aqui porque eu já tinha conhecido a cidade quando vim visitar meus primos e como eu gostei, quis morar aqui quando já era viúvo. Eu vim com um primo meu!

(...)

Pesquisadora: - E depois que você veio morar aqui, que atividades você ainda realiza, ou pode realizar?

O: - Ah, agora não dá mais pra fazer essas coisas, eu estou velho. Mas eu sinto falta mesmo é de ser telegrafista, me aposentei e parei, eu não me sentia mais bem em nenhuma profissão. Mas eu tive pulso no coração, então tive que parar.

Pesquisadora: - Sente mais falta é do trabalho, então.

O: - É, parei muito cedo de trabalhar.

Pesquisadora: - Foi cedo mesmo, mas era pra cuidar da saúde, né, seu O. E o contato com sua família, os com seus primos, como influencia na sua qualidade de vida atual?

O: - Eu me sinto bem com eles, só de falar pelo telefone. A gente fala como está o dia, o ambiente, como eles estão.

Pesquisadora: - E como as lembranças e as histórias que o senhor viveu influenciam sua vida atual?

O: - Não interfere não, porque eu acompanho o passado. Não adianta pensar no passado não, porque só dá saudades.

Pesquisadora: - Como você lida com eventos estressores em sua vida, atualmente?

O: - Com os eventos estressantes? Eu gosto de ir a praia, relaxar. Tem quem acompanhe a gente, tem uns funcionários daqui que vão com a gente, mas eu não vou muito hoje não.

Pesquisadora: - Seu O, o próximo instrumento é assim, eu vou citar alguns eventos de vida e o senhor me diz se viveu ou não, tá. Depois eu vou pedir que você me diga se foi positivo ou negativo viver isso...

O: - Não, foi positivo isso!

Pesquisadora: - O que, seu O?

O: - Os anos que eu vivi, foram positivos!

Pesquisadora: - Foram , seu O? Que bom, eu vou agora falar evento por evento, e aí preciso que o senhor me dê uma nota, que diz respeito a intensidade de stress vivido, na época e ainda hoje. Tudo bem?

O: - Tudo bem, tem que dar nota é? Será que eu sei!

Pesquisadora: - Eu te ajudo, a gente vai aos pouquinhos. Vou começar... Teve morte de cônjuge?

O: - Foi há 28 anos. Eu sempre sinto saudades. Foi de repente, eu vim aqui pra Santos, para ela fazer esse tratamento de câncer, mas ela não aguentou e morreu de repente.

Pesquisadora: - Vocês mudaram pra cá?

O: - Não, a gente vinha só para o tratamento, quando eu fiquei viúvo é que eu vim pra cá.

Pesquisadora: - Naquela época quanto que foi ruim de perdê-la, que nota?

O: - Ah, foi o máximo.

Pesquisadora: - De 10 a 100, foi 100 de stress?

O: - E até hoje é, eu sinto muito saudades dela, o máximo de nota também, é 100 né? Eu vivia muito bem com ela!

Pesquisadora: - Como ela chamava seu O?

O: - I.P.F.

Pesquisadora: - Que nome bonito! Seu O, teve algum divórcio na sua família, que mexeu como senhor?

O: - Não. Eu quase casei uma vez, depois que ela morreu. Eu conheci uma mulher e a gente namorou e ia casar, mas eu não consegui. Eu só pensava na I, sentia muita falta dela, saudades demais, não consegui casar.

Pesquisadora: - E prisão?

O: - Não, nunca teve.

Pesquisadora: - Algum acidente ou doença?

O: - Não.

Pesquisadora: - Casamento, seu O?

O: - Casamos em igreja, tudo direitinho, mas casamos na católica. Foi quando eu tinha 27 anos, a gente se conheceu no Rio.

Pesquisadora: - Foi muito bom ter casado com ela, seu O? De 10 a 100.

O: - Muito bom. 100.

Pesquisadora: - E hoje em dia?

O: - 100 também. Minha vida foi muito boa do lado dela.

Pesquisadora: - Teve perda de emprego? Reconciliação com o cônjuge, alguma vez vocês brigaram e teve uma reconciliação?

O: - Não, não.

Pesquisadora: - Aposentadoria?

O: - Teve sim. Aposentadoria nunca é bom né, eu queria era continuar, depois que parei eu nunca mais escolhi outra profissão. Eu tinha por volta de 30 anos...

Pesquisadora: - E quanto que foi ruim isso pra você? De 10 a 100?

O: - 10...

Pesquisadora: - 10, foi só um pouquinho ruim?

O: - Só, foi um pouco ruim.

Pesquisadora: - E hoje? Quanto é ruim, ou não é mais nada?

O: - É só um pouquinho também, 10 também.

Pesquisadora: - Gravidez, agora?

O: - Da minha mulher né? Ela sofreu muito!

Pesquisadora: - Por que, foram difíceis as gravidez dela?

O: - Foi, ela perdeu 3 vezes, ela sofria muito, e eu senti muito por ela, de ver ela sofrer.

Pesquisadora: - Foi antes ter seus filhos?

O: - Não. Ela perdeu dois depois do mais velho e depois dos mais novos, perdeu mais um.

Pesquisadora: - E que nota o senhor daria, para o stress de perder esses bebês, seu O? De 10 a 100.

O: - Na época 100, ela sofria muito, eu sofria também. Mas hoje nada, hoje já passou.

Pesquisadora: - Superou? Que bom!! E as dos seus filhos, foi positivo? Quais notas você daria?

O: - É, passou... ela que sofreu mais! Dos meus filhos? Na época 100 pra todos, e hoje também é 100, ter filho é muito bom.

Pesquisadora: - Separação do casal? Dificuldades sexuais, teve? Nascimento de crianças na família?

O: - Ah, a mesma coisa da gravidez. Os meus 4 filhos, todos foram bons, eu dou nota máxima pra tudo, eu fiquei muito feliz de ter eles na minha vida.

Pesquisadora: - Até hoje é a mesma nota?

O: - É, até hoje.

Pesquisadora: - E você lembra o ano em que cada um deles nasceu?

O: - O ano, não lembro. Mas eu tinha 27 anos quando a menina nasceu, ela foi a primeira. Só depois de 8 anos, veio meu primeiro menino e o caçula era 5 anos mais novo que ele. Eu não lembro muito... assim... os anos mais.

Pesquisadora: - Tudo bem, a gente esquece mesmo. E morte de alguém na família?

O: - Ah... Meus filhos.

Pesquisadora: - Quem faleceu primeiro, seu O?

O: - Foi uma menina, ela tinha 26 anos. Ela pegou uma tuberculose que não curou direito e morreu. Naquela época não tinha tanta... a medicina não tava tão adiantada como hoje. Se fosse hoje teria como salvar. Foi muito ruim perder ela, nossa!

Pesquisadora: - Foi difícil, né? E hoje, como você lida com isso, amenizou a saudades?

O: - Não, não. Eu sinto muito a falta dela, não foi amenizando não. E depois foi o menino mais novo, ele morreu do coração, teve um enfarto.

Pesquisadora: - E o outro menino?

O: - Ele morreu de câncer no rim. De todos dá muita saudades, falar deles agora dá mais saudades ainda. É tudo o máximo de nota, não ameniza não a saudades.

Pesquisadora: - Desculpa fazer o senhor relembrar.

O: - Eu sempre lembro! Não tem nada não.

Pesquisadora: - É? Tá. (Pausa) Posso ir para próxima pergunta?

O: - Pode.

Pesquisadora: - Teve alguma mudança no trabalho? Mudança na condição financeira?

O: - Afetou quando eu me aposentei, afetou só. Foi ruim, mas só um pouco.

Pesquisadora: - De 10 a 100?

O: - De 10 a 100, 10. E hoje nada, hoje não faz tanta diferença. O que foi muito ruim foi ter acabado a profissão, essa e outras que acabaram.

Pesquisadora: - Teve doença de alguém na família? Mudança de país, não teve, né?!

O: - Não, eu tinha um avô alemão que queria me levar pra lá, eu queria muito ir conhecer, mas não consegui, ele morava em Santa Catarina.

Pesquisadora: - Teve compra de casa de valor alto?

O: - Eu fiquei muito feliz quando comprei minha primeira casa, foi a casa que meus filhos cresceram, nós ficamos lá 20 anos. Eu e minha esposa juntamos dinheiro e compramos a casa, ela era professora.

Pesquisadora: - E ficou muito feliz de ter comprado a casa?

O: - Naquela época era 100, fiquei muito feliz. Era Jacarepaguá, onde eu nasci. Hoje? Ah, eu era mais feliz antes... hoje eu daria 20 pra ter comprado a casa, não tenho mais eles.

Pesquisadora: - Teve morte de amigo íntimo?

O: - Sim, faz mais ou menos 40 anos, ele morreu de enfarto! A gente jogava vôlei junto sempre, as nossas famílias eram amigos, então quando ele morreu deu aquele impacto!

Pesquisadora: - E de 10 a 100, quanto foi ruim perdê-lo?

O: - Ah, 100, 100.

Pesquisadora: - E hoje que nota você daria?

O: - Hoje o tempo vai apagando né... 100

Pesquisadora: - 100 também, não é menos? O senhor disse que o tempo foi apagando a falta...

O: - É! Mas é 100, sinto muita falta dele.

Pesquisadora: - Entendi. Teve mudança na frequência de brigas com o cônjuge? Término de pagamento de empréstimo? Mudança de responsabilidade no trabalho? Saída de filho de casa?

O: - Não... Não, não, não.

Pesquisadora: - E teve dificuldades com a política?

O: - Tive, tive... eu não gostava da ditadura, sofri censura, porque eu não me dava com a polícia, aí mandaram eu me calar se não eu ia preso. A justiça me deu um prazo “Ou você aceita ou vai preso!”, aí eu tive que ir lá aceitar, se não seria preso.

Pesquisadora: - Mas o senhor sofreu alguma tortura?

O: - Não, não.

Pesquisadora: - Foi difícil essa época né?

O: - Foi, foi muito difícil, ninguém podia falar nada, discordar de nada.

Pesquisadora: - O senhor teve algum amigo preso?

O: - Tive, ele foi preso, morreu preso na cadeia, mas não foi de tortura não, foi de morte natural, eu visitava ele às vezes com alguém da família.

Pesquisadora: - Teve reconhecimento profissional de realce? Cônjuge começou a trabalhar? Cônjuge começou a trabalhar?

O: - Não, não teve isso.

Pesquisadora: - Começou a estudar?

O: - Eu comecei a estudar, desde a admissão. Porque eu fiz a admissão quando era pequeno, mas não frequentei. Depois eu fui retomar os estudos, mas eu faltava muito, não terminei. Fiz só o 1º. Grau, acho que 2ª. série só.

Pesquisadora: - E que nota o senhor daria? Foi bom voltar a estudar?

O: - Foi, foi bom. Eu daria 100 na época. Mas hoje em dia, acho que dou uns 30, não faz muita diferença hoje em dia.

Pesquisadora: - E abandonou os estudos?

O: - Foi ruim eu ter desistido, mas eu já faltava muito. E eu parei por causa da doença! Na época eu fiquei bem triste de parar, hoje já não ligo tanto... dou uns 30 também.

Pesquisadora: - 30 na época?

O: - Não, hoje. 100 na época e 30 hoje.

Pesquisadora: - Entendi. Seu O, teve acréscimo de pessoas morando em casa? Diminuição de pessoas morando em casa? Mudança de hábitos pessoais?

O: - Não.

Pesquisadora: - Dificuldades com chefe, o senhor ou sua esposa? Mudança de horário de trabalho? Mudança de residência? Mudança de escola?

O: - Não, não.

Pesquisadora: - Mudança de atividades recreativas?

O: - Eu sempre fiz as mesmas coisas.

Pesquisadora: - Mudança de atividades religiosas? Mudança de atividades sociais? Compra de crédito de valor médio? Mudança no hábito de dormir?

O: - Sempre dormi bem e durmo, até hoje.

Pesquisadora: - Que bom, é importante! Teve alguma mudança na frequência de reuniões familiares? Teve mudança de hábitos de alimentação? Férias?

O: - Teve em São Paulo. Fiquei 2 anos e voltei. Eu vim passar férias e não quis voltar!

Pesquisadora: - É mesmo, seu O? Difícil carioca gostar tanto de São Paulo, não tem praia né.

O: - Ah, eu gostei!! Só depois voltei para o Rio. Foi muito bom, foi 100 na época e 100 até hoje também, foi um tempo muito bom!

Pesquisadora: - Natal?

O: - Natal teve um que me marcou sim, porque a ditadura deixou de me perseguir, eu fiquei muito feliz, fiquei tranquilo. Foi bom demais!

Pesquisadora: - E que nota o senhor daria?

O: - 100 antes, e 100 hoje... deu tudo certo e eu estou aqui

Pesquisadora: - Recebimento de multas ao cometer infrações? Vício?

O: - Eu bebia, não bebia muito, mas era vício. Quando eu fiz 30 decidei parar de beber, eu não me sentia mais bem. Tinha uma bebida que chamava fogo paulista, que você fica tonto na hora, você conhece.

Pesquisadora: - Não conheço. O senhor começou a beber com quantos anos?

O: - Com 23.

Pesquisadora: - O senhor classifica como positivo ou negativo?

O: - Negativo, na época era muito ruim, todo vício é ruim. A gente fica só pensando naquilo, gera nervosismo, briga...

Pesquisadora: - Que notas você daria?

O: - Na época 100, hoje nada... 10 só.

Pesquisadora: - Roubo ou assalto? Viagem? Cirurgia?

O: - Não, nunca fiz cirurgia!

Pesquisadora: - Paixão ou caso amoroso?

O: - Só a I mesmo, foi meu grande amor.

Pesquisadora: - Que bom que o senhor teve um grande amor e pode viver isso com ela. É isso, seu O, acabou. O senhor quer citar algum outro evento que eu não falei?

O: - Não, é só isso?

Pesquisadora: - Só, achou legal?

O: - Achei! Desculpa algumas falhas de memória viu...

Pesquisadora: - Imagina, seu O, a gente vai esquecendo mesmo. Muito obrigada pela nossa conversa viu, por me ajudar!

Entrevista 8 - P.F.V.

Vou até o quarto de Dona P.F. que eu já havia conhecido em outro dia em que visitei a clínica, mas ela havia se negado a me contar sua história. Comumente um pouco mal humorada, como é sabido por todos ali, se mostrou desanimada a participar, mas depois que uma enfermeira diz que outras pessoas já participaram e gostaram ela começa a considerar sua participação. Falo sobre a pesquisa e sobre o conceito de stress, falo sobre a questão do sigilo e dos instrumentos da pesquisa e ela aceita participar, pois diz que eu tenho “cara de boazinha”.

Começo dizendo que é possível que ela já tenha feito o Mini Mental, mas que preciso fazer de novo, para ter esses dados na pesquisa.

Pesquisadora: - Seu no me completo é P.F...?

F: - DA V.

Pesquisadora: - Você estudou por quanto tempo?

F: - Eu mal estudei, parei assim que entrei no colégio, minha mãe queria que eu ajudasse a cuidar dos meus irmãos e não me deixava ir pra escola, nem aprende a ler eu aprendi. Minha maior tristeza é não ter aprendido a ler, a pessoa quando sabe ler é outra coisa, aprende mais, é mais inteligente, mais independente.

Pesquisadora: - E você nunca voltou a estudar? Não tentou?

F: - Não, não voltei e me arrependo.

Pesquisadora: - Qual sua data de nascimento, J?

F: - 08/11/29.

Inicio a aplicação do Mini Mental que é realizado por ela com um pouco de ironia.

(...)

Pesquisadora: - Ótimo, eu vou dizer uma frase, a senhora repete pra mim? “Nem aqui, nem ali, nem lá.”

F: - Nem aqui, nem ali e nem lá.É pra ver se a gente é bobo o teste?

Pesquisadora: - Não, dona F. É pra identificar orientação temporal, espacial, capacidade de memória, de linguagem.

F: - (Risos) Ah tá.

Pesquisadora: - Você pode pegar essa folha de papel com sua mão direita, dobrar ao meio e colocar em cima dessa cadeira?

F: Vou dobrar, mas você me ajuda a colocar aqui na cama, fica difícil pra mim.

Pesquisadora: - Claro. (Pausa) Obrigada. Agora eu vou dizer uma frase, você pode fazer o que ela pede? “Feche os olhos”.

(Ela fecha os olhos)

Pesquisadora: - Pode abrir. Obrigada. Agora, você pode criar uma frase com sujeito e objeto, que faça sentido? Eu escrevo para a senhora.

F: - É melhor mesmo. “Quem me dera eu voltar atrás!”

Pesquisadora: - Pra terminar essa parte, você acha que consegue copiar esse desenho?

F: - Não, não consigo mais.

Pesquisadora: - Então tudo bem. Vou te fazer algumas perguntas sobre sua vida pessoal, Dona F. Você nasceu em que país?

F: - Nasci aqui mesmo, no Brasil. Eu nasci no interior de São Paulo, em Palmital.

Pesquisadora: - Interior, e lá onde você nasceu era zona rural ou urbana?

F: - Acho que era rural.

Pesquisadora: - Era cidade ou era fazenda, roça...?

F: - Não, era cidade, cidade pequena só.

Pesquisadora: - E desde quando a senhora mora em Santos? Quando veio para cá?

F: - Eu vim pra cá eu não tinha nem 15 anos ainda, faz muito tempo. O meu pai ele era ferroviário lá em Rancharia, só que ele ficou doente e faleceu, ninguém nunca soube do que. E eu era a filha mais velha, depois que ele morreu minha mãe queria que eu ficasse ajudando a cuidar dos meus irmãos. E eu não gostava, ela não me pedia muita coisa, não me deixava fazer nada, sair, ir pra escola.

Pesquisadora: - Foi aí que a senhora parou de estudar?

F: - Foi, ela queria que eu ajudasse ela a fazer pão e vender, porque ela teve uma paralisia antes do meu pai morrer, então era difícil para ela fazer as coisas sozinhas. E a gente tinha uma família de amigos que veio pra Santos e eu pedi para eles para vir junto, eu não queria mais ficar lá, então vim com eles pra trabalhar de babá.

Pesquisadora: - Ah entendi. E o seu estado civil, qual é?

F: - Solteira. Eu morei junto com um homem muito tempo, mas a gente nunca se casou e ele me largou pra ficar com outra mulher, então fui solteira a vida inteira.

Pesquisadora: - E depois dele você nunca mais teve ninguém?

F: - Não. Não quis mais.

Pesquisadora: - Você tem filhos?

F: - Não.

Pesquisadora: - Você tem alguma religião?

F: - Não, nunca liguei muito para essas coisas.

Pesquisadora: - Você comentou que trabalhou de babá, você teve alguma outra profissão?

F: - Eu trabalhei de cozinheira também, mas sempre pra mesma família, eles nunca me deixaram, eu ia pra todo lado com eles.

Pesquisadora: - Trabalhou para eles quanto tempo?

F: - A vida toda, até me aposentar.

Pesquisadora: - Então eles gostavam do seu serviço e você deles?!

F: - É, isso mesmo, ainda bem.

Pesquisadora: - Quantas horas por dia você trabalhava?

F: - 8 horas. Eles sempre faziam tudo certinho.

Pesquisadora: - E há quanto tempo você parou de exercer essa função?

F: - Desde que eu me aposentei, quando eu tive idade eu parei de trabalhar, eu já trabalhava desde os 15... tá bom, ne?!

Pesquisadora: - Sua internação aqui foi voluntária?

F: - Foi . Eu que procurei uma casa assim, porque eu não tinha com quem ficar, a minha família não é daqui...

Pesquisadora: - E há quanto tempo você está aqui?

F: - Iiiii, faz tempo hein, acho que já faz uns 31 anos.

Pesquisadora: - Sua família continuou no interior? Você tem costume de se reunir com eles?

F: - Meu pai e minha mãe morreram, meus irmãos continuaram lá, mas hoje em dia nem sei, não falo muito com eles.

Pesquisadora: - Hoje em dia, com quem você possui mais contato?

F: - Ninguém. Sou sozinha.

Pesquisadora: - E você auxilia alguém da sua família?

F: - Não, nem sei direito deles. Eu ajudava era as meninas aqui, quando eu vim pra cá; eu andava ainda, então vivia pra lá e pra cá, gostava de ajudar com a comida, com as festas, tudo o que tinha que fazer. Só que aí cai no banho, machuquei a coluna e tive que ficar nessa cadeira, parei de fazer tudo e eu adorava fazer as coisas daqui.

Pesquisadora: - E o contrário, você recebe auxílio de alguém?

F: - Não. Eu também não preciso de ninguém, tenho minha aposentadoria, eu não fui ladra, nem vagabunda, sempre trabalhei.

Pesquisadora: - Mas às vezes, mesmo tendo nosso dinheiro a gente precisa de alguma ajuda prática, como comprar algo ou coisas assim.

F: - Não, eu não tenho ninguém.

Pesquisadora: - Entendi e, dona f, viver em residencial para idosos, resultou em benefícios para você?

F: - Não, eu não gosto não. Não tem benefício morar em um lugar desse, a gente mora porque não tem opção... aqui a gente não tem privacidade, não escolhe nem o que come...

Pesquisadora: - E dificuldade, você pensa que viver aqui te trouxe alguma dificuldade? Muitos, poucos ou nenhum?

F: - Poucos, o que eu falei agora. O que me faz viver aqui é a idade, se eu tivesse andando não ia estar aqui, eu ia morar com uma amiga que mora sozinha também. Mas por causa da cadeira não dá, vou ter que ficar pagando alguém pra me ajudar.

Pesquisadora: - Entendi, é verdade, é mais caro manter um cuidador em casa 24 horas. Dona F, eu vou ler para você uma lista de atividades e você me diz com que frequência costumava fazer isso, antes de viver em um residencial, tudo bem? Para cada atividade eu vou te dar as opções de resposta “Sempre”, “Muitas vezes”, “Poucas vezes” e “Nunca”.

F: - Ah, tá.

Pesquisadora: - Viajava a lazer?

F: - Poucas vezes. Não viajei muito não, estava sempre trabalhando.

(...)

Pesquisadora: - Encontrava-se com amigos ou familiares para conversar?

F: - Poucas vezes, por causa do trabalho eu só via minhas amigas quando dava, depois quando eu estava de folga eu tinha que limpar a minha casa, arrumar tudo... queria saber era de descansar.

(...)

Pesquisadora: - Gostava de ler?

F: - Nunca, eu nunca aprendi a ler, meu maior arrependimento de vida! A pessoa que sabe ler ela tem o mundo nas mãos, quem não tem é ignorante, fica burro.

Pesquisadora: - Ah, dona F, saber ler é muito bom sim, mas não significa que quem não sabe é burro. Hoje em dia há outros jeitos de ter conhecimento, tem livros inteiros narrados em áudio...

F: - Mas fica sempre dependente dos outros... Isso é que eu nunca gostei.

Pesquisadora: - Entendi. Você fazia algum curso de aprimoramento pessoal? Tentou alguma vez fazer cursos para aprender a ler, por exemplo, ou aprender uma nova habilidade manual?

F: - Não, nunca. Eu fui deixando pra depois, pra depois e nunca aprendi.

Pesquisadora: - E cursos de aprimoramento profissional? Tipo de cozinha, já que você era cozinheira...

F: - Não também, aprendi tudo com a minha mãe e com a prática.

Pesquisadora: - Saia de férias periodicamente?

F: - Sempre. E eu ia muito pra Botucatu, o irmão do meu patrão morava lá, então eu tinha aonde ficar sempre.

Pesquisadora: - Descansava em casa?

F: - Muitas vezes.

Pesquisadora: - Saia a passeio sozinha?

F: - Nunca.

Pesquisadora: - Ia a praia?

F: - Sempre.

Pesquisadora: - Depois que você veio morar aqui, quais atividades você ainda realiza ou pode realizar?

F: - Agora eu não faço mais nada... com o tempo eu fui perdendo a visão, agora não ando mais, fica difícil fazer qualquer coisa.

Pesquisadora: - Não tem mais nenhuma atividade que você possa fazer aqui?

F: - Antes eu ajudava aqui, tinha festa eu ia ajudar a enfeitar tudo, a arrumar as coisas. Agora nessa cadeira eu só vejo TV. Não tenho mais ânimo.

Pesquisadora: - Entendi, você se sente presa na cadeira?

F: - Não é presa, mas eu fazia tudo antes e agora preciso sempre de alguém, você vê a cadeira nem passa ali sozinha, precisa de ajuda.

(Ela se refere à entrada do quarto, que devido a uma cama, que invade o espaço da porta, a cadeira passa de maneira justa pela porta).

Pesquisadora: - Dona F, como o contato com a sua família e amigos impacta na qualidade de vida atual?

F: - Não impacta, família já foi, eu fiquei sozinha, perdi meu pai e minha mãe.

Pesquisadora: - Mas e o seus irmãos e suas amigas?

F: - Meus irmãos eu não vejo, sai de lá eles eram muito pequenos, a gente não tem aquela proximidade de irmão. Minhas amigas sim, me ajudam muito, sempre se preocupam com o que eu preciso.

Pesquisadora: - E as lembranças e as histórias que a senhora viveu influenciam sua vida atualmente?

F: - Não, não, não... isso é impressão, não interfere em nada. O meu mal é não saber ler. Eu queria ter estudado, ser alguém. Minha vida poderia ser melhor, a pessoa que sabe ler é outra coisa.

Pesquisadora: - Como você lida com eventos estressores em sua vida, atualmente?

F: - Sabe que eu não sei. (risos) (pausa) Eu evito, eu fujo. As pessoas falam: “Vamos P, tem uma festa lá embaixo.” – eu fujo. Eu gostava mais dos preparativos sabe, não gosto de ficar nas festas.

Pesquisadora: - Gosta mais de trabalhar? Entendi. Dona F, esse questionário acabou. Eu vou passar para a última parte, tá?! Como eu tinha falado no começo, eu vou começar a citar eventos de vida, você então me diz se viveu esse evento, em seguida me diz em que época isso aconteceu e me dá uma nota que é a intensidade com que sentiu em viver aquilo e outra em como até hoje isso influencia na sua vida. Lembre que essa vivência pode ser que tenha acontecido com alguém próximo a você e isso também te gerou stress.

F: - Tá bom. Vou ter que ficar dando nota, é? Que besteira.

Pesquisadora: - É só pra eu entender com que intensidade você sentiu, dona F. É claro que não dá pra dar nota para alguns eventos de tão intensos que são, é só uma tentativa de eu compreender como você vivenciou algo.

F: - Tá.

Pesquisadora: - Teve morte de cônjuge?

F: - Eu sei que ele morreu em 1955. Mas ele já não estava comigo, ele tinha ido embora com a outra, eu te falei.

Pesquisadora: - E quando você soube da morte dele, como você ficou? Foi negativo ou positivo saber que ele faleceu?

F: - Ah... não fiquei nem feliz nem triste, mas alguém morrer nunca é bom.

Pesquisadora: - E que nota você daria para o stress da época em que soube que ele morreu?

F: - Ah... pouco, uns 20. Eu já nem estava com ele, só considero porque a gente morou juntos por muitos anos.

Pesquisadora: - Entendo e até hoje, quanto isso te influencia.

F: - Hoje nada, não faz mais a menor diferença.

Pesquisadora: - E divórcio não teve, né?

F: - Não, eu não casei.

Pesquisadora: - Teve algum evento de prisão? Acidente ou doença? Casamento? Dona F, pode ser algo que você viveu ou alguém próximo, tá?!

F: - Não, não teve. Tá bom.

Pesquisadora: - Perda de emprego?

F: - Não teve, eu trabalhei a vida toda com a mesma família! Nunca fiquei sem emprego.

Pesquisadora: - Reconciliação com o cônjuge?

F: - Não.

Pesquisadora: - Aposentadoria?

F: - Eu me aposentei por idade.

Pesquisadora: - Foi com 55 anos?

F: - 55, 56 mais ou menos.

Pesquisadora: - E foi bom ou ruim pra você ter se aposentado?

F: - Ah, foi bom... Não muito bom porque o dinheiro é pouco. Mas foi bom.

Pesquisadora: - Que nota mais ou menos você daria?

F: - Ah foi bom só.

Pesquisadora: - Mas é mais ou menos bom, mais pra menos ou mais pra mais?

F: - Que chato isso de dar nota.

Pesquisadora: - É, né... é só pra eu mensurar. Foi metade bom de 10 a 100?

F: - É, coloca 50 então.

Pesquisadora: - Pronto e até hoje?

F: - Ah, hoje 10. É muito pouco o dinheiro, pago aqui só e mais nada.

Pesquisadora: - É pouquinho, não sobra pra mais nada que você queira comprar?

F: - Ah, quase nada. Eu tenho uma amiga que me ajuda muito, todo mês ela me dá uns “50 pau”, esses 50 pau eu uso pra comprar coisas pra fazer lanche, pra comprar bolacha champagne que eu gosto e outras coisas.

Pesquisadora: - Aqui não tem essas coisas?

F: - Não tem, não tem. É muita gente né, aqui é só o básico, não tem essas extravagâncias. Na minha casa sempre tinha, não faltava um queijinho sabe, eu gosto dessas coisas.

Pesquisadora: - É muito bom. Eu gosto também! E gravidez, dona F?

F: - Tive.

Pesquisadora: - E quantos anos a senhora tinha?

F: - Eu já tinha uns 30 anos, falei para o médico até: “O senhor não acha que eu estou velha?”, mas ele disse que não. Só que a minha pressão subiu muito, foi difícil e ela acabou nascendo morta.

Pesquisadora: - Nossa sinto muito, dona F.

F: - É...

Pesquisadora: - E hoje a senhora ainda fica muito triste de lembrar dessa gravidez?

F: - Não, não, já passou! Não era pra ser! A gente já não estava bem, filha, ele engravidou a outra ao mesmo tempo, ele ficou mandando eu tirar. Eu senti muito o desprezo dele na gravidez. Ele queria é que eu tirasse, mas eu ia fazer isso? Claro que não! Ele queria era ficar com a outra já.

Pesquisadora: - Entendi, poxa, que droga! E além de tudo a gravidez foi difícil.

F: - É... mas tudo bem. Ai e eu tinha minha casinha tão arrumadinha, 3 dormitórios, tudo sempre limpinho, comprei o dormitório do jeito que eu quis. Comprei geladeira, ganhei o fogão, sinto tanta falta da minha casa... Foi o tio dele que me deu o fogão, ele e a mulher gostavam muito de mim, a geladeira quando eu desmontei minha casa consegui vender pelo mesmo preço.

Pesquisadora: - Ah, é?! Que bom! Dona F, e pra gravidez, que nota a senhora daria na época?

F: - Ai, cada pergunta cretina que vocês fazem. (Pausa) Dá uns 80 pontos. Hoje em dia nada, não fico mais triste com isso. (Pausa) Eu vendi dormitório tudo...

(A idosa passa algum tempo falando de sua casa e de como se desfez de tudo – depois de ouvir, volta ao questionário)

Pesquisadora: - E separação do casal, teve? A senhora lembra quando foi, se ficou triste na época?

F: - Não, não, não... isso aí nem conta. Vou dar nota pra isso não.

Pesquisadora: - Ta... dificuldades sexuais, teve?

F: - Não, também.

Pesquisadora: - E nascimento de crianças na família? Quando sua filha nasceu ele estava presente.

F: - Tava, depois de duas horas ele estava lá saindo com ela no “caixãozinho” debaixo do braço, pequenininho o caixão.

Pesquisadora: - E você como ficou?

F: - Ah, horrível né... foi muito triste. Hoje, não ligo mais, minha mãe teve 9 filhos nenhum nasceu morto, você vê.

Pesquisadora: - E ele dona F, como ficou quando viu a bebê de vocês morta?

F: - Ele chorou umas lágrimas de crocodilo lá, eu nem acredito, sempre foi um fingido. Deixa pra lá, deixa pra lá.

Pesquisadora: - Dona F, tirando a morte do seu pai que você citou antes, tem alguma outra morte na família que te marcou?

F: - Ah, meu pai que eu tinha 10 anos. Foi muito ruim, e ainda é muito ruim, eu acho que isso mudou minha vida inteira, sabe?! É nota máxima a falta dele, até hoje. A minha mãe eu já estava aqui em Santos, tinha uns 20 anos, eu já estava há muito tempo sem vê-la. O máximo também de falta dela, e até hoje!!

Pesquisadora: - Ela era boa pra senhora?

F: - Era, era e não era... Ela me exigia muito né, eu tinha que cuidar dos meus irmãos, mas ela me educou muito também.

Pesquisadora: - Teve alguma outra que você queria citar? Não? Mudança no trabalho teve alguma?

F: - Não, não. Sempre a mesma coisa.

Pesquisadora: - Mudança na condição financeira? Teve alguma doença de alguém na família?

F: - Só meu pai, só meu pai, já falamos.

Pesquisadora: - Mudança de país? Compra de casa de valor alto?

F: - Não, não. Sempre fiquei por aqui. Ah, não, nem gaiola de passarinho. Hahaha

Pesquisadora: - Morte de amigo íntimo?

F: - Teve minha amiga, lá em Palmital. A gente era muito grudada, onde ia uma ia a outra, meu pai e o pai dela trabalhavam na mesma coisa, a gente se via muito. Ah como eu senti a falta dela. Eu nem cheguei a ir ao velório, fui só na saída, lembro que vi o caixão sair.

Pesquisadora: - Foi quando você morava na sua cidade ainda, você tinha então uns 10 anos, é isso?

F: - Menos de 10 anos, ela morreu a gente tinha menos de 10 anos, ela era xará da minha, Julia, que nome lindo!

Pesquisadora: - Bonito mesmo! E hoje você ainda sente muita falta dela?

F: - Hoje não, a vida é tão natural, morreu acabou! Vai é saindo do mundo cão.

Pesquisadora: - Teve mudança na frequência de brigas com o cônjuge?

F: - Não.

Pesquisadora: - Término de pagamento de empréstimo?

F: - Não, nunca precisei fazer graças a Deus.

Pesquisadora: - Mudança de responsabilidade no trabalho? Saída de filho de casa, não teve. Teve dificuldade com política?

F: - Não, nunca me envolvi nisso, não resolve nada, tudo ladrão!

Pesquisadora: - É? Teve reconhecimento profissional de realce? Cônjuge começou a trabalhar? Cônjuge parou de trabalhar? Começou a estudar? Abandonou os estudos?

F: - Eu parei de estudar quando eu tinha uns 7 ou 8 anos. A mãe fazia eu faltar!! “Não vai para escola não, tem que cuidar dos seus irmãos!” Eu falava, “ah, mãe, eu queria ir!” Ela não queria saber... eu aprendi muito trabalho manual pra ajudar em casa, fazia pão também, minha mãe queria que eu trabalhasse para ela.

Pesquisadora: - E isso te incomodou muito, né, parar de estudar pra ajudar sua mãe? Que nota a senhora daria?

F: - Ah, é chato né... Eu fiquei burrinha, burrinha. Foi ruim demais. 100 vai, até hoje eu lamento muito!

Pesquisadora: - Mesma nota?

F: - Não, mesma nota não, um pouco menos, uns 80 vai! Mas fazer o que né, mãe é mãe!

Pesquisadora: - É, quando é pequeno a gente obedece! E teve algum acréscimo de pessoas morando em casa?

F: - A sogra! Ah, não posso falar nada de ruim. Ela só dormia, dormia o dia todo e de manha saia. Não me incomodou tanto não, não fazia diferença. Depois que ele foi embora me abandonou, pra ficar com a outra...

Pesquisadora: - A senhora classifica como positivou ou negativo?

F: - Positivo vai. Mas pouco, bem pouco.

Pesquisadora: - Tipo o que, 10, 20, 30...

F: - 20 e hoje nada,

Pesquisadora: - E diminuição de pessoas morando em casa?

F: - Ela saiu um pouco antes de ele ir morar com a outra, ela sempre soube, aquela coisa né... Maria vai com as outras...

Pesquisadora: - E foi positivo ou negativo?

F: - Negativo, mas bem pouco. 20 também, ela só dormia! Hoje em dia isso não tem a menor importância.

Pesquisadora: - Mudança de hábitos pessoais?

F: - Tipo o que?

Pesquisadora: - Algo que a senhora tinha costume de fazer e parou... tipo um exercício, ou algo que costuma comer, alguma atividade e depois parou?

F: - Não... nada demais.

Pesquisadora: - Teve dificuldades com chefe?

F: - Não, era um chefe viú! Bom demais, me dava bem com todos eles.

Pesquisadora: - Mudança de horário de trabalho?

F: - Não mudou nunca.

Pesquisadora: - Mudança de residência? Teve alguma mudança de escola? Mudança de atividades recreativas? Mudança de atividades religiosas? Mudança de atividades sociais? Compra de crédito de valor médio?

F: - Não. Não tive nada disso não. Compra de valor médio?

Pesquisadora: - É como um carro, por exemplo.

F: - Hahahaha. Bem que eu queria, só fui carrinheira quando eu fazia feira mesmo.

Pesquisadora: - Hahahaha. Mudança no hábito de dormir?

F: - Também, não. Eu sempre dormi pouco, sempre foi assim. Eu já tomei muito remédio pra dormir, agora não tomo mais, não resolvia muito. Eu sou ruim pra dormir, muito ruim pra dormir.

Pesquisadora: - Teve mudança na frequência de reuniões familiares?

F: - Quando eu sai de lá, da minha casa. Mas nada demais, eu que quis sair!

Pesquisadora: - Teve mudança de hábitos de alimentação?

F: - Deixei de comer muita coisa, quando eu vim pra cá, até o arroz aqui era ruim. Meu arroz tinha bastante cebola!

Pesquisadora: - Muito ruim?

F: - Ah, sim. Demais. Hoje em dia eu já acostumei, isso não interfere mais! A gente acostuma.

Pesquisadora: - Férias você quer citar alguma especial?

F: - As férias que eu passei em Botucatu foi muito bom, nossa a gente fez tanta amizade. Eu fui jantar na casa do prefeito do “vilarejo” e fiz amizade com as filhas dele. Eu fiz muita amizade.

Pesquisadora: E que nota a senhora daria para esse evento positivo?

F: - Ai, essa notas...! Ah, uns 80 vai, na época me fez muito bem.

Pesquisadora: - E a senhora lembra em que ano foi? E hoje você ainda fica muito feliz de se lembrar?

F: - Foi em 1980 eu acho... hoje não interfere muito.

Pesquisadora: - E Natal teve algum especial? Recebimento de multas ao cometer infrações? Vício?

F: - Não. Não. Vício? Não, beber e fumar assim? Não, eu sempre achei besteira beber e fumar?

Pesquisadora: - Roubo ou assalto?

F: - Já fui roubada, mas nada demais.

Pesquisadora: - Não te gerou muito stress?

F: - Não. Aqui é que some muito as coisas, daí ela (aponta para outra idosa com quem divide o quarto) vive achando que alguém pegou, depois passa um tempo ela acha as coisas na gaveta. Hahaha

Pesquisadora: - Viagem?

F: Não, só a de Botucatu.

Pesquisadora: - Cirurgia, dona F?

F: - Só fiz a das amígdalas, mas não foi nada demais.

Pesquisadora: - Foi positivo ou negativo?

F: - Eu precisei fazer né, acordei rouca de um dia para o outro. Eu tinha 15 anos, foi bom, foi bom porque resolveu, apesar de ser uma cirurgia. E lá onde eu estava tinha que atender o telefone, falar normal, não tinha moleza não.

Eu : - Que nota você daria para?

F: - Uns 50 na época que eu fiz, dentro do que tinha que fazer deu certo. Hoje já não é nada isso, faz tanto tempo.

Pesquisadora: - Paixão ou caso amoroso?

F: - Tive muitos!! Teve um que eu gostei muito, nossa foi bom demais! A gente aproveitou.

Pesquisadora: - Foi bom demais?!

F: - Demais, eu era broto ainda, tinha menos de 20 anos.

Pesquisadora: - E hoje sente falta ainda ao lembrar?

F: - Não, hoje não... ixi, isso faz tanto tempo. Eu tive muitos namorados. Tinha um namorado me esperando na esquina eu saía pela porta de trás e ia ver outro.

Pesquisadora: - Era assim, mesmo?! Vários namorados, aproveitou, então!

F: - Ah, eu aproveitei!! Arranjava namorado no baile...

Pesquisadora: - Tem mais alguma coisa que eu não perguntei e você quer falar, dona F?

F: - Não, era só isso mesmo! Você não acha que você está cansada, todo esse tempo aqui, sem almoçar?

Pesquisadora: - Não, tudo bem, a senhora está cansada, dona F?

F: - Não, só a cadeira de rodas que machuca um pouco. Não é confortável essa cadeira.

Pesquisadora: - A senhora achou muito ruim ter que contar sua vida pra mim?

F: - Não, não. Não me compromete, eu não era filha de ladrão, de puta, nada. Minha família era legal, eu que era a chata da família. Hahahaha.

Pesquisadora: - Imagina!!! Hahaha. Muito obrigada, dona F.

Quando encontro com dona V, ela está em uma Salete assistindo TV com outras idosas. Nos apresentamos e eu falo sobre o projeto, pergunto se ela gostaria de participar e se conversar comigo não a atrapalharia naquele momento. Ela é bastante simpática e aceita conversa, vamos até a varanda da casa, onde explico os instrumentos utilizados na entrevista e começamos a conversar. Ao aplicar o Mini Mental, algumas questões não podem ser respondidas por ela, devido a deficiência visual.

Pesquisadora: - Qual seu nome completo?

V: - P.V.I.V.F.

Pesquisadora: - E qual sua data de nascimento?

V: - É 16 de agosto de 1932.

Pesquisadora: - A senhora estudou por quanto tempo?

V: - Eu fiz o colégio todo. Meu pai queria que a gente estudasse, ele sempre achou muito importante. Eu cheguei a começar um curso superior, mas interrompi, depois casei e nunca mais voltei a estudar.

(...)

Pesquisadora: - Claro, pode sim. Esse desenho também é difícil de você enxergar e copiar?

V: - É, precisava fazer?

Pesquisadora: - Não, não tem problema. Essa teste já acabou, posso conversar com a senhora, fazer algumas perguntas sobre sua história de vida?

V: - Claro, pode.

Pesquisadora: A senhora nasceu aqui no Brasil mesmo?

V: Nasci. Estado do Piauí. Nascida na capital, Tocantins.

Pesquisadora: E lá era uma zona urbana ou rural?

V: Urbana, lá era cidade.

Pesquisadora: Há quanto tempo a senhora vive em Santos?

V: Eu acho que há mais ou menos 5, 6 anos ou um pouquinho mais.

Pesquisadora: A senhora veio já era idosa?

V: Já

Pesquisadora: E a senhora veio sozinha pra cá?

V: Eu viajei só. Mas a minha filha veio antes...

Pesquisadora: Foi sua filha que te trouxe então?

V: Foi. Porque eu fiquei viúva e fiquei lá no Piauí com um casal de filhos, mas aí perdi meu filho também e minha filha terminou o estudo e ganhou bolsa pra ir pra França, para estudar Frances. Mas quando chegou aqui em São Paulo, tinha um tio que morava aqui e já faleceu,

que foi quem ensinou Frances pra ela e ela não quis mais ir. Daí ela se mudou pra Santos e comprou um apartamento aqui, na Don Lara.

Pesquisadora: E a senhora viveu nesse apartamento por um tempo? Quanto tempo?

V: Mais de cinco anos

Pesquisadora: A senhora é viúva então né?

V: É, logo que ele morreu, meu filho morreu também. Depois nós fomos pro apartamento ali na Don Lara (rua), eu e minha filha, no Gonzaga (Boqueirão)

Pesquisadora: Então a senhora viveu 5 anos com ela lá e aqui está há quanto tempo?

V: Quanto tempo eu vivi lá? Não sei...

Pesquisadora: Mas então não lembra nem quanto tempo viveu lá?

V: Foi uns anos, acho que uns 5 anos.

Pesquisadora: Há quanto tempo a senhora é viúva

V: Mais de 25 anos

Pesquisadora: Mais de 25 anos? E a senhora casou pela 2ª vez?

V: Não Quando eu fiquei viúva e vim aqui pra Santos apareceu uns candidatos. Mas eu não quis.

Pesquisadora: Mas porque, você não se interessou?

V: Não, a minha vida foi muito boa.

Pesquisadora: Não quis outro marido, porque o antigo era muito bom? Entendi. E a senhora tem netos?

V: Tenho uma neta

Pesquisadora: Da sua filha ou do seu filho?

V: Meu filho faleceu.

Pesquisadora: Ah... e bisneto você já tem?

V: Não. Minha neta tem 15 anos

Pesquisadora: A senhora tem religião?

V: Católica apostólica romana

Pesquisadora: A senhora é praticante?

V: Não. Porque estou aqui né?

Pesquisadora: Mas ainda lê a Bíblia?

V: Não. Eu não enxergo mais direito.

Pesquisadora: A senhora chegou a trabalhar fora?

V: Nunca. Eu fazia muito bordado, croche, tricot...

Pesquisadora: Mas vendia?

V: Não, enquanto marido estava vivo, não queria que eu trabalhasse. Às vezes eu estava em casa fazendo um “servicinho” bobo, mas quando ele estava pra chegar eu dava pro meu filho fazer. Ele não admitia que eu trabalhasse. Ele queria que quando eu chegasse a primeira pessoa que o recebesse fosse eu.

Pesquisadora: Ele gostava muito da senhora?

V: Gostava, quando eu tinha 15, 16 anos namorei, antes de namorar ele, namorei outro e ele ficava mal, bebia e chorava.

Pesquisadora: Ele ficou mal quando soube que você estava namorando?

V: Me falaram, a gente estava em uma quermesse e falaram que ele estava tomando cerveja, falaram que já falava trocado e só falava em mim. E chorando!

Pesquisadora: Mas a senhora não gostava dele ainda?

V: Eu era muito danada viu? Fui terrível. Aí o que ele fez, disse que queria namorar comigo, só que o tio dele tirou ele da quermesse e no outro dia ele comprou passagem e disse que ia para São Paulo. E foi bom, porque ele se formou em São Paulo e voltou engenheiro agrônomo e veterinário, mas nunca me esqueceu.

Pesquisadora: Aí ele só fez a faculdade aqui e depois voltou para lá?

V: Voltou.

Pesquisadora: Aí ele já tinha uns 23, 24 anos?

V: Mais. 24, 25...

Pesquisadora: Ai ele foi criado pelo tio?

V: Foi porque os pais dele moravam em uma propriedade no interior, que nem os meus pais. Tinham fazenda, mas tinham casa na cidade. Meu pai era assim, mal ficava na cidade, só ficava na fazenda.

Pesquisadora: Mas vocês dois cresceram em uma família de boa renda?

V: Renda boa, renda boa. Aí quando veio pra São Paulo estudou e quando ele formou-se a minha irmã faleceu e eu tinha uma irmã de criação na cidade e quando eu precisava de qualquer coisa, eu ia. Nisso eu descobri que ele estava na cidade. E ele foi pra onde eu estava quando descobriu que eu estava lá. Ai nos reencontramos e casamos.

Pesquisadora: aí que a senhora começou a olhar pra ele diferente.

V: Diferente

Pesquisadora: A senhora dentro de casa trabalhava? Era você quem fazia as coisas ou não?

V: Fazia assim, croche, tricot, bordava a mão, a máquina e pintura.

Pesquisadora: A senhora tinha talento então pra trabalhos manuais?

V: Muito! Eu mandava pra França, Japão, Portugal.

Pesquisadora: Ah é? A senhora chegava a exportar?

V: É, eram pequenas quantidades. Eram pessoas que me conheciam e que moravam em outro lugar, aí pediam pra amigos que não me conheciam.

Pesquisadora: Aí ganhava seu dinheirinho?

V: Sim

Pesquisadora: Mas pra limpar a casa, cozinhar, tinha empregada, tinha ajuda? Ou era tudo você?

V: Tinha, mas às vezes quando faltava empregada, tinha que fazer.

Pesquisadora: E a senhora fazia esses trabalhos manuais por muito tempo? Eram muitas horas por dia?

V: Não quando tinham muitos eu não recebia trabalho nenhum enquanto não terminasse os outros

Pesquisadora: Mas então não tinha um trabalho de muitas horas? Eram poucas horas por dia?

V: Poucas horas não, às vezes dava 4 horas da manhã e eu estava lá.

Pesquisadora: Aí o marido achava ruim?

V: Aí, ele não deixava eu pegar uma agulha

Pesquisadora: Mas dava umas 8 horas que você trabalhava direto ou mais?

V: Imagina, era mais, mas depois que ele morreu, quando era vivo não podia. Sabe aquele marido bobo que quer que a mulher fique à disposição pra ele? Ele era funcionário do INCRA e professor, quando nós casamos ele foi transferido pra essa cidade; aí ele disse que “a vida estava muito calma aqui, vou agitar um pouco” Aí ele criou o clube do Ipê de Água Branca. Ele trabalhou muito, foi diretor do colégio, foi diretor do clube. Organizou os encontros, as festas.

Pesquisadora: Que legal, conseguir fundar um clube!! E esses trabalhos manuais a senhora parou de fazer faz quanto tempo?

V: Não, foi agora, quando deu esse problema no olho.

Pesquisadora: Mas faz quanto tempo isso?

V: Agora que fez um ano

Pesquisadora: Mas o que a senhora teve na vista? Catarata?

V: Eu sou diabética, já é de família. Minha avó ficou cega. Minha mãe também. E eu não fiquei totalmente. Aí fiz a cirurgia. Eu enxergo as coisas, mas não posso fazer esforço, o médico disse pra eu não forçar a vista.

Pesquisadora: Pra continuar enxergando né?

V: Pra continuar enxergando

Pesquisadora: A sua internação aqui foi voluntária?

V: Foi

Pesquisadora: A senhora que quis vir pra cá?

V: Sim, a minha filha é filha única, eu tenho uma neta que agora está mocinha né? fez 15 anos. Mas na época era criança ainda, e ela estava tendo muito problema com empregada, trocando muito, pra acabar com esse negócio de empregada eu vim. Mas depois de um tempo eu cansei, aí eu disse a ela que você vai cuidar da filha e eu vou ficar na casa de repouso. Ai ela perguntou se é isso que eu queria mesmo. e eu falei é isso que eu quero.

Pesquisadora: E foi a primeira casa que você veio morar?

V: sim, sai da casa dela direto pra cá.

Pesquisadora: Faz quando anos? uns 5 que a senhora está aqui?

V: Não. agora está com 2 anos e meio. 3 anos. acho que já fez 3 anos

Pesquisadora: Mas foi então porque a senhora não quis mais ficar olhando a neta? não quis mais trabalho?

V: Era muita responsabilidade, deixar em colégio, apesar que ela é uma menina modéstia a parte ela é uma menina muito compreensiva, muito educada. graças a deus

Pesquisadora: Você costuma se reunir com sua família?

V: não, porque aqui não tenho mais ninguém aqui.

Pesquisadora: Elas estão morando em São Paulo ou em Santos?

V: Pra não dizer que não tenho mais ninguém, tem uns parentes lá em São Paulo, mas nunca vejo, cada um tem seus afazeres. Não, minha filha continua morando em Santos e elas vem sempre aqui, uma vez por semana.

Pesquisadora: Quem é a pessoa que você tem mais contato da sua família?

V: Minha filha.

A – Dona V. você auxilia alguém da sua família? Nem financeiramente, nem pra nada prático?

V. Não.

Pesquisadora: Mas recebe auxilio de alguém?

V: Ah, prático sim, como você está falando, minha filha que compra as coisa pra mim, que cuida de médico e tudo.

Pesquisadora: E a senhora acha que viver em residencial para idosos, resultou em benefícios para você?

V: - Sim. Muitos. Todos os cuidados né, descanso.

Pesquisadora: - E dificuldade, você pensa que viver aqui te trouxe alguma dificuldade? Muitos, poucos ou nenhum?

V: - Eu não sinto dificuldade em nada aqui, nenhuma.

Pesquisadora: - Dona V. Eu vou falar uma lista de atividades e você me diz com que frequência costumava fazer essas atividades antes de viver em um residencial, tudo bem? Para cada atividade eu vou te dar as opções de resposta “Sempre”, “Muitas vezes”, “Poucas vezes” e “Nunca”. Eu vou perguntando ta?!

Pesquisadora: - Viajava a lazer?

V: - Sempre. Me dava vontade, eu falava pro meu marido e a gente viajava. Eu só viajava só (sozinha), era muito bom.

Pesquisadora: - Ia a praia?

V: - Sempre. E quando eu estava na minha terra eu ia sempre no Rio, sempre gostei de água, muito, muito. Lá tinha tipo aquela praia de rio, sabe?

Pesquisadora: - Depois que você veio morar aqui, quais atividades você ainda realiza ou pode realizar?

V: - Agora eu não faço mais nada... fazia os meus trabalhos pra fora, minhas primas vendiam, mas perdi a visão e parei. E agora precisa sempre de ajuda pra ir para um lugar e pro outro.

Pesquisadora: - Dona V, como o contato com a sua família e amigos impacta na qualidade de vida atual?

V: - Mudou muito, lá eu estava com a minha família, depois só minha filha e neta. E elas queriam que eu morasse com elas, mas eu sou muito antipática em casa, não gosto de sujeira, de bagunça. Mas não sinto muita falta não, já faleceu todo mundo.

Pesquisadora: - E as lembranças e as histórias que a senhora viveu influenciam sua vida atualmente?

V: - A gente sente saudade, aquela vida com a família ao ar livre na fazenda. Eu aprontava, quando eu vou prá lá é uma festa, é um mês comendo fora, passeando. Ano sim, ano não eu ia, agora com a visão ruim é que não vou.

Pesquisadora: - Como você lida com eventos estressores em sua vida, atualmente?

V: - Não, eu chego e meto a cara. De jeito nenhum. Tudo o que tem eu vou, participo de tudo. E quando tem alguma coisa assim, diferente, eu vou conversar, vou resolver. Eu sou tranquila.

Pesquisadora: - Dona V, agora eu vou começar a citar eventos de vida e você vai me dizendo se viveu esse evento ou não e em que época da sua vida. Depois a senhora me dá uma nota que é a intensidade com que sentiu aquela vivência que pode ser positiva ou negativa, as notas vão de 10 a 100 e indicam o impacto do evento na sua vida, são duas notas, uma de época em

que o evento ocorreu e outra hoje, tá. E pode ser eventos que algum familiar seu viveu, porque isso também influencia sua vida. A senhora está cansada, quer parar um pouco?

V: - Não, eu estou bem, pode continuar.

Pesquisadora: - Morte do Cônjuge, a senhora comentou que faz mais ou menos 25 anos.

V: - Falei, não, faz mais. Eu tinha uns 49 anos mais ou menos. Foi tão ruim quando ele faleceu, a família toda ia para casa, era véspera de Natal...

Pesquisadora: Nossa, que triste, Dona V. Vocês estavam sozinhos?

V: - Tava, eu tava preparando tudo e ele começou a passar mal, foi de repente, meu filho pegou a gente e levou para o hospital, eu atrás com ele passando mal! No hospital ele teve uma melhora, aí de noite quando eu fui ver ele já tinha ido embora, não respondia mais.

Pesquisadora: - Poxa, imagino como foi difícil para você.

V: - Nossa, foi muito difícil, e eu nunca esqueci. Todo natal eu lembro, foi em uma data marcante. E eu nunca deixei de sentir falta dele, que marido bom!! Você nem imagina, eu fui uma esposa boneca, nunca precisei me preocupar com nada!

Pesquisadora: - Que nota a senhora daria para o stress da perda dele na época em que aconteceu?

V: - 100, com certeza.

Pesquisadora: - E hoje em dia de 10 a 100 quanto isso ainda influencia, quanto de stress ainda te traz?

V: - A mesma coisa, filha. A vida mudou depois que ele foi embora. A saudade não diminui.

Pesquisadora: - Imagino. Um maridão desse né... (Pausa) Divórcio não teve, né? Nem dos seus filhos nada? Prisão teve alguma?

V: - Não, nunca. Graças a Deus.

Pesquisadora: - Acidente ou doença?

V: - Não, ah, tem minha diabetes. Além da vista eu já perdi um dedo do pé, você acredita?

Pesquisadora: - Nossa, que pena! E doeu? A senhora ficou muito triste?

V: - Ai, fiquei sim!! Uma pena mesmo.

Pesquisadora: - Faz tempo? A senhora lembra quando foi?

V: - Faz... não data eu sou perdida em data...

Pesquisadora: - e quanto isso te causou sofrimento na época?

V: - Na época eu fiquei muito triste, sempre fui vaidosa. Acho que foi 90 de nota?

Pesquisadora: - E hoje em dia, ainda sente muito por isso?

V: - Ah não. Hoje nem ligo mais, não faz diferença.

Pesquisadora: - E casamento, dona V? Que ano foi?

V: - O ano eu não lembro mais, mas eu tinha 20 anos quando casei com ele. No aniversário dele me dá uma saudade!! Nossa, parece que eu não vou aguentar!

Pesquisadora: - E foi bom demais? Que nota você daria para esse evento positivo na sua vida, na época em que aconteceu?

V: - 100, com certeza.

Pesquisadora: - E hoje em dia?

V: - Ah, hoje um pouco menos, por causa da saudades, né. Eu namorei depois que ele morreu, mas nunca quis casar com nenhum! Ele era bom demais, eu não tinha marido, eu tinha um pai. Eu tinha 3 empregadas e um rapaz pra me ajudar, até de final de semana. Ele cuidava muito de mim, foi um 2º. pai... ele chegava, tomava banho, me abraçava, perguntava do que eu precisava, como tinha sido meu dia, ele era muito bom!

Pesquisadora: - (Sorriso) Perda de emprego, teve alguma? Reconciliação com o cônjuge?

V: - Depois que a gente casou a gente nunca se separou, a gente só discutia por causa do que eu falei, que ele não queria que eu trabalhasse.

Pesquisadora: - Aposentadoria?

V: - Eu só tenho a aposentadoria do meu marido, mas foi depois, não lembro direito quando que eu passei a receber.

Pesquisadora: - E foi bom ou ruim receber essa aposentadoria?

V: - Foi bom, ajuda bastante né! Até hoje ajuda.

Pesquisadora: - Que nota a senhora daria?

V: - Acho que 100, nas duas viu. É com esse dinheiro que minha filha compra minhas coisa, tudo que eu preciso é desse dinheiro que sai, assim não precisa gastar comigo.

Pesquisadora: - Gravidez, dona V?

V: - Foram três que eu tive, mas uma eu perdi. Da minha filha, foi logo depois que a gente casou, eu tinha 21 anos, foi bom, correu tudo bem, mas eu vomitei tanto!! Nossa! Eu vomitei a gravidez inteira.

Pesquisadora: - E foi positiva ou negativa?

V: - Positiva claro!! Nota máxima, até hoje! Ter filhos só traz coisas boas.

Pesquisadora: - E a do seu filho como foi? Foi quanto tempo depois?

V: - Eu tinha 23 anos, eles tinham pouca diferença de idade. A gravidez foi positiva também e na gravidez dele eu nem senti enjoos nada, foi muito tranquilo.

Pesquisadora: - Que nota a senhora daria na época?

V: - 100, foi muito bom.

Pesquisadora: - E hoje em dia, quanto...?

V: - 100 também.

Pesquisadora: - e a senhora disse que perdeu uma gravidez?

V: - Foi depois do meu menino, eu perdi, durou um tempo ainda a gravidez. Eu fiquei feliz quando soube, mas não vingou.

Pesquisadora: - Foi positivo ou negativo?

V: - Foi positivo! Eu fiquei muito feliz quando soube.

Pesquisadora: - Que nota a senhora daria na época?

V: - 10, porque quando eu descobri, já estava grávida há um tempo, logo depois eu perdi,

Pesquisadora: - E hoje em dia, a mesma coisa, 10 está bom.

Pesquisadora: - Teve alguma separação do casal? Dificuldades sexuais?

V: - Não, tudo era bom com meu marido.

Pesquisadora: - E nascimento de crianças na família?

V: - Meus filhos só!

Pesquisadora: - Positivo? Que nota a senhora daria na época e hoje?

V: - Positivo. 100 em tudo também.

Pesquisadora: - A senhora só citaria o nascimento dos seus filhos, da neta não?

V: - É, só o deles.

Pesquisadora: - Morte de alguém na família?

V: - Meu filho, foi duro perder ele. Como eu sofri e sofro até hoje.

Pesquisadora: - Ele faleceu de que, dona V?

V: - Foi acidente de carro, ele era muito novo, tinha só 20 anos.

Pesquisadora: - E quão ruim foi perdê-lo na época?

V: - Ah, é imensurável.

Pesquisadora: - Eu imagino, perder um filho deve ser a perda mais difícil...

V: - Ali não... é irreparável?

Pesquisadora: - E com o tempo amenizou a falta dele?

V: - Não, a gente acostuma, mas a saudade só piora, não tenho nem nota pra dar.

Pesquisadora: - A senhora conseguiu se despedir dele?

V: - Não, depois do acidente já não deu mais pra falar com ele, ele ficou desacordado até morrer. (Pausa) Ele era do exército, vivia de farda, sempre arrumado, era bonito que só ele, não é porque é meu filho não. Vivia menina atrás dele lá em casa, até do banheiro eu tinha que tirar mulher, elas vinham agarrar ele. Nossa, eu não gostava não, tinha muitos ciúmes. Hahahaha

Pesquisadora: - Tinha uma mulherada atrás dele? Hahahaha

V: - Nossa, você nem imagina. Só tinha uma que eu aceitava ela, mas ela fazia que era amiga e depois eu descobri que ela era namorada dele, fingida.

Pesquisadora: - Mudança no trabalho, do seu marido de repente? Mudança na condição financeira? Teve alguma doença de alguém na família?

V: - Doença teve meu pai e minha mãe... eu senti muito perder eles! Meu irmão eu fiquei triste também, mas apesar de amar ele, de sempre ter me dado bem, eu não siiiinto assim muito. Meus pais sim.

Pesquisadora: - Você perdeu eles quando era muito nova ou eles já tinha idade?

V: - Eu não era muito nova, não. Já era casada, já tinha filhos e tudo. A minha mãe chegou até a vir pra Santos comigo, ainda, mas logo depois faleceu, ela já estava muito ruim da diabetes.

Pesquisadora: - E que nota a senhoria daria para essas perdas naquele momento?

V: - Ah, eu diria que é 100 também. Pai e mãe é insubstituível! E os meus foram muito bons pra mim. Até hoje fazem muita falta., muita.

Pesquisadora: - Mudança de país teve alguma?

V: - Era pra ter da minha filha né... mas ela não quis ir... eu fiquei triste que ela não foi! Ela perdeu uma boa oportunidade!

Pesquisadora: - E Compra de casa de valor alto?

V: - Não, nunca teve nada assim que me marcou?

Pesquisadora: - Morte de amigo íntimo?

V: - Teve minha amiga Ondina e meu amigo Leôncio. Eu perdi os dois há uns 3 anos atrás mais ou menos. E a senhora sentiu quanto o luto por ele?

V: - Na época foi muito ruim, eu era muito próxima deles, apesar que eu já estava em Santos quando eles morreram, não via sempre, mas fiquei mal quando soube. Foi nota 100.

Pesquisadora: - E hoje, como é?

V: - Hoje eu to bem, não é esquecer... é que a gente faz o que pode: ora! E deixa o tempo passar. A gente não pode ter apego!

Pesquisadora: - E teve mudança na frequência de brigas com o cônjuge?

V: - Não.

Pesquisadora: - Término de pagamento de empréstimo?

V: - Não, nunca precisei fazer, meu marido sempre cuidou de tudo.

Pesquisadora: - Mudança de responsabilidade no trabalho? Saída de filho de casa?

V: - O meu filho morreu ele ainda morava na minha casa, só teve minha filha, eu achei ruim, porque eu queria que ela fizesse francês. Meu filho tinha falecido há pouco tempo quando ela ganhou uma bolsa pra estudar na França, mas ela veio antes pra São Paulo na casa do tio e ele

desencaminhou ela. Ela ficou em São Paulo, trabalhou com crediário, depois foi trabalhar no banco e não quis mais saber de estudar.

Pesquisadora: - Mas a senhora achou ruim então ela ter saído?

V: - Sim, eu senti muito a falta dela. Mas se ela fosse pra França pelo menos eu ia sentir falta dela por um bom motivo, ia ser bom pra ela estudar lá, ela ia ter outra vida.

Pesquisadora: - Mas a senhora acha muito ruim a vida que ela construiu aqui?

V: - Não, muito ruim não. Mas seria melhor lá.

Pesquisadora: - Que nota a senhora daria de negativo pra saída dela de casa, naquele momento?

V: - Uns 70.

Pesquisadora: - E hoje em dia, ainda é igual?

V: - Não, hoje em dia uns 30. Ela vive bem aqui, eu estou perto dela, mas é que eu queria que ela tivesse feito francês.

Pesquisadora: - Teve dificuldades com a política?

V: - Que nada eu era... só vivia em casa, na boa

Pesquisadora: - Reconhecimento profissional de realce? Cônjuge começou a trabalhar? Cônjuge parou de trabalhar?

V: - Não, ele trabalhou sempre com as mesma coisas, sempre correu tudo bem.

Pesquisadora: - Começou a estudar? Abandonou os estudos?

V: - Eu sinto saudades da minha época de escola, mas só, eu aproveitava! Hahahaha
Eu estudei bastante tempo!

Pesquisadora: - Teve algum acréscimo de pessoas morando em casa? E diminuição de pessoas morando em casa?

V: - Não, sempre foi só a gente.

Pesquisadora: - Mudança de hábitos pessoais? Teve dificuldades com chefe? Mudança de horário de trabalho? Mudança de residência?

V: - Não, sempre foi tudo tranquilo. Vivi na mesma casa a vida toda, só depois que vim pra cá.

Pesquisadora: - Teve alguma mudança de escola? Mudança de atividades recreativas? Mudança de atividades religiosas?

V: - Não. Isso teve, eu fui messiânica, mas nunca abandonei a católica. Mas sai, porque você tem que frequentar a igreja, fazer parte dos trabalhos, ministrar o Johrei. Eu saí por isso, porque eu estou aqui, não posso sair, não recebo mais o johrei. A gente usa essa medalhe e ninguém pode tocar, o povo pensa que é de ouro e não é.

Pesquisadora: - E esse evento é positivo ou negativo para a senhora?

V: - Foi positivo! É positivo, é uma religião muito boa, mas não dá mais pra seguir. É nota 100 de tão bom. Hoje ainda é 100, mas eu não consigo mais ir em nenhuma das duas. A não ser quando minha filha me leva pra cidade, aí eu peço pra passar em uma igreja católica.

Pesquisadora: - Já aproveita!! Mudança de atividades sociais?

V: - Eu sempre gostei mais de ficar em casa.

Pesquisadora: - E compra de crédito de valor médio?

V: - Isso era tudo com o meu marido, ele que organizava tudo.

Pesquisadora: - Mudança no hábito de dormir? Mudança na frequência de reuniões familiares? Mudança de hábitos de alimentação?

V: - Não.

Pesquisadora: - Férias? Teve alguma especial, muito boa ou muito ruim?

V: - Não.

Pesquisadora: - E Natal?

V: - O falecimento dele. Esse eu nunca vou esquecer, foi o pior de todos. Eu lembro assim, que na rua não tinha nada, nada, nada...só taxi na rua. Eu nunca mais gostei de Natal depois disso. É negativo!! A mesma nota da morte dele, a gente está falando da mesma coisa né...

Pesquisadora: - Pode deixar, vou dar as mesmas notas. Recebimento de multas ao cometer infrações, teve? Vício?

V: Não era vício, eu tomava um vinho todo dia, mas nunca atrapalhou nada...

Pesquisadora: - Não? Entendi. Roubo ou assalto?

V: - Teve um roubo uma vez, lá na minha casa no Piauí. Eu fiquei tão chateada. O ajudante do rapaz que estava pintando a casa pra mim, nessa época... eu deixava o dinheiro para eles sempre em um armário na sala e eles viam. Depois que já tinha acabado o serviço uma vez, eu sai de noite, justamente para ir para Messiânica e ele chegou em casa e falou pra menina que eu cuidava, que trabalhava pra mim, se eu estava lá, ela disse que não. Ele desligou o quadro de luz da casa e falou pra ela ir comprar vela, pra depois eu não chegar no escuro e ela foi. Ele levou minha TV, o rádio, pegou o dinheiro no armário.

Pesquisadora: - Nossa, uma pessoa que estava dentro da sua casa...?

V: - Pois é, eu fiquei chateada, sempre paguei ele direitinho, tratei bem. Foi muito ruim.

Pesquisadora: - Que nota a senhora daria na época pra essa vivência?

V: - Uns 100 viu, eu fiquei chateada mesmo!!!

Pesquisadora: - E hoje em dia?

V: - Não, hoje em dia não, isso não me incomoda mais. Nem um pouco, foi um pouco antes de eu vir pra Santos.

Pesquisadora: - Viagem?

V: - Nenhuma em especial. Eu viajei bastante no meu estado e bastante para uma cidade que tinha lá, chamada União. Mas eu ia sempre, não era novidade, era bom, mas nada de diferente.

Pesquisadora: Teve alguma cirurgia?

V: - Eu tirei o apêndice quando era bem novinha.

Eu : - Que nota você daria para essa cirurgia?

V: - Foi bom, de 10 a 100? 90. E até hoje 90, resolveu né...

Pesquisadora: - Paixão ou caso amoroso?

V – Xiiiiii... Teve um monte, mas especial só meu marido mesmo! Hahahaha

Pesquisadora: - Tem algum outro evento que eu não perguntei, mas que a senhora queira falar?

V: - A formatura e casamento da minha filha. Que foi muito emocionante pra mim! Ah... e o aniversário de 15 anos da minha neta! Os dois foram especiais pra mim, muito bom!

Pesquisadora: - Dona S, muito obrigada viu! Pela sua atenção, sua paciência, sua simpatia, por dividir sua história comigo.

V: - Nada, eu gostei. Desculpa se eu falei atrapalhado às vezes, to achando que to ficando atrapalhada.

Pesquisadora: - Você acha dona V? Achei a senhora tão bem, alguns dias a gente fica mais cansado mesmo, com a língua mais enrolada, é normal.

Entrevista 10 – Q.Y.

Uma das enfermeiras me leva até o quarto de Q., ela arrumava algumas coisas em seu criado mudo quando entramos. Eu me apresento, falo sobre a pesquisa, conta que a psicóloga da casa me sugeriu que a entrevistasse. Ela de início de mostra fechada e diz que está com preguiça e que não quer participar, eu falo um pouco mais, explico sobre os instrumentos e falo sobre o sigilo, depois de ouvir ela decide participar. Leio o termo de consentimento e inicio o Mini Mental.

Pesquisadora: - Qual seu nome completo?

Q: - Q. Y.

Pesquisadora: - E qual a sua data de nascimento?

Q: - 27.02.1930

Pesquisadora: - A senhora estudou quanto tempo?

Q: - Se eu estudei? Eu estudei, fiz cursos assim. Fiz o colégio, naquele tempo era aquele sistema de ginásio, mas o ginásio não é como hoje, hoje está diferente.

Pesquisadora: - É acho que só mudou o nome, na verdade. O que era pré é primeiro ano, primeira série é segundo ano e assim por diante.

Q: - Antes fazia o primeiro, segundo, terceiro até o quarto ano, depois a gente entrava pro ginásio. Aí tinha primeira, segunda, terceira quarta e quinta série, depois tinha outro curso. Aí eu fiz um curso que se chamava "comércio", que agora não existe mais, acho que modificaram.

Pesquisadora: Então a senhora fez até o colegial? O que hoje é o colegial? Quantos anos mais ou menos a senhora estudou?

Q: - Ah, então... Aquele curso que eu fiz eu não me lembro mais se foi três anos. Eu não tenho bem certeza.

Pesquisadora: - Mas foi mais de 8 anos que a senhora ficou estudando?

Q: - Mais ou menos isso. Eu estudei em colégio de freira.

Pesquisadora: - Deixa eu fazer então o teste com a senhora e vou perguntando depois da sua história e você vai me contando, tudo bem?

Q: - Mas eu não tenho história, eu já te falei. Não tem nada de interessante...

Pesquisadora: - (risos) Todo mundo tem história.

A aplicação do Mini Mental acontece sem que a idosa encontre dificuldades. Durante as perguntas a idosa comenta outras coisas não relacionadas com o teste.

Q: - Não pensei que fosse chegar a ter tantos (Anos) É eu não achei mesmo. Imagina que eu fosse pensar que chegaria a 80. Naquele tempo o pessoal nem chegava a tanto, agora estão chegando.

Pesquisadora: - É antigamente se vivia até os 70 e pouquinho.

Q: - Agora eu não sei se é o estilo de vida ou a medicina que está muito adiantada.

(...)

Pesquisadora: - Isso. Sabe o nome do local que a gente está?

Q: - Sei, Lar Evangélico. Uma coisa que nunca imaginei é que viria pra cá. Eu fiquei com uma pessoa, mas nunca cheguei a casar. Depois ele faleceu e eu não cheguei a ter filho. Cheguei a engravidar, mas tive dificuldades e não deu certo. Nessa parte eu não fui muito feliz né? Cheguei a ser feliz porque fiquei com a pessoa que gostava. Mas ele também tadinho, quando faleceu... Acabou? Só isso?

Pesquisadora: - Não, agora que vou conversar com a senhora.

Q: - Sobre o que?

Pesquisadora: - Sobre a sua vida. A senhora nasceu aqui no Brasil mesmo?

Q: - Nasci em São Paulo, na capital. Sempre morei lá, desde criança.

Pesquisadora: - A senhora mora em Santos há quanto tempo?

Q: - Há 6 anos

Pesquisadora: - Você é casada, solteira, qual seu estado civil?

Q: - Eu não casei

Pesquisadora: - Mas morou junto?

Q: - Morei. Por muito tempo, acho que ficamos uns 20 ou mais. Até que ele faleceu, faz 6 anos que to aqui, eu vim pra cá morei com meu irmão, acho que faz 20 anos já que ele faleceu.

Pesquisadora: - A senhora teve filhos?

Q: - Não, eu engravidei, mas não cheguei a ter.

Pesquisadora: - A senhora tem religião?

Q: - Católica apostólica romana.

Pesquisadora: - É praticante ainda?

Q: - Graças a Deus.

Pesquisadora: - A senhora estudou até o colegial então?

Q: - É, eu não fiz grandes cursos. Depois eu tentei fazer curso de inglês, mas não foi pra frente porque o professor mudou e eu não acostumava com o outro e eu parei. Era pra 'mim' continuar, mas não continuei mais. O que mais eu estudei? Ah, fiz um cursinho de contabilidade, mas era um cursinho rápido, depois fui trabalhar e só trabalhei, trabalhei, trabalhei... Sempre trabalhei com contabilidade.

Pesquisadora: - Por quanto tempo?

Q: - Ah eu já fui secretária também, na última firma. Eu trabalhei em várias firmas

Pesquisadora: - Por quanto tempo você trabalhou?

Q: - Nossa senhora! Eu me aposentei... Eu não tinha 65 não, porque depois de aposentada eu continuei trabalhando. Pode ser 65, vai ver que é isso né.

Pesquisadora: - A senhora começou a trabalhar com quantos anos?

Q: Eu tinha 17 anos, sabe por que eu lembro? Naquele tempo tinha carteira de menor, pra poder trabalhar, e depois tirei carteira de maior. Trabalhei do 17 até os 70 mais ou menos.

Pesquisadora: - Quantas horas por dia você trabalhava

Q: - 8 horas

Pesquisadora: - Há quanto tempo você parou de trabalhar? 15 anos?

Q: - É quando me aposentei né?

Pesquisadora: - E a sua internação aqui foi voluntária?

Q: - Foi. A minha sobrinha... o meu irmão veio pra cá quando ele trabalhava no banco, ele foi transferido pro banco daqui né? Então os filhos dele terminaram de estudar aqui. Agora eles já são casados, aí meu irmão faleceu e eu vim pra cá. Eu já estava sem ninguém, tava sozinha, era pra ele vir ficar aqui comigo, ele já estava viúvo. Era pra ele ficar aqui comigo na Marechal Floriano. sabe? Nessa rua que vai dar lá no Gonzaga. Tem uma igreja logo ali, uma igreja grande, não vou lembrar. Depois aí meu irmão faleceu e eu fiquei sozinha e estava morando na casa da minha sobrinha, mas eu estava me sentindo mal, porque eu tava dormindo, eu tava tirando... porque ela morava num apartamento na Carvalho de Mendonça que o pai dele que deu aquele apartamento, só que só tinha dois quartos, o quarto do casal e o quarto do menino e da menina. e ela tava ficando mocinha já. e eu pensei que estava atrapalhando as crianças. e eles tinham tudo dentro do quarto, o computador. sabe? Todas as coisas deles estavam no quarto. O menino estava em São Paulo, porque ele estava estudando lá, ele gostava de jogar futebol então ele jogava no SPFC. Mas depois aí ele depois de muito tempo saiu, agora nem sei o que ele está fazendo, só sei que namorar ele namora pra caramba.

Pesquisadora: - Então aí a senhora que procurou a casa?

Q: - Nós fomos ver uns lugares e não gostamos, eu e minha sobrinha. Ai uma senhora falou que a sogra ficou num lugar muito bom só que era evangélico. Aí nos fomos ver. Eu cheguei aqui e gostei. Engraçado. E minha sobrinha também. Esses lugares pra idosos geralmente são casarões muito velhos, sombrios, esquisitos. Então eu..

Pesquisadora: - A senhora foi visitar muitas casas?

Q: - É a gente foi em algumas, umas 3 mais ou menos. Aí quando nós viemos pra cá, ela também gostou. Estou aqui há 6 anos.

Pesquisadora: - E a senhora costuma se reunir com sua família?

Q: - Sim, eu passo natal com eles, talvez algumas. Agora eu ando meio doente também.

Pesquisadora: - Mas você os vê toda semana?

Q: - Não, toda semana não. Só quando tem algum aniversário eu ia lá, é aqui perto só descer o morro. O meu sobrinho, também casado já tem uma filha quase moça mora lá na sabe onde tem o praia mar, por ali.

Pesquisadora: E com quem a senhora tem mais contato?

Q: Acho que com meu irmão... meu irmão não... meu sobrinho. Eu não sei, a minha sobrinha...

Pesquisadora: - E eu irmão ainda é vivo?

Q: - Ele morreu, por isso vim parar aqui, se não eu estaria morando com ele. Ele ficou viúvo. Quando meu irmão morreu eu morei com a minha sobrinha. Quando eu fiquei viúva eu não namorei ninguém. Eu gostava muito do R. C. era o nome dele. Depois que ele faleceu eu não tive interesse em mais ninguém. Eu também estava mais idosa. Eu operei o seio, tirei o seio, fiz quimioterapia, eu já sofri pra caramba, olha como meu braço é diferente do outro. Até hoje não posso forçar esse braço pra tirar sangue. Eu estava com anemia e tive que tomar ferro na veia, mas no outro braço porque nesse não consigo tirar.

Pesquisadora: - Você ajuda alguém da sua família?

Q: - Eu não tenho ninguém pra ajudar, só eu mesma

Pesquisadora: - Mas você recebe algum auxílio?

Q: - Eu recebo minha aposentadoria.

Pesquisadora: - Recebe auxílio de familiar?

Q: - Não, meu sobrinho fala pra mim que se eu precisar de alguma coisa é só pedir. Ele tem boa vontade. se oferece. Mas eu também sou orgulhosa. Não é orgulho, é que eu acho que se eu tenho dinheiro, pra que eu vou ficar pedindo, coitado ele também luta né?

Pesquisadora: - A senhora acha que resultou em benefícios viver aqui no residencial? Muitos, poucos ou nenhum?

Q: - Foi, foi até muitos. Eles me colocaram nesse quarto aqui, eu me sinto bem aqui, porque naqueles quartos de 4 pessoas as vezes eu dormia com pessoas com muito Alzheimer, já adiantado, aí a noite eu não dormia, então as próprias criaturas, as enfermeiras da noite, elas notavam, falavam coitada da Neide ela nem dorme, depois foi indo e ficou nesse quarto

Pesquisadora: - Essa seria uma dificuldade de morar?

Q: - Mas eu nunca me queixei. Dificuldades aqui são poucas, tenho muitas amigas, gosto da S, da M. fisioterapeuta, ela é um anjo, elas são ótimas, você sabe. E a dona V que é a presidente daqui, eu também gosto muito dela, ela me trata muito bem, então do que eu vou me queixar, não é verdade? Se eu sair daqui, pra onde é que eu vou? Só se for aquele casarão velho que tá pior do que aqui.

Pesquisadora: - vou falar uma lista de atividades e me fala com que frequencia fazia antes de vir morar aqui?

Q: - Atividades?

Pesquisadora: - Por exemplo, você viajava a lazer?

Q: - Antes de vir morar aqui se eu viajava? Não, quando eu tava em São Paulo eu vinha pra cá, que meu sobrinho já morava aqui, já tava ficando moço. Mas eu tinha o C, ele me levava

sempre pro Rio de Janeiro, depois fui pro Paraná, fiquei lá em Curitiba, uma semana. Ele foi a serviço, mas ele trabalhava no serviço de saúde, era enfermeiro.

(...)

Pesquisadora: - Depois da sua institucionalização aqui a senhora parou essas atividades?

Q: - Aqui? O que eu faço, eu tava na internet, antes de isso aí, o que que eu fazia? ah.. Eu ia muito à igreja evangélica, mas agora eu não vou mais. Porque evangélico é o mesmo Deus da gente.

Pesquisadora: - Então a senhora faz as mesmas atividades voltadas à religião?

Q: - Isso.

Pesquisadora: - A senhora pode sair sozinha daqui?

Q: - Eu posso, sou autônoma, por enquanto. E eu saio, agora sai, fui lá em cima na farmácia, eu ando muito, a (inaudível) as vezes a gente sai junto.

Pesquisadora: - Só pra andar?

Q: - Não às vezes ela precisa também que ela ta fazendo tratamento, ela também tirou o seio, mas o meu faz mais tempo, agora em junho faz 13 anos que tirei o meu. Agora, a J. faz 2 anos que operou, ela te falou né? Ainda falta muito?

Pesquisadora: - Ainda falta um pouquinho, a senhora está cansada?

Q: - Qual seu nome mesmo?

Pesquisadora: - Alice. Como você acha que seu contato com família e amigos impacta na sua qualidade de vida hoje?

Q: - Minha família são meus sobrinhos aqui, porque em São Paulo eu tenho primos de 2º, 3º. Grau, aqui tenho meus sobrinhos, filhos do meu irmão, então estou com eles ainda, apesar que todo mundo trabalha muito.

Pesquisadora: - Qual é a importância deles na sua vida hoje?

Q: - Ah eu os quero bem né? É o que sobrou do meu irmão, meu único irmão. gosto muito deles, meu sobrinho então é um anjo.

Pesquisadora: - Ele é bonzinho?

Q: - Ele é, um doce de criatura. A minha sobrinha não é muito apegada, mas ela também tem tantos problemas coitada, ela faz tratamento, eu tenho problema de tireoide e ela também tem.

Pesquisadora: - E eles tem a mãe viva?

Q: - Não, a minha cunhada faleceu e eu só tinha um irmão, minha mãe também faleceu cedo, se não teria mais, ela era italiana, o nome dela era C. ... eu não sei porque não tenho o sobrenome dela. A minha mãe era muito bonita!

Pesquisadora: - É?! Como você acha que as suas lembranças e história de vida interferem hoje?

Q: - Nas lembranças da minha vida? Ah, é bom ter lembranças de infância porque eu era bem pequena quando minha mãe morreu, mas depois morreu meu pai e eu fiquei com a minha avó, mas eu não sei, eu tenho lembrança boa deles, eles eram carinhosos, sabe, italiano é carinhoso, né? Os meus avós eram italianos mesmo.

Pesquisadora: - Só tinha você e seu irmão?

Q: - É, a minha mãe faleceu depois, nós ficamos pequenos.

Pesquisadora: - E seus avós só tinha vocês de netos ou tinham outros netos?

Q: - Não, ela tinha outros netos, tinham minhas tias que foram casadas.

Pesquisadora: - Essa avó que te criou era do seu pai ou mãe?

Q: - Mãe do meu pai, ela era muito enérgica, mas ela era muito boa, coitada, não tenho queixa dela não.

Pesquisadora: - Quando você tem alguma situação estressante aqui como faz?

Q: - Você fala como que eu convivo com as pessoas que tem Alzheimer?

Pesquisadora: - Qualquer coisa que te estresse aí como que a senhora faz?

Q: - De vez em quando eu saio do sério, mas depois eu me arrependo tanto, eu procuro tratar todo mundo bem, graças a Deus eu acho que ninguém aqui tem queixa de mim. Às vezes perde a paciência, mas tem gente que xinga, tem uma senhora aqui que maltrata, que manda "calar a boca sua velha". Aí eu falo que você também é velha, não sabe como vai acabar e eu como religiosa me vejo na obrigação de chamar atenção.

Pesquisadora: - Mas às vezes ela tem alguma questão cognitiva, alguma demência já...

Q: - Ela tem qualquer coisa, porque dizem que ela é uma menina, tem cabeça de menina. Ela também não é santa, mas como ela fica lá vendo a novela, presta atenção em tudo, também não é tanto assim. Ela toca piano, você já entrevistou ela?

Pesquisadora: - Sim.

Q: - Tinha umas psicólogas aqui que falavam que ela tinha uma cabeça muito pequena de criança.

Pesquisadora: - É ela teve um atraso no desenvolvimento. Dona Q. agora é a última parte do teste.

Q: - Eu não consegui fazer a frase né? eu não sou muito criativa

Pesquisadora: - Não tem problema, era uma frase simples, é que a senhora fica nervosa. esse aqui é assim, vou falar eventos de vida, você me explica se houve ou não e ano que ocorreu.

Q: - Tá bom.

Pesquisadora: - Morte do conjugue?

Q: - Ficou internado no Emílio ribas, teve muita hemorragia, tinha uma úlcera no duodeno. Ele sofreu muito, ficou um tempo no hospital, depois veio pra casa e depois voltou de novo.

Pesquisadora: - Você lembra quanto tempo faz que ele faleceu?

Q: - Uns 30 anos.

Pesquisadora: - O quanto ruim foi perde-lo? de 0 a 100.

Q: - 100

Pesquisadora: - Agora o quanto sente falta? de 10 a 100.

Q: - Bastante, não chega a 100 porque a gente vai aceitando, uns 60

Pesquisadora: - Divórcio? Prisão?

Q: - Não

Pesquisadora: - Acidente ou doença?

Q: - Acidente não, doença teve muitas, minha mãe, mãe, tias.

Pesquisadora: - E todos esses morreram, como você citou antes? E sem morte, tipo seu câncer?

Q: - Ah sim, foi em 97, faz 9 anos né?

Pesquisadora: - Como foi enfrentar a doença?

Q: - Eu sofri muito pra fazer quimioterapia

Pesquisadora: - De 10 a 100 é 100? Que nota você daria?

Q: - Depois eu fui criando coragem porque a moça era muito boa, aí eu fiz só radio e a radio não doía nada, mas a quimioterapia dói um pouco.

Pesquisadora: - Que nota você daria?

Q: - 94

Pesquisadora: - E hoje em dia?

Q: - Aqui não é minha casa, mas é como se eu tivesse companhia

Pesquisadora: - Mas hoje a doença interfere pouco na sua vida?

Q: - É o que falei pra você eu tinha reação muito ruim, eu ficava deprimida

Pesquisadora: - mas hoje ter tido a doença o quanto interfere na sua vida?

Q: - Não sei, você pergunta se eu tivesse de novo?

Pesquisadora: - Hoje quando você lembra da doença?

Q: - Hoje eu tenho mais tolerância por causa da religião.

Pesquisadora: - E que nota daria?

Q: - 80. Hoje eu to meio apavorada por causa da minha vista. ele falou que era pra ficar observando

Pesquisadora: - Casamento não teve né?

Q: - Casamento não, ele foi casado no rio de janeiro.e quando ele separou ele veio pra cá e não quis casar.

Pesquisadora: - E você não falou com ele sobre isso?

Q: - Falou no começo depois parei

Pesquisadora: - Como começou a relação de vocês?

Q: - A gente teve relação sim, mas aí falei pra ele que minha família não ia aceitar

Pesquisadora: - E foi bom o casamento com ele, de 10 a 100?

Q: - Foi 100, ele me ajudava muito, era um bom companheiro

Pesquisadora: E hoje você ainda avalia 100?

Q: - Sim.

Pesquisadora: A senhora lembra o ano que o conheceu?

Q: - Será que foi anos 60? acho que foi. fiquei bastante tempo com ele

Pesquisadora: - Perda de emprego teve?

Q: - Quer dizer a gente ficou um tempão sem morar juntos, a gente saia e tudo. depois aí foi quando falei que não posso continuar assim.

Pesquisadora: - Teve alguma perda de emprego?

Q: - Não.

Pesquisadora: - Teve reconciliação?

Q: - A gente brigou muito antes de ficar juntos, depois não

Pesquisadora: - Aposentadoria marcou?

Q: - Não. Ainda falta muito?

Pesquisadora: - Tá acabando. gravidez?

Q: - Teve, mas não foi muito bem não. aí fiquei com medo de tentar de novo. hoje me arrependo

Pesquisadora: - Mas foi uma gravidez ruim? quantos anos você tinha?

Q: - Já tinha mais de 30, quase 40, isso quando fiquei com ele.

Pesquisadora: - Como foi perder essa gravidez?

Q: - Foi muito triste, eu senti muito uns 90.

Pesquisadora: - Até hoje? Quanto você sente hoje?

Q: - Hoje não sei dizer.

Pesquisadora: - Que nota você daria hoje?

Q: - Ah 100, queria muito ter um filho, já imaginou que bonito? Já teria netos...

Pesquisadora: - Sim. Eu imagino a falta que você sente, mas você fala de seus sobrinhos de uma maneira bem maternal.

Q: - Ele são um pouco meus filhos mesmo!

Pesquisadora: - Que bom que você tem a eles! (...)Teve separação?

Q: - Não, só quando ele morreu.

Pesquisadora: - Dificuldade sexual?

Q: - Não, era tudo normal.

Pesquisadora: - Morte na família?

Q: - Ah, morreu tanta gente! Eu morava com minha vó e tia, eu senti muito minha vó morrer.

Pesquisadora: - Ela foi sua mãe né? Quantos anos você tinha?

Q: - Tinha uns 25, morreu bem de idade, acho que ela já tinha até a idade que to tendo agora...

Pesquisadora: - Ela era uma boa mãe pra você?

Q: - Ela era bem enérgica, tanto que me colocou em colégio interno porque falou que menina dava muito trabalho. meu irmão não ficou em colégio interno, ele ficou no Liceu lá em São paulo, Ela só queria colégio de freira, era super religiosa.

Pesquisadora: - Que nota você daria por ter perdido ela?

Q: - Acho que 100.

Pesquisadora: - Tem mais alguém? Seu pai e sua mãe você se lembra?

Q: - Não era muito nova, tinha uns 5 anos.

Pesquisadora: - Você é mais nova que seu irmão?

Q: - Mais velha, ele era 2 anos mais novo.

Pesquisadora: - Teve mudança de trabalho?

Q: - Teve, mas era sempre pra melhor, nenhum me marcou.

Pesquisadora: - Mudança na condição financeira?

Q: - Não, nossa vida era só trabalhar, todo mundo trabalhava, nunca fomos ricos.

Pesquisadora: - Doença de alguém só do seu pai sua mãe?

Q: - Isso.

Pesquisadora: - Mudança de país teve? Compra de casa de valor alto?

Q: - Não. Não, nós não tínhamos casa.

Pesquisadora: - Morte de amigo íntimo? Sra falou do seu primo.

Q: - Ah do meu primo eu senti muito, da minha prima é uma mulher feita.

Pesquisadora: - Hoje você sente muito a falta dele?

Q: - Engraçado que ele gostava de sair comigo. Eu já tinha uns 60 anos, já estava aposentado também. Uns 90 ele era um irmão.

Pesquisadora: - E hoje sente quanto?

Q: - Ah não sei explicar, Pouco, a gente se conforma, uns 60.

Pesquisadora: - Teve mudança na frequência de brigas com o marido?

Q: - Só uma vez antes de ficar junto, quando ficamos juntos a gente discutia, mas não era briga.

Pesquisadora: - Teve término de pagamento de empréstimo? Mudança responsabilidade do trabalho? Alguma responsabilidade na política? Nunca se envolveu com nada?

Q: - Não. Não. Não. Não. Acabou?

Pesquisadora: - Tá acabando. Teve reconhecimento profissional?

Q: - No emprego? Teve quando eu era auxiliar de contabilidade, aí passei pra secretária do dono e fiquei contente. Foi muito bom!

Pesquisadora: - Que legal! Já era mais velha, tinha quantos anos, uns 60?

Q: - Tinha menos. A nota foi 100. E hoje? Ainda 100.

Pesquisadora: - Quando parou de estudar te marcou?

Q: - Fiquei triste quando parei o inglês, senti muito, uns 100.

Pesquisadora: - E hoje em dia?

Q: - 100, sinto muita falta.

Pesquisadora: - Teve acréscimo de pessoas na sua casa? Teve mudança de hábitos pessoais?

Q: - Não. Não. Acabou?

Pesquisadora: - Tá acabando. Dificuldade com chefe? Mudança de horário de trabalho? Mudança de residência?

Q: -Não. Não. Ah mudamos muito, mas nenhuma me marcou.

Pesquisadora: - Mudança de escola? Mudança de atividade recreativa?

Q: - Não. Não tinha atividade recreativa.

Pesquisadora: -Mudança religiosa? Mudança de atividade social? C compra de crédito de valor médio, tipo casa? Ou médio, tipo um carro? Mudança no hábito de dormir?

Q: - Não. Não. Não. Não. Não. Não. Eu custo um pouco pra dormir porque fico pensando, mas depois durmo....

Pesquisadora: - Mudança na frequência de reunião familiar? Mudança no habito de alimentação

Q: - Não. Não, sempre comi pouco.

Pesquisadora: - Ferias? Alguma que marcou?

Q: - Ah, a que fui pro Rio de janeiro que adorei, foi muito bom!

Pesquisadora: - Quantos anos tinha?

Q: - Eu não era criança mais, tava com ele já, eu fui com ele. Ele me levou pra conhecer a família dele, mas depois a mãe dele faleceu e nem fomos mais pra lá, as irmãs dele vieram pra São Paulo, daí nem conheci.

Pesquisadora: de 0 a 100 quanto foi ir ao Rio?

Q: - 100. E hoje? Ainda 100.

Pesquisadora: - Teve algum natal que marcou?

Q: - Eu sempre gostei de natal até hoje. Mas não tem nenhum que me venha a memória.

Pesquisadora: - Recebimento de multa? Visto? Assalto?

Q: - Não. Não. Graças a deus não, nunca fui assaltada.

Pesquisadora: - Alguma viagem que marcou tirando essa do rio?

Q: - Ah pro rio, só.

Pesquisadora: - Cirurgia, da mama, não é? Teve alguma outra?

Q: - Não.

Pesquisadora: - Da mama foi ruim ou boa?

Q: - Foi horrível, fiquei deprimida. Não, coloquei silicone, porque não tinha dinheiro.

Pesquisadora: - Hoje em dia o SUS disponibiliza esse tipo de cirurgia.

Pesquisadora: - Teve paixão ou caso amoroso?

Q: - Não.

Pesquisadora: - Gostaria de falar mais alguma coisa?

Q: - Não.

Pesquisadora: - Desculpa qualquer coisa, qualquer incomodo e obrigada por participar.

Q: - Não foi nada.

6. DISCUSSÃO

Apenas 20% dos participantes pertencem ao sexo masculino, os outros 80% pertencem ao sexo feminino. Essa diferença discrepante entre os sexos, observada na amostra com autonomia cognitivo-funcional, se estende ao residencial de maneira geral; as mulheres compõem a maioria dos idosos residentes na Instituição de Longa Permanência para Idosos. Eles se encontram perto dos 85 anos de idade, e 2 deles possuem mais de 93 anos. HSU é a única estrangeira do grupo entrevistado. Nascida na região da Galícia na Espanha, a idosa reside no Brasil há cerca de 69 anos; quando completou 24 anos veio ao Brasil trabalhar como babá para uma família de amigos de seu primo, deixando na Espanha sua única filha (na época com 2 anos de idade) aos cuidados de sua família de origem. Somente a participante G.J. nasceu em Santos, morando na cidade por toda a sua vida; o que representa 10% da amostra. Outros 40% dos participantes vivem na cidade há mais de 65 anos; A participante J.V. é a única participante da amostra que passou a morar em Santos por conta de sua internação em ILPI, o que representa 10% da amostra. Ela e seu filho vieram conhecer o Lar Evangélico, após indicações, quando optaram por sua internação, decisão tomada logo após uma cirurgia para retirada de um tumor em seu cérebro - durante o período de recuperação J.V. precisava de cuidados profissionais frequentes.

A seguir, um breve comentário sobre a história dos viúvos, grupo que compõe a maior parte da amostra.

G.J. ficou viúva a primeira vez há 51 anos, seu marido faleceu de repente, vítima de um ataque cardíaco, quando sua única filha tinha 12 anos de idade. Depois de quatro anos voltou a se casar, e após alguns anos de casamento seu novo marido sofreu um acidente e ficou acamado por muitos anos – até que adoeceu e debilitado faleceu, há 29 anos.

H.S.U. teve uma filha aos 22 anos, mas não chegou a se casar com o pai da criança. Aos 43 anos se casou, esse relacionamento durou 34 anos, até o falecimento de seu marido, há 12 anos. Desde a morte de seu marido, a idosa vive

sem contato familiar ou de amigos, exceto por uma sobrinha de seu marido que a visita ocasionalmente – a idosa se declara como não tendo contato com ninguém.

O.M.F. é viúvo há 29 anos, sua esposa faleceu no início de um tratamento contra o câncer. É importante ressaltar que nessa época, o casal já havia perdido seus 3 filhos, todos falecidos por doenças. Segundo ele a menina, filha mais velha do casal morreu de “tuberculose mal curada, o outro morreu do coração e o mais novo morreu de câncer também” (sic). Ao falecer seus filhos tinham por volta de 20 anos cada um e ainda viviam com o casal.

P.V.I.V.F. casou-se com seu namorado de adolescência e teve com ele um casal de filhos. Viúva há 35 anos, perdeu o marido após um ataque cardíaco, na noite de Natal, o filho mais novo, que estava com eles, levou o pai ao hospital, mas depois de passar a noite internado, não resistiu – a data para ela é ainda hoje motivo de tristeza e saudades.

Q.Y. foi amasiada por cerca de 20 anos, mas nunca chegou legalizar a relação. O casal tentou engravidar, mas depois de um aborto espontâneo nunca mais se arriscou em uma nova gravidez. Há 31 anos seu marido faleceu de hemorragia, devido a uma úlcera no duodeno.

Já em relação a participantes separados, M.R.S.I é o único que compõe esse subgrupo da amostra. Casado por 16 anos, o idoso teve 4 filhos gerados nesse relacionamento. O idoso conta que se separou, há 49 anos atrás, quando percebeu que sua mulher não o “respeitava, só queria saber do dinheiro que trazia depois que voltava do mar (...) até o dia em que (...) soube que ela estava de graça com outro homem de lá”.

Entre a amostra entrevistada, 70% das pessoas possui filhos, 60 % da amostra possui netos e apenas 10% da amostra possui bisnetos – este fato surpreende devido a idade avançada participantes e de seus filhos, tendo em vista que entre essas gerações era bastante comum que as pessoas tivessem filhos aos 20 e poucos anos.

Dois dos entrevistados, ou seja, 20% da amostra enfrentaram o falecimento de filhos. O.M.F. perdeu seus três filhos, por doenças e P.V.I.V.F. perdeu seu filho mais novo em um acidente de carro.

O alto índice de religiosidade entre os participantes pode ser relacionado com o fato de que a I.L.P.I. em que vivem é declaradamente evangélica, além de oferecer frequentemente o contato com líderes religiosos e cultos em seus aposentos.

A média de tempo de trabalho entre os participantes é de 44,2 anos. Sendo o menor tempo de trabalho igual a 14 anos e o maior de 60 anos. Os homens entrevistados (20% da amostra total) trabalharam por menor tempo que as mulheres, respectivamente 30 e 14 anos. Enquanto 50% da amostra (mais da metade das mulheres entrevistadas) trabalharam por mais de 53 anos. Para 60% da amostra as atividades foram encerradas apenas quando deixaram de viver em suas casas e ingressaram em instituição de longa permanência – esse subgrupo é formado exclusivamente por mulheres da amostra e apenas uma delas não executava trabalhos domésticos.

A internação não foi voluntária para 30% da amostra, os outros 70% vivenciaram internação voluntária, passando a viver em residencial por motivação própria ou sugestão de algum familiar, deste total todos afirmam que não foram forçados a viver ali.

Entre os motivos de internação estão descanso e auxílio para atividades diárias (60%), internação judicial (30%) e ausência de vínculo familiar (10%). A participante que afirma não ter vínculo familiar é a P.V.F., que após a morte de seu pai, deixou a casa e o convívio familiar para trabalhar em Santos, depois disso voltou a vê-los poucas vezes.

A participante que está há mais tempo na instituição, vive ali há 31 anos, mudou-se para o residencial logo depois de sua aposentadoria. Além de ter deixado sua família muito nova e perdido o vínculo emocional existente entre eles, não se casou, nem constituiu família. A participante relata que na época em que se mudou para lá, ainda andava com facilidade e adorava ajudar no trabalho da instituição; só deixou de participar depois que caiu e fraturou a coluna, passando a usar a cadeira de rodas para se locomover.

I.M.I. é a única participante casada entre a amostra, recebe frequentemente a visita de seus filhos e de seu marido, apesar de ter se internado na instituição, entre

outras coisas, para se afastar dele e do relacionamento que a fazia infeliz. As participantes que afirmam não ter contato com ninguém, foram P.F.V. e H.S.U.

M.R.S.I.: - “Eles que pagam aqui, todos ele ajudam com dinheiro pra eu ficar aqui, e eles que resolvem tudo pra mim, tudo que eu preciso peço pra eles.”

I.M.I.: - “Ah, sempre tem um filho que me ajuda com remédio que a minha aposentadoria não dá pra nada. Um ou outro sempre compra uma coisa que eu preciso, eles me levam pra algum lugar que precisa (...)”

Para 60% da amostra há muitos benefícios de viver em I.L.P.I., como se pode observar em:

O.M.F.: - “Ter teve, muitos. Eles tratam bem aqui! Mas eu não pretendia viver aqui, eu tenho casa eu vou voltar pra minha casa. Eu não quero ficar aqui o resto da vida, eu vou arrumar alguém pra cuidar de mim em casa.”

P.V.I.V.F.: - “Sim. Muitos. Todos os cuidados né, descanso.”

G.J.: - “Muitos! Tenho tudo aqui, fico tranquila.”

H.S.U.: - “Ah, só teve benefícios! Eu sou muito bem cuidada aqui, a gente tem tudo o que precisa, tem atenção, tem amigos (...)”

Q.Y.: - “Até que muitos. (...) Ah, eles me colocaram nesse quarto aqui, eu me sinto bem aqui, porque naqueles quartos de 4 pessoas as vezes eu dormia com pessoas com muito Alzheimer, já adiantado, aí a noite eu não dormia, então as próprias cuidadoras, as enfermeiras da noite, elas notavam, falavam: - ‘Coitada da Neide ela nem dorme’(...)”

Para 10% da amostra há poucos benefícios em viver em uma I.L.P.I., como se pode notar na fala de I.M.I, que apesar de não querer e não ter necessidade de deixar sua casa, o fez para encontra um pouco de paz:

I.M.I.: - “Sim. (...) Às vezes eu fico pensando, será que eu sou uma ratasana velha que pulou do navio quando ele estava afundando? Porque a gente estava afundando (...) mas aqui eu estou tendo paz, e em casa eu não tinha mais paz.

Para os outros 30% de entrevistados não há nenhum benefício em viver em um residencial:

P.F.V.: -“ Não, eu não gosto não. Não tem benefício morar em um lugar desse, a gente mora porque não tem opção (...) aqui a gente não tem privacidade, não escolhe nem o que come.”

J.G.: - “Não, nenhum. Se é que eu posso dizer alguma coisa é que ajuda a gente a ser mais humana, pelas situações que vemos aqui, de como outras pessoas sofrem, com abandono ou com Alzheimer... é bem difícil. Mas isso não é bem um benefício, então eu diria que não teve.

Para 80% da amostra não há nenhuma dificuldade em viver em I.L.P.I., como ilustram as falas abaixo:

M.R.S.I.: - “Ah, não também. Eu vivo aqui como eu vivia fora, está tudo bem”.

H.S.U.: - “Nenhuma. Eu não quis vir, fui obrigada, mas gostei de morar aqui, me acostumei e hoje não tenho vontade de sair”.

Q.Y.: - “Não, até que não, tenho muitas amigas, gosto da S., da M. fisioterapeuta, ela é um anjo, elas são ótimas, você sabe! E a dona V. que é a presidente daqui, eu também gosto muito dela, ela me trata muito bem, então do que eu vou me queixar, não é verdade? Se eu sair daqui, pra onde é que eu vou? Só se for aquele casarão velho que tá pior do que aqui”.

G.J.: -“Nenhum. Mas acho que é assim também porque eu saio sempre pra ver minha família... pra quem fica só aqui não deve ser tão legal”.

Já para 10% da amostra há poucas dificuldades, como se pode observar na fala de P.F.V.: - “Poucos, o que eu falei agora. O que me faz viver aqui é a idade, se eu tivesse andando não ia estar aqui, eu ia morar com uma amiga que mora sozinha também. Mas por causa da cadeira não dá, vou ter que ficar pagando alguém pra me ajudar”.

Para os 10% restantes da amostra há muitas dificuldades: J.V.: - “Ah, muitos. Pra começar que a gente fica mais deprimido aqui, de ficar sozinha e ver tanta gente

sofrer, o que me ajuda muito aqui é assistir a Rede Vida, sabe?! Eu vejo muitos cultos e isso me sustenta”.

Antes de mais nada convém lembrar que na teoria de stress, conforme Vasconcellos, 2015, o nível de Distress alto ou altíssimo ou de Eustress alto ou altíssimo de qualquer evento tem um potencial perigoso para o organismo e pode causar sintomas e doenças. Mesmo aquilo que é vivido com alta intensidade positiva tem esse teor de ameaça se perdurar por longo tempo. A taxa anual de redução do nível de distress ou eustress inicial no decorrer dos anos é que vai determinar esse caráter perigoso. Se um evento stressante alto ou altíssimo negativo permanecer nesse limiar no decorrer do tempo ele se tornará distressante. Igualmente, se um evento stressante alto ou altíssimo positivo permanecer no decorrer do tempo no mesmo nível alto ou altíssimo ele se tornará eustress e, suscitará, apesar de ser vivido como positivo, um fator potencialmente gerador de doenças. Em ambos os casos é necessário que o sujeito em cuja vida esse evento ocorreu desenvolva uma eficiente estratégia de coping para reduzir o alto nível de stress (positivo ou negativo) que ele desencadeou. Na concepção ora praticada, um evento positivo que gere alto nível de stress precisa ser corrigido por uma boa estratégia de coping para que não implique em ameaça à saúde física ou psíquica. Se isso ocorrer temos Eustress/Eucoping, se a estratégia não conseguir reduzir o alto nível gerado teremos Eustress/Dis coping.

Redução de impacto:

Baixíssima - quando mantem o mesmo índice de impacto ANT-HOJ, portanto DIFAH entre 0 e 5 pontos. Isso evidencia a existencia de um nível de Eustress ou Distress altíssimo

Baixa - de 6 a 10 pontos - aponta a existência de um nível de Eustress ou Distress alto

Moderada - 11 a 25 pontos - aponta a existência de um nível de Eustress ou Distress moderado

Entretanto, o diagnóstico final depende do número de anos decorridos entre a data do evento e o dia da coleta.

Eustress ou Distress altíssimo quando o DIFAH 0 a 5 pontos dividido pelos anos decorridos estiver na faixa de 0 a 1,0 pontos de redução anual.

Eustress ou Distress alto quando o DIFAH 6 a 10 pontos dividido pelos anos decorridos estiver na faixa de 1,1 a 1,9 pontos anualmente.

Eustress ou Distress moderado quando o DIFAH 26 ou mais pontos dividido pelos anos decorridos estiver na faixa igual ou superior a 2 pontos anualmente.

Grupo em que o <i>stress</i> diminuiu			
Total Escore Positivo Antes	Total Escore Positivo Hoje	Diferença entre os escores "Antes" e "Hoje"	Escore / número de participantes (10)
8440	7640	800	80

Tabela GRUPOS

1 – Eventos Positivos	2 – Eventos Negativos	3 – Eventos P e N	4- Eustress-Eucoping	5 – Distress-Eucoping	6 – Eustress-Dis coping	7 – Distress-Dis coping
	(1) Morte do Cônjuge					(1) Morte do Cônjuge
	(4) Acidente ou Doença			(4) Acidente ou Doença		
(5) Casamento			(6) Casamento			
		(8) Aposentadoria			(8) Aposentadoria	(8) Aposentadoria
		(9) Gravidez	(9) Gravidez	(9) Gravidez		
(12) Nascimento de Criança na Família					(12) Nascimento de Criança na Família	
	(13) Morte de Alguém na Família					(13) Morte de Alguém na Família
	(15) Mudança na Condição Financeira					(15) Mudança na Condição Financeira
	(19) Morte de			(19) Morte		(19) Morte de

	Amigo Íntimo			de Amigo Íntimo		Amigo Íntimo
		(23) Saída de Filho de Casa	(23) Saída de Filho de Casa			(23) Saída de Filho de Casa
	(29) Abandono dos Estudos					(29) Abandono dos Estudos
	(43) Mudança no Hábito Alimentar			(43) Mudanças no Hábito Alimentar		
	(44) Férias					(44) Férias
	(48) Roubo ou Assalto					(48) Roubo ou Assalto
	(50) Cirurgia					(50) Cirurgia

Tabela 18: Resumo das Variáveis relevantes

Evento	Categoria	N	Média / Nível de Stress
Morte do Cônjuge	Antes	6	86,7 - altíssimo
Morte do Cônjuge	Hoje	6	68,3 – alto
Acidente ou Doença	Antes	6	91,7 - altíssimo
Acidente ou Doença	Hoje	6	43,3 – moderado
Casamento	Antes	7	100,0 - altíssimo
Casamento	Hoje	7	71,4 - alto
Aposentadoria	Antes	8	70,0 – alto
Aposentadoria	Hoje	8	58,8 - alto
1ª Gravidez	Antes	9	91,9 - altíssimo
2ª Gravidez	Antes	7	71,4 - alto
1ª Gravidez	Hoje	9	78,9 - altíssimo
2ª Gravidez	Hoje	7	57,1 – alto
1º Nascimento de Criança na Família	Antes	7	100,0 - altíssimo
2º Nascimento de Criança na Família	Antes	6	100,0 - altíssimo
3º Nascimento de Criança na Família	Antes	5	100,0 - altíssimo
1º Nascimento de Criança na Família	Hoje	7	87,1 - altíssimo

2º Nascimento de Criança na Família	Hoje	6	100,0 – altíssimo
3º Nascimento de Criança na Família	Hoje	5	100,0 - altíssimo
1ª Morte de Alguém na Família	Antes	10	98,0 - altíssimo
2ª Morte de Alguém na Família	Antes	8	91,3 - altíssimo
3ª Morte de Alguém na Família	Antes	5	96,0 - altíssimo
1ª Morte de Alguém na Família	Hoje	10	85,0 - altíssimo
2ª Morte de Alguém na Família	Hoje	8	86,3 - altíssimo
3ª Morte de Alguém na Família	Hoje	5	88,0 - altíssimo
Morte de Amigo Íntimo	Antes	9	87,8 - altíssimo
Morte de Amigo Intimo	Hoje	9	55,6 - alto
Saída de Filho de Casa	Antes	4	82,5 - altíssimo
Saída de Filho de Casa	Hoje	4	72,5 – alto
Abandono dos Estudos	Antes	4	100,0 - altíssimo
Abandono dos Estudos	Hoje	4	77,5 - altíssimo

Mudança de Hábitos Alimentares	Antes	4	75,0 - alto
Mudança de Hábitos Alimentares	Hoje	4	52,5 - alto
Férias	Antes	4	95,0 - altíssimo
Férias	Hoje	4	77,5 - altíssimo
Roubo ou Assalto	Antes	4	87,5 - altíssimo
Roubo ou Assalto	Antes	4	30,0 - moderado
1ª Cirurgia	Antes	8	83,8 - altíssimo
2ª Cirurgia	Antes	4	95,0 - altíssimo
1ª Cirurgia	Hoje	8	60,0 – alto
2ª Cirurgia	Hoje	4	70,0 - alto

Subtraindo dessa tabela apenas as intercorrelações significantes concluímos que o nível de stress HOJE, dos 6 sujeitos que assinalaram o evento Morte do Cônjuge tem influência relevante da variável Tempo de Viuvez (0,046) e da variável Filhos (0,086)

Em relação à influência indicada pela estatística avançada a respeito da correlação entre o nível de stress HOJE no evento Morte do Cônjuge e Tempo de Viuvez podemos levantar a hipótese de que o nível de stress em relação ao evento Morte do Cônjuge tende a diminuir com o tempo, pois é possível observar que quatro dos participantes que assinalaram esse evento tiveram diminuição no nível de stress – o que pode indicar que com o passar do tempo houve uma boa estratégia de coping (Eucoping) na maioria dos casos investigados.

Já ao analisar a relação entre o nível de stress HOJE em relação ao evento Morte do cônjuge e a variável Filhos, não é possível levantar nenhuma hipótese, vez que os dados encontrados para cada participante são discrepantes.

O nível de stress HOJE dos 6 sujeitos no evento Morte do Cônjuge tem correlação significativa com a performance no teste MINI Mental (0,093). Entretanto a relação entre o nível de stress e performance no teste MINI MENTAL não nos permite apontar uma hipótese confiável para esse resultado.

O nível de stress do evento Acidente ou Doença na perspectiva ANTES apresenta correlação significativa com a variável Tempo em que reside em Santos (0,72) e com a variável Bisnetos. Essa última não tem massa amostral relevante para nossas inferências. O nível de stress desse evento na perspectiva HOJE tem relação significativa com a variável Filhos (0,079).

Em relação ao nível de stress do evento Acidente ou Doença na perspectiva ANTES e sua correlação com a variável Tempo em que reside em Santos, não foi possível inferir nenhuma hipótese. Já ao analisar o nível de stress HOJE e a relação com a variável filhos, é possível observar que o nível de stress HOJE dos participantes que tem filhos caiu significativamente em relação ao stress ANTES e para aqueles que tem mais de três filhos o nível de stress diminuiu de maneira mais abrupta – somando a isso os dados de história de vida dos participantes, é possível supor que o apoio e cuidado dos filhos em uma situação vivenciada de Acidente ou Doença, contribui para uma boa estratégia de coping (Eucoping).

O nível de stress ANTES dos 6 sujeitos que assinalaram o evento 4 – Acidente ou Doença tem relação significativa com as variáveis Parou de Trabalhar (0,072) e a performance no Mini Mental (0,072). Com o nível de stress HOJE não

apresentou nenhuma intercorrelação significativa. A interpretação dessas correlações em conjunto com a análise da história de vida dos participantes não permite que seja levantada nenhuma hipótese.

O nível de Stress HOJE dos 7 sujeitos que assinalaram o Evento 5 – Casamento tem relações significantes com as variáveis Filhos (0,030). Para os participantes com mais de três filhos (20% da amostra), o nível de stress (positivo) HOJE foi reduzido ao nível mínimo e para essa parte da amostra o casamento foi desfeito (separação ou separação de corpos, como é o caso de I.M.I.) Entretanto, ao considerar os dados da história de vida dos participantes não foi possível levantar hipóteses sobre essa relação observada.

O nível de stress HOJE do evento 5 – Casamento tem uma correlação significativa baixa com a variável Tempo em que reside na Instituição (0,147). A estatística informa confiavelmente que há correlação entre elas, mas não há dados na análise da história de vida dos participantes que aponte uma hipótese possível que reforce esse resultado.

O nível de stress ANTES dos 8 sujeitos que assinalaram o Evento 8 – Aposentadoria tem relações significantes com as variáveis Tempo de Trabalho (0,057), Horas Trabalhadas diariamente (0,028) e a performance demonstrada no teste Mini Mental (0,059). Na perspectiva HOJE o nível de stress tem relações significantes com as variáveis Tempo de trabalho (0,018), Horas Trabalhadas Diariamente (0,056) e Parou de Trabalhar (0,015).

O nível de stress entre os participantes que trabalhavam empregados foi classificado como distress, foi bastante alto, e pode sofrer influencia da quantidade de horas trabalhadas por dia na amostra investigada. Entre as pessoas que trabalhavam por contrato de trabalho CLT (Código de Leis Trabalhistas) o nível de stress foi mais baixo, entretanto foi descrito como distress pela maioria dos participantes.

O nível de stress apontado por 9 sujeitos que assinalaram o Evento 9 – Gravidez e ocorreu até 3 vezes na vida de alguns deles, na perspectiva ANTES apresentou relação significativa com a variável Filhos (0,044) (na primeira gravidez), (0,029) na segunda gravidez, 0,001 na terceira gravidez. Na segunda gravidez as

variáveis Tempo de Viuvez e Netos demonstraram tendência à significância (0,109 para ambas as variáveis). Na perspectiva HOJE somente a segunda gravidez tem relação significativa com a variável Netos (0,006).

Não é possível interpretar os dados qualitativos da amostra uniformemente, de maneira a reforçar a correlação apresentada estatisticamente entre o evento Gravidez e o número de filhos; não é possível levantar uma hipótese sobre essa correlação, pois a primeira gravidez para alguns participantes (70% da amostra) resultou em aumento do número de filhos, para outros (30% da amostra), entretanto, a primeira gravidez resultou na perda de um filho.

A respeito da correlação estatística existente entre a segunda gravidez e as variáveis Tempo de Viuvez e Netos, não há dados na análise da história de vida dos participantes que aponte uma hipótese possível que reforce esse resultado. O mesmo ocorre com a relação entre a perspectiva HOJE na segunda gravidez e a variável Netos.

A tabela 82 demonstra que na perspectiva ANTES o evento 3ª Gravidez tem relação significativa com a variável Tempo de Trabalho (0,076), enquanto que na perspectiva HOJE as relações significantes são entre as o eventos 2ª e 3ª Gravidez e Tempo de Residência na Instituição (0,063 e (0,005 respectivamente).

Em relação ao nível de stress ANTES e o evento 3ª. Gravidez e sua correlação significativa com a variável Tempo de Trabalho, não foi possível encontrar dados na análise da história de vida dos participantes que aponte uma hipótese possível que reforce esse resultado.

O Evento 12 - Nascimento de Criança na Família, assinalado por 7 sujeitos, demonstrou tendência a significância com as variáveis Tempo de Viuvez (0,125) e Filhos (0,135) na perspectiva HOJE. Igualmente com a variável Tempo de Residência na Instituição (0,125) conforme demonstra a tabela 84 abaixo.

A respeito das correlações estatística citadas acima não foi possível levantar hipóteses ou análises que reforcem o resultado obtido, nem mesmo a respeito do item Nascimento de Crianças na Família com o item Filhos, vez que no item Nascimento de crianças na família muitos participantes citaram netos e sobrinhos.

O nível de stress apontado pelos 10 sujeitos da amostra no Evento 13 – Morte de Alguém na Família demonstrou relações significantes, na perspectiva ANTES com as variáveis 2ª Morte e Filhos (0,065) e Netos (0,027) e na perspectiva HOJE entre a 1ª, 2ª Morte com essas mesmas variáveis (respectivamente 0,044; 0,009; 0,041; 0,012) e com a 3ª Morte e Netos (0,086). A interrelação significativa com os Bisnetos e as tendências à significância (em azul) não foram consideradas por ausência de densidade amostral.

A correlação estatística entre o item Morte de alguém na família e os itens Filhos e Netos se confirma ao analisar os dados qualitativos, vez que para 30% da amostra houve perdas de filhos e neto.

Com as variáveis Tempo de Residência na Instituição foi a única variável que apresentou relações significantes com todas as 3 Mortes, tanto na perspectiva ANTES e HOJE. A saber ANTES: 1ª Morte: 0,057; 2ª Morte: 0,008; 3ª Morte: 0,044; HOJE: 1ª Morte: 0,006; 2ª Morte: 0,008; 3ª Morte: 0,061.

A correlações estatísticas citadas acima, não nos apontam dados ou hipóteses que reforce o resultado obtido ou permitam uma análise mais detalhada.

O Evento 19 – Morte de Amigo Íntimo, assinalado por 9 sujeitos, demonstrou ter relações significantes, na perspectiva ANTES com a variável Tempo de Residência em Santos (0,053). As correlações destacadas em azul representam tendências à significância.

A respeito da correlação estatística existente entre a Morte de Amigo, na perspectiva ANTES, com a variável Tempo de Residência em Santos, não há dados na análise da história de vida dos participantes que aponte uma hipótese possível que reforce esse resultado.

O Evento 29 – Abandono dos Estudos, assinalado por 4 sujeitos demonstrou ter correlações significantes, na perspectiva HOJE, com a variável Parou de Trabalhar (0,051).

A respeito da correlação estatística existente entre Abandono dos Estudos, na perspectiva HOJE, com a variável Parou de Trabalhar, não há dados na análise da

história de vida dos participantes que aponte uma hipótese possível que reforce esse resultado.

O Evento 43 – Mudança no Hábito Alimentar, assinalado por 4 sujeitos, mostrou ter relação significativa apenas com a variável Tempo de Residência na Instituição, na perspectiva ANTES (0,057).

A correlação estatística encontrada entre Mudança no Hábito Alimentar e o Tempo de Residência na Instituição, é evidentemente coerente com as falas dos participantes que se queixam das mudanças e restrições alimentares a que foram expostos ao se institucionalizarem. Esse comportamento pode ser observado nos trechos de entrevista abaixo:

G.J.: - “Teve, quando eu vim pra cá, a comida não é muito boa (...) é bem feita e tudo, mas não tem muito tempero.”

I.M.I.: - “Ah, teve, quando vim pra cá né (...) primeiro que não tem açúcar em nada, tem pouco sal. (...)”

P.F.V.: - “Deixei de comer muita coisa, quando eu vim pra cá, até o arroz aqui era ruim. Meu arroz tinha bastante cebola!”

O Evento 48 – Roubo ou Assalto, assinalado por 4 sujeitos, demonstrou ter intercorrelações significantes, na perspectiva HOJE com a variável Idade (0,051). O Evento também tem intercorrelação significativa com a variável Mini Mental (0,051).

A respeito da correlação estatística existente entre Roubo ou Assalto, na perspectiva HOJE, com a variável Idade, não há dados na análise da história de vida dos participantes que apontem uma hipótese possível que reforce esse resultado. O mesmo ocorre com a intercorrelação significativa entre Roubo ou Assalto e a performance no Mini Mental.

O Evento 50 – Cirurgia, assinalado por 8 sujeitos, com 2 ocorrências, demonstrou ter intercorrelações significantes, na perspectiva ANTES, entre a 1ª cirurgia e com as variáveis: Idade (0,056) e Tempo de Viuvez (0,044). Na perspectiva HOJE, entre a 2ª cirurgia e a variável Idade (0,051).

As correlações estatísticas citadas acima informam que existe relação entre Cirurgia, na perspectiva ANTES e as variáveis Idade e Tempo de Viuvez, entretanto não há dados na análise da história de vida dos participantes que apontem uma hipótese possível que reforce esse resultado. O mesmo ocorre na perspectiva HOJE e a 2ª. cirurgia e a variável Idade.

O Evento também demonstrou ter intercorrelações significantes, na perspectiva HOJE, entre a 1ª cirurgia e a variável Tempo de Trabalho (0,072) e a 2ª cirurgia e a performance no Mini Mental (0,051).

As correlações estatísticas citadas acima informam que existe relação entre Cirurgia, na perspectiva HOJE e a 1ª. cirurgia e a variável Tempo de Trabalho, e a 2ª. cirurgia e a performance no Mini Mental, entretanto não há dados na análise qualitativa que apontem uma hipótese possível de reforçar esse resultado.

É importante ressaltar que, para as correlações estatísticas que não puderam ser interpretadas em conjunto com os dados qualitativos deste trabalho, fica a sugestão de estudo para outros trabalhos com temas relacionados ao estudado nessa pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS²

BASSIT, A. Z. & WITTER, C. Envelhecimento: objeto de estudo e campo de intervenção. In: **Envelhecimento: Referenciais Teóricos e Pesquisas**. Campinas, Editora Alínea, 2010.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, T. A. Queiroz, Editor, Ltda, 1979.

_____. **O Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2004.

Brasil. (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Título VIII. Da Ordem Social. Capítulo II. Seção II. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Resolução – RDC Nº283, de 26 de setembro de 2005**. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2005/res0283_26_09_2005.html>. Acesso em: 20 de Jun. de 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica - Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 192 p.:il. - (Cadernos de Atenção Básica, n. 19) (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

BRASIL, Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **LEI nº 10.741, de outubro de 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm>. Acesso em: 20 de Jun. 2016.

Brasil. (2011). Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Sistema Único de Saúde. Brasília: CONASS.

DE SOUZA, A. A. F.; VITORINO, S. S.; NINOMYA, S. A. C. Atenção ao idoso em uma instituição de longa permanência. **Diálogos Interdisciplinares**, v. 4, n. 2, p. 1-13, 2015.

² De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

DE OLIVEIRA, D. A. et al. Estudos Comparativos da Qualidade de Vida de Idosos Institucionalizados e Idosos em Cuidado Domiciliar. **Revista Eletrônica Faculdade Montes Belos**, v. 8, n. 3, 2016.

FARINA, A. S. Stress na Aposentadoria: Um estudo com Grupos diferenciados por Tipo de Convívio Social. **Dissertação de doutorado** apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1998.

FOUCAULT, M. O Nascimento do Hospital. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Edições GRAAL, 1979.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. **Um panorama da saúde no Brasil**. Acesso e utilização de serviços, condições de saúde e fatores de risco e proteção à saúde. IBGE:2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de Indicadores Sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IPEA, (2011). Governo Federal. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Comunicados do IPEA. **CONDIÇÕES DE FUNCIONAMENTO E INFRAESTRUTURA DAS INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS NO BRASIL**. Disponível em:
http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/110524_comunicadoipea93.pdf
 Acesso em: 18 de Jun. 2016.

KARSCH, U.M. Idosos Dependentes: famílias e cuidadores. Dependent Sênior: families and caregivers. **Cad. Saúde Pública**, v. 19, n.3,861-866, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csp/v19n3/15890.pdf>>. Acesso em: 08 Setembro de 2014.

KOVÁCS, M. J. Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2012. 2ed.

LISBOA, T. C. Breve história dos hospitais: da Antigüidade à Idade Contemporânea. **Notícias Hospital**, v. 4, n. 37, p. 1-30, 2002.

LUCCAS, D. et al. A História das Políticas Públicas de Saúde e dos Hospitais de Ensino: uma Revisão Bibliográfica. **CIAIQ2016**, v. 2, 2016.

MARTINS, M. S.; MASSAROLLO, M. C. K. B.. Conhecimento de idosos sobre seus direitos. **Acta Paul. Enferm.**, São Paulo, v.23, n. 4, de 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002010000400006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 de dez. de 2013.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro** / Edgar Morin; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000. Disponível em <<http://www.juliotorres.ws/textos/textosdiversos/SeteSaberes-EdgarMorin.pdf>>. Acesso em: 20 de Jul. de 2016.

_____. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 21. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. Disponível em <<http://www.uesb.br/labtece/artigos/A%20Cabe%C3%A7a%20Bem-feita.pdf>>. Acesso em: 20 de Jul. de 2016.

PORTAL BRASIL – **IBGE** (Instituto Brasileiro de Geografia e estatística) Expectativa de vida do brasileiro sobe para 75,2 anos. 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/11/expectativa-de-vida-do-brasileiro-sobe-para-75-2-anos>>. Acesso em: 20 de Jun. de 2016.

ROCHA, I. F. **Políticas públicas para a terceira idade: uma análise sobre a política nacional do idoso no Brasil**. 2014. Disponível em <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/6975/1/PDF%20-%20Isolda%20Ferreira%20Rocha.pdf>>. Acesso em: 20 de Jul. de 2016.

SALZEDAS, P.L. & BRUNS, M.A.T. O Corpo em Transformação: a silenciosa passagem pelo tempo. In: **Envelhecimento Humano: diferentes Perspectivas**. Campinas: Editora Alínea, 2007.

SILVA, I.L.S. et al. Formação Profissional de Cuidadores de Idosos Atuantes em Instituições de Longa Permanência. **HOLOS**, v. 8, p. 342-356, 2016. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/3215>>. Acesso em: 30 de Jul. de 2016.

TALARICO, J. N. de S. et al. Sintomas de estresse e estratégias de coping em idosos saudáveis. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v 43, n. 4, dezembro de 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342009000400010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 de dez. de 2013.

VASCONCELLOS, E. G. O Modelo Psiconeuroendocrinológico do Stress. In: SEGER, L. (Org.) **Psicologia & Odontologia: uma abordagem integradora**. São Paulo, Livraria Santos, p. 25-47, 1992.

_____. Stress, Coping, Burnout, Resiliência: troncos da mesma raiz. **Livro do Primeiro Simpósio 'A Psicologia Social e a Questão do Hífen'**. 2015. No prelo.

VILELA, A. B. A. et. al. Envelhecimento bem-sucedido: representação de idosos. **Saúde. com**, v. 2, n. 2, 2016. Disponível em:
< <http://www.uesb.br/revista/rsc/ojs/index.php/rsc/article/view/48>>. Acesso em: 28 de Jun. de 2016.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento Esclarecido

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E DO TRABALHO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Obrigatório para pesquisa científica com seres humanos

Resolução No. 01 de 13.06.1998 – CNS – Conselho Nacional de Saúde
I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU LEGAL RESPONSÁVEL
1. Dados de Identificação

Nome do Paciente: _____

Documento de Identidade Nº _____ Sexo: () M

() F

Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço _____ Nº _____ Apto: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

CEP: _____ Telefone: _____

2. Responsável Legal _____

Natureza (grau de parentesco, tutor, curador, etc.): _____

Documento de Identidade Nº : _____ Sexo: () M () F

Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____ Nº: _____ Apto: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

CEP: _____ Telefone: _____

II – DADOS SOBRE A PESQUISA

1. Título do Protocolo de Pesquisa: Análise da história de vida e a relação com o nível de *stress* em idosos institucionalizados.

2. Pesquisador: Alice de Castro Donato

Documento de Identidade Nº : 43.667.134-7

Sexo: () M (X) F

Cargo/Função: Estudante de Mestrado em Psicologia Social e do Trabalho no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

3. Avaliação de Risco da Pesquisa

(X) Risco Mínimo () Risco Médio () Risco Baixo () Risco Maior

A pesquisa representa risco mínimo para os participantes, investigando suas memórias, percepções e reflexões acerca das experiências de vida. A pesquisadora se compromete, como psicóloga, a oferecer atendimento gratuito por eventuais danos em decorrência da pesquisa.

III – REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO SUJEITO DA PESQUISA OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA:

As mudanças decorrentes do processo de envelhecimento (de ordem física, psíquica ou social) podem constituir fatores *stressantes* na vida do idoso. O objetivo deste estudo é investigar como as memórias de eventos de vida significativos impactam no nível de *stress*, em idosos dependentes com autonomia cognitivo-funcional, em situação de institucionalização.

Estima-se a participação de 10 idosos, sendo 05 homens e 05 mulheres em situação de dependência física, com autonomia cognitivo-funcional, pertencentes à classe média da cidade de Santos-SP e residentes em instituição de longa permanência. Uma entrevista semi estruturada será realizada, a fim de conhecer a história de vida dos participantes; os instrumentos de avaliação utilizados serão o Exame de Mini Estado Mental e o Life Events Units/VAS. A análise temática de conteúdo tem em vista a percepção do impacto da história de vida na capacidade de lidar com eventos *stressores* durante a velhice, em situação de institucionalização e pretende assim, auxiliar a sociedade no cuidado e compreensão integral aos idosos dependentes.

IV – ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA

1. *Acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas.*
2. Liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo ao participante;
3. Salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade;
4. Disponibilidade de assistência no IP-USP, por eventuais danos, decorrentes da pesquisa.

V – OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES:

Este termo de consentimento, assim como a presente pesquisa tiveram aprovação pelo CEPH – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, situado na Av. Prof. Mello Moraes, 1721, Bloco G, sala 22, Cidade Universitária – São Paulo – SP. Telefone: (11) 3097-0529.

VI – CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

Assinatura do sujeito de pesquisa
ou responsável legal

Assinatura do pesquisador
(carimbo ou nome legível)

ANEXO C – Questionário de Informações Gerais

1. Identificação: _____
2. Data de Nascimento ____/____/____ Idade _____
3. Sexo: ()Feminino ()Masculino
4. País que nasceu: _____
5. Estado em que nasceu: _____
6. Zona de nascimento: ()Rural ()Urbana
7. Há quanto tempo mora no Brasil? _____
8. Há quanto tempo mora em Santos? _____
9. Estado civil ()Solteiro(a)()Casado(a) ()Separado(a) ()Viúvo(a)
10. Separado(a) há quanto tempo? _____
11. Viúvo(a) há quanto tempo? _____
12. Casou-se pela segunda vez? () Sim () Não
13. Composição familiar:

	Sim	Não	
Filhos	()	()	Quantos? _____.
Netos	()	()	Quantos? _____.
Bisnetos	()	()	Quantos? _____.
14. Religião: _____. Praticante: ()Sim ()Não
15. Nível de instrução: ()1º. Grau ()2º. Grau ()Superior
16. Profissão/Atividade: _____
17. Por quanto tempo trabalhou? _____
18. Quantas horas por dia trabalhava? _____
19. Há quanto tempo parou de exercer essa atividade? _____
20. Sua internação em residencial foi voluntária? _____
21. Qual o motivo de sua internação? _____
22. Há quanto tempo reside em instituição de longa permanência? _____
23. Costuma reunir-se com sua família?

() Sim () Não
24. Com quem possui mais contato? _____
25. Você auxilia alguém de sua família?

() Sim () Não
26. Você recebe auxílio de algum familiar?

() Sim () Não
27. Viver em um residencial para idoso resultou em benefícios para você:

() Muitos () Poucos () Nenhum

28. Viver em um residencial para idoso resultou em dificuldades para você:

() Muitos () Poucos () Nenhum

29. Abaixo serão listadas algumas atividades, marque com um X a opção que melhor descreva a frequência com que realizava essas atividades, antes de viver em um residencial.

Viajava a lazer

() Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Nunca

Viajava a trabalho

() Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Nunca

Visitava amigos

() Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Nunca

Frequentava clubes

() Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Nunca

Frequentava associações religiosas

() Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Nunca

Recebia visita de amigos ou familiares

() Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Nunca

Praticava atividades físicas

() Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Nunca

Encontrava-se com amigos ou familiares para conversar

() Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Nunca

Tinha amizades com colegas de trabalho

() Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Nunca

Frequentava cinemas

() Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Nunca

Gostava de ler

() Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Nunca

Fazia cursos de aprimoramento pessoal

() Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Nunca

Fazia cursos de aprimoramento profissional

() Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Nunca

Saia de férias periodicamente

() Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Nunca

Descansava em casa

() Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Nunca

Saia a passeio sozinho(a)

() Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Nunca

Ia a praia

() Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Nunca

30. Depois de sua institucionalização, quais dessas atividades você ainda realiza ou pode realizar? Por quê?

31. Depois de sua institucionalização, quais dessas atividades você não realiza ou não pode realizar? Por quê?

ANEXO D – LIFE EVENTS UNITS (LEU)

LIFE EVENTS UNITS

- LEU/VAS -

Autor: *Prof Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos*

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Departamento de Psicologia Social e do Trabalho

(Este teste foi adaptado e reformulado a partir das
variáveis do teste de Holmes and Rahe, 1967)

A lista abaixo contém 48 eventos que podem ter, ou não, ocorrido **na sua vida nesses últimos tempos**. Coloque dentro dos parênteses correspondentes:

- a) as **DATAS** em que este evento aconteceu;
- b) se ele foi **POSITIVO** ou **NEGATIVO** para sua vida. Escreva dentro do parêntese (P) se ele foi positivo, e (N) se ele foi negativo;
- c) um valor de 10 a 100 de acordo com a sobrecarga que trouxe para sua vida **NAQUELE MOMENTO** em que ele aconteceu;
- d) um valor de 10 a 100 de acordo a tensão que ele ainda causa **HOJE** na sua vida.
- e) muitas vezes somos afetados por incidentes que ocorrem na vida de pessoas que gostamos (Esposa(o), Pai, Mãe, Parentes, Amigos ou Colegas de trabalho).
Assinale (X)V se o incidente ocorreu com você, e (X) O se ele aconteceu com alguém importante para você.

Desejando fazer algum tipo de observação, utilize a linha pontilhada antes da data.

Por Exemplo:

PERDA DE GRANDE QUANTIA DE DINHEIRO.

Datas:	1) <u>1964</u>	2) <u>1990</u>	3) <u>----</u>
Positivo/negativo:	() P (x) N	() P (x) N	() P (x) N
Naquele Momento:	<u>40</u>	<u>90</u>	<u>----</u>
Hoje	<u>05</u>	<u>50</u>	<u>----</u>
Aconteceu com	() V (x) O	() V (x) O	() V (x) O

☞ Obs.: Este questionário não pode ser utilizado sem a autorização do autor.

LIFE EVENTS UNITS
- LEU/VAS -

01. MORTE DO CÔNJUGE.

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

02. DIVÓRCIO.

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

03. PRISÃO.

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

04. ACIDENTE OU DOENÇA.

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

Obs.: Este questionário não pode ser utilizado sem a autorização do autor.
Tel.: (011) 818.4184

LIFE EVENTS UNITS
- LEU/VAS -

05. CASAMENTO.

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

06. PERDA DE EMPREGO.

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

07. RECONCILIAÇÃO COM O CÔNJUGE.

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

08. APOSENTADORIA.

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

Obs.: Este questionário não pode ser utilizado sem a autorização do autor.

LIFE EVENTS UNITS
- LEU/VAS -

09. GRAVIDEZ.

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

10. SEPARAÇÃO DO CASAL.

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

11. DIFICULDADES SEXUAIS.

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

12. NASCIMENTO DE CRIANÇAS NA FAMÍLIA.

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

Obs.: Este questionário não pode ser utilizado sem a autorização do autor.
Tel.: (011) 818.4184

LIFE EVENTS UNITS
- LEU/VAS -

13. MORTE DE ALGUÉM DA FAMÍLIA.

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

14. MUDANÇA NO TRABALHO.

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

15. MUDANÇA NA (SUA) CONDIÇÃO FINANCEIRA.

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

16. DOENÇA DE ALGUÉM NA FAMÍLIA.

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

Obs.: Este questionário não pode ser utilizado sem a autorização do autor.
Tel.: (011) 818.4184

LIFE EVENTS UNITS
- LEU/VAS -

17. MUDANÇA DE PAÍS .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

18. COMPRA DE CASA DE VALOR ALTO .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

19. MORTE DE UM AMIGO ÍNTIMO .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

20. MUDANÇA NA FREQUÊNCIA DE BRIGAS COM O CÔNJUGE .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

Obs.: Este questionário não pode ser utilizado sem a autorização do autor.
Tel.: (011) 818.4184

LIFE EVENTS UNITS
- LEU/VAS -

21. TERMINO DE PAGAMENTO DE EMPRÉSTIMO .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

22. MUDANÇA DE RESPONSABILIDADE NO TRABALHO .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

23. SAÍDA DE FILHO(A) DE CASA .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

24. DIFICULDADES COM A POLÍTICA .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

Obs.: Este questionário não pode ser utilizado sem a autorização do autor.
Tel.: (011) 818.4184

LIFE EVENTS UNITS
- LEU/VAS -

25. RECONHECIMENTO DE FEITO PROFISSIONAL DE REALCE .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

26. CONJUGUE COMEÇOU A TRABALHAR .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

27. CÔNJUGE PAROU DE TRABALHAR

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

28. COMEÇOU A ESTUDAR

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

Obs.: Este questionário não pode ser utilizado sem a autorização do autor.
Tel.: (011) 818.4184

LIFE EVENTS UNITS
- LEU/VAS -

29. ABANDONOU OS ESTUDOS .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

30. ACRÉSCIMO DE PESSOAS MORANDO EM CASA .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

31. DIMINUIÇÃO DE PESSOAS MORANDO EM CASA .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

32. MUDANÇA DE HÁBITOS PESSOAIS .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

Obs.: Este questionário não pode ser utilizado sem a autorização do autor.
Tel.: (011) 818.4184

LIFE EVENTS UNITS
- LEU/VAS -

33. DIFICULDADE COM O CHEFE .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

34. MUDANÇA DE HORÁRIO DE TRABALHO .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

35. MUDANÇA DE RESIDÊNCIA .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

36. MUDANÇA DE ESCOLA .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

Obs.: Este questionário não pode ser utilizado sem a autorização do autor.

LIFE EVENTS UNITS
- LEU/VAS -

37. MUDANÇA DE ATIVIDADES RECREATIVAS .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

38. MUDANÇA DE ATIVIDADES RELIGIOSAS .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

39. MUDANÇA DE ATIVIDADES SOCIAIS .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

40. COMPRA DE CRÉDITO DE VALOR MÉDIO .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

Obs.: Este questionário não pode ser utilizado sem a autorização do autor.
Tel.: (011) 818.4184

LIFE EVENTS UNITS
- LEU/VAS -

41. MUDANÇA NO HÁBITO DE DORMIR .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

42. MUDANÇA NA FREQUÊNCIA DE REUNIÕES FAMILIARES.

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

43. MUDANÇA DE HÁBITOS DE ALIMENTAÇÃO .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

44. FÉRIAS .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

LIFE EVENTS UNITS
- LEU/VAS -

45. NATAL .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

46. RECEBIMENTO DE MULTAS AO COMETER INFRAÇÕES .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

47. VÍCIO .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

48. ROUBO OU ASSALTO .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
Naquele Momento: _____
Hoje _____
Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

Obs.: Este questionário não pode ser utilizado sem a autorização do autor.
Tel.: (011) 818.4184

LIFE EVENTS UNITS
- LEU/VAS -

49. VIAGEM .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
 Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
 Naquele Momento: _____
 Hoje _____
 Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

50. CIRURGIA .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
 Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
 Naquele Momento: _____
 Hoje _____
 Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

51. PAIXÃO OU CASO AMOROSO .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
 Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
 Naquele Momento: _____
 Hoje _____
 Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

Obs.: Este questionário não pode ser utilizado sem a autorização do autor.
 Tel.: (011) 818.4184

LIFE EVENTS UNITS
- LEU/VAS -

Outros incidentes aqui não mencionados:

52. _____ .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
 Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
 Naquele Momento: _____
 Hoje _____
 Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

53. _____ .

Datas: 1) _____ 2) _____ 3) _____
 Positivo/negativo: () P () N () P () N () P () N
 Naquele Momento: _____
 Hoje _____
 Aconteceu com () V () O () V () O () V () O

Obs.: Este questionário não pode ser utilizado sem a autorização do autor.
 Tel.: (011) 818.4184

ANEXO E – Tabela Geral

Participante (descrição)	Escores Totais				Número de ocorrência por evento citado
	Antes		Hoje		
	Eventos Positivos	Eventos Negativos	Eventos Positivos	Eventos Negativos	
<p>G.J.</p> <p>Se refere à família de origem com muito carinho. Casou-se e trabalhou como dona de casa, cuidando de sua filha única. Viúva, casou novamente aos 40 anos,não teve mais filhos e após 18 anos voltou a ficar viúva. Alegre, com frequência realizava atividades de lazer com sua família e amigos. Decidiu morar em um residencial, pois “não conseguia mais se cuidar sozinha e não queria dar trabalho para sua filha e netos” (sic). Boa saúde geral, operou a vesícula e o apêndice.</p>	700	980	700	820	<p>Morte do cônjuge (2); Acidente ou doença (1); Casamento (2); Gravidez (1); Dificuldades Sexuais (1); Nascimento de crianças (3); Morte de alguém na família (3); Saída de filho de casa (1); Mudança de hábitos pessoais (1); Mudança de hábitos de alimentação (1); Cirurgia (2).</p>
<p>H.S.U.</p> <p>Nascida na Espanha, em área rural. Aos 22 anos engravidou de um rapaz e não se casou. Perdeu o pai, um irmão, um cunhado em acidentes na roça. Quando sua filha ainda era criança a deixou aos cuidados da avó e veio para o Brasil. Trabalhou como cozinheira, faxineira e babá. Aos 43 anos se casou com um caminhoneiro e o acompanhava em suas viagens de trabalho. Gostava de ir a bailes e à praia. Escuta com dificuldade; operou o apêndice a coluna.</p>	330	850	300	600	<p>Morte do cônjuge (1); Casamento (1); Aposentadoria (1); Gravidez (1); Morte de alguém na família (4); Mudança na condição Financeira (1); Mudança de País (1); Roubo ou Assalto (1); Viagem (1); Cirurgia (2).</p>

<p>H.W</p> <p>Não se casou e sempre trabalhou como dona de casa, em companhia de sua mãe, enquanto seus irmãos trabalhavam fora, para sustento da casa. Católica de criação se converteu a religião batista por volta de seus 45 anos – acredita que quando jovem uma vizinha fez um trabalho de macumba para que ela morresse ou perdesse a memória, período em que relata não ter conseguido dormir e ficou em depressão.</p>	500	800	500	700	<p>Aposentadoria (1); Morte de alguém na família (3); Mudança na cond. Financeira (1); Morte de amigo íntimo (2); Começou a estudar (1); Mudança na atividade religiosa (1); Mudança no hábito de dormir (1); Férias (1); Natal (1); Cirurgia (1) .</p>
<p>I. M. I.</p> <p>Perdeu o pai quando tinha 11 meses de idade, sua mãe estava grávida de seu irmão. Trabalhou como bancária a vida inteira e se casou aos 35 anos de idade. Seu marido, 12 anos mais novo, sempre a traiu – decidiu viver em residencial para se afastar do marido que se recusa a deixar a casa e se separar. Seus 4 filhos a visitam com frequência, apegada às raízes, mantém um caderno de fatos e ditos antigos familiares.</p>	1600	800	1510	430	<p>Casamento (1); Perda de emprego (1); Aposentadoria (1); Gravidez (3); Separação do Casal (1); Dificuldades sexuais (1); Nascimento (3); Morte de alguém na família (2); Mudança na condição Financeira (1); Morte de amigo íntimo (1); Saída de filho de casa (3); Acréscimo de Pessoas em casa (1); Mudança de Residências (1); Mudança de Reuniões Familiares (1); Roubo ou Assalto (1); Viagem (1); Cirurgia (3).</p>

<p>J.V.</p> <p>Trabalhou em hospital como enfermeira, onde conheceu um homem e se apaixonou, foi amante dele durante muitos anos, quando engravidou ele não quis assumir o filho, tão pouco se separar da esposa. Alguns anos depois ele arrumou uma nova amante, se separou da primeira esposa e teve dois filhos nesse novo relacionamento. Anos depois J. se envolveu com outro homem e engravidou novamente, ele a convenceu a abortar, fato que lhe traz arrependimento até hoje.</p>	1380	1250	1380	1250	<p>Acidente ou doença (1); Casamento (1); Aposentadoria (1); Gravidez (2); Separação do Casal (1); Nascimento (5); Morte de alguém na família (2); Morte de amigo íntimo (2); Saída de filho de casa (1); Abandonou os estudos (1); Mudança de Residências (1); Mudança de hábito de dormir (1); Mudança no hábito de alimentação (1); Roubo ou Assalto (1); Viagem (2); Cirurgia (3); Paixão ou caso amoroso (1); Item não mencionado (1).</p>
<p>M. R. S. I.</p> <p>Nascido em Bertioga sempre trabalhou como pescador, casou e teve 3 filhos, se declara muito apegado a família. Gostava de passear e ler, viajava pelo mar com muito prazer. Se separou, pois sua esposa não o respeitava e só queria saber do dinheiro que ele trazia. Quando jovem engravidou uma moça, mas seu pai lhe convenceu a não assumir a criança – sabe quem é o seu filho (de vista), mas nunca quis se aproximar dele. Muita dificuldade em ouvir, apesar de utilizar aparelho para surdez.</p>	1330	570	1070	330	<p>Acidente ou doença (1); Casamento (2); Aposentadoria (1); Gravidez (4); Separação do Casal (1); Nascimento (4); Morte de alguém na família (3); Morte de amigo íntimo (1); Saída de filho de casa (1); Cônjuge começou a trabalhar (1); Mudança de atividades religiosas (1).</p>

<p>O. M. F.</p> <p>Espírita, nascido no Rio de Janeiro, viúvo, pai de 3 filhos (todos falecidos por doença, antes do falecimento da mãe). Trabalhou como telegrafista a vida inteira, parou por conta de problemas no coração. Mora em Santos há 12 anos, quis ficar próximo de alguns familiares. Viajou bastante a lazer, tinha vida social bastante ativa, praticava atividades físicas e gostava muito de ler.</p>	1100	1120	950	560	<p>Morte do cônjuge (1); Casamento (1); Aposentadoria (1); Gravidez (6); Nascimento (3); Morte de alguém na família (3); Mudança na condição financeira (1); Compra de casa de valor alto (1); Morte de amigo íntimo (1); Dificuldades com a política (1); Começou a estudar (1); Abandonou os estudos (1); Férias (1) ; Natal (1) ; Vício (1).</p>
<p>P. F. V.</p> <p>Nascida em Rancharia –SP, sua mãe teve paralisia e a fazia deixar de estudar para cuidar de seus irmãos mais novos, seu pai faleceu quando ela ainda era criança. Insatisfeita com a vida que levava decidiu se mudar para Santos junto com uma família de amigos, trabalhou como babá e cozinheira da mesma família a vida toda, ao se aposentar decidiu morar no Lar, porque não tinha com quem ficar - sempre ajudou nas atividades e organização da casa e dos eventos ali realizados, ate cair e bater a coluna e a cabeça, quando precisou de cadeira de rodas para se locomover. Conhecida na casa pelo mau humor frequente e ironias. Não se casou, viveu com um companheiro durante anos que a trocou por outra pessoa, perdeu um bebê durante a gestação. Lamenta muito ter parado de estudar e não saber ler.</p>	300	720	40	320	<p>Morte do cônjuge (1); Aposentadoria (1); Gravidez (1); Nascimento (1); Morte de alguém na família (2); Compra de casa de valor alto (1); Abandonou os estudos (1); Acréscimo de pessoas em casa (1); Diminuição de pessoas em casa (1); Mudança de hábitos de alimentação (1); Férias (1); Cirurgia (1); Paixão ou caso amoroso (1).</p>

<p>P. V. I. V. F.</p> <p>Nascida no Piauí, viajava bastante e praticava atividades físicas com frequência, quando jovem pegava o carro escondido de seus pais para passear com amigos. Viúva há mais de 25 anos, perdeu o marido por enfarto, em uma noite de natal. Mãe de 2 filhos, aos 20 anos seu filho faleceu em um acidente de carro. Depois de casada bordava e tricotava para amigos, mas seu marido não queria que ela trabalhasse, pois não a queria cansada quando chegasse em casa. Tinha muitos empregados e muito conforto, disponibilizados por seu marido. Sua filha mais velha mora em Santos, o que fez com que ela também se mudasse para a cidade há aproximadamente 5 anos –passou a morar com sua filha. Quando a neta foi para a escola disse que não queria mais cuidar dela e preferia morar em um residencial para idosos. Diabética com a vista bastante comprometida, chegou a perder um dedo do pé e quase teve que amputar todo o pé.</p>	900	960	890	560	<p>Morte do cônjuge (1); Acidente ou doença (1); Casamento (1); Gravidez (3); Nascimento (2); Morte de alguém na família (1); Doença de alguém na família (2); Morte de amigo íntimo (2); Saída de filho de casa (1); Mudança de atividade religiosa (1); Natal (1); Roubo ou assalto (1); Cirurgia (1) .</p>
<p>Q. A.</p> <p>Paulistana, manteve união estável por cerca de 25 anos, viúva há mais de 20 anos. Engravidou, mas perdeu o bebê e não conseguiu mais ter filhos. Trabalhou como secretaria na área de contabilidade. Viajava bastante e via os amigos frequentemente, gostava de ler e de ir ao cinema. Teve câncer de mama e se curou. Sempre foi muito próxima de seu irmão já falecido - morava com a</p>	300	670	300	600	<p>Morte do cônjuge (1); Acidente ou doença (1); Casamento (1); Gravidez (1); Morte de alguém na família (1); Morte de amigo íntimo (1); Saída de filho de casa (1); Reconhecimento de feito profissional (1); Abandonou os estudos (1); Férias (1); Cirurgia (1).</p>

sobrinha, mas achou que estava atrapalhando sua família e quis se mudar para o Lar.					
---	--	--	--	--	--

ANEXO G – Número de Participantes por Item no LEU/VAS

Número de participantes por Item no LEU/VAS

Item	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Número de participantes	6	1	1	6	7	1	0	8	9	3	2	7	10	0	4

Item	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
Número de participantes	1	1	1	9	0	0	0	4	1	1	1	0	2	4	2

Item	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45
Número de participantes	1	1	0	0	2	0	0	3	0	0	2	1	4	4	3

Item	46	47	48	49	50	51
Número de participantes	0	1	4	3	8	1